



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Mestrado em Ciências da Informação e Documentação

**O contributo das Bibliotecas Escolares na promoção
do sucesso educativo:** Um estudo com alunos da Escola
E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba

António Vicente Trindade Panasco

Orientador:

Professora Doutora Ângela Balça

Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e Documentação.

2010

O contributo das Bibliotecas Escolares na promoção do sucesso educativo: um estudo com alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba

Resumo

O presente trabalho de investigação estuda a influência da utilização e frequência da Biblioteca Escolar no sucesso educativo dos alunos. O estudo optou pela aplicação de uma metodologia mista (conjugação de métodos qualitativos e quantitativos) e foi efectuado em alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba. O trabalho de campo realizou-se durante o ano lectivo de 2008/2009.

A problemática da investigação é lançada pela questão que constitui o ponto de partida deste estudo: “A utilização e frequência da Biblioteca Escolar reflecte-se num maior sucesso educativo dos alunos?”.

Um estudo em volta das bibliotecas escolares, do seu desenvolvimento pelo estímulo oferecido pela Rede de Bibliotecas Escolares, conjugado com o prazer de ler, hábitos de leitura dos alunos e do grau de frequência e utilização das bibliotecas escolares. Procura-se explicar em que medida a utilização e frequência da Biblioteca Escolar concorre para o sucesso educativo dos alunos.

Procura-se evidenciar como uma biblioteca escolar de qualidade, que se apresenta como um espaço equipado com um conjunto de recursos e equipamentos, encarada como espaço formativo e de aprendizagem, que desenvolve competências de leitura e literacia, que está integrada no projecto educativo e que promove a articulação de actividades com bibliotecário e professores, pode fomentar o sucesso educativo dos alunos.

Embora estudos efectuados anteriormente não tenham sido totalmente conclusivos quanto ao impacto que a frequência poderá ter no sucesso educativo dos alunos, este estudo sugere uma eventual relação entre utilização e frequência da biblioteca escolar e o sucesso educativo dos alunos.

Verifica-se que são os alunos que obtêm um maior sucesso escolar e educativo, que mais frequentam e utilizam a biblioteca escolar.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar, leitura, literacia, utilização e frequência da Biblioteca Escolar, sucesso educativo.

The contribution of school libraries on promoting the educational success: a study with students of the school E.B. 2.3 Padre Bento Pereira of Borba

Abstract

The actual research studies the influence of the use and frequency of School Library in the educational success of students. This study chose the use of a mixed methodology (combination of qualitative and quantitative methods) and was carried out on students of the School E.B. 2.3 Padre Bento Pereira of Borba. The fieldwork took place during the school year 2008/2009.

The issue of the research comes from the question which is the main point of this study: Does the use and frequency of the School Library reflect a higher educational success on students?

A study concerning school libraries, its development by stimulation offered by School Libraries Net, in addition to the reading pleasure, reading habits, degree of frequency and use of the school libraries. It is intended to explain in what way the use and frequency of school libraries contribute to the educational success of students.

It is expected to enlightened how a school library with quality, which is equipped with a set of resources and equipment, shown as a training and learning place, which develops reading skills and literacy, which is integrated in the educational project and which promotes the combined activities with the librarian and the teachers, can promote the educational success of students.

Although previous studies have not been conclusive concerning the impact of the frequency may have in the educational success of students, this study suggests a probable relation between the use and frequency of school library and the educational success of students.

It appears that the students that are getting a higher education and academic success are the ones who use more often the school library.

Keywords: School Library, reading, literacy, use and frequency of the School Library, educational success.

Agradecimentos

No decorrer deste longo trabalho de investigação, encontrámos várias pessoas que connosco partilharam o seu desenvolvimento, manifestando sobre diversas formas todo o seu apoio. Umas demonstrando carinho e incentivo à resolução das inquietações que foram surgindo e outras apoiando na conceptualização dos conhecimentos científicos e metodológicos indispensáveis à sua materialização.

Com a sua conclusão, é chegado o momento da concretização de um desejo e com ele ficaram marcados um conjunto de experiências, de sentimentos, de vivências, e de emoções, partilhadas com todos aqueles que nos acompanharam nesta jornada e que decerto estarão sempre presentes ao longo das nossas vidas.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram e tornaram possível alcançar esta meta, contribuindo para o seu enriquecimento, expressamos aqui o nosso apreço e gratidão e os mais profundos e sinceros agradecimentos.

À Professora Doutora Ângela Balça, pela elevada mestria científica com que nos orientou, pelo constante estímulo que nos dedicou, pela disponibilidade com que continuamente nos acompanhou e ainda pela forma vigorosa como construiu uma amizade, tornando o nosso percurso menos penoso.

A todos os docentes do Curso de Mestrado de Ciências da Informação e Documentação na pessoa do seu Director, Professor Doutor Francisco Vaz, pelo saber com que transmitiram os seus conhecimentos, que se tornaram fundamentais para a materialização da presente dissertação.

Aos colegas de Curso de Mestrado, pela amizade, pelo companheirismo, pelo espírito de entreajuda que permanentemente nos dedicaram e ainda pelo excelente ambiente de trabalho que nos propiciaram.

Ao órgão de gestão e ao coordenador da BE do agrupamento de escolas de Borba, onde se efectuou o trabalho de pesquisa e alvo da nossa investigação, pela sua

disponibilidade, espírito colaborativo e atenção dispensada, que tornaram possível a execução desta investigação.

A todos os colegas da Biblioteca Geral da Universidade de Évora, pelo empenho, dedicação, amizade e disponibilidade no fornecimento da documentação solicitada para a execução deste nosso trabalho.

À nossa família, esposa Maria da Glória e filhos Ana Margarida e em especial ao Miguel, um projecto que nasceu a meio deste projecto, pelo amor incondicional, compreensão e apoio que nos dedicaram, privando-os algumas vezes de um companheirismo e dedicação familiar, mas que eles sempre foram capazes de assimilar e tolerar.

Embora os agradecimentos jamais finalizem, queremos também referenciar todos os outros que de uma forma indiferenciada colaboraram na realização desta dissertação.

Obrigado a todos...

Sumário

Resumo	i
Agradecimentos	iii
Sumário	v
Abreviaturas e Siglas	vii
Quadros.....	viii
Figuras.....	viii
Gráficos	ix
1ª PARTE – Enquadramento Teórico	1
Capítulo I – Introdução.....	1
1.1- <i>Justificação e importância do estudo</i>	<i>1</i>
1.2- <i>Identificação do problema de estudo</i>	<i>3</i>
1.3- <i>Objectivos da investigação</i>	<i>4</i>
1.4- <i>Estrutura do projecto de investigação.....</i>	<i>6</i>
Capítulo II – A Biblioteca Escolar: caracterização, projecto educativo e cooperação no sucesso educativo	8
2.1 - <i>Introdução.....</i>	<i>8</i>
2.2- <i>Bibliotecas escolares: antecedentes e enquadramento.....</i>	<i>9</i>
2.3- <i>Missão da Biblioteca Escolar.....</i>	<i>18</i>
2.4- <i>A Biblioteca e a Escola: a imagem e o papel da Biblioteca Escolar actual....</i>	<i>20</i>
2.5- <i>A Biblioteca Escolar como centro de recursos para a aprendizagem.....</i>	<i>26</i>
2.6- <i>A integração da Biblioteca Escolar no Projecto Educativo/Currículo</i>	<i>32</i>
2.7- <i>O professor-bibliotecário e a comunidade educativa: trabalho colaborativo..</i>	<i>37</i>
2.8 – <i>A importância da Biblioteca Escolar no sucesso educativo</i>	<i>44</i>

Capítulo III – Rede de Bibliotecas Escolares – RBE.....	59
3.1- <i>Introdução.....</i>	59
3.2- <i>Implementação e evolução da RBE.....</i>	59
3.3- <i>O programa da RBE</i>	67
3.4- <i>A RBE e o PNL no desenvolvimento das Bibliotecas Escolares.....</i>	70
2ª PARTE – O Estudo Empírico.....	80
Capítulo IV – Apresentação do estudo	80
4.1- <i>Enquadramento: caracterização do Agrupamento de Escolas de Borba.....</i>	80
4.1.1 - <i>Breve caracterização do Concelho de Borba</i>	80
4.1.2 - <i>Caracterização do Agrupamento de Escolas de Borba.....</i>	81
4.1.3 – <i>As Bibliotecas Escolares do Agrupamento.....</i>	83
4.2- <i>Metodologias de investigação.....</i>	84
4.2.1- <i>Introdução</i>	85
4.2.2 - <i>Método quantitativo</i>	86
4.2.3 - <i>Método qualitativo</i>	87
4.2.4 - <i>Método misto/múltiplo/triangulação</i>	90
4.3- <i>A recolha de dados.....</i>	93
4.3.1- <i>Análise documental.....</i>	94
4.3.2- <i>A observação directa.....</i>	95
4.3.3- <i>O questionário: elaboração e justificação.....</i>	98
4.4- <i>Análise e interpretação dos dados.....</i>	106
4.4.1- <i>Dados relativos à análise documental.....</i>	106
4.4.2- <i>Dados relativos à observação directa</i>	115
4.4.3- <i>Dados relativos à análise e interpretação dos questionários</i>	119
4.4.3.1- <i>Caracterização dos inquiridos</i>	120
4.4.3.2- <i>A Leitura.....</i>	122
4.4.3.3- <i>A Biblioteca Escolar</i>	138
Conclusão	165
Bibliografia.....	185
Anexos.....	199
Anexo 1 – Carta de apresentação/solicitação de documentação	199
Anexo 2 – Carta de pedido de aplicação de questionário.....	201
Anexo 3 – Grelha de observação das actividades efectuadas na BE.....	203
Anexo 4 – Questionário aplicado aos alunos	205

Abreviaturas e Siglas

ALA – American Library Association

BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas

BE – Biblioteca Escolar

BEs – Bibliotecas Escolares

BGUE – Biblioteca Geral da Universidade de Évora

DGLB – Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas

GEPE – Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

GRBE – Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions

INE – Instituto Nacional de Estatística

LA – Library Association

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

PAA – Plano Anual de Actividades

PABE – Plano Anual de Actividades da Biblioteca Escolar

PCE – Projecto Curricular de Escola

PNL – Plano Nacional de Leitura

PEE – Plano Educativo de Escola

PRBE – Programa da Rede de Bibliotecas Escolares

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

RI – Regulamento Interno

RIA – Regulamento Interno do Agrupamento

SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

Quadros

Quadro 1 – Escolas integradas no Programa RBE.....66

Quadro 2 – Síntese das Actividades e Objectivos da BE113

Figuras

Figura 1 – Localização geográfica de Borba.....80

Gráficos

Gráfico 1 – Frequência Absoluta – Sexo	121
Gráfico 2 – Frequência Relativa – Sexo	121
Gráfico 3 – Idade/Sexo	121
Gráfico 4 – Como costumavas ocupar habitualmente os teus tempos livres	123
Gráfico 5 – Gostas de ler.....	125
Gráfico 6 – Se gostas de ler, o que te leva a ler.....	126
Gráfico 7 – O que significa para ti ler	128
Gráficos 8 – Como são os teus hábitos de leitura	130
Gráfico 9 – Que tipo de livros lêes.....	132
Gráfico 10 – Dos livros que lêes habitualmente, onde os encontras.....	133
Gráfico 11 – A leitura de outros livros complementam os teus estudos e a compreensão dos textos	135
Gráfico 12 – Sabes se na tua escola existe Biblioteca Escolar	138
Gráfico 13 – Tens hábito frequentar a tua Biblioteca Escolar.....	139
Gráfico 14 – Quando frequentas a tua Biblioteca Escolar é porque	141
Gráfico 15 – Quando vais à Biblioteca Escolar é sobretudo para quê.....	143
Gráfico 16 – Com que frequência requisitas livros na Biblioteca Escolar.....	145
Gráfico 17 – Já aconteceu, queres utilizar a Biblioteca Escolar e não pudestes fazê-lo por.....	147
Gráfico 18 – Que tipo de dificuldades encontras, ao procurar os livros/documentos de que precisas, na tua Biblioteca Escolar	149

Gráfico 19 – Como avalias o material existente na tua Biblioteca Escolar para as tuas necessidades de estudo	151
Gráfico 20 – O que achas do material existente na tua Biblioteca Escolar para a ocupação dos teus tempos livres	153
Gráfico 21 – Em tua opinião, o que achas que faz falta à tua Biblioteca Escolar, para que funcione melhor	155
Gráfico 22 – Tens conhecimento dos novos documentos que chegam à tua Biblioteca Escolar	157
Gráfico 23 – Sabes quais as actividades desenvolvidas pela tua Biblioteca Escolar	158
Gráfico 24 – Os teus professores costumam acompanhar a tua turma à Biblioteca Escolar.....	160
Gráfico 25 – Achas que a frequência da tua Biblioteca Escolar tem ajudado a conseguires melhores resultados escolares.....	162

1ª PARTE – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Introdução

1.1- Justificação e importância do estudo

Quando estamos em plena era do conhecimento, a importância da informação é certamente fundamental para o aprender, face à necessidade constante de actualização do conhecimento e da formação nas áreas do desenvolvimento cultural e valores humanos. Importa referir que o saber necessário para se fazer frente às exigências actuais não está terminado em nenhum momento da aprendizagem, ele tem de ser procurado continuamente.

Seguindo esta linha de ideias e na continuidade de alguns anos de contacto directo com muitos utilizadores, simultaneamente da biblioteca municipal e escolar, na sua maioria estudantes, em que alguns deles desempenham actualmente funções relevantes na sociedade, sempre nos interrogámos sobre a importância que as bibliotecas poderiam exercer na aquisição e desenvolvimento de competências para uma aprendizagem ao longo da vida; que influências tiveram ou podem ter na sua formação como estudantes e na sua preparação para a vida como futuros cidadãos.

Por este facto e enquanto membro activo das bibliotecas, sempre foi um desejo efectuar um estudo desta natureza, mas devido a inúmeros factores de ordem profissional, tal não se tornou possível. Quando optámos por esta especialização, logo vislumbrámos o concretizar desta ambição, uma oportunidade que pensamos ter um encaixe perfeito no propósito do mestrado.

A escolha do tema teve em consideração três aspectos fundamentais:

- Corresponder ao nível de exigência requerido pelo Mestrado;
- Adequar a dimensão do projecto, quanto ao tempo para a sua realização, acesso à literatura e aos dados e ainda ao conhecimento do tema;
- A relação e o interesse por parte do investigador sobre o tema.

Considerámos assim, importante efectuar um estudo que pudesse evidenciar a eventual importância das bibliotecas escolares no elevar do rendimento escolar dos alunos e consequente sucesso educativo. O acto de ler e a frequência da biblioteca escolar poderão ser factores fundamentais para a aquisição de competências dos alunos e preparação para uma aprendizagem ao longo da vida.

Estando em sintonia com a perspectiva do presente trabalho e partindo da ideia dos autores C. Brites & V. Silva (2007:1) de que,

“As Bibliotecas Escolares são um recurso fundamental da escola para a educação e formação dos alunos, visando o desenvolvimento de multiliteracias, contribuindo para os dotar com competências para saberem formular necessidades de informação, pesquisar, seleccionar, organizar, produzir e saberem problematizar, usar e apresentar informação,”

Encontramos aqui um fundamento para o nascimento da presente proposta de trabalho.

Certamente que a escola e seus agentes, procuram através das Bibliotecas Escolares, quando organizadas e dinamizadas, satisfazer essas necessidades e contribuir para a obtenção do sucesso educativo dos alunos, como ainda prepará-los – crianças e jovens de hoje, adultos de amanhã, – para uma aprendizagem ao longo da vida e sua inserção na sociedade que se pretende mais humanizada, fruto da era do conhecimento que se atravessa.

É neste âmbito que preside o espírito de enquadramento e razão deste trabalho de investigação. Uma reflexão sobre a actual realidade das Bibliotecas Escolares, a sua relação com a leitura e o seu desenvolvimento estimulado pela Rede de Bibliotecas Escolares (RBE). Pretende a presente proposta de trabalho realizar uma análise mais abrangente sobre a temática das bibliotecas escolares e o seu provável contributo na promoção do sucesso educativo dos alunos.

Na perspectiva de I. Alçada (2006:3),

“As Bibliotecas, principalmente as Escolares, têm um papel insubstituível a desempenhar pela via do livro e da leitura, facultando meios de informação, formação e ocupação de tempos livres, como o de anular o analfabetismo e o

combate à iliteracia. A escola deverá vocacionar-se cada vez mais para um sucesso educativo, mas não descorando a minimização do insucesso escolar.”

De facto outros autores têm também referido o papel importante desempenhado pelas bibliotecas escolares ao nível da aprendizagem dos alunos, do currículo, do desenvolvimento do seu sentido crítico, do interagir autonomamente e ainda ao nível da preparação sólida para a sua vida futura. O atingir de um sucesso escolar e consequente sucesso educativo. Porém estudos anteriores não foram totalmente conclusivos sobre a relação entre a frequência e ou a utilização da BE quanto ao atingir do sucesso educativo.

Saliente-se que a presente investigação centralizada em volta do livro, da leitura e das Bibliotecas Escolares, com a qual se procurará demonstrar a eventual contribuição das BEs na promoção do sucesso educativo dos alunos, certamente interessará a educadores de infância, professores, alunos e pais, bem como a toda a comunidade em geral.

1.2- Identificação do problema de estudo

Segundo os autores R. Quivy & L. Van Campenhoudt (1998:32) é importante para o investigador formular uma hipótese de trabalho através de uma pergunta de partida para o início do seu estudo, afirmando que,

“Uma boa forma de actuar consiste em procurar enunciar o projecto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor.”

Nesta linha de ideias, procurámos iniciar a nossa investigação com uma pergunta de partida que fosse precisa e objectiva, clara e de fácil compreensão para todos os possíveis utilizadores e capaz de exprimir o carácter realista desta investigação.

Definimos como questão primordial:

A utilização e ou frequência da biblioteca escolar reflecte-se num maior sucesso educativo dos alunos?

Na definição do nosso problema, procurámos de acordo com a qualidade e fiabilidade que pretendemos atribuir a este trabalho e com o que a pergunta permite prever, investigar uma realidade próxima do nosso local de trabalho. As qualidades da pertinência da investigação com a qual procuramos compreender uma realidade no nosso quotidiano profissional, foram os factores determinantes para a escolha deste estudo. Contudo, a disponibilidade de tempo que pretendíamos dedicar à investigação na recolha e análise dos dados, teve algumas limitações pelo facto de sermos trabalhadores estudantes, o que não deixa muito espaço de manobra para a sua realização.

Apesar desta e de outras limitações decidimos levar por diante este nosso estudo, concentrando as nossas atenções na pergunta de partida que exibimos, e que podemos também designar de hipótese de trabalho, servindo como o início e consequente condução da nossa investigação. Um estudo aplicado a uma comunidade educativa específica e que pretende alertar para a provável relevância que a Biblioteca Escolar determina na concretização e promoção do sucesso educativo dos alunos dessa comunidade. Todavia, temos presente que a hipótese de trabalho é vista como uma orientação da investigação e não como uma explicação da mesma.

1.3- Objectivos da investigação

Como referimos a temática que se pretende estudar neste projecto de investigação, reside em torno das bibliotecas escolares, do seu desenvolvimento pelo estímulo impregnado pela Rede de Bibliotecas Escolares, conjugado com o prazer de ler, hábitos de leitura dos alunos e o grau de frequência das bibliotecas escolares, procurando explicitar os eventuais reflexos gerados no sucesso educativo dos alunos.

Um estudo prático com alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba e sua Biblioteca Escolar. O universo de alunos que será constituído proporcionalmente por dois estratos que designamos de alunos de maior sucesso escolar e alunos de menor sucesso escolar. Pretende-se estabelecer uma possível relação de interligação entre a frequência e ou utilização da BE e o grau de sucesso de cada estrato de alunos.

Daqui decorrem, então, os nossos objectivos e interrogações, específicas de estudo.

Propomo-nos assim, sugerir uma reflexão sobre a eventual importância da biblioteca escolar na promoção do sucesso educativo dos alunos, contextualizando a problemática em torno da análise da biblioteca escolar e da leitura. Um estudo focalizado numa comunidade escolar específica em que os resultados obtidos e as conclusões retiradas poderão não ser generalizáveis a outras comunidades, já que os contextos poderão também ser diferentes.

Com base na nossa pergunta de partida/hipótese de trabalho, definimos o objectivo geral e os objectivos específicos da pesquisa.

Como objectivo geral:

- Compreender a eventual relação entre a frequência e ou utilização da Biblioteca Escolar e o sucesso educativo dos alunos.

Como objectivos específicos propomos:

- Conhecer a realidade da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba, sobre leitura, utilização e frequência da Biblioteca Escolar por parte dos seus alunos;
- Descrever o tipo de utilização da biblioteca escolar, bem como as finalidades da sua utilização, percebendo se estas estarão de alguma forma relacionadas com o propósito de enriquecimento escolar, ou apenas serão utilizadas como um espaço de lazer;
- Compreender a eventual influência da biblioteca escolar na promoção do sucesso educativo dos alunos, através da sua oferta de serviços, do papel desempenhado pelos professores no estímulo à sua frequência e utilização e da articulação de actividades entre bibliotecário e restantes professores.

1.4- Estrutura do projecto de investigação

O estudo que entendemos efectuar teve como fase inicial, a escolha do tema, tendo em conta a sua pertinência, seguindo-se a definição dos objectivos e a pesquisa bibliográfica sobre a temática que constitui a revisão da literatura. É esta revisão que sustenta documentalmente o enquadramento teórico e as ideias desenvolvidas no decurso da investigação, que fornece conceitos essenciais para a enunciação do problema de investigação e apoia a perspectiva de interpretação dos resultados.

É naturalmente a revisão da literatura que nos proporciona informação sobre o tema, apresentando as diversas perspectivas e opiniões expressas pelos diferentes autores que escreveram sobre a temática. Trata-se de verificar o estado do conhecimento que possibilita ao investigador alargar o seu campo de saber e, que o apoia na demarcação e definição do problema de investigação e dos conceitos em estudo.

Atendendo ao objecto de estudo que se pretende apresentar, pesquisámos informação disponível nos vários suportes, material impresso e digital. Constata-se que a partir dos anos 90 e no campo das bibliotecas escolares, se encontram sobretudo artigos e páginas da Internet na divulgação da especificidade, serviços e actividades das mesmas.

Tomámos então, como referências estudos e testemunhos de autores que se têm dedicado ao campo da investigação das bibliotecas escolares, expressos nas suas obras publicadas, tendo ainda o privilégio de ter contactado com parte deles e receber alguns dos seus conhecimentos e sabedoria.

Outros estudos foram por nós seleccionados, onde encontrámos informação pertinente para o nosso projecto, publicada em Encontros, Seminários, Colóquios e dissertações de mestrado apresentadas neste século em Universidades Portuguesas, relativa à temática das bibliotecas escolares.

Como já referimos anteriormente a problemática estudada é o eventual contributo das bibliotecas escolares e a sua importância para o atingir do sucesso educativo dos alunos, uma partilha de todos os seus actores educativos. A sua acção desenvolve-se na Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba e aplica-se aos

alunos e utilizadores da sua Biblioteca Escolar, tendo em vista o rastrear do possível contributo da BE para o atingir do seu sucesso educativo.

O trabalho que se apresenta está organizado em duas partes, compreendendo quatro capítulos, sendo a primeira composta por uma fundamentação teórica do objecto de pesquisa e a segunda pelo estudo prático que apresenta os dados recolhidos no terreno. Existe entre estes quatro capítulos uma estreita relação que sustenta todo o enquadramento, justificação e a sugestão da temática abordada.

No primeiro capítulo, designado por introdução, descrevemos as razões de ser do trabalho e a identificação do problema que suscitou o interesse para a sua realização. Expõem-se ainda os objectivos que orientam a investigação e a importância que apresenta para os potenciais interessados a sua produção, terminando com a apresentação do plano de trabalho.

O segundo capítulo aborda a missão, a organização da biblioteca escolar, o seu papel fundamental na aprendizagem, a interacção com o Projecto Educativo, o trabalho colaborativo do professor bibliotecário, finalizando com uma abordagem à sua importância na construção do sucesso educativo e no servir da sua comunidade escolar.

O terceiro capítulo será dedicado à Rede de Bibliotecas Escolares, no qual focaremos a razão da sua implementação, o seu programa e objectivos, a sua importância para o desenvolvimento das Bibliotecas Escolares existentes e a criar, numa interacção com PNL – Plano Nacional de Leitura.

O quarto capítulo ostenta o estudo prático efectuado no terreno. Um enquadramento com a caracterização do Agrupamento de Escolas de Borba ao qual pertence a Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira, local onde se efectua a investigação, seguido da descrição da metodologia de investigação utilizada. Segue-se uma explicação dos instrumentos utilizados na recolha da informação, o tratamento e análise dos dados recolhidos e a consequente apresentação dos resultados obtidos com o presente estudo.

Apresentam-se no final as conclusões ou considerações finais julgadas mais pertinentes e oportunas, resultantes do estudo realizado.

Capítulo II – A Biblioteca Escolar: caracterização, projecto educativo e cooperação no sucesso educativo

2.1 - Introdução

Partindo do pressuposto que a Biblioteca Escolar é actualmente, a porta de entrada e saída de informação, isto é, o local onde os alunos munidos de competências de informação e de comunicação, constroem o seu próprio conhecimento e o divulgam numa perspectiva de partilha e interacção que caracteriza a sociedade digital, procura-se evidenciar neste capítulo todas as suas potencialidades, missão e serviços disponibilizados para a formação dos alunos e cooperação no seu sucesso educativo.

A Biblioteca Escolar tem como missão, transformar o aluno-criança-desprevenida no leitor-adulto-autónomo-letrado-atento-ao-mundo; de cativar o professor para a sua frequência, para poder ensinar e motivar os seus alunos a frequentá-la e usá-la correctamente para dela tirar o verdadeiro proveito; de levar crianças, jovens e adultos a vê-la como o espaço que os acolhe de braços abertos como uma mãe que acarinha os filhos e os alimenta. Que para eles quer o melhor; que para eles trabalha e se vira do avesso para os ver felizes; de proporcionar magia, aventura, conhecimento, encontro com o passado, convívio com o presente e preparação do futuro; de combater a iliteracia e promover a igualdade de oportunidades seja qual for a idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e estatuto profissional ou social dos seus utilizadores.

Neste sentido, a Biblioteca Escolar assume a responsabilidade de fornecer todos os recursos materiais e humanos de apoio e desenvolvimento do currículo educativo, preparando os alunos para uma aprendizagem ao longo da vida. Implica que a BE não deverá em caso algum estar desligada da vida da escola, da comunidade educativa e da sua envolvente.

2.2- Bibliotecas escolares: antecedentes e enquadramento

Uma breve alusão histórica à evolução das Bibliotecas Escolares no nosso país, torna-se pertinente neste enquadramento teórico que pretendemos efectuar, antes de mais, para uma necessidade do seu conhecimento em termos históricos.

Pretendemos analisar o seu aparecimento em Portugal nos finais da década de 40, a sua evolução e desenvolvimento que se tornou mais significativo com a implementação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares em 1996, um programa ainda dinâmico, terminando no seu momento actual.

Uma análise que assenta sobretudo na legislação publicada e na consulta de literatura elaborada pelos diversos autores.

De acordo com J. Calixto (1996:18) as bibliotecas escolares terão como embrião uma legislação que decide a sua implementação. Afirma então que,

“A lei que estabelece a obrigatoriedade da existência de bibliotecas nas escolas portuguesas é de 1948. Uma circular de 1951¹ estipulou preferências para responsáveis de bibliotecas escolares para professores do 8º, 9º e 10º grupos, bem como a atribuição de duas horas semanais para o desempenho do cargo.”

As bibliotecas escolares começam realmente a surgir na década de 40 como também testemunha A. Pessoa (1994:13) quando declara que,

“ (...) As bibliotecas escolares foram criadas nos anos 40 e logo se estabeleceram critérios para a constituição dos seus fundos e para a selecção do professor responsável. (...) As bibliotecas são criadas obrigatoriamente em todos os liceus, ficando excluídas as então designadas Escolas Técnicas.”

Segundo a literatura consultada, considerava-se por esta altura a biblioteca escolar como um lugar soberbo, muito pouco frequentado pelos estudantes. O acesso ao fundo documental estava condicionado e o silêncio absoluto imperava, não convidando à sua frequência. Os livros encontravam-se na sua maioria guardados em armários fechados, sendo cedidos pelo único funcionário, detentor de pouca ou nenhuma formação na área. A constituição do seu fundo documental baseia-se

¹ Circular 14/209, de 10 de Janeiro de 1951

apenas em livros e esporadicamente em alguns periódicos.

Nesta linha de ideias, confirma J. Calixto (1996:26) que,

“A biblioteca do liceu era então um apêndice, um enfeite, um pequeno luxo a que os liceus se podiam dar para que algum aluno, eventualmente mais desejoso de entrar no quadro de honra, pudesse aumentar um pouco os conhecimentos transmitidos pelo professor na aula.”

Para o período que medeia entre a circular 14/209, de 10 de Janeiro de 1951 e a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo² em 1986, passadas mais de três décadas, não encontramos em termos legislativos, referências significativas sobre Bibliotecas Escolares.

Uma breve alusão à importância das Bibliotecas Escolares, como recurso educativo para a conveniente realização da actividade educativa, seria efectuada na alínea b) do n.º 2 do art.º 41º da Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro, segundo a qual se consideram as Bibliotecas Escolares como *“recursos educativos privilegiados, a exigirem especial atenção”* a par das mediatecas escolares.

Entretanto mais legislação seria publicada fazendo referência às Bibliotecas Escolares e à sua importância, referindo J. Calixto (1996:18) que a Lei n.º19-A/87³, de 03 de Junho *“reconhece a importância das bibliotecas escolares no seu artigo 4.º.”*

Este artigo refere nomeadamente o seguinte:

“1. Serão criadas bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino que ainda as não possuam e implementadas medidas no sentido de assegurar a permanente actualização e o enriquecimento bibliográfico das bibliotecas escolares.

2. As bibliotecas escolares serão apetrechadas com os livros indispensáveis ao desenvolvimento cultural e ao ensino-aprendizagem da língua materna e adequadas à idade dos alunos, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura

² Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo

³ Lei n.º 19-A/87 de 3 de Junho – Medidas de emergência sobre o ensino aprendizagem da língua portuguesa.

cruzar as condições de acesso e de orientação dos alunos relativamente à leitura. “

Mas também no artigo 5.º da citada legislação, se declara que:

“Os estabelecimentos de ensino organizarão actividades visando o desenvolvimento nas crianças e nos jovens do interesse pela leitura e pela cultura” através de formas diversificadas tais como, “ acções de animação da biblioteca; desenvolvimento da imprensa escolar e dramatização de textos.”

Contudo, J. Calixto expressa através de vários artigos de opinião por si publicados, a sua atitude crítica para com os governantes, em particular quanto à sua forma de actuação perante as Bibliotecas Escolares.

Evidencia especialmente o esquecimento a que estas estiveram votadas nos finais da década de 80 e inícios de 90, o incumprimento da pouca legislação existente e da sua dúbia eficácia, considerando J. Calixto (1996:18) tratar-se de,

“ (...) uma lei de cuja eficácia é mais que legítimo duvidar, já porque a sua formulação é extremamente vaga, já porque até hoje não se vislumbram sinais do seu cumprimento. “

Acrescentaria ainda a este propósito J. Calixto (1996:15) e ironizando um pouco que,

“Começar um edifício pelo telhado é arriscado; no entanto, há quem tente... É o que parece estarem a fazer os responsáveis governamentais pela educação e pela cultura, quando dão razoável atenção às bibliotecas universitárias e públicas, esquecendo as bibliotecas escolares do ensino básico e secundário (...) a situação que se vive nas bibliotecas escolares é muito grave, sob todos os aspectos – legislação, instalações, orçamento, pessoal... “

Muitos aspectos de inconformismo existentes em termos de Bibliotecas Escolares, seriam manifestados pelo autor, chamando a atenção para alguns de extrema importância relativos ao orçamento, às instalações, à insignificante dignificação pessoal e formação dos profissionais que operam nas Bibliotecas Escolares, tudo isto devido ao vazio legislativo quanto a estas matérias. Diria então J. Calixto (1996:19) que,

“Muitas escolas recentemente construídas não possuem um espaço originariamente concebido para biblioteca. Os livros são “arrumados” numa sala qualquer, com armários fechados, frequentemente em salas inadequadas, por vezes em cubículos ou arrecadações (...). A Biblioteca é frequentemente usada para fins indevidos. Há escolas em que a biblioteca simplesmente não funciona, pois está permanentemente ocupada com aulas; em muitas outras essa ocupação é parcial. “

Para além de todo o inconformismo revelado, o autor apresenta medidas visando a qualificação das bibliotecas escolares, argumentando que,

“Torna-se pois imperioso publicar legislação sobre bibliotecas escolares – e cumpri-la. (...) As questões relativas ao orçamento devem ser clarificadas, e a biblioteca deve ocupar um lugar privilegiado nos gastos escolares. A função dos que trabalham nas bibliotecas escolares tem que ser dignificada. Os professores devem ter uma redução muitíssimo maior, e os funcionários serem considerados técnicos especializados e mais bem pagos. A todos será necessário dar formação adequada. “ (J. Calixto 1996:21)

Saliente-se que apesar das limitações evidentes, a Biblioteca Escolar começa no início da década de 90, a introduzir no seu fundo documental cassetes de vídeo, áudio e diapositivos, para além dos livros e periódicos existentes.

Nos anos 1990 e 1991 desenvolve-se a partir do PRODEP – Programa de Desenvolvimento Educativo em Portugal, uma transformação das tradicionais bibliotecas escolares em mediatecas escolares, implementando uma rede de mediatecas escolares.

Contudo o programa “Mediatecas Escolares” duraria apenas dois anos, sendo substituído, como refere J. Calixto (1996:43), *“subitamente, por outro”*, um *“Programa Especial de Apetrechamento”*, mediante o despacho 175/ME/91.

Este despacho seria alvo de críticas quanto aos seus objectivos, considerando o autor M. Pinto que os recursos servem projectos mas não geram projectos. Não existe um aproveitamento eficaz dos equipamentos, sendo por vezes esquecidos, afirmando M. Pinto (1991, apud R. Canário et al. 1994:25) que,

“Não será difícil encontrar escolas com equipamentos cobertos de pó, arrumados há muito tempo em velhas arrecadações, porque nunca houve ninguém que soubesse usá-los ou, pelo menos, visse neles utilidade prática. Com os modernos recursos que têm estado a ser distribuídos pelas escolas, com o apoio dos fundos comunitários, corre-se um risco semelhante.”

Pela análise da literatura e legislação existente, verifica-se que, por parte das entidades competentes e até 1995 as Bibliotecas Escolares não mereceram a atenção devida, nomeadamente ao nível de uma política sistemática de apoio.

Assiste-se então em finais de Dezembro de 1995, por parte dos Ministros da Educação e da Cultura, ao estabelecimento de uma política articulada que visa fundamentalmente a promoção de hábitos de leitura, assente na criação de uma rede de bibliotecas escolares. Facto que é referenciado por I. Veiga et. al. (1997:13) no seu relatório, quando admite ser necessário,

“ (...) promover os hábitos e práticas de leitura da população portuguesa, através do desenvolvimento de bibliotecas escolares integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública - Despacho Conjunto n.º 43/ME/MC/95, de 29 de Dezembro.”

Neste sentido seriam então criados grupos de trabalho para indagar da realidade actual das Bibliotecas Escolares e da sua funcionalidade. Desse estudo saíram resultados que segundo I. Veiga et al. (1997:19), revelariam que apenas 7,9 % dos edifícios do 1º ciclo do ensino básico possuíam um espaço para a biblioteca, enquanto 35,6 % das escolas teriam improvisado um espaço alternativo.

Revela este estudo, que para além de não existir espaço próprio para a BE, não existe um fundo documental adequado às necessidades curriculares, afirmando I. Veiga et al. (1997:20) que,

“ Na maior parte das escolas do 1º ciclo não existe sequer espaço com estantes, na melhor das hipóteses, os livros são distribuídos pelas salas, mas mais frequentemente encontram-se em armário fechado no gabinete da direcção ou na sala dos professores. Nestes casos, não se pode propriamente falar de fundo documental, pois o conjunto das obras é exíguo, tem peso excessivo de manuais escolares, e não cobre os domínios necessários ao

trabalho escolar, nem ao desenvolvimento do gosto pela leitura. “

Constata-se que a situação nas escolas dos 2º e 3º ciclos se apresenta um pouco diferente, pois a maioria dos edifícios já contemplavam um espaço para a biblioteca escolar, conforme estudo efectuado por I. Veiga et al. (1997:20) destacando que,

” No estudo do Parque Escolar, Dep/Gef, 1995, das escolas preparatórias, C+S e Secundárias, 89,4% das respostas indicaram existir biblioteca, embora frequentemente o espaço que ocupa seja transformado em sala de aula ou usado com outras funções.”

Porém registam-se algumas lacunas quanto ao seu funcionamento, já que de acordo com a mesma autora, elas se registam ao nível da sua localização, dos equipamentos mobiliários e tecnológicos e dos recursos humanos e materiais. Para I. Veiga et al. (1997:21-24) registam-se nas escolas com biblioteca escolar no ano de 1996, deficiências de funcionamento a diferentes níveis, sendo que,

“ (...) O espaço consagrado à biblioteca escolar é sempre inferior ao necessário e não permite um funcionamento escolar adequado ao número de alunos (...) Verificam-se problemas relacionados com deficiente localização (...) Os equipamentos disponíveis não foram pensados para utilizações diversificadas (...) Embora as escolas geralmente disponham de equipamento audiovisual, a sua utilização na biblioteca é ainda rara (...) Quanto a equipamento informático, a situação é também bastante insuficiente (...) O fundo documental é quase exclusivamente constituído por livros e verifica-se pouca adequação dos documentos existentes às características da população escolar (...) Os recursos humanos são manifestamente insuficientes. “

Neste mesmo ano de 1996, registamos o lançamento da RBE – Rede de Bibliotecas Escolares, numa acção conjunta de dois ministérios (da Educação e da Cultura), propondo-se transformar toda esta situação, concedendo relativa importância à aquisição do conhecimento e competências de informação pelos alunos, responsabilizando as escolas e as bibliotecas escolares por essa formação.

Assim o lançamento da RBE e segundo afirma I. Veiga et al. (1997:15-16) é,

“ (...) assumida como política articulada pelos Ministérios da Educação e da

Cultura, visa responder a uma necessidade sucessivamente enunciada, pelo menos desde meados do século passado (...) No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto.”

Constata-se desta forma que as propostas expressas no “Relatório Síntese – Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” vão no sentido de uma definição dos objectivos das bibliotecas escolares, ainda hoje actuais, sendo as bibliotecas escolares responsáveis pela aprendizagem e criação de hábitos de leitura, como pelo desenvolvimento das várias literacias. Refere deste modo I. Veiga et al. (1997a:7) que,

“ (...) as bibliotecas escolares devem constituir recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como a aprendizagem da leitura, a literacia, a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura, as competências de informação e o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística.”

Segundo os estudos realizados por Sim-Sim & Ramalho e ainda Elley, (apud. I. Veiga et al. 1997a:7) existe uma ligação positiva entre frequência e utilização das bibliotecas e sucesso dos alunos, nos quais se declara que,

“ estudos sobre literacia têm vindo a demonstrar que existe uma relação estreita entre a acessibilidade a espaços e recursos de leitura e o nível de desempenho dos alunos”.

Encontramos o reforço destas afirmações num estudo desenvolvido pela Nações Unidas (apud. I. Veiga et al. 1997a:7-8), no qual se expressa nomeadamente que é,

“ (...) nos países com tradição no domínio das bibliotecas escolares e das bibliotecas públicas que os hábitos de leitura da população se encontram mais enraizados (...) que se registam níveis mais elevados de desenvolvimento

cultural e científico.”⁴

Para os autores do relatório que temos vindo a citar, relatório este, que nos parece ter sido o embrião de todo o desenvolvimento das bibliotecas escolares e o responsável por toda a revolução operada nas mesmas, são descritas as funções caracterizadoras das BEs e dos seus principais usufruidores.

Assim, para os seus autores a BE deve estar aberta à comunidade educativa, ser um local acolhedor, apelativo, de livre acesso, estar integrada na vida da escola apoiando o currículo, disponibilizar recursos humanos e materiais que possam proporcionar acesso à informação nos diversos suportes, criar o prazer de ler e desenvolver actividades de estudo e lazer.

Encontramos pois em I. Veiga et al. (1997a:8-9) as seguintes afirmações:

“ (...) a biblioteca deve ser um centro de recursos multimédia de livre acesso e de iniciativas inseridas na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade local, (...) devendo ser um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante, onde os alunos:

i) se sintam num ambiente que lhes pertence e se habituem a considerar o livro e a informação como necessidades do dia-a-dia e como inesgotáveis fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal;

ii) tenham acesso à informação e ao conhecimento, através de grande diversidade de livros, jornais, revistas, audiovisuais e tecnologias de informação;

iii) possam descobrir e alimentar o prazer de ler e de se informarem recorrendo a fontes documentais disponíveis nos mais variados tipos de suportes;

iv) possam estudar e encontrar com facilidade fontes documentais, se habituem a seleccionar e gerir informação para realizarem actividades curriculares (individualmente ou em grupo, autonomamente ou com apoio docente e de técnicos especializados);

v) adquiram competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e produzam documentos em suportes e linguagem

^{4 4} *Rapport Mondial sur Développement Humain: 1994, Programme des Nations Unies pour le développement, Paris, Ed. Económica, 1994*

diversificadas.

Deve também ser um lugar onde os professores:

vi) se sintam num ambiente que lhes pertence e adquiram o hábito de tomar iniciativas e participar na sua animação, actualização e enriquecimento;

vii) encontrem informação variada, utilizável no seu trabalho docente, e possam requisitar livros e outros documentos nos mais variados tipos de suportes para as actividades da sala de aula;

viii) recolham sugestões, ideias e materiais que os inspirem e apoiem no seu trabalho docente e no ajustamento aos alunos e às turmas;

ix) possam recorrer ao professor bibliotecário, ao técnico adjunto de biblioteca e documentação ou a outros professores da equipa para debater modalidades de incentivar nos alunos o prazer de ler e a aprendizagem centrada na procura autónoma de informação;

x) possam encaminhar os seus alunos para que ali realizem actividades de estudo ou de ocupação de tempos livres.

Pelo que temos vindo a referir e a nível historial, a biblioteca escolar era concebida como um depósito de livros de índole educativa (manuais escolares e didácticos, textos de leitura, dicionários, etc.), não prestando adequadamente os serviços a que se destinava, salvo algum empréstimo domiciliário. Estava a cargo de um docente ou funcionário que carecia de formação em biblioteconomia e que se limitava a organizar intuitivamente os materiais. Mas é um facto que esta realidade se transformou devido a todo o inconformismo manifestado por diversos autores no intuito de reverter esta situação, reforçada também pelo lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares.

Talvez sejamos levados a dizer que a biblioteca escolar actual se apresenta como um centro de recursos de aprendizagem e informação que fornece serviços a toda a comunidade escolar onde está inserida, apoiando o trabalho dos professores e alunos e contribuindo de maneira activa em todo o processo de ensino-aprendizagem.

2.3- Missão da Biblioteca Escolar

A UNESCO aprovou na sua Conferência Geral em Novembro de 1999 o actual “Manifesto da Biblioteca Escolar”, com edição de 2000, que tinha sido preparado pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas. Este Manifesto é hoje, no âmbito internacional, um documento importante de referência para um enquadramento geral do papel e das funções a desempenhar pelas Bibliotecas Escolares.

Nele se expressa a missão da Biblioteca Escolar e onde se pode ler que,

“A biblioteca escolar disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação. As bibliotecas escolares articulam-se com as redes de informação e de bibliotecas de acordo com os princípios do Manifesto da Biblioteca Pública da UNESCO. “ (Manifesto da Biblioteca Escolar 2000:3)

Para além dos princípios, outros aspectos são evidenciados pelo Manifesto quanto às Bibliotecas Escolares e que se revelam de importância significativa, nomeadamente quanto ao seu papel, à implicação das autoridades ao nível de apoio, às questões financeiras e ao serviço gratuito a prestar.

Refere-se também o acesso dos utilizadores à Biblioteca Escolar, devendo-se pautar pelos princípios da igualdade e do respeito pelas diferenças, nomeadamente no que se refere aos utilizadores que apresentem necessidades educativas, disponibilizando-lhes serviços adequados e materiais específicos.

Verifica-se que a Biblioteca Escolar de hoje, cumpre o seu triplo objectivo de informar, educar e entreter para ajudar na criação de homens e mulheres livres, envolvidos, informados, autónomos, responsáveis, críticos, plenamente integrados na construção da sociedade e do mundo em que vivem.

Nesta perspectiva refere o Manifesto da Biblioteca Escolar (2000:3) que a Biblioteca Escolar,

“ (...) proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tomarem-se cidadãos responsáveis.”.

Está ainda bem explícito no Manifesto da Biblioteca Escolar, a primordial importância a desempenhar pela Biblioteca Escolar na formação e desenvolvimento dos seus utilizadores nos vários domínios da sua formação como cidadãos. Refere nomeadamente que,

“A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia a longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação e desenvolvimento económico, social e cultural e (...) devem ter meios financeiros suficientes para assegurar a existência de pessoal com formação, documentos, tecnologias e equipamentos e ser de utilização gratuita.” (Manifesto da Biblioteca Escolar 2000:4)

Como se tem vindo a referenciar, as Bibliotecas Escolares têm hoje uma especificidade própria, estão inseridas no meio escolar e uma missão a cumprir de relativa importância no processo educativo dos cidadãos, disponibilizando um conjunto de meios, quer humanos, quer materiais e uma gestão adequada, tendo em vista o atingir do vasto conjunto de objectivos a que se propõe.

Para além da sua missão a Biblioteca Escolar também tem definido um amplo conjunto de objectivos que se encontram patentes no documento produzido pela IFLA – Manifesto da Biblioteca Escolar (2000:5) e que julgamos de alguma pertinência aqui mencionar, tais como:

- Apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;*
- Criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;*
- Proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;*
- Apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação*

e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;

- Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;

- Organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;

- Trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;

- Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;

- Promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela.

É evidente que a Biblioteca Escolar tal como está actualmente concebida e simultaneamente com a missão a que se destina, poderá constituir-se como um pilar fundamental na educação, já que sendo um centro dinâmico de recursos de aprendizagem, proporciona à comunidade educativa em que está inserida a capacidade de aceder a todos os tipos de materiais para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. Caso contrário, não cumpriria a sua verdadeira missão, e é de missão que falamos quando falamos de biblioteca escolar.

2.4- A Biblioteca e a Escola: a imagem e o papel da Biblioteca Escolar actual

Segundo a revisão da literatura efectuada, podemos constatar que na última década, a escola portuguesa tem sofrido inúmeras alterações, nomeadamente com o surgimento dos agrupamentos horizontais e verticais, bem como as actividades de enriquecimento curricular, estas designadas de escola a tempo inteiro, arrastando consigo um conjunto de novas questões e necessidades.

Um novo conceito de escola, como organização, em tempo de mudança que procura elos com a comunidade envolvente. Igualmente uma nova concepção de educação,

que deixa de parte a relação professor-aluno e assenta numa triangulação de interacção entre professor-aluno-comunidade, que influencia significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

Uma perspectiva partilhada por E. Conde (2006:40) ao admitir que,

“ (...) A escola é desafiada a assumir um papel distinto do tradicional, dando corpo a novas formas de ensino-aprendizagem, envolvendo os alunos e o professor, que deixa de ser considerado como única fonte de informação, para passar a ser encarado como um recurso entre outros e um orientador capaz de gerir situações diversificadas de aprendizagem. “

Para além do recurso professor, a escola dispõe também da biblioteca escolar para operacionalizar a mudança que se impõe. Estando inserida na escola e dirigindo os seus objectivos para a pesquisa documental, o empréstimo, a ocupação de tempos livres, a animação e a difusão de trabalhos, alcança por este meio a educação e a cultura. Ocupa desde logo um lugar privilegiado no auxílio à comunidade educativa e na reforma da escola.

A Biblioteca Escolar é pois um elemento activo e participativo deste novo conceito de escola, facto salientado por E. Conde (2006:44) ao referir que,

“ (...) a criação nas escolas de bibliotecas, entendidas como centros de recursos multimédia, enquadra-se (...) num processo global de mudança, no qual elas desempenham um papel catalisador, essencial à inovação pedagógica e organizacional das escolas e à sua transformação. As bibliotecas escolares podem, deste modo, conceber-se como um instrumento essencial de renovação pedagógica, através do qual se procura abrir a escola ao mundo. “

A BE é vista como um elo de ligação e parte integrante da vida escolar e se, não existisse, a escola sentir-se-ia provavelmente mutilada. Seria talvez semelhante a um ser humano sem braços nem pernas, incapaz de se deslocar autonomamente. Sentir-se-ia, igualmente, mal, se existisse, como há muitos anos atrás, mas só para fazer feitiço, com armários fechados a sete chaves e mergulhada num silêncio de igreja.

Felizmente para todos nós que esse tempo faz parte do passado e a Biblioteca

Escolar de hoje já se faz sentir na comunidade educativa. No entanto para que possa cumprir devidamente o seu papel, torna-se necessário que se verifique a sua institucionalização na escola e respectiva comunidade educativa. Deve estar integrada e definida de forma clara e objectiva no Regulamento Interno da Escola com os seus objectivos e política documental igualmente definida.

A este respeito é possível ler-se num documento disponível no sítio da internet do Programa Rede de Bibliotecas Escolares, intitulado "A institucionalização da BE/CRE na Escola" que,

“ (...) é indispensável a integração plena da biblioteca na escola, e esta terá que ser feita de duas maneiras, que devem caminhar juntas: através da sua institucionalização no tecido normativo da escola e através de uma prática que envolva toda a comunidade escolar. ”⁵

Torna-se talvez evidente que a biblioteca escolar e escola devam estar de mãos dadas no processo de renovação pedagógica que os novos tempos exigem. Que utilizem todos os seus recursos humanos e materiais, envolvendo toda a comunidade, tanto a educativa como a envolvente de forma livre e participativa.

A este respeito M. Sequeira (2002:59), sugere e expressa algumas conjunturas que merecem estar presentes nesta renovação pedagógica ao dizer que,

“ (...) embora eu pertença a uma geração de proibições, mas que se refugiava na procura de liberdades e que clamava como o poeta “É proibido proibir”, tenho que dizer, a bem de uma política de rigor no acompanhamento dos nossos jovens para uma vida de sucesso através de cultura, que é proibido:

- Que cada escola não tenha uma biblioteca;*
- Que os professores não saibam como ensinar uma criança a ler;*
- Que o professor não leia;*
- Que o professor não estimule o gosto pela leitura;*
- Que a criança não goste da escola;*
- Que a educação não seja a prioridade financeira no nosso país.”*

⁵ Informação disponível em: [http://www.rbe.min-edu.pt/Apoio Técnico/Organização e gestão da BE/CRE/Organização e gestão das bibliotecas em geral](http://www.rbe.min-edu.pt/Apoio_Técnico/Organização_e_gestão_da_BE/CRE/Organização_e_gestão_das_bibliotecas_em_geral).

A concretização desta mudança exige de cada elemento participante um papel activo, consciente e responsável durante o seu decurso para que seja possível alcançar em conjunto os objectivos de informar, educar e formar os alunos para a vida futura.

Importa referir que a Biblioteca Escolar tende cada vez mais a ser um lugar familiar onde os alunos e professores se sintam bem, um refúgio, um passatempo e, sobretudo, um elemento indispensável para a prática pedagógica, educativa e cultural da escola.

Nesta linha de ideias M. Sequeira (2000:49) afirma que,

“ (...) a biblioteca escolar (...) pode constituir-se como espaço integrador de práticas educativas, na medida em que ela pode ser, em simultâneo, um espaço de trabalho e de lazer, oferecendo, no plano das actividades curriculares, as vantagens de um recurso educativo tornando, assim, mais profícuos os processos de aprendizagem. (...) A biblioteca escolar pode suscitar: a curiosidade pelo conhecimento, o interesse pela pesquisa, o prazer das "viagens" proporcionadas pelos textos, a alegria da descoberta e, sobretudo, o gosto pela leitura (...). “

De acordo com o que se tem vindo a descrever, somos levados a admitir que é impossível dissociar a biblioteca escolar da escola, ambas estão interdependentes nos seus papéis a desempenhar na formação de cidadãos livres e autónomos, fornecendo-lhes todos os meios indispensáveis para a sua concretização.

Encontramos num documento produzido pelo Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, intitulado “A Biblioteca Escolar na Escola do 1º Ciclo”, algumas referências deste intercâmbio, nas quais a biblioteca escolar proporciona à escola o cumprimento dos seguintes objectivos tais como:

- “- Estimular nos alunos o prazer de ler, a curiosidade e o interesse pela cultura;*
- Dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos;*
- Desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou*

estudo, individualmente ou em grupo, por solicitação do professor ou por sua própria iniciativa: produzir sínteses informativas em diferentes suportes;

- Associar a leitura, os livros e a frequência da biblioteca à ocupação lúdica e cultural dos tempos livres;

- Facultar recursos aos professores para planificarem as suas actividades de ensino e diversificarem as situações de aprendizagem;

- Adaptar a escola aos novos desafios colocados pela Sociedade do Conhecimento, dotando-a de um espaço onde podem ser acedidos equipamentos e recursos documentais representativos do novo paradigma - o paradigma digital;

- Apoiar a escola no seu funcionamento, criando condições à concretização das mudanças operadas na escola, nomeadamente a reestruturação das áreas curriculares, a criação das áreas curriculares não disciplinares e a permanência dos alunos na escola para além das actividades lectivas – escola a tempo inteiro.”⁶

Neste sentido e à semelhança das novas exigências imputadas à escola, também a biblioteca escolar sofre novos desafios e adaptações, face à sua nova realidade e papel proactivo que terá que desempenhar.

Impõe-se que deixe de ser um depósito de livros e passe a constituir-se num centro activo e participante, composto de recursos ao serviço do projecto educativo da escola, capaz de acompanhar a produção acelerada da informação e do conhecimento.

I. Veiga et al. (1997:16) chamam a atenção para o papel a desempenhar pela BE na actualidade, face ao rápido crescimento da informação e do conhecimento como na satisfação das necessidades quantitativas e qualitativas de informação das pessoas, referindo que,

“ (...) Num mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos

⁶ Informação disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt>.

competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tomem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto.”

Existe também a necessidade de compreender o papel que a biblioteca escolar desempenha no fornecimento dos seus recursos, quer materiais, quer humanos, para as práticas pedagógicas, estando ao serviço da escola e da sua comunidade educativa, sendo referido no sítio da internet da Rede de Bibliotecas Escolares que:

“A BE deve, pois, proporcionar actividades que permitam a integração dos seus recursos na operacionalização do currículo, na promoção da leitura fomentando o gosto e os hábitos de leitura, ao mesmo tempo que se constitui como espaço de formação dos utilizadores no acesso e utilização efectiva e crítica da informação, independentemente dos suportes em que é veiculada. No contexto contemporâneo, só deste modo se confirmará a pertinência do papel da BE junto de alunos e professores.”⁷

Nesta perspectiva, G. Lima (2001:46) afirma que,

“ (...) actualmente a finalidade da biblioteca escolar diz respeito a todos, pelo que se deverão organizar programas que facilitem a formação dos utilizadores da biblioteca e das fontes informativas em geral.”

Reconhecemos desta forma, a pretensão de tornar a biblioteca escolar um espaço de conhecimento e aprendizagem, à qual se colocam novos problemas e desafios. Uma organização que tem o propósito de apoiar e aumentar a aprendizagem, tornando acessíveis os seus variados recursos e colecções e indo ao encontro das necessidades da comunidade escolar que serve.

Quando as bibliotecas escolares são assumidas como o centro documental da escola, deverão ser dinâmicas e ter um desempenho adequado com vista à contribuição eficaz na criação de hábitos de leitura, combate à literacia e desenvolvimento de metodologias educativas activas centralizadas nos alunos.

De referir, que são os alunos que frequentam a escola e a biblioteca escolar, o futuro capital humano, criador de riqueza e em diálogo equilibrado com os outros e o

⁷ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/114.html>.

meio envolvente, um factor de extrema importância no desenvolvimento da sociedade.

Reveste-se assim, de primordial importância a existência da biblioteca escolar, que por vezes vai para além da sua fronteira, colocando-se ao serviço da comunidade envolvente, sendo afirmado pelo autor J. Calixto (1996:17) que,

“ (...) em muitos sítios do nosso país a biblioteca escolar é a única biblioteca existente e pode funcionar simultaneamente como biblioteca pública, sobretudo para os mais jovens.”

Importa também reconhecer que o papel da biblioteca escolar está por vezes condicionado por uma série de factores inerentes à sua estrutura interna, às condições físicas e em termos de equipamentos e de recursos de informação que tem para oferecer, sendo ela própria um sistema integrado e aberto à influência de outros sistemas, com os quais interage.

2.5- A Biblioteca Escolar como centro de recursos para a aprendizagem

Quando começaram a surgir as Bibliotecas Escolares, existiu desde logo o propósito de as conceber como um potencial de recursos para a aprendizagem, o que se demonstra pelas afirmações de I. Veiga et. al. (1997:13) quando diz que as BEs são concebidas como,

“ (...) um verdadeiro centro de recursos educativos multimédia que englobará livros, programas informáticos, periódicos, registo vídeo e áudio, diapositivos, filmes, cd-rom, ao dispor de alunos, de professores e, em condições específicas, de outros elementos da sociedade.”

A biblioteca escolar é referida como um centro de recursos educativos, uma mais-valia para a escola, para alunos, para docentes e sua envolvente pela função que cada vez mais desempenha como agente activo, disponibilizando renovados recursos na promoção de novas situações do ensino/aprendizagem.

Salienta Ponte (1997, apud. E. Conde, 2006:40) que,

“ (...) As novas tecnologias e o novo enquadramento social em que elas se desenvolvem vêm lançar um desafio à escola. Estamos perante a necessidade de uma mudança de filosofia no que respeita aos objectivos do ensino e uma mudança deste tipo é sempre dolorosa para qualquer instituição. Impõe-se uma profunda revolução pedagógica, assentando em especial numa nova concepção de saber. A perspectiva de ensino terá de ceder definitivamente o lugar à perspectiva de aprendizagem. “

P. Mayrink (1991:56) retoma a ligação da biblioteca escolar com o processo de ensino-aprendizagem no apoio a alunos e professores, afirmando o autor que,

“O papel que a biblioteca escolar deve desempenhar junto à comunidade educacional tem muito a ver com os seus objectivos, que podem ser sintetizados em duas ideias centrais: dar ao aluno a oportunidade de ampliar os seus estudos, proporcionando-lhe material adequado para tal e oferecer ao professor recursos necessários para integrar o aluno no processo de ensino-aprendizagem”.

É um facto que a biblioteca escolar está a emergir como um novo e importante campo da educação, como espaço de comunicação e intercâmbio ideal para a investigação e leitura. Um centro de recursos activo e dinâmico de informação, desempenhando um papel fundamental em relação à aprendizagem dos alunos, com as matérias leccionadas e em consonância com a postura social e cultural do centro educativo.

Sobre esta óptica, encontramos no sitio da Internet do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, informação condicente, onde se pode ler que,

“ (...) a biblioteca escolar assume-se como um recurso essencial às aprendizagens, ao percurso formativo dos alunos, às actividades desenvolvidas pelos professores e à escola que dela beneficia. (...) A biblioteca escolar faculta recursos pedagógicos e potencialidades de trabalho.”⁸

Por outro lado, quando integrada no processo pedagógico, a BE promove a

⁸ Informação disponível em <http://www.rbe.m.in-edu.pt>

autonomia e responsabilização dos alunos na sua aprendizagem. Um incentivo ao uso das diversas fontes de informação e à leitura como forma de entretenimento e lazer.

Nesta perspectiva, a biblioteca escolar não é apenas um espaço para a promoção da leitura, mas também um local de aprendizagem.

Em relação a esta temática é explicitado no relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”, I. Veiga et al. (1997:15), que,

“ (...) as bibliotecas escolares (...) surgem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como: a aprendizagem da leitura; o domínio dessa competência (literacia); a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; a capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje são postos à disposição das pessoas; o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística. “

Configura-se assim, a biblioteca escolar como uma componente fundamental da escola e um elemento básico de suporte a uma cultura de comunicação e de aprendizagem ao longo da vida nas escolas.

É uma ideia também partilhada por M. Silva (2002:200), ao admitir que a BE é considerada um complemento da escola, um elemento formativo dos alunos e de apoio à aprendizagem. Segundo o autor a BE é encarada,

“ (...) como parte integrante da escola, tem o seu espaço de actuação, pelo valor formativo e informativo do livro, pelo desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo que a leitura provoca, pela interiorização de valores, pela formação da personalidade para que contribui. (...) Facultar espírito de pesquisa, criar hábitos de responsabilidade, autonomia e organização, apelar à recolha de informação e à descoberta de novos horizontes, compreender e assimilar conhecimentos com vista a novas situações e à resolução de problemas. A isto, a Biblioteca Escolar, instituindo-se como suporte da aprendizagem e da formação, poderá ajudar a dar uma resposta competente. “

Pelo que temos descrito, talvez possamos dizer que a Biblioteca Escolar constitui um recurso fundamental no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que a sua utilização ao longo da escolaridade do indivíduo, contribui certamente para que este se torne um estudante mais autónomo e consequentemente possuidor de uma maior auto-estima, com capacidades para responder melhor aos desafios da vida, preparando-o para o futuro, quer na vertente profissional, quer na vertente académica.

Outro aspecto que nos parece importante é o facto dos recursos disponíveis na BE, poderem constituir um factor de motivação para os alunos e que coopera favoravelmente no processo de ensino-aprendizagem.

Nesta perspectiva a Declaração Política da I.A.S.L. (Internacional Association of School Librarianship) confirma que,

" (...) A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objectivos de aprendizagem da escola e promove-os através dum programa planeado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes "

Por seu lado, também M. Sequeira (2000:47-48), chama também a atenção para a importância dos recursos especializados da BE e da sua forma de utilização no processo de aprendizagem, afirmando que,

" (...) a concretização de finalidades como "Facultar processos de aprender a aprender e condições que despertem o gosto pela actualização permanente de conhecimentos" ou " Proporcionar (...) a autonomia e a realização pessoal" ou de objectivos como " Desenvolver métodos e técnicas de trabalho individual que contribuam para a construção das aprendizagens com recurso eventual a novas tecnologias", pressupõem a existência de recursos adequados ao desenvolvimento dos processos de aprendizagem referidos, os quais parecem ultrapassar o âmbito da mera transmissão de conteúdos, já que se apela não apenas ao domínio dos conhecimentos (saber) mas também ao domínio de capacidades (saber-fazer). "

Desta forma as Bibliotecas Escolares podem constituir um recurso essencial no desempenho e aquisição de aprendizagens significativas, concorrendo para a educação do indivíduo. Para o seu desempenho é fundamental uma boa gestão dos seus recursos por parte de toda a equipa da BE.

Consideramos ainda que a Biblioteca Escolar, pelos recursos que pode colocar à disposição de todo o processo de ensino-aprendizagem, em conjugação com todas as estratégias de trabalho planificadas e executadas em articulação com o coordenador da BE e os docentes, se pode constituir como um elemento primordial ao serviço da educação.

Parece-nos igualmente ser relevante todo o apoio sistemático prestado pelo Programa Rede de Bibliotecas Escolares, ao permitir que cada vez mais alunos tenham acesso aos serviços da biblioteca, essenciais ao desenvolvimento do seu processo educativo, da sua formação como indivíduos e fundamentais para a obtenção do seu sucesso escolar.

Por seu lado, M. Silva (2000:58-59) também é da opinião que a BE deverá ser um centro de aprendizagem e uma dinamizadora do saber. Neste sentido afirma que,

“ (...) A Biblioteca deverá instituir-se como centro da aprendizagem, facultando no seu espaço uma multiplicidade de fontes e de saberes. Compete à Biblioteca organizar-se, apetrechar-se, enriquecer-se, facultar materiais o mais possível completos e actualizados. É na Biblioteca que está o conhecimento plural, a oportunidade para a fundamentação de saberes e, a partir deles, a chave para a aquisição de novos saberes. Se já eram importantes no passado, as Bibliotecas tornaram-se prioritárias e até imprescindíveis no nosso tempo, prevendo-se que venham a sê-lo cada vez mais no futuro.”

Parece-nos também pertinente admitir algumas mudanças no âmbito do novo conceito de biblioteca escolar em virtude dos desafios de que é alvo, nomeadamente:

- Tornando a biblioteca escolar um novo espaço de aprendizagem, com actividades transversais a todas as disciplinas do currículo, ajustando o horário dos alunos, de forma a deixar-lhes tempo para essa aprendizagem;

- *Renovando o uso do espaço educativo por parte dos professores, com vista à formação dos alunos como leitores polivalentes e críticos;*
- *Fornecendo recursos para a organização da biblioteca de acordo com padrões normalizados, para que esta possa fornecer serviços de acordo com os seus objectivos.*

Também a difusão da informação, bem como dos serviços a prestar à comunidade escolar e envolvente, o desenvolvimento e a divulgação das actividades, se consideram factores preponderantes para o processo de aprendizagem. O Manual do Utilizador da BE é essencial para divulgação das suas actividades, serviços e utilidades, devendo chegar ao maior número de pessoas possível.

Por outro lado, se concebermos a escola como um espaço aberto à comunidade e o processo de aprendizagem se estender para lá do horário escolar, também a biblioteca deve estar aberta para além desse horário, o que permitirá uma colaboração externa, quer dos pais ou de outras pessoas da comunidade.

Neste sentido, entende-se que a biblioteca escolar deve estar integrada na dinâmica educativa das escolas, pelo que é necessário torná-la conhecida, mostrar o seu potencial e fazer sentir à comunidade escolar que é um recurso essencial à aprendizagem, apelando a uma melhor utilização dos seus fundos e serviços.

Verifica-se que actualmente, a biblioteca escolar está a assumir-se como um espaço educativo de importância transcendental para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a partir de uma concepção moderna de que, a biblioteca escolar é um centro de grande recurso que coloca à disposição de professores e alunos um conjunto variado de recursos necessários para o desenvolvimento deste processo.

Se considerarmos ainda que a biblioteca é um recurso essencial de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, esta deve estar disponível durante todo o decurso desse processo. Contribuir para o desenvolvimento da capacidade de “aprender a aprender” ao longo da vida, competências estas que deverão estar na base do sistema educativo e sobre as quais a escola se deverá sempre interessar, apoiando-se obviamente na sua biblioteca escolar.

2.6- A integração da Biblioteca Escolar no Projecto Educativo/Currículo

De uma forma geral o Projecto Educativo da Escola – P.E.E. estabelece directrizes no sentido de uma orientação para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, para a melhoria do funcionamento da organização e do ambiente educativo, para o reforço dos laços com a comunidade e da educação para a cidadania.

Se considerarmos que o P.E.E. deve constituir uma referência para a organização do presente e do futuro escolar, e que ao definir as políticas educativas da instituição/escola, originando perfis de mudança, implicará que os diversos protagonistas do processo se articulem e participem na preparação das opções a implementar.

No reforço desta ideia, acrescenta Antúñez et al. (1991, apud. C. Leite, 2000:4) que,

” O P.E.E. deve ser como que um contrato que comprometa e vincule todos os membros da comunidade educativa em tomo de uma finalidade comum, sendo o resultado de um consenso a que se chega depois de uma análise de dados, de necessidades e de expectativas.”

Quanto à sua concepção deverá ter-se em atenção o contexto em que a escola está inserida e adequar as suas linhas de orientação às necessidades da sua comunidade educativa, como preconiza N. Afonso (1995:7), sugerindo que,

“ (...) Conceber e concretizar um projecto educativo de escola implica poder escolher entre alternativas, em função da "circunstância" do local, isto é, da especificidade do contexto interno e comunitário em que a escola vive. Implica necessariamente o reconhecimento da conveniência e da legitimidade de um "espaço de manobra" para que as escolas, sendo "todas iguais" porque todas devem prosseguir a mesma finalidade, sejam "todas diferentes" porque cada uma procura a melhor adequação aos interesses e necessidades da comunidade que serve na prossecução daquela finalidade nacional que o Estado lhe comete.”

O Projecto Educativo ao definir objectivos e estratégias para o desenvolvimento da escola, assume-se como uma organização autónoma e com funcionamento próprio,

de forma a poder cumprir cada vez melhor a sua finalidade básica: o sucesso escolar dos alunos.

Nesta perspectiva, Pacheco & Morgado (2002:36) destacam que,

“Construir o projecto curricular de escola na base de uma lógica profissional é navegar no rio da mudança, rumo à margem da experiência, da inovação, da autonomia conquistada, da responsabilidade partilhada, abandonando o flanco da regulação, da aplicação da norma, da autonomia decretada. ”

Interligado com o P.E.E., temos o currículo escolar que se assume como um definidor do currículo nacional, tendo a responsabilidade na organização e condução do processo de ensino-aprendizagem. Nele se explicita o que deve ser aprendido/ensinado na escola, o que se pode aprender ou ensinar na escola. Que aprendizagens se deseja que os alunos adquiram e os conteúdos culturais que importa ensinar.

Segundo a noção de currículo definida por M. Roldão (1999a:24) o,

“ (...) currículo escolar é – em qualquer circunstância – o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar. ”

Partilhamos da opinião da autora M. Roldão, de que o currículo escolar, visto nesta perspectiva, deixou de ser o conjunto de saberes estáticos que a escola transmite, passando a ser um campo crítico da aquisição dos saberes de referência, bem como um conjunto de competências para aprender.

É neste contexto que reside uma das razões para a existência da biblioteca escolar, apoiar todo o currículo. Vista como um novo local de aprendizagem, um espaço educativo no qual alunos e professores têm à sua disposição uma vasta gama de recursos educativos com os quais podem implementar uma metodologia mais activa e participativa.

Estando a BE integrada no projecto educativo e no currículo da escola, promove métodos activos de ensino e aprendizagem. A biblioteca escolar vai incentivar o cumprimento de todos os objectivos gerais da educação e não apenas académicos,

especialmente os relacionados com a integração, a correcção das desigualdades de origem dos alunos, o acesso à cultura e a promoção da leitura.

Segundo M. Silva (2002:201-202) a BE desempenha um papel importante ao nível do seu apoio à metodologia de projecto educativo, quando afirma que,

" (...) a Biblioteca introduz no leitor espírito de inovação e criatividade. Os conteúdos das várias disciplinas curriculares, através das unidades didácticas por que são constituídos, poderão/deverão ser dinamizados, recorrendo ao trabalho de projecto. (...) A Biblioteca Escolar deverá fazer ver aos alunos que o seu espaço, embora possa servir para o estudo das matérias sugeridas pelas aulas, tem outras funções, nomeadamente a de proporcionar fontes diversificadas de informação (...). "

A biblioteca escolar é assim, um espaço educativo, centro de recursos multimédia ao serviço da comunidade escolar. Um lugar de encontro, um espaço de comunicação e intercâmbio no desenvolvimento de experiências interdisciplinares e de abordagem dos conteúdos transversais ao currículo. É o local apropriado para a formação dos estudantes no uso das diversas fontes de informação e promoção da leitura como meio de entretenimento e lazer.

Sendo as Bibliotecas Escolares um espaço pedagógico de integração curricular, verificamos, e a própria realidade o vem demonstrando, que o papel desempenhado pelas BE tem sido fundamental no apoio ao currículo e transversal aos alunos de todos os níveis de ensino.

A este respeito refere o Gabinete RBE em documento de trabalho "A Biblioteca Escolar na escola do 1º Ciclo – Instalação e Funcionamento" que,

*" o desenvolvimento da biblioteca de uma escola deve ser entendido como um processo endógeno, se bem que estimulado e sustentado do exterior, e como uma inovação organizacional capaz de induzir mudanças na própria escola, sendo, nesta medida, indissociável do seu projecto educativo."*⁹

Neste contexto a BE será certamente considerada cada vez mais como um recurso fundamental no processo de ensino-aprendizagem, devendo também, o seu Plano

⁹ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4>

Anual de Actividades estar articulado e interligado com o Projecto Educativo da Escola, considerando naturalmente os recursos humanos, materiais e financeiros necessários à sua concretização.

Para além disso, é também necessário que a comunidade educativa reconheça a importância da BE neste processo, que elabore e realize com ela o Plano de Actividades, sendo o mesmo contemplativo de actividades destinadas a todos os elementos dessa comunidade. Professores, alunos, funcionários, pais e encarregados de educação e outros, deverão ser elementos interventivos em todo este processo.

Neste sentido, M. Silva (2000:75) apela igualmente à união da BE com o P.E.E. com vista ao concretizar dos seus objectivos, salientando que,

“ (...) é preciso apelar a uma cada vez maior intervenção dos professores. Sem o seu empenhamento, apostado na ligação da Biblioteca Escolar ao Projecto Educativo e ao Plano de Actividades da Escola – com professores apressados, que não leiam, não frequentem a Biblioteca, não apelem à fundamentação dos saberes através dela, não acompanhem lá os seus alunos, não lhes falem dos livros nem os preparem para a leitura... – não será possível alterar a realidade que temos. “

Partilhamos da opinião de que, estando as actividades da BE integradas nas prioridades definidas pelo Projecto Educativo de Escola, certamente que essas actividades estarão mais harmonizadas com as disciplinas e com as áreas curriculares não disciplinares e, logicamente daí resultarão aprendizagens mais significativas, com mais sentido e sucesso para todos os seus alunos.

Conforme se pode comprovar no Relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (1997:34), a BE deverá estar realmente integrada no Projecto Educativo, prestando-lhe todo o apoio necessário. Nele se pode ler que,

“ (...) A biblioteca constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as suas actividades devem estar integradas nas restantes actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo. Ela não deve ser vista como um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação de tempos livres. “

Explicita igualmente, E. Válio (1990:18), que a biblioteca escolar assume aspectos importantes na responsabilidade educativa e na inegável ligação com a leitura e a formação de leitores, nomeadamente,

“Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objectivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da facilitação dos serviços de informação, em benefício do desenvolvimento do currículo e da competência do aluno para aprender a aprender.”

A este propósito e para garantir uma eficácia e uma avaliação correcta dos serviços a desempenhar pela Biblioteca Escolar, quanto ao seu funcionamento e gestão, prevê o Manifesto da Biblioteca Escolar (2000:6) que,

“- A política de serviços da biblioteca escolar deve ser formulada de modo a definir objectivos, prioridades e serviços em articulação com o currículo escolar;

- A biblioteca escolar deve ser organizada e gerida de acordo com padrões profissionais;

- Os serviços devem ser acessíveis a todos os membros da comunidade escolar e funcionar no contexto da comunidade local;

- A biblioteca escolar deve promover a cooperação com os professores, a direcção das escolas, as entidades responsáveis, os pais, outros bibliotecários e profissionais da informação e as associações locais. “

Salientamos ainda que o currículo e a forma como está organizado, bem como os valores, modelos e as práticas de transmissão/apropriação do conhecimento são outros dos factores que mais condicionam o sucesso da Biblioteca Escolar.

Temos então a BE como um organismo que funciona como parte integrante da escola e do seu Projecto Educativo, intimamente ligada ao trabalho educativo em

que intervém de forma dinâmica, como uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento curricular. Um centro de actividades culturais, que através de vários recursos e serviços, projecta os seus benefícios a estudantes, professores e membros da comunidade em geral.

É da responsabilidade da escola com base nos objectivos do seu projecto educativo, proporcionar uma formação diversificada aos seus alunos, criando-lhe hábitos de leitura, uma literacia da informação, um preparar de uma aprendizagem ao longo da vida. Assim sendo, nada melhor que a sua biblioteca escolar para a apoiar em todo este processo, um revelador importante do processo educativo, devendo assim estar plenamente inserida ou integrada no currículo de cada escola.

2.7- O professor-bibliotecário e a comunidade educativa: trabalho colaborativo

De entre os vários recursos humanos afectos às competências de desempenho de funções nas Bibliotecas Escolares, temos a figura do professor bibliotecário que possuindo formação específica na área é ao mesmo tempo o garante do pleno funcionamento e gestão das mesmas, desenvolvendo um trabalho colaborativo com todos os elementos da comunidade educativa.

Em todo este processo há que ressaltar a extrema importância que o bibliotecário escolar (professor bibliotecário) tem no seu desenvolvimento. A sua interacção pessoal com toda a comunidade educativa é essencial para um aproximar da biblioteca escolar aos potenciais interessados, alunos, professores, auxiliares de acção educativa, encarregados de educação e pais.

A par desta relação humana, é benéfico manter um relacionamento institucional saudável com os órgãos de gestão (Conselho Executivo, Departamentos Curriculares e Pedagógicos, Directores de Turma), o mesmo acontecendo com as instituições locais (Autarquias, Biblioteca Municipal /Pública, Associações de Pais, etc.).

Para um melhor conhecimento desta figura, efectuamos uma breve abordagem à legislação que vem sendo publicada e actualizada, onde se definem funções, formação e perfil do coordenador da Biblioteca Escolar (Professor-Bibliotecário),

como forma de enquadramento.

Assim, as funções a desenvolver pelo Professor-Bibliotecário, são as estipuladas inicialmente no ponto 3 do artigo 8º do Despacho n.º 13 599/2006, de 28 de Junho, podendo todavia o regulamento interno prever outras funções. Temos então como funções principais:

- “- Promover a integração da biblioteca na escola (projecto educativo, projecto curricular, regulamento interno);*
- Assegurar a gestão da biblioteca e dos recursos humanos e materiais a ela afectos;*
- Definir e operacionalizar, em articulação com a direcção executiva, as estratégias e actividades de política documental da escola;*
- Favorecer o desenvolvimento das literacias, designadamente da leitura e da informação, e apoiar o desenvolvimento curricular.”;*

Deverá ainda este profissional ser possuidor de formação adequada à função, conforme refere o ponto 4 do artigo 8º do supracitado despacho, apresentando um dos seguintes requisitos, preferencialmente, pela ordem indicada:

- Formação académica na área da gestão da informação/BE;*
- Formação especializada em ciências documentais*
- Formação contínua na área das BE;*
- Formação em técnico profissional BAD;*
- Comprovada experiência na organização e gestão das BE.”¹⁰*

O seu perfil funcional é determinado no ponto 6 do artigo 8º do mesmo despacho, devendo aproximar-se das seguintes competências:

- Competências na área do planeamento e gestão (planificação de actividades, gestão do fundo documental, organização da informação, serviços de referência e fontes de informação, difusão da informação e marketing, gestão de recursos humanos, materiais e financeiros);*
- Competências na área das literacias, em particular nas da leitura e da informação;*

¹⁰ In, Despacho n.º 13599/2006 de 28 de Junho

- *Competências no desenvolvimento do trabalho em rede;*
- *Competências na área da avaliação;*
- *Competências de trabalho em equipa.”¹¹*

Também o Manifesto da Biblioteca Escolar (2000:6) faz referência a estes aspectos, apelando ao domínio de competências específicas na área, sendo uma forma de apoiar a comunidade escolar na correcta e plena utilização deste recurso, mencionando que,

“ (...) O bibliotecário escolar é o elemento do corpo docente, qualificado, responsável pelo planeamento e gestão da biblioteca escolar. É apoiado por uma equipa tão adequada quanto possível, trabalhando em conjunto com todos os elementos da comunidade escolar e em ligação com a biblioteca pública e outras.”

As suas competências tornam-se também importantes no desempenho das suas funções, quando se depara com as exigências actuais da comunidade educativa ao nível da informação e formação, referindo a propósito o Manifesto da Biblioteca Escolar (2000:6), que,

“ (...) Num meio cada vez mais dominado pelas redes de informação, os bibliotecários escolares devem possuir competências para planear e ensinar diferentes técnicas no tratamento da informação tanto a professores como a alunos. Devem, por conseguinte, prosseguir a sua formação e desenvolvimento profissionais. “

A sua presença na biblioteca escolar é de facto importante, sendo considerada como um factor impeditivo para que esta não se torne um depósito de livros e como um factor humano imprescindível para o atingir da sua missão. O bibliotecário tem aqui um papel fundamental a cumprir, fornecendo aos alunos e docentes os seus serviços como profissional da informação, dinamizador, animador cultural e agente educativo.

Diversos autores têm vindo a manifestar a sua opinião sobre esta importante figura. J. Gascuel (1997:25) chama a atenção para a importância do bibliotecário ao referir

¹¹ In, Despacho n.º 13599/2006 de 28 de Junho

que,

“ (...) o verdadeiro bibliotecário é aquele que sabe tomar o leitor autónomo, isto é, que lhe fornece os utensílios para que possa informar-se. “

Para além das suas competências técnicas, são factores primordiais a sua vocação, o seu envolvimento e enquadramento no universo dos livros e dos leitores, e ainda o seu papel activo e colaborativo na criação de hábitos de leitura e promoção do livro. São factores evidenciados por J. Sobrino et al. (2000:64) ao afirmar que,

“ (...) o bibliotecário é a personagem fundamental (...). É importante que possua uma formação técnica, o mais profunda e actualizada possível, mas é muitíssimo mais importante que seja um leitor convicto e seduzido pelo mundo dos livros infantis, não apenas pela obrigação decorrente do seu posto de trabalho, mas por uma escolha pessoal, pelo prazer autêntico que é capaz de neles encontrar.”

Sublinha igualmente que,

“O bom bibliotecário conversa com as crianças sobre as suas leituras, anima, sugere e orienta, mas sem perder de vista que nunca pode cercear a liberdade de escolha dos livros, e muito menos a liberdade de ir ou não ir à biblioteca. “
(J. Sobrino et al. 2000:64)

A par de tudo isto, desempenha igualmente um papel importante como intermediário do ensino-aprendizagem. Não tendo como função o ensino, o bibliotecário escolar participa no desenvolvimento dos programas curriculares da escola, interage com os professores fornecendo-lhes apoio no ensino dos conteúdos curriculares, integra a biblioteca escolar na metodologia de ensino, bem como, auxilia os alunos no estudo, apoiando-os na pesquisa e utilização da informação que necessitam.

Partilha desta opinião J. Calixto (1996b:93) afirmando que,

“ (...) o papel do bibliotecário escolar é primeiramente o de educador, tanto nos aspectos formais como informais da educação. Apesar de não poder operar numa sala de aula tradicional, é mesmo assim, um professor (...) planeia situações de aprendizagem na biblioteca escolar; apoia os estudantes na aprendizagem, selecciona recursos de informação relacionados com as

aulas e mostra a professores e estudantes como usar estes recursos no ensino e aprendizagem.”

Desenvolve desta forma um trabalho colaborativo com a comunidade educativa, designadamente mediante uma articulação com os restantes professores da escola ao nível da planificação e na realização de actividades conjuntas, o que permite alcançar resultados positivos na aprendizagem e formação de cidadão autónomos, críticos e responsáveis.

Neste sentido, vem o Manifesto da Biblioteca Escolar sublinhar e realçar a importância do trabalho colaborativo desenvolvido por esta figura e os resultados que permite alcançar, ao afirmar que,

“ (...) Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.” (Manifesto da Biblioteca Escolar 2000:3).

Verifica-se assim, que o professor-bibliotecário se revela cada vez mais como um elemento imprescindível na coordenação e desenvolvimento da missão da biblioteca escolar e no apoio aos objectivos da escola em que se integra. Deixa de ser um elemento meramente responsável pela biblioteca escolar onde se encontrava apenas destacado, onde cumpria apenas umas horas e com pouca formação bibliotecária, para passar a ser um elemento a tempo inteiro e activo, dotado de formação e competências específicas ao serviço da comunidade educativa e da escola.

Sobre esta nova imagem do professor-bibliotecário e suas responsabilidades, pode ler-se no sítio da internet da RBE, que:¹²

“A partir do ano lectivo de 2009-2010 a organização e gestão das bibliotecas escolares está a cargo de professores bibliotecários a tempo inteiro que devem desenvolver estratégias e políticas que garantam a rentabilização de recursos e investimentos e a(s) coloquem ao serviço da escola, do processo formativo e das aprendizagens dos alunos.”

¹² Informação disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/>

Neste sentido, vem a Portaria n.º 756/2009, de 14 de Julho, actualizar e estabelecer as regras de designação de docentes para a função de professor bibliotecário, definindo nos pontos 1 e 2 do seu art.º 3º o seu conteúdo funcional que se transcreve:

1 — Ao professor bibliotecário cabe, com apoio da equipa da biblioteca escolar, a gestão da biblioteca da escola não agrupada ou do conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento.

2 — Sem prejuízo de outras tarefas a definir em regulamento interno, compete ao professor bibliotecário:

a) Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada;

b) Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo, do projecto curricular de agrupamento/escola e dos projectos curriculares de turma;

c) Assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à(s) biblioteca(s);

d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca;

e) Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;

f) Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada;

g) Apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada;

h) Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais;

i) Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE);

j) Representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do

regulamento interno.

São evidentes os novos desafios que se colocam ao professor bibliotecário, um especialista da informação, que para além de coordenar a equipa da BE, realiza um trabalho de colaboração com os professores, nomeadamente na criação e disponibilização de conteúdos, faculta o acesso diferenciado à informação tendo em conta as novas formas de acesso e construção do conhecimento, partilhando e rentabilizando os recursos e actividades.

Nesta ordem de ideias, afirma J. Calixto (1996a:26) que,

“ (...) é na biblioteca escolar que estão centralizados os principais recursos de informação ou os acessos telemáticos existentes na escola. É a biblioteca escolar que tem a tecnologia de organização e recuperação da informação de forma mais adequada (...). É a biblioteca escolar que dispõe do pessoal especializado na organização e recuperação da informação (...). A este bibliotecário cabe uma missão fulcral no desenvolvimento do currículo das habilidades de informação, programando e desenvolvendo actividades em conjunto com outros professores, para que professores e alunos aproveitem convenientemente os recursos que a biblioteca escolar põe ao seu dispor. “

Também há que ter atenção à missão da biblioteca escolar e a sua importância no seio da escola. Se as bibliotecas escolares são consideradas o centro documental da escola, elas deverão ser dinâmicas, contribuir para a criação de hábitos de leitura, combater a literacia e desenvolver metodologias educativas concentradas nos alunos.

Neste processo haverá igualmente que salientar a extrema importância do professor bibliotecário nesse desenvolvimento, pois será a sua interacção pessoal com a comunidade educativa, um factor fundamental no aproximar dos potenciais interessados.

Em suma, o professor bibliotecário assume-se então, como o coordenador da biblioteca escolar, um profissional da informação, um líder e parceiro do trabalho colaborativo. Desenvolve estratégias de articulação com a comunidade escolar na planificação de actividades ligadas para a sala de aula e enriquecimento curricular, integrando os recursos da biblioteca. Produz materiais de apoio ao currículo, com

aplicação e desenvolvimento das T.I.C., construindo uma rede de informação numa perspectiva de centralização da BE como uma plataforma de aprendizagem.

2.8 – A importância da Biblioteca Escolar no sucesso educativo

Sendo nosso propósito conhecer a importância da Biblioteca Escolar no sucesso educativo, partimos à pesquisa de informação que pudesse auxiliar a fundamentação deste nosso pressuposto.

Importa referir que para além do sucesso educativo existe também o sucesso escolar, dois termos com alguma interligação e que por vezes é difícil de dissociar como referem as opiniões de diversos autores.

Neste sentido P. Perrenoud (2003) esclarece que importa não separar estes conceitos, já que,

“Torna-se discutível dissociar sucesso escolar e sucesso educativo (...) todas as aprendizagens fundamentais associam, de uma parte, conceitos, conhecimentos, e, de outra, uma relação com o mundo, um projecto, atitudes, valores.”

Contudo, e com suporte na literatura consultada tentaremos apresentar uma definição, o quanto mais esclarecedora e sintetizada de cada um destes conceitos.

De uma forma geral o vocábulo sucesso escolar traz associado alguns termos que o procuram identificar, sendo entre eles: êxito escolar, boas notas, ausência de negativas, transitar de ano, aprendizagem, progresso, conhecimentos e níveis de eficiência. Estará desta forma o sucesso escolar condicionado ao estudo das taxas de transição ou conclusão dos alunos.

O sucesso escolar relaciona-se com as classificações obtidas pelos alunos (notas escolares), medidas através das avaliações quantitativas e qualitativas que definem o seu aproveitamento escolar, de acordo com as regras de exigência da escola.

Nesta linha de ideias, A. Novo (2010:145) afirma que,

“ (...) o sucesso escolar é um facto ligado aos dotes individuais e aos méritos do aluno bem sucedido”.

Outras opiniões são evidenciadas, associando o sucesso escolar tanto a nível dos alunos como do sistema escolar, onde segundo Perrenoud (2003, apud A. Novo, 2010:146),

“ (...) a ideia de sucesso escolar pode ser entendida de duas formas. Por um lado, sucesso escolar está associado ao desempenho dos alunos que satisfazendo as regras exigidas pelo instituto escolar progridem nos cursos e têm êxito; por outro lado, do ponto de vista das escolas, sucesso escolar acaba designando o sucesso de um estabelecimento ou de um sistema escolar no seu conjunto, sendo melhor ou mais bem sucedidos aqueles que atingem os seus objectivos”.

Na opinião de L. Silva (2002:88) o sucesso escolar, que o autor apelida de ‘sucesso institucional’,

“Consiste na mera passagem dos alunos, no final de cada ano lectivo, para o ano lectivo seguinte, dando destaque à obtenção de um diploma e à assimilação e reprodução de conteúdos.”

De facto a escola procura implementar estratégias que inscreve no seu Projecto Educativo da Escola (P.E.E.), visando a melhoria dos níveis de aprendizagem e resultados escolares e ainda o combate ao insucesso escolar dos seus alunos. É sua preocupação diminuir as taxas de abandono escolar e retenção escolar, factores que influenciam decisivamente o sucesso escolar.

Neste âmbito, diversas ofertas formativas foram lançadas pelo Ministério da Educação, tendo como objectivo reduzir o insucesso escolar, apostando na melhoria dos resultados obtidos pelos alunos, promovendo ao mesmo tempo a exigência, a responsabilidade e o rigor.

Refira-se o projecto/actividade “Ocupação Plena dos tempos Escolares”, que visa a ocupação total dos tempos dos alunos, sempre que exista a ausência do professor

da disciplina. Tempos ocupados com aulas de substituição, actividades em salas de estudo, leitura bibliográfica, utilização das TIC entre outras.

Procura-se também reduzir as taxas de retenção dos alunos, através da reorganização do trabalho escolar, desenvolvendo as situações de aprendizagem, enquadrando-se nas acções dos “Planos de Recuperação, Acompanhamento e Desenvolvimento”, e do projecto “Mais Sucesso Escolar”.

Estes projectos procuram diminuir o analfabetismo e o abandono escolar, mas outro problema se coloca, pois os que sabem ler e escrever, não têm domínio absoluto sobre as suas aprendizagens, o que dificulta seriamente a utilização dessas competências no quotidiano. Perante esta situação, surge o conceito de literacia, que tem sofrido algumas evoluções, referindo-se ao conjunto de competências que o cidadão precisa para o seu desempenho quotidiano na sociedade.

Segundo Bawden (2001, apud A. Novo 2010:137),

“ (...) o sentido mais restrito de literacia implica a capacidade de usar a língua na sua forma escrita: uma pessoa alfabetizada é capaz de ler, escrever e compreender a sua língua materna”.

Sobre esta questão da literacia, efectuamos uma abordagem mais detalhada no capítulo III desta dissertação.

Quanto ao vocábulo sucesso educativo, traz igualmente associado alguns termos que o procuram identificar, sendo eles: educação integral, convicções, faculdades pessoais, socialização dos alunos, construção de autonomia e conhecimento do aluno, progresso, formação cívica, cidadãos activos. Estará desta forma o sucesso educativo ligado à formação dos alunos como cidadãos autónomos e participativos na vida da sociedade.

Encontramos uma definição deste conceito em L. Silva (2002:125), que segundo a sua opinião,

“ Sucesso educativo (...)” será para os alunos a “ (...) aquisição de competências que lhes permitam uma boa integração na vida activa como cidadãos, e futuros participantes e intervenientes na vida da comunidade”.

Nesta perspectiva o sucesso educativo revela-se como fundamental para a realização dos indivíduos e o progresso da sociedade, que se vai construindo pouco a pouco. Uma formação que procura a valorização pessoal dos alunos, a sua formação progressiva, a criação de valores humanos, preparando os jovens para a vida activa e participativa e igualmente como cidadãos empenhados na vida da comunidade. E é na escola que os alunos adquirem a preparação para essas competências.

Seguindo esta óptica L. Silva (1998:109), afirma ainda que o sucesso educativo,

“ (...) visará a formação das crianças e jovens de hoje, cidadãos activos do amanhã, de modo a tornarem-se, por um lado, adultos o mais possível felizes e realizados, e por outro, que se saibam empenhar na construção de uma sociedade mais equilibrada e solidária, de um mundo mais consciente e responsável, livre e plural, comprometido com os valores do humanismo.”

Contudo, como foi já referido, segundo a opinião de vários autores, existe alguma dificuldade em separar os conceitos de sucesso escolar e sucesso educativo.

Segundo o estudo efectuado por A Novo (2010:151) e de acordo com as opiniões de professores bibliotecários entrevistados, existe uma dificuldade em separar os conceitos, optando-se por incluir o sucesso escolar no sucesso educativo, referindo-se que,

“Preferem reflectir e actuar englobando o sucesso escolar no sucesso educativo, um conceito que pode ser apelidado de “2 em 1”.

Afirma um dos bibliotecários que,

“ (...) não consigo distinguir isso, estou em dificuldades... é um conceito educativo, não tem escolar e educativo... não consigo separar as duas coisas...quando estou com os alunos tem de ser isso tudo, o aproveitamento escolar e a formação de alunos.”

Desta opinião partilha um outro bibliotecário, afirmando que,

“ (...) sucesso educativo passa pelo sucesso escolar e são 2 coisas que não podem estar de maneira nenhuma separadas. Penso que o sucesso educativo

passa por a escola... fazer com que o aluno se sinta bem no seu processo de aprendizagem. A escola tem de ser capaz de disponibilizar todos os recursos, dentro e fora da sala de aula, para que o aluno possa de facto educar-se.”

Existe ainda a convicção de que só haverá sucesso educativo se existir sucesso escolar, pois se aluno não permanecer na escolar durante o período obrigatório de escolaridade e não alcançar aproveitamento escolar, não conseguirá certamente o sucesso educativo.

Partilha desta opinião L. Silva (2002:89) quando afirma que,

“ (...) não pode haver verdadeiro sucesso educativo se também não existir sucesso escolar. Ou seja: se o aluno se não mantiver na escola durante todo o período destinado à aprendizagem, se não obtiver aprovação nas disciplinas curriculares, se não realizar o percurso previsto nos programas, não poderá satisfazer os objectivos últimos da escola (sucesso educativo). Por isso, teremos de dar atenção ao sucesso escolar, que desempenha um papel de relevo no mundo de hoje, mas não nos ficando por ele, colocando-o sempre ao serviço do sucesso educativo.”

Neste sentido, as opiniões convergem para uma associação ou interligação dos conceitos, sendo talvez possível deduzir que um melhor sucesso escolar, poderá implicar um melhor sucesso educativo. Existe neste sentido uma associação dos recursos disponibilizados pela escola aos alunos, com o objectivo da sua educação e preparação para a vida.

Apresentadas que estão em linhas gerais as definições e as opiniões de sucesso escolar e sucesso educativo, por parte de investigadores e autores, direccionamos a partir deste ponto, o nosso estudo para uma abordagem da importância da Biblioteca Escolar na promoção do sucesso educativo.

Mediante a nossa revisão da literatura encontramos referências ao actual sistema educativo português em que se privilegia a aprendizagem por competências. Um sistema educativo obtido por uma transmissão de valores através da escola. Uma escola que está fortemente empenhada na formação do aluno, não só nos conteúdos e matérias curriculares, mas também em dotá-lo de competências, regras

e comportamentos para a vida em sociedade. Uma aposta no desenvolvimento integrado de conhecimentos, competências e atitudes por todos os alunos.

Uma procura do constante sucesso educativo do aluno, onde se realça a importância da aquisição de competências para uma perfeita inclusão na vida activa como cidadãos, factos que podemos encontrar referenciados em L. Silva (2002:88) quando afirma que o sucesso educativo é,

“ (...) procurado por uma escola viva (...) que se empenha no sentido da formação integral do aluno, concorre para o sucesso humano, preocupa-se com uma efectiva valorização da pessoa dos alunos, aos mais diversos níveis, com o seu progresso e formação, com a procura dos valores humanos, com a aquisição de competências que lhes permitam uma boa integração na vida activa como cidadãos e futuros participantes e interventores na vida da comunidade.”

Nesta óptica, também P. Perrenoud (2003:33-39), salienta a importância da aquisição de competências na escola e a sua ligação na resolução de situações complexas da vida em comunidade, afirmando que,

“ (...) interessa desenvolver competências na escola, ou seja, ligar constantemente os saberes e a sua aplicação perante situações complexas. E isto é válido tanto dentro de cada disciplina como no cruzamento entre disciplinas. (...) Longe de voltar as costas aos saberes, a abordagem por competências dá-lhes uma nova força relacionando-os com práticas sociais, situações complexas, problemas, projectos.”

Todavia importa referir que a biblioteca escolar está sediada na escola. Se considerarmos a escola, como um conceito amplo de comunidade educativa, temos um espaço onde alunos, professores, funcionários e encarregados de educação colaboram. Um espaço onde têm lugar renovadas práticas promotoras de sucesso educativo nas vertentes da instrução, da educação e da formação.

Para a sua concretização a escola apoia-se na sua biblioteca escolar, escola e biblioteca são instrumentos complementares, não se excluem, complementam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem escola, ou

seja, sem a alternativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, sem promover o sucesso educativo será por seu lado, instrumento vago e incerto.

Nesta orientação, e referente ao papel da Biblioteca Escolar no desenvolvimento do currículo e da aprendizagem por competências em cooperação com a escola, E. Conde (2006: 42) destaca que,

“ (...) As Bibliotecas Escolares devem desempenhar uma função de apoio ao conjunto das acções a desenvolver, quer no contexto de projectos de natureza interdisciplinar e transdisciplinar, quer no das aprendizagens específicas no âmbito das várias disciplinas, devendo os seus recursos serem mobilizados em todos os tipos de experiências de aprendizagem proporcionadas aos alunos. “

Reconhece-se que a ligação entre a biblioteca escolar, a escola e o sucesso educativo é hoje um facto assumido por Organizações e Associações Internacionais que a definem como “the heart” ou “the hub” da escola, e por um conjunto de estudos a nível internacional que atestam a sua ligação à aprendizagem e ao sucesso educativo dos alunos.

Na opinião de L. Silva (2002:33) a,

“ (...) escola deve empenhar-se através do Sistema Educativo, não só na obtenção do sucesso escolar (a tradicional 'instrução'), mas acima de tudo na construção do sucesso educativo (a educação e a cultura).

A Biblioteca Escolar é sem dúvida uma fonte de disponibilização de informação à comunidade educativa nos mais diversos suportes, tanto em livros como em recursos inovadores com novas tecnologias e Internet, tornando-a acessível a todos, contribuindo dessa forma para um sucesso e enriquecimento do conhecimento pessoal. Para tal, emprega todos os seus recursos materiais e humanos.

Nesta linha de ideias, L. Silva (2002:206) profere a seguinte afirmação:

“As bibliotecas escolares são pois um espaço privilegiado para a construção do sucesso educativo, disponibilizando formação, educação, informação, ocupação dos tempos livres e cultura, sendo assim consideradas como “os verdadeiros centros do saber.”

Também J. Calixto (2007:21) realça a importância dos estudos efectuados que demonstram a importância das bibliotecas escolares no sucesso educativo dos alunos, quando disponibilizam eficazmente todos os seus recursos afirmando que a,

“Investigação conduzida em diferentes países tem estabelecido relações inequívocas entre a existência de bibliotecas escolares e centros de recursos devidamente equipados e geridos com o sucesso educativo dos alunos. Nestes estudos os recursos humanos emergem como fundamentais para a gestão dos equipamentos e a implementação de serviços e programas adequados, para uma gestão de colecções que vá ao encontro das necessidades das comunidades educativas, e para a liderança e promoção da literacia da informação, cada vez mais considerada um dos fins essenciais destes equipamentos e requisito para o sucesso educativo.”

De forma similar, é referido por A. Novo (2010:158) que os professores bibliotecários participantes na sua investigação manifestavam a sua opinião acerca do grau de importância de diversos factores, como o acesso à informação, a educação dos alunos, a gestão das colecções e o papel do professor bibliotecário, como tendo impacto positivo no sucesso escolar e educativo.

Explicita então a autora que,

“ (...) o factor relacionado com o acesso à informação em diversos formatos e de variadas formas, foi comentado pelos professores bibliotecários como tendo impacto “Importante” ou “Muito Importante” no sucesso escolar e educativo dos alunos. O conjunto de factores que incidiam no tempo de abertura da BE/CRE à comunidade, na instrução dos alunos na literacia da informação, na ligação com as instituições extra escolares, no acesso à Internet e na política de desenvolvimento de colecções, foram apreciados de forma diversa. Os factores referentes ao trabalho colaborativo entre professor bibliotecário e professores...mereceram o grau “máximo de importância”.

Para além de disponibilizar todo um conjunto de informação, é importante referir igualmente que quando utilizada pelos alunos desde os primeiros anos da escola, a biblioteca escolar procura promover a formação de leitores, utilizadores e frequentadores de bibliotecas. Contribui assim para elevar os seus níveis de literacia, tornando-os gradualmente mais autónomos e críticos da informação nos

diversos suportes e formatos, condição indispensável para a aprendizagem ao longo da vida. Cidadãos capazes de aceder e tratar a informação de forma autónoma e crítica.

Na nossa pesquisa no sitio da internet da RBE, encontrámos um documento produzido pelo G.R.B.E., intitulado “A Importância das Bibliotecas Escolares na passagem do “como” para o “porquê”, transformando a informação em conhecimento, que alude à importância da formação do leitor e domínio da leitura e da escrita, onde se pode ler que,

“ (...) a criança quando termina o 1º ciclo do ensino básico deve ter atingido níveis muito elevados de competência da leitura. É fundamental que ela esteja em condições de passar do estado de ledor para o estado de leitor. (...) Todo o processo de transformação da informação em conhecimento está dependente da capacidade de ler, interpretar, sintetizar. (...) Se não dominar a mecânica da leitura, se não lê habitualmente, terá mais dificuldade em dominar o texto escrito.”¹³

O verdadeiro sentido do trabalho de formação do leitor e promoção da leitura na biblioteca escolar, é permitir o salto qualitativo da capacidade de ler, garantindo uma educação de base, até ao acto de querer ler de forma livre e gratuita.

Considera ainda o mesmo documento que caso a aquisição desta competência não se efective, a criança corre alguns riscos quanto ao atingir do seu sucesso educativo e da sua formação ao longo da vida.

Relata assim o documento que, se a criança,

“ (...) ao longo da sua vida não teve um contacto intenso com a leitura, principalmente a leitura literária, o seu vocabulário é muito reduzido. A pobreza vocabular e a falta de um percurso de leitura impede-o de organizar objectivamente as suas ideias e de fazer a síntese, o que se traduz num empobrecimento do trabalho intelectual que inevitavelmente o exclui da sociedade de informação tecnológica.”¹⁴

¹³ Informação disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/180.html>

¹⁴ Informação disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/180.html>

Desta forma é convincente e indispensável o atingir de uma boa formação leitora, um bom contacto com os livros e a leitura, elementos imprescindíveis para a aquisição de conhecimentos e cultura. Elevar o nível de literacia, sendo capaz de compreender e usar a informação escrita contida em vários materiais impressos, de modo a desenvolver seus próprios conhecimentos.

Interessa por isso formar leitores competentes, e nesse sentido talvez se deva encarar a leitura como uma actividade que envolve toda a pessoa, o seu intelecto, as suas emoções e físico, não a devendo tornar um acto mecânico ou obrigatório. O gosto pelos livros e pela leitura deve ser um acto voluntário e de prazer, o que proporcionará aos alunos as mais diversificadas sensações.

Também a escrita é favorecida pela leitura frequente, e, claro, um leitor é caracterizado pelo seu vasto vocabulário e boa ortografia. Quando lemos, aprendemos vocabulário e conceitos, adquirimos capacidades de leitura e melhoria do nosso campo cultural.

Ler amplamente, desenvolvendo preferências e com respostas pessoais à leitura, será também um factor importante no sucesso escolar. Criar nos alunos o gosto pela leitura será potencialmente um dos mais poderosos meios de melhorar os padrões académicos da escola.

Nesta linha de pensamento, M. Sequeira (2000:58), refere que,

“ (...) as Bibliotecas surgem como um espaço de abordagens curriculares integradas sendo a sua dinamização consequência do reconhecimento e aceitação, por parte de toda a comunidade escolar, especialmente dos órgãos de gestão da escola, do valor da leitura na formação do jovem e no sucesso escolar e educativo de que as escolas são os principais intervenientes.”

Paralelamente a estes objectivos, talvez seja também fundamental que os professores se tornem, cada vez mais, frequentadores assíduos da BE, que motivem e contagiem os alunos para a leitura, como os incentivem a tornarem-se utilizadores e frequentadores da BE. É necessário que os professores se tornem leitores modelos para os seus alunos, já que "Difícilmente se pode espalhar o vírus da leitura de quem dele não padece".

Torna-se igualmente evidente que não basta apenas a BE disponibilizar todos os seus recursos e apoiar todo o processo educativo, é de extrema importância que tanto alunos como professores, façam uso desses recursos, quer para apoio às necessidades pedagógicas e curriculares, quer para as suas necessidades de lazer e enriquecimento cultural. Isto só será possível se a utilização e a frequência da BE se tornar um hábito para a comunidade educativa.

Um cenário para o qual crianças e jovens portugueses não contribuem como seria pretendido, mas que se espera ver alterado.

Este propósito é confirmado pelo estudo “Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI”, efectuado por Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada¹⁵ (1994:120), revelando que,

“ (...) a frequência das bibliotecas escolares parece não se ter tornado ainda um hábito para a maioria dos alunos, como seria desejável. No entanto, o panorama tem melhorado. As bibliotecas são frequentadas por um número significativo de alunos. “

Torna-se fundamental que os alunos frequentem a BE, isoladamente, em grupo ou acompanhados pelo professor, para leitura local ou domiciliária, consulta, pesquisa, investigação ou tratamento da própria informação. Que a utilizem como fonte de saber, de enriquecimento do seu conhecimento e valorização pessoal, reflectindo-se obviamente na melhoria do seu sucesso educativo.

Na linha daquilo que temos vindo a referir, a BE tem como objectivo desenvolver nos alunos competências e hábitos de leitura, de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, nomeadamente ao nível das capacidades de seleccionar, analisar, criticar e utilizar essa mesma informação. Apoiar igualmente o desenvolvimento do trabalho de pesquisa ou estudo, no capacitar para o uso eficiente da documentação e no produzir de sínteses informativas em suportes diversificados, quer em grupo ou individualmente.

Em relação à informação e aos meios em que hoje é disponibilizada, falamos obviamente dos meios informáticos, verificamos que se apresenta actualmente

¹⁵ Este estudo denominado "Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI", realizado em 1994, abrangeu 1055 escolas públicas e privadas do continente e regiões autónomas, com questionários dirigidos aos alunos do 4º, 6º e 9º anos de escolaridade e professores destes níveis de ensino.

como elemento essencial à formação educativa dos jovens, com reflexos positivos no desenvolvimento da sociedade, como é admitido pelos autores do Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal (1997:16), ao afirmarem que,

“As tecnologias da informação e da comunicação abrem novas perspectivas à sociedade do futuro. Já hoje a informação, uma vez produzida, circula instantaneamente, pode ser recebida, tratada, incorporada em esquemas lógicos, científicos, transformada por cada um de nós em conhecimento pessoal, em acréscimo de compreensão, de sabedoria, de auto-formação, em valor acrescentado para o mercado ou a sociedade, sempre na condição básica de conseguirmos permanecer numa atitude constante de “aprendizagem”.

Todavia a informação emerge de variadíssimas fontes, sendo o seu acesso também diversificado, mas também é certo que as bibliotecas escolares ocupam um lugar privilegiado na prestação dessa acessibilidade, como na aquisição do conhecimento.

Esta ideia é reforçada por E. Araújo (1993:89) ao afirmar que,

“ (...) As Bibliotecas Escolares não são, unicamente, um meio de aceder à informação: para o estudante, elas constituem portas que se abrem sobre um novo mundo de ideias que lhe permitirão não só ampliar os seus conhecimentos mas também aplicá-los, confrontando pontos de vista e desenvolvendo o sentido crítico”.

Temos então as bibliotecas escolares como um recurso do nosso sistema educativo, um recurso importante na promoção do sucesso educativo e na formação dos jovens de hoje, homens do amanhã.

Nesta perspectiva afirma L. Silva (2002:206) que as bibliotecas escolares são consideradas *“os verdadeiros centros de saber”*, pois são elas que dedicam um espaço privilegiado para a construção do sucesso educativo, quando oferecem informação, educação, formação e todo o apoio ao currículo e ocupação dos tempos livres e cultura.

Ampliando a nossa pesquisa na área das bibliotecas escolares, verifica-se que a literatura internacional, evidencia, de forma clara, o impacto das bibliotecas na aprendizagem e no sucesso educativo dos alunos em regiões e em contextos diversos. É o que revelam os estudos realizados no Canadá, Reino Unido, Austrália e em distintos estados da América, países onde sabemos, as bibliotecas têm um percurso mais estável e consolidado.

Também a American Association of School Libraries leva a cabo um inquérito anual, a nível nacional, “School Libraries Count!”¹⁶, tendo como objectivo principal, recolher informação sobre o estado das bibliotecas escolares e das mudanças ocorridas.

Constata-se que existe um reconhecimento em todos estes estudos, de que a biblioteca escolar se apresenta como um espaço equipado com um conjunto expressivo de recursos e equipamentos, onde imperam as condições externas, físicas e a qualidade da colecção. Encarada como espaço formativo e de aprendizagem, intimamente relacionado com a escola e com o processo de ensino-aprendizagem, fomentando o sucesso educativo, à qual se exige um padrão de qualidade e eficiência. Para estes estudos a Literacia da Informação tem igualmente um papel muito importante na obtenção desse sucesso.

Factores chave determinantes para a construção de uma biblioteca de qualidade que promove o sucesso educativo, são também identificados nestes estudos, nomeadamente a sua integração no projecto educativo, o desenvolvimento de competências de leitura e literacia, e a sua cooperação com a comunidade educativa ao nível da educação e aprendizagem. Segundo a ALA - American Library Association (2007:15), consideram-se fundamentais as seguintes condições:

- “- Integração na escola e no processo de ensino/ aprendizagem*
- Integração institucional e programática, de acordo com os objectivos educacionais e programáticos da escola;*
- Desenvolvimento de competências de leitura e de um programa de Literacia da Informação, integrado no desenvolvimento curricular;*
- Articulação com departamentos, professores e alunos na planificação e desenvolvimento de actividades educativas e de aprendizagem.”*

¹⁶ Informação disponível em <http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/index.cfm>

Evidenciam também estes estudos a necessidade da BE dispor de um bibliotecário especializado e do livre acesso ao fundo documental. Classificam estes factores como primordiais para os seus frequentadores e utilizadores, comprovando que os auxiliam a alcançar um melhor sucesso escolar e consequente sucesso educativo.

Uma ideia reforçada por J. Calixto (2007:62-63) ao referir que,

“Numerosos estudos internacionais mostram que bibliotecas escolares com programas de qualidade são um poderoso indicador de sucesso escolar. Um programa de qualidade é definido como contendo um bibliotecário escolar com formação específica e livre acesso ao acervo que é composto por recursos em múltiplos formatos. Os estudantes que frequentam escolas cujas bibliotecas têm estas características, obtêm pontuação mais elevada em testes estandardizados, lêem melhor, e têm mais sucesso em todas as disciplinas, independentemente da origem socioeconómica e dos níveis de educação dos pais”.

Importa salientar, que actualmente investigadores e profissionais de todo o mundo dedicam grande importância à reflexão sobre a formação/preparação, competências e papel do professor bibliotecário enquanto coordenador e dinamizador da BE.

Depois de todo este conjunto de descrições sobre a importância da Biblioteca Escolar no sucesso educativo dos alunos, talvez seja oportuno reflectir um pouco sobre a BE.

Acontece que, reflectir sobre a biblioteca escolar não é nem mais nem menos que reflectir sobre o processo educativo, sobre a prática educativa de cada dia.

É um facto que BE tem vindo progressivamente a ganhar relativa importância no sistema educativo, assumindo-se também como um elemento chave da própria escola, em que as suas actividades deverão estar permanentemente inseridas na vida pedagógica da organização escolar, em interacção com o currículo e abertas à comunidade local. Isto talvez, porque a biblioteca escolar é um elemento e provavelmente o mais destacado dessa instituição a quem a sociedade encomendou a preparação de futuros cidadãos das gerações que nos vão suceder.

Reconhece-se por outro lado, que a importância da Biblioteca Escolar no sucesso educativo é uma realidade ainda não muito compreendida por alguns elementos da comunidade escolar, por isso se torna imperioso colocar a BE no centro de todas as estratégias educativas. É preciso olhar a BE como um recurso dotado de estrutura e equipamentos susceptíveis de variação de práticas de aprendizagem que possibilitem a produção de situações diversificadas e ambientes impulsionadores da autonomia e da construção do conhecimento.

Pode-se talvez ainda dizer, que a biblioteca escolar atende às necessidades de todos os utilizadores. Dos alunos que são a razão de ser do sistema educativo e portanto os primeiros destinatários de todos esses recursos e serviços. Mas também dos professores, já que lhes proporciona directa e indirectamente, os meios tanto para levar a cabo a sua tarefa de docente, como de formação diária e trabalhos de investigação.

Para terminar, poderíamos talvez ainda dizer que a biblioteca escolar poderá influenciar de forma positiva o desempenho dos alunos particularmente na angariação de um melhor sucesso escolar/educativo, devendo para isso ser encarada como local de aprendizagem, um agente dinâmico e cooperativo, e não simplesmente como espaço de informação. Deve assim, ser frequentada e utilizada essencialmente no decurso de toda a formação escolar, cívica e educativa dos alunos.

Capítulo III – Rede de Bibliotecas Escolares – RBE

3.1- Introdução

O aparecimento de uma Rede de Bibliotecas Escolares é um facto que tem vindo a revolucionar toda uma estrutura existente de bibliotecas escolares, que devido a um conjunto de factores, sobretudo de dependência da instituição onde estavam sediadas, carecendo de apoios no que concerne ao apoio documental, recursos humanos e instalações, lutavam constantemente por manter-se vivas e activas para o cumprimento da sua missão.

Este panorama, muda realmente de figurino quando se pretende implementar uma Rede de Bibliotecas Escolares, tendo como seu objectivo principal o de apoiar em todos os sentidos as bibliotecas escolares existentes e a instalação faseada por todo o país de novas bibliotecas.

É nosso propósito neste capítulo, sintetizar toda esta revolução faseada que se operou a nível nacional e todo o impacto gerado no desenvolvimento das bibliotecas escolares. Isto é, expor toda a importância que a implementação de uma Rede de Bibliotecas Escolares, veio originar no desenvolvimento das Bibliotecas Escolares, ao imprimir-lhes uma nova dinâmica, a nível de actividades, espaços e recursos materiais e humanos.

Sobre esta temática encontramos no sítio da Internet do Ministério da Educação relativo à Rede de Bibliotecas Escolares, todo um conjunto de informação que pensamos ser de extrema importância no apoio a uma dinamização e gestão eficiente das bibliotecas escolares, como também uma fonte informacional válida e completa sobre as bibliotecas escolares portuguesas.

3.2- Implementação e evolução da RBE

O aparecimento da Rede de Bibliotecas Escolares tem como base para a sua criação, um conjunto de estudos originados pela preocupação constante com os níveis de literacia existentes na população portuguesa.

A este propósito, Inês Sim-Sim e Glória Ramalho, desenvolveram em 1993 um estudo denominado, *“Como lêem as nossas crianças – caracterização do nível de literacia da população escolar portuguesa.”*

Também Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, realizaram em 1994 um estudo acerca dos hábitos de leitura dos jovens portugueses, denominado, *“Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI.”*

Estes estudos contribuíram substancialmente para o despertar das autoridades governamentais para a necessidade de colocar o livro na metodologia de ensino e que para isso as bibliotecas escolares seriam o melhor caminho.

Assim, em Dezembro de 1995, o Despacho Conjunto N.º. 43/ME/MC/95 veio criar um grupo de trabalho, constituído por dois representantes do Ministério da Cultura e dois representantes do Ministério da Educação, com o objectivo de elaborar um estudo relativo a esta matéria, como vem explícito nesse mesmo diploma,

“ (...) analisar e propor medidas tendentes a incentivar a utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar, e o desenvolvimento de bibliotecas escolares, integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública mais ampla que apoie e amplifique a acção da escola e que se mantenha ao longo da vida.”

Mas seria o Despacho Conjunto N.º. 5/ME/MC/96, de 09 de Janeiro que viria a designar os elementos que integrariam o referido grupo de trabalho. Do relatório elaborado por este grupo de trabalho denominado “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (I. Veiga et tal., 1997), resultaram diversas conclusões, às quais fizemos referência no ponto 2.2 desta dissertação. São de facto as propostas referidas neste relatório que levam à decisão pelos Ministros da Educação e da Cultura, de implementação e início do *“lançamento faseado de um programa de instalação de uma rede de bibliotecas escolares.”*

Isabel Alçada através do seu artigo editado na Revista *Noesis* em 1996, vem de alguma forma caracterizar e denominar o que seriam “As novas Bibliotecas Escolares” e que sintetizariam os princípios do Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, que devido à sua relevância, julgamos pertinente citar. Assim, I. Alçada (1996:18) refere que,

“O Programa Rede de Bibliotecas Escolares (...) destina-se a criar progressivamente em todas as escolas portuguesas bibliotecas actualizadas que constituam centros de recursos de informação multimédia, estimulantes do trabalho pedagógico, de investigação e muito particularmente, do desenvolvimento de hábitos de leitura e do prazer de ler entre a população mais jovem.”

Os objectivos das bibliotecas criadas por este programa orientam-se no sentido de criar competências de informação nos alunos das escolas abrangidas e disponibilizar documentação nos vários suportes em regime de livre acesso.

São estas referências que encontramos em I. Alçada (1996:18) segundo a qual,

“As novas bibliotecas deverão permitir que as escolas assumam o objectivo de criar nos alunos competências de informação, num mundo em que o conhecimento científico e tecnológico se produz a um ritmo acelerado e em que se torna indispensável formar cidadãos capazes de assumir a mudança e empenhados no desenvolvimento cultural do país. (...) as bibliotecas são concebidas como centros de recursos multimédia de livre acesso, que englobem um conjunto significativo de livros, programas informáticos, periódicos, registos vídeo e áudio, diapositivos, CD-Rom, etc., dispondo de espaços e equipamentos onde são recolhidos e disponibilizados todos os tipos de documentos.

Salienta ainda a autora, a importância da sua gestão e integração no projecto educativo, em que,

“A sua gestão deverá estar a cargo de uma equipa de docentes e técnicos com formação adequada, que coordenará e assegurará as actividades. A biblioteca deve constituir-se como um núcleo de organização pedagógica da escola, integrando as suas actividades no projecto educativo.” (I. Alçada 1996:18).

Todavia, para que as Bibliotecas Escolares integradas no Programa RBE possam cumprir os objectivos a que se propõem, alguns requisitos terão que ser satisfeitos, mas sempre desenvolvidos e apoiados pelo Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares de forma faseada.

Inicia-se pela fase de instalação, seguida da organização e finalmente pelo apoio ao desenvolvimento de projectos com apropriação dos recursos humanos existentes, centrados no uso da informação e no conhecimento.

O projecto de instalação e desenvolvimento das bibliotecas escolares articula-se através de uma parceria entre as Escolas /Agrupamentos, a Câmara Municipal e o Ministério da Educação, através do Gabinete RBE.

A instalação compreende a disponibilização e afectação de um espaço para a instalação da Biblioteca Escolar, que reúna condições que atestem o seu funcionamento e que cumpram conjuntamente as normas definidas pela IFLA/UNESCO e as orientações definidas no Relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”. Falamos em termos de área, de apetrechamento e de infra-estruturas que possam garantir a qualidade funcional, arquitectónica e ambiental do espaço destinado à BE.

Refere o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares no seu documento intitulado “A Biblioteca Escolar na escola do 1º Ciclo – Instalação e Funcionamento”, a necessidade de um espaço próprio para a BE, num local privilegiado e com boas condições de acolhimento, conforme se descreve,

” (...) o espaço destinado à biblioteca fica afecto em definitivo ao seu funcionamento. A sua localização deve ser central a toda a escola e de preferência em piso térreo. Deve ainda dispor de condições de iluminação, aquecimento e climatização que favoreçam o seu uso.”¹⁷

O espaço é constituído por diversas zonas funcionais, que se distinguem pela natureza das actividades que se realizam em cada uma delas, com mobiliário e equipamento adequados. Também os recursos materiais deverão estar dispostos nos diversos suportes, de acordo com a temática de cada zona, mas com interligação às restantes.

Neste sentido realça M. Brás (2000:11) que,

“ (...) a organização de cada uma destas zonas deve contribuir para a unidade do conjunto e o relacionamento entre elas, de modo a que um mesmo tema

¹⁷ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4>

possa, por exemplo, ser pesquisado, tratado e apresentado em diversos suportes - escrito, áudio, vídeo e informático.”

O espaço da BE deve comportar as seguintes zonas:

- *Recepção/acolhimento;*
- *Leitura informal e de periódicos;*
- *Leitura de material impresso;*
- *Leitura vídeo/DVD e multimédia.*

Sugere-se que a BE seja um espaço acolhedor, apelativo e motivante à sua frequência e utilização por toda a comunidade educativa, de acesso fácil e extensível à colaboração com outras bibliotecas, como salienta M. Brás (2000:9) ao dizer que a biblioteca escolar,

“ (...) deve ser um local atractivo, agradável e confortável. A facilidade de acesso do exterior, quando possível, revela-se de particular utilidade na cooperação com outras escolas da zona e ainda, na participação, entre outros, dos pais dos alunos.”

A este propósito também A. Magalhães et. al. (1998:7), destaca que,

“ (...) para atrair frequentadores, é evidente que o espaço destinado à biblioteca da escola deve ser amplo, arejado, luminoso e situar-se num local de passagem. “

A organização da BE, compreende todo o processo de apetrechamento do espaço com mobiliário, equipamento e fundo documental adequado aos interesses e necessidades da comunidade escolar, determinando as dimensões da área a ocupar pela BE

Segundo M. Brás (2000:13),

“ (...) para o dimensionamento destes espaços, consideram-se vários factores que determinam a área a ter em conta em cada escola.

É importante dispor o fundo documental de acordo com as normas de organização das Bibliotecas Escolares, proporcionando o acesso tão alargado quanto possível

dos recursos de informação às escolas e alunos dos diferentes graus de ensino. Ter em conta a dinâmica da própria escola e a previsão do desenvolvimento do fundo documental. Assegurar os meios necessários à informatização dos catálogos das bibliotecas escolares, à rotação de fundos documentais e à renovação periódica das colecções.

Nesta perspectiva E. Conde (2006: 87), afirma que o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares procura realizar uma mudança nas actuais BEs, dotando-as de recursos adequados para um fácil acesso à informação. Afirma assim, que o GRBE,

“ (...) tem vindo a privilegiar a intervenção na área nuclear das bibliotecas e, dentro desta, nos equipamentos e materiais que mais podem contribuir para a transformação das tradicionais bibliotecas escolares em centros de recursos facilitadores da utilização integrada e em livre acesso dos diferentes tipos de documentos. “

O apoio aos projectos assenta num sistema de cooperação e parcerias em diversos domínios, não só ao nível da gestão do fundo bibliográfico, mas também da difusão da informação e actividades de promoção da leitura e práticas pedagógicas, como é referido no sítio da internet da RBE que os projectos assentam,

“ (...) na organização e difusão da informação; desenvolvimento de sistemas para gestão de um serviço de biblioteca no agrupamento; partilha de catálogos automatizados; desenvolvimento das literacias – formação do utilizador, organização conjunta de programas e acções de promoção da leitura e práticas pedagógicas inovadoras centradas numa utilização transversal da biblioteca.”¹⁸

Todo este apoio, e tal como a própria designação indica, o Programa Rede de Bibliotecas Escolares, tem como um dos objectivos desde o seu início a criação de novas bibliotecas escolares e desenvolvimento das existentes, dispondo e organizando-as segundo uma rede de cooperação mútua.

Um facto que nos relata E. Conde (2006:87) ao dizer que,

“ À medida que o número de escolas apoiadas em cada concelho vai aumentando e que se vão reforçando as ligações entre si, vão-se estruturando,

¹⁸ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/30.html>

segundo um princípio de integração das bibliotecas escolares numa rede local de equipamentos do mesmo tipo, redes concelhias de bibliotecas escolares, as quais assumem uma importância estratégica no desenvolvimento da RBE. “

A instituição de uma rede articulada entre bibliotecas escolares procura assim permitir o funcionamento cooperativo entre as existentes da mesma área geográfica e de diferentes níveis de escolaridade. Uma cooperação que permitirá racionalizar custos e fomentar o alargamento e o intercâmbio de recursos, assim como, a realização de iniciativas conjuntas de divulgação, animação e formação e, ainda, a abertura à comunidade.

Neste sentido I. Veiga et al., (1997:11), afirma também que,

“ (...) a ideia de rede ganha um peso cada vez maior nos sistemas de informação. Deste ponto de vista, idealmente, cada biblioteca deve ser considerada como um ponto de acesso ao sistema, pelo que os recursos de informação disponíveis deverão, em princípio, estar disponíveis para todos os outros pontos de acesso. “

Entretanto ocorreram múltiplas alterações no sistema educativo português que originaram algum impacto na organização da Escola e por consequência algumas repercussões na Biblioteca Escolar. Perante este facto a Rede de Bibliotecas Escolares procurou estar sempre atenta a essas mudanças, tentando conjugá-las com os seus objectivos específicos para as BEs.

Os princípios e as linhas orientadoras do programa Rede de Bibliotecas Escolares têm de facto resistido a estas mudanças, tendo alterado significativamente o panorama das BEs, como se constata na informação disponibilizada no sítio da Internet, onde se pode ler que,

“O Programa Rede de Bibliotecas Escolares tem por finalidade apoiar a criação e/ou desenvolvimento de bibliotecas escolares nas escolas públicas dos diferentes níveis de ensino (...) Nos últimos dez anos as bibliotecas escolares em Portugal mudaram significativamente e muitas foram as vontades que se reuniram num esforço comum para tornar possível esta mudança. ”¹⁹

¹⁹ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt>

Até 2008 o G.R.B.E., e decorridos cerca de 12 anos sobre o lançamento da RBE, tinha já apoiado cerca de 1850 bibliotecas escolares, seleccionadas através do lançamento anual ou plurianual de candidaturas, prevendo durante o ano de 2008, a integração das cento e trinta escolas dos segundos e terceiros ciclos do ensino básico e escolas básicas integradas.

Segundo dados recolhidos no sítio da internet da Rede de Bibliotecas Escolares, actualizados à data de 27/05/2009, encontram-se integradas no Programa RBE, cerca de 2077 escolas dos vários níveis de ensino, conforme consta no quadro que elaborámos e que a seguir se apresenta:

Quadro 1 – Escolas integradas no Programa RBE, por níveis de ensino, desde 1997 até 2008

Ano	Nível de Ensino											%
	1º Ciclo	%	2º e 3º Ciclos	%	Secundário	%	EB Integradas	%	Profissionais	%	Total	
1997	46	28,05%	68	41,46%	43	26,22%	7	4,27%	0	0,00%	164	7,90%
1998	75	45,73%	48	29,27%	38	23,17%	3	1,83%	0	0,00%	164	7,90%
1999	89	42,79%	55	26,44%	55	26,44%	9	4,33%	0	0,00%	208	10,01%
2000	71	33,97%	77	36,84%	47	22,49%	14	6,70%	0	0,00%	209	10,06%
2001	56	51,85%	28	25,93%	18	16,67%	6	5,56%	0	0,00%	108	5,20%
2002	78	38,05%	80	39,02%	37	18,05%	10	4,88%	0	0,00%	205	9,87%
2003	107	46,32%	75	32,47%	41	17,75%	8	3,46%	0	0,00%	231	11,12%
2004	73	50,34%	47	32,41%	21	14,48%	4	2,76%	0	0,00%	145	6,98%
2005	137	63,72%	36	16,74%	36	16,74%	6	2,79%	0	0,00%	215	10,35%
2006	73	64,60%	28	24,78%	9	7,96%	3	2,65%	0	0,00%	113	5,44%
2007	45	35,71%	45	35,71%	19	15,08%	14	11,11%	3	2,38%	126	6,07%
2008	68	35,98%	106	56,08%	3	1,59%	11	5,82%	1	0,53%	189	9,10%
Total	918	44,20%	693	33,37%	367	17,67%	95	4,57%	4	0,19%	2077	100,00%

Fonte: Adaptado da RBE, Disponível em URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/44.html>

Pelos dados constantes no quadro, é possível verificar que num período de 11 anos desde a implementação da RBE, se regista uma evolução significativa do número de escolas que integram a rede. Uma adesão ao programa que se realiza através das candidaturas das suas bibliotecas escolares, recebendo assim, apoio ao nível do apetrechamento (mobiliário e equipamentos), recursos e desenvolvimento de actividades.

Pela análise do quadro, verifica-se um significativo aumento de adesões ao programa, nos anos de 2003 e 2005, talvez devido a uma maior oferta de recursos financeiros disponibilizados pela RBE.

Pelos números apresentados, julgamos estar a assistir a uma evolução expressiva da RBE e perante uma cobertura muito abrangente de escolas dos diferentes níveis de ensino existentes no país com bibliotecas escolares.

3.3- O programa da RBE

O Programa Rede de Bibliotecas Escolares, tem por objectivo a instalação de bibliotecas escolares em escolas de todos os níveis de ensino, entendidas como centros multimédia, disponibilizando aos utilizadores os recursos necessários à leitura, ao acesso, utilização e produção da informação, desempenhando um papel central na aquisição e desenvolvimento de competências de informação e saber, bem como na formação de leitores.

Este programa, iniciado no ano lectivo de 1996/97, surgiu na sequência da publicação do relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* que define as bases e os princípios gerais para a constituição e funcionamento das Bibliotecas Escolares.²⁰

A sua acção desenvolve-se segundo a construção faseada de uma rede de bibliotecas escolares, instalando principalmente novas bibliotecas escolares nas escolas que deverão apresentar as respectivas candidaturas ao referido programa.

Várias tipologias de candidaturas têm sido lançadas pela RBE, desde 1997 até ao presente, procurando adaptar-se às novas exigências e necessidades educativas. São tipologias que abrangem consoante as situações, a instalação de novas bibliotecas escolares, o desenvolvimento e qualificação das existentes.

Duas modalidades de intervenção revestem estas candidaturas – Candidatura Concelhia e Candidatura Nacional, que decorreram entre os anos de 1997 e 2005.

²⁰ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/89>

Especificamente realizaram-se Candidaturas Concelhias nos anos de 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003 e 2005, e Candidaturas Nacionais nos anos de 1997; 1998, 1999, 2000, 2002, 2003 e 2005.²¹

A Candidatura Concelhia destinava-se a apoiar escolas pertencentes a concelhos previamente escolhidos mediante critérios técnicos predefinidos e de acordo com uma política de criação faseada de infra-estruturas.

A Candidatura Nacional dirige-se às escolas dos vários níveis de ensino que estando fora das áreas geográficas abrangidas pelas candidaturas concelhias, desenvolvem experiências significativas em matéria de organização, gestão e dinamização de BEs/CREs e que importa reconhecer, premiar e estimular.

A partir de 2005 foi lançada a modalidade de candidatura única, designada Candidatura RBE, em substituição das anteriores e uma nova candidatura, designada Candidatura de Mérito.

Saliente-se que a candidatura RBE se dirige ao universo das escolas, independentemente de se situarem ou não em concelhos com acordos de cooperação com o Ministério da Educação.

A Candidatura de Mérito visa seleccionar e apoiar as escolas cujas bibliotecas apresentem experiências mais consistentes e divulguem as boas práticas daí resultantes. Bibliotecas que se encontram já na fase da qualificação e a explorar todos os seus recursos, conforme se descreve na página da internet da RBE.

Esta Candidatura de Mérito destina-se a escolas da Rede cujo,

“ (...) nível de trabalho realizado ultrapassou a fase de instalação e de organização, estando em desenvolvimento projectos que evidenciam já uma apropriação dos recursos disponíveis de biblioteca pela comunidade educativa, favorecendo práticas cada vez mais centradas no uso da informação e no conhecimento.”²²

Em 2007, o G.R.B.E. lançou três Candidaturas. Uma 1ª destinada a Escolas do Ensino Secundário, EB2.3 e EBI. A 2ª destinada a Escolas Profissionais Públicas

²¹ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/candidaturas/index.htm>.

²² Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/17.html>

não integradas no Programa RBE, em moldes semelhantes aos das candidaturas anteriores. Uma 3ª destinada especificamente às escolas do 1º ciclo do Ensino Básico. Esta candidatura, apresenta novidades em relação às anteriores, especialmente, porque se trata de uma candidatura que deverá ser apresentada conjuntamente pelo Agrupamento e pela respectiva Autarquia.

Segundo informação disponível no sitio da Internet da RBE, e conforme documentação enviada pelo G.R.B.E. aos Presidentes das Câmaras dos concelhos seleccionados para esta candidatura, salienta-se a importância que os Municípios e as suas Bibliotecas Municipais desempenham na construção de uma rede concelhia de bibliotecas escolares, onde se pode ler que,

“ (...) O envolvimento da autarquia em todo o processo, nomeadamente, através da Biblioteca Pública Municipal, tem-se revelado uma parceria essencial para otimizar a criação e consolidação de uma rede concelhia de bibliotecas escolares. Considerando as alterações em curso na rede escolar nacional e o alargamento das competências dos Municípios no domínio da educação, particularmente no 1º ciclo, entendemos fundamental reforçar, desde o início, o envolvimento da autarquia no processo de planeamento e instalação das bibliotecas escolares do concelho.”²³

Em 2010, altura em que estamos a ultimar o presente trabalho, o G.R.B.E. lançou até início de Fevereiro, a Candidatura RBE 2010, tendo como objectivo apoiar e integrar novas escolas, agrupamentos e outras instituições de ensino nomeadamente:

- *Estabelecimentos de ensino da rede pública* – Escolas Básicas do 1º Ciclo, Centros Escolares com ou sem Jardim-de-Infância, Escolas Básicas Integradas, Escolas Básicas dos 2º e 3º ciclos, Escolas Secundárias e Escolas Profissionais da rede pública;
- *Escolas com contrato de associação com o Ministério da Educação;*
- *Instituições Privadas de Solidariedade Social;*
- *Ideias com Mérito* – candidatura destinada às escolas/agrupamentos da rede pública, já integradas no Programa RBE, que desenvolvam projectos de

²³ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/candidaturas/index.htm>.

biblioteca, evidenciando práticas inovadoras, centradas no uso da informação e do conhecimento.²⁴

No que se refere ao apoio concedido pelo Programa RBE, ao nível das escolas do 1º Ciclo, as verbas atribuídas destinam-se à aquisição de equipamento/mobiliário e de fundo documental, cabendo às autarquias locais efectuar as obras de intervenção para adaptação do espaço.

Nas escolas EBI, EB 2.3, EB 2.3/S e Secundárias, as verbas atribuídas pelo Programa RBE destinam-se essencialmente à aquisição de equipamento/mobiliário e de fundo documental, sendo as obras maioritariamente apoiadas e executadas pela Direcção Regional de Educação respectiva.

Os responsáveis pela sua gestão, são as equipas das Bibliotecas Escolares. Uma gestão que passa por um levantamento contínuo e rigoroso das principais necessidades da biblioteca escolar, no que se refere principalmente à manutenção e renovação do seu fundo documental.

3.4- A RBE e o PNL no desenvolvimento das Bibliotecas Escolares

Como temos referenciado, é com base no documento produzido pelo grupo de trabalho, denominado “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (Veiga et al, 1996), que se aponta para a criação de bibliotecas escolares actualizadas e funcionais. Nele se reporta a necessidade de ter bibliotecas organizadas e de acordo com as normas publicadas por organizações internacionais, nomeadamente a UNESCO.

Um modelo de biblioteca escolar adequado às novas realidades educativas e às necessidades constantes de informação dos utilizadores. É ainda proposto a constituição de uma Rede de Bibliotecas Escolares – RBE, compreendendo o sistema de ensino público nomeadamente o ensino básico e secundário.

Uma Rede orientada por uma tipologia sustentada em cinco parâmetros fundamentais:

- Recursos humanos e formação;

²⁴ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/681.html>

- *Recursos físicos;*
- *Funcionamento e animação;*
- *Gestão e apoio da RBE;*
- *SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares.*

A constituição desta Rede de Bibliotecas Escolares tem o seu apoio no Programa da RBE, já referenciado, que propõe às escolas a aderência à sua candidatura, tendo como objectivo a criação e renovação de bibliotecas escolares.

Este programa pretende ainda desenvolver nos alunos competências no domínio da selecção, tratamento, produção e difusão da informação, que constituem um dos objectivos de toda a aprendizagem. Para isso é preciso desenvolver as Bibliotecas Escolares, dotando-as de espaços, equipamentos e gestão de recursos humanos adequados às suas funções e critérios técnicos e pedagógicos. Organizá-las numa rede que permita um intercâmbio de conhecimentos e uma cooperação ao nível técnico, bem como na dinamização de actividades relacionadas com o objecto livro.

Neste sentido, relata o GRBE no documento de trabalho “A Biblioteca Escolar na escola do 1º Ciclo – Instalação e Funcionamento” a importância da RBE no desenvolvimento de competências dos alunos e seu sucesso escolar, dizendo que,

“A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo. A criação de uma rede de bibliotecas a nível concelhio facultará aos públicos escolares dos diferentes níveis um conjunto de recursos e de equipamentos que enriquecerá e melhorará o trabalho escolar e o percurso educativo dos alunos.”²⁵

É evidente que as bibliotecas escolares sofreram uma enorme mudança a diferentes níveis, muito em parte devido ao Programa RBE, que desde a sua implementação vem equipando um número significativo de bibliotecas escolares, dotando-as de infra-estruturas tecnológicas, recursos materiais e humanos, com o objectivo de satisfazer as necessidades de informação da comunidade educativa.

Tem sido também seu objectivo converter as BEs num espaço agradável e acolhedor onde os alunos possam aprender a aprender, como desenvolver e apreender capacidades de informação ao longo da sua vida.

²⁵ Informação disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4>

Refere a este respeito R. Canário (1994:28) que,

“A biblioteca escolar é hoje uma peça fulcral nos tempos de mudança da Escola, do Ensino e da Sociedade”.

Como já descrevemos, os recursos humanos e a sua formação, são factores importantes para o garante do pleno funcionamento e desenvolvimento das bibliotecas escolares. Para isso devem estar dotadas de um quadro de recursos humanos qualificados capazes de responder às suas diversas exigências.

Neste âmbito, E. Conde (2006:88) admite que,

“ (...) os recursos humanos constituem um dos aspectos mais importantes para o sucesso e desenvolvimento sustentado do Programa RBE e das bibliotecas, em geral (...) A formação destes docentes, bem como de auxiliares de acção educativa, na área das bibliotecas vem sendo realizada no quadro da lei geral relativa à formação de professores e outros agentes da educação, sendo promovida por diferentes entidades (...).”

Relativamente aos recursos de informação, estes são designados como contributos essenciais para o processo de aprendizagem, desenvolvimento cultural, científico e ainda para consolidar o prazer de ler. Desta forma talvez as BEs da Rede devam oferecer esses recursos nos mais variados suportes. Assim, livros, revistas e jornais, documentos audiovisuais, informação em formato digital, bem como o acesso a bases de dados em linha e à Internet, devam ser considerados como fundamentais.

A motivação para a procura de informação de forma autónoma e a sua utilização nos diversos tipos de trabalho, sobretudo na leitura lúdica, na leitura presencial, na leitura de apoio às actividades curriculares e na animação da leitura, é considerado um ponto importante para despertar e consolidar nos alunos o prazer de ler.

Neste domínio a UNESCO e a IFLA identificam objectivos para a BE e que por sua vez a RBE vai desenvolvendo, designadamente no apoio e promoção dos objectivos da escola, na criação nos alunos do hábito e o prazer da leitura, da utilização das bibliotecas ao longo da vida e no apoio à aprendizagem dos alunos.

O desenvolvimento destas e outras actividades no âmbito da promoção da leitura e dinamização das bibliotecas, são levadas a cabo através de iniciativas e programas

no quadro do PNL – Plano Nacional de Leitura, que se associa ao Programa da RBE.

O PNL é uma iniciativa do Governo que pretende constituir uma resposta institucional face à preocupação dos níveis de iliteracia da população geral e particularmente entre os jovens que terminam o ensino obrigatório. Tem como objectivos principais o desenvolvimento de competências de leitura e escrita, na promoção de hábitos de leitura e da literacia da informação dos alunos.

Conforme informação disponível no PNL (2007:1) explicita-se que,

“O Plano Nacional de Leitura é uma iniciativa do Governo da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares. (...) Concretiza-se num conjunto de medidas destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar.”

De acordo com a revisão da literatura efectuada e relativa aos hábitos de leitura, verifica-se que os mesmos se desencadeiam geralmente quando a criança inicia a sua actividade escolar. Contudo, vários autores são da opinião que o contacto com os livros se deve processar desde a mais tenra idade. Verificámos ainda que a leitura, os livros e a biblioteca, desde que correctamente utilizados, geram competências ao nível da reflexão, da interiorização de valores e da percepção humanista do mundo.

Nesta perspectiva, é através das Bibliotecas Escolares, pela dinamização dos livros e da leitura que essas competências se consolidarão, sendo essenciais para uma construção do sucesso educativo.

Estamos convictos que a leitura poderá corresponder às diversas necessidades de cada um, à ocupação de tempos livres, de informação e desenvolvimento de saberes (conhecimento) formação (cultural e de realização do ser humano). Interessa assim saber o que se lê, para que se lê, e bem o que não se lê. Uma leitura que não se limite apenas ao apoio curricular, mas que o ultrapasse e proporcione apoio na aquisição de outros saberes ao aluno.

A este respeito, M. Sequeira (2000:46) chama à atenção para a importância da leitura e do prazer de ler em transvazar o ambiente escolar, quando afirma que,

“ (...) A leitura não pode circunscrever-se às actividades implementadas na aula de Português, sob pena de ser posta de lado a ideia de que a leitura assume um carácter transversal que é fundamental para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, de repercussões que ultrapassam o domínio e a dimensão dos saberes e "competências" escolares.”

Para além da promoção dos hábitos de leitura, conforme referimos, o PNL propõe-se também elevar os níveis de literacia dos alunos, factor importante para a sua formação educativa. O termo literacia refere-se de uma forma geral às competências do indivíduo numa dada área. Sobre a temática da literacia, várias são as opiniões que os mais diversos autores têm apresentado sobre este conceito muito actual.

Assim, por literacia I. Sim-Sim (1993:62), entende ser,

“ (...) a capacidade de compreender e usar todas as formas e tipos de material escrito requeridos pela sociedade e usados pelos indivíduos que a integram.”

Partilham da mesma opinião de I. Sim-Sim, os autores Faria e Pericão (1999, apud. E. Conde, 2006:104) considerando que o termo literacia,

“ (...) exprime um conceito fundamental de leitura, que inclui a mestria da compreensão e uso de todas as formas e tipos de material escrito que são requeridas pela sociedade e usadas pelo indivíduo.”

Para L. Silva (2000: 66), literacia é entendida como

“ (...) a capacidade para resolver as tarefas propostas.”

Por sua vez J. Alves (2005:15) define literacia como sendo,

“ a capacidade de compreender, analisar e responder criticamente; de funcionar bem nas nossas envolventes territoriais e sociais próximas e distantes; de interpretar e lidar com as coisas que impactam na nossa vida; de adquirir e usar competências. “

Ainda a este respeito, entende Doyle (1994, apud. E. Conde, 2006:104), que

literacia é,

“ (...) a habilidade para aceder, avaliar e utilizar a informação proveniente de fontes variadas. “

Analisando todos estes conceitos, sugere-se que, literacia passa pela capacidade dos alunos serem capazes através da leitura, de compreender, comunicar e de interpretar significados, mediante a utilização das diversas linguagens em diversos suportes. Para atingir esse desenvolvimento de literacia é necessária a aquisição e uso de competências no domínio dos saberes e do conhecimento. De salientar que o desenvolvimento dessas competências é um pressuposto referido no presente currículo do ensino básico.

Nesta linha, Pinto (2002:38), refere que,

“ (...) a literacia diz respeito à forma como os sujeitos extraem a informação do material escrito, transformando-a em conhecimento. “

Quer isto dizer que muitos jovens não estão ainda aptos, segundo a OCDE (Ministério da Educação, 2001) a,

“Compreender, usar textos escritos e reflectir sobre eles, de modo a atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar activamente na sociedade”

Tendo como referência os pressupostos expostos, Benavente et al (1996:396) sugerem que,

“ (...) muitos adultos, apesar de vários anos de escolarização, não dominam a leitura, a escrita e o cálculo, demonstrando sérias dificuldades em utilizar na vida quotidiana materiais impressos ou suportes de informação escrita.”

É neste contexto que têm sido lançados vários estudos, destinados a avaliar em que medida a leitura é uma competência a que todos os cidadãos têm acesso e se a utilizam de forma plena na vida quotidiana.

Em Portugal, os resultados de estudos nacionais (Benavente, Rosa, Costa 1996) e internacionais (Ministério da Educação, 2001) realizados nas últimas duas décadas,

demonstram que a situação nacional é preocupante, tendo em conta os baixos níveis de literacia, significativamente inferiores à média europeia.

Entre os estudos nacionais destaca-se “ *A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva a monográfica*” (Benavente et al., 1996), em que os resultados obtidos, indicaram uma leitura muito reduzida por parte da população inquirida, e uma incapacidade notória para resolver situações do quotidiano, que exigissem a competência de literacia. Torna-se pois necessário elevar as taxas de leitura e de aprendizagem.

Para D. Pennac (1993:56), é evidente que,

“ O meio mais seguro e de que nunca nos lembramos é criar o desejo de aprender. Dêem à criança esse desejo e deixem o resto (...).”

A formação do leitor tem também repercussões nas gerações seguintes de cidadãos, onde a transmissão dos hábitos de leitura se tornam fundamentais. Uma concepção defendida por Sim-Sim (2001:78) ao afirmar que,

“ (...) ser mau leitor é perpetuar um ciclo que ultrapassa a próprio indivíduo adulto., pois produz efeitos directos na geração seguinte, na medida em que quando se lê mal, lê-se pouco, por isso, não se fomenta um ambiente de leitura para as crianças que, partilhando o mesmo espaço de convívio, têm como ambiente de socialização primária uma família não leitora. “

Está comprovado pelos diversos estudos, que as crianças que desde cedo contactam com os livros, quer seja em casa, quer seja na biblioteca, desenvolvem uma atitude positiva e motivada perante a leitura, estando mais receptíveis à aprendizagem formal no ensino escolar. No entanto, os hábitos de leitura dos familiares e o ambiente literático em que as crianças vivem influenciam a sua disponibilidade e motivação para a leitura. Pretende-se sim, uma leitura contínua e de puro prazer, para que os hábitos de leitura se elevem e fortaleçam.

Facto que é reforçado por Sim-Sim (2002) ao declarar que,

“A concepção tradicional do livro enquanto objecto escolar, a leitura como uma actividade mecânica e desprovida de sentido e a ausência de prática

continuada de leitura têm, certamente, contribuído para os baixos hábitos de leitura e de práticas literárias em Portugal.”

Ainda de acordo com Sim-Sim (2002:212) não será, por certo descabido constatar que os alunos sabem pouco, não têm hábitos de leitura e recebem um ensino desadequado, pois,

“ Não basta queixar-nos que as crianças e os jovens não têm hábitos de leitura, não se interessam por livros e não sabem estudar. Talvez que seja o momento de nos interrogarmos sobre o que está a escola a fazer para os ensinar a aprender através da leitura, ou dito de outra forma, como é que estamos, realmente, a ensinar a ler.”

É também um facto que cada vez mais assistimos a uma publicitação por parte dos órgãos de comunicação social, para a importância da leitura, dos livros e das bibliotecas. Vários estudos desenvolvidos sobre hábitos de leitura e literacia, são reveladores de algumas lacunas por parte dos jovens, ao nível da compreensão textual e da forma de lidar com a informação escrita. Alteraram-se os suportes habituais de leitura - o livro, e partiu-se para novos e variados suportes, nomeadamente a tela do computador.

Neste contexto, o PNL procura suprimir essas lacunas, desenvolvendo actividades de promoção da leitura junto das BEs. O PNL é já considerado pelas BEs, como um promotor fundamental na percepção da importância da leitura e da literacia da informação, para a formação educativa dos alunos. Visto como um agente proactivo no que concerne à dinamização da biblioteca escolar.²⁶

Constatámos ainda, segundo informação disponível no sítio da Internet do PNL, que para a execução dos seus objectivos e estratégias, o PNL efectua o lançamento de diversos programas de incentivo e promoção da leitura, em vários contextos, nomeadamente em salas de aula e bibliotecas escolares. Estes programas são específicos quanto à área de intervenção, que vai desde o nível do Jardim-de-Infância até ao Secundário. A biblioteca escolar é pois é um dos principais locais onde se realizam as actividades do PNL.

²⁶ Informação disponível em URL: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

Todos estes programas são executáveis em todas as escolas/bibliotecas escolares que a eles pretendam aderir, recebendo do PNL e do programa 'Ler +', todo o apoio logístico para a sua realização, tanto a nível de recursos documentais como a nível de planificação e desenvolvimento das actividades. Recomenda-se igualmente através do PNL as leituras adequadas ao nível de ensino, como o apoio à renovação do fundo documental das BEs, respeitando as parcerias e protocolos estabelecidos.

De referir também que a atribuição de verbas para a aquisição de livros em quantidade e qualidade nas BEs, tem como objectivo estimular o trabalho dos professores relacionado com as actividades da leitura, fornecendo-lhes os recursos necessários.

O enriquecimento dos fundos documentais das BEs e a sua diversificação, torna-se essencial para as dinamizar e transformar num espaço convidativo aos alunos e restante comunidade, oferecendo os recursos materiais à satisfação dos seus interesses.

É também objectivo do PNL provocar algumas reflexões na BE, especialmente relacionadas com o seu papel de promoção da leitura e formação de leitores. Pretende-se que o desenvolvimento das actividades na BE fomente um aumento da frequência e utilização da biblioteca escolar pelos alunos, por via da dinamização do espaço e da valorização do papel da BE.

Para o tratamento do fundo documental que vai sendo adquirido pelas BEs no âmbito da adesão à RBE e PNL, recomenda-se a criação, nas bibliotecas municipais, de um Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) que disponibilize todo um apoio técnico ao nível do tratamento desse mesmo fundo. Para além deste apoio ao nível técnico, sugere-se também a necessidade de articulação e cooperação com a BE, no desenvolvimento de actividades culturais, dinamização e promoção da leitura. Uma parceria com os municípios que se estende ainda à contribuição financeira suportada pelos municípios na renovação do fundo documental da BE.

Sugere-se assim, que talvez por força dos contratos de cooperação entre as diversas entidades envolvidas no processo da Rede de Bibliotecas Escolares, em que as parcerias assumem a sua parte de responsabilidade, uma nova dinâmica se imprime ao funcionamento e desenvolvimento das Bibliotecas Escolares, tornando-

as mais activas, actuais e em constante crescimento. Deixam de estar de certa forma subjacentes e exclusivamente dependentes da política gestonária do Agrupamento onde se inserem.

Existe aqui a preocupação e talvez o dever de dotar as BEs de todos os recursos necessários à realização das actividades de incentivo e promoção da leitura. Pensamos ser um apoio significativo e imprescindível de que as BEs dispõem e que seria difícil de alcançar se estivessem totalmente dependentes do órgão de gestão da escola.

Estas bibliotecas consideram-se hoje um recurso básico para os professores e numa boa parte delas está patente a adesão da comunidade educativa a estes novos espaços, reconhecidos como peças fundamentais na estratégia de mudança na educação e na adopção de novos modos de ensinar e aprender.

Podemos talvez ainda dizer que desde o lançamento da RBE, as bibliotecas escolares, decerto contribuíram para alargar as oportunidades de acesso aos livros, revistas e jornais. A realização de diversas iniciativas públicas ou privadas propondo-se estimular o encontro entre livros e leitores, tais como feiras de livro, debates com autores ou comunidades de leitores têm promovido essa aproximação e os resultados alcançados têm obtido efeitos evidentes.

Em forma de síntese do que temos vindo a referir e analisando o Programa Rede de Bibliotecas Escolares, talvez estejamos em condições de dizer que existe hoje um conjunto significativo de bibliotecas escolares, que dispõem de espaços adaptados às diferentes funcionalidades específicas de um centro de recursos educativos, de equipamento e mobiliário específico, de um fundo documental diversificado e actualizado e de um professor responsável com uma formação básica para o exercício das suas funções.

Uma visão renovada da BE, que desde então passou a ser sentida como a pedra angular da comunidade escolar. Graças à implementação de fortes recursos materiais e humanos, a RBE fez com que as Bibliotecas Escolares nascessem, crescessem e amadurecessem. E elas aí estão, em todo o país, para usar, aprender e evoluir, passados que são já treze anos desde a sua fundação.

2ª PARTE – O Estudo Empírico

Capítulo IV – Apresentação do estudo

4.1- Enquadramento: caracterização do Agrupamento de Escolas de Borba

4.1.1 - Breve caracterização do Concelho de Borba

Figura 1 – Localização geográfica de Borba

“Borba é povoação antiquíssima, cuja fundação alguns autores atribuem aos Galo celtas. Esteve sob o domínio romano, godo e árabe, sendo conquistada por D. Afonso II em 1217 e povoada pelo rei. Em 15 de Junho de 1302, D. Dinis concedeu-lhe o seu primeiro foral, constituindo-se Borba em concelho e libertando-se de Estremoz. Teve foral novo dado por D. Manuel I em 1 de Junho de 1512.”

Centro de uma região pitoresca e abundante em águas, Borba é um concelho com uma área de 159.2 Km², distribuídos por quatro freguesias (Urbanas – Matriz e São Bartolomeu, Rurais – Orada e Rio de Moinhos). A sua população ronda os 7782 habitantes (Censos de 2001).



Fonte: Carta Educativa

Borba é um Concelho do Alentejo, no extremo norte do Distrito de Évora. Situa-se na "Zona dos Mármore" designação porque é conhecida esta sub-região do Alentejo, que possui uma especificidade própria dada pela especialização que apresenta, a actividade económica que lhe dá o nome: extracção e transformação de mármore.

A Cidade de Borba (ex-vila, elevada a cidade em Junho de 2009, sendo a mais recente cidade do Distrito de Évora) e o concelho ficam no coração do Alentejo, a uma altitude de 416 metros, no fundo de um vale circular e a cerca de 58 km de distância da sede do distrito. Tem limites com os concelhos de Monforte e Elvas ao norte, Vila Viçosa a leste, Redondo ao sul e Estremoz a oeste. O clima é o do

planalto alentejano, onde por vezes a temperatura chega a subir, no Verão, aos 40 graus centígrados e a descer, no Inverno, abaixo de 0 graus.

Em termos demográficos e relativamente aos últimos cem anos a evolução da população no concelho de Borba foi alvo de algumas variações, reflexo das transformações sociais, económicas, políticas e culturais ocorridas no País e na Região Alentejo. Segundo os dados dos Recenseamentos Gerais da População 1900-2001 do INE, podemos identificar dois períodos populacionais distintos. De 1900 a 1960 temos uma evolução populacional positiva, passando de 6551 h em 1900, para 10431 h em 1960. A partir desta data e até 2001 temos um período de uma ruptura total com o período anterior, apresentando uma tendência decrescente da população, contando em 2001 com 7782 h. Comparando com o anterior censo de 1991, existem menos 472 h, um decréscimo de cerca de 5,72% da população.

O índice de envelhecimento é elevado (178,1 %), a taxa de natalidade é de 8,2. ‰. A taxa de densidade habitacional é de 53,8 habitantes/quilómetro quadrado. A natalidade no concelho de Borba, à semelhança da conjuntura nacional, aponta para um decréscimo contínuo.

A nível de educação 22% da população não concluiu o 1º ciclo do ensino básico, 36% possui o 1º ciclo do ensino básico, 11% o 2º ciclo do ensino básico, 11% o 3º ciclo do ensino básico, 14 % o ensino secundário e 6% o ensino superior.

A escola onde se efectuou a recolha de dados situa-se na sede do concelho, freguesia da Matriz, Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira, sede do Agrupamento de Escolas de Borba.

4.1.2 - Caracterização do Agrupamento de Escolas de Borba

O Agrupamento de Escolas do Concelho de Borba viu a sua constituição ser homologada pela DREA, no ano lectivo de 1998/99. Existiu então a necessidade de uma articulação curricular, uma integração dos alunos e uma aproximação entre docentes dos diferentes níveis e ciclos de modo a enquadrar toda a actividade com um projecto comum. Com o envolvimento dos docentes e a avaliação dos resultados

de modo consensual, constituiu-se o actual agrupamento que é constituído pelos seguintes estabelecimentos de ensino:

- *E. B. 2. 3 Padre Bento Pereira;*
- *E.B. 1/JI de Borba;*
- *E. B. 1/JI da Nora;*
- *E. B. 1 de Orada;*
- *E. B. 1/JI de R. Moinhos;*
- *Jl de Orada.*

A escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira, é a sede do agrupamento e face à sua situação na malha urbana da cidade, tem um enquadramento razoável quanto às acessibilidades.

No que diz respeito à população escolar, esta é composta por um total de 762 alunos distribuídos pelos diferentes níveis de ensino, desde o Pré-escolar até ao 3º Ciclo (9º ano).

Verificámos que a Educação Pré-escolar é neste momento oferecida através de quatro estabelecimentos de ensino, com um total de 123 crianças e ainda complementado com um estabelecimento de ensino particular (Jardim de Infância da St.^a Casa da Misericórdia de Borba).

Para o 1º Ciclo existem também quatro estabelecimentos de ensino, sendo um na sede do concelho e os restantes nas freguesias rurais, perfazendo 279 alunos.

O 2º e 3º Ciclos são ministrados unicamente na E.B. 2.3 Padre Bento Pereira, situada na sede do concelho, acolhendo respectivamente 125 e 205 alunos (o universo dos nossos inquiridos – 330 alunos).

De salientar a entrada em funcionamento de um CEF – Curso de Educação e Formação (Tipo II) que se tem situado na área da Informática, actualmente com 30 alunos, possibilitando aos alunos com mais dificuldades de aprendizagem e de maior escalão etário a conclusão do 3º Ciclo em condições mais favoráveis. Um curso a funcionar também na E.B 2.3 Padre Bento Pereira.

Está ainda integrado no Agrupamento de Escolas de Borba, o CNO – Centro de Novas Oportunidades de Borba que é uma estrutura representante do Programa Iniciativa Novas Oportunidades, nos concelhos de Borba e Vila Viçosa. Tem como objectivos a qualificação de cidadãos maiores de 18 anos e a integração dos adultos certificados em processos subsequentes de educação, formação e/ou emprego, valorizando-se uma perspectiva de aprendizagem ao longo da vida e de empregabilidade activa. O CNO de Borba, certificou até ao momento, 16 adultos de Nível Básico – B2, 60 adultos de Nível Básico – B3 e 28 adultos de Nível Secundário.

4.1.3 – As Bibliotecas Escolares do Agrupamento

As Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Borba constituem centros de recursos para a aprendizagem, essenciais ao desenvolvimento da missão da Escola, formados por diferentes espaços físicos onde, em regime de livre acesso, oferecem serviços à comunidade educativa.

As BEs sendo um núcleo de organização pedagógica, apoiam o desenvolvimento do Projecto Educativo do Agrupamento, os projectos Curriculares de Escola e de Turma, nos quais são definidos objectivos prioritários, tais como:

- *Promover a plena utilização dos recursos existentes, apoiando docentes e alunos na execução de trabalhos e projectos de âmbito e desenvolvimento curricular;*
- *Desenvolver nos alunos competências a nível de gestão e produção de informação, de autonomia e trabalho colaborativo;*
- *Estimular nos alunos a apetência para a aprendizagem, criando as condições para a descoberta do prazer de ler, o interesse pelas ciências, pela arte, pela cultura e pelos valores humanos;*
- *Oferecer recursos a todos os utilizadores para a ocupação dos tempos livres.*

No concelho de Borba existem três Bibliotecas Escolares, estando todas em plena actividade, seguindo os objectivos constantes no Manifesto da Biblioteca Escolar e

as orientações da RBE – Rede de Bibliotecas Escolares, da qual fazem parte integrante, como ainda dos protocolos estabelecidos com o PNL – Plano Nacional de Leitura.

As três Bibliotecas Escolares estão instaladas respectivamente na E.B. 2.3 Padre Bento Pereira, E.B. 1/JI de Borba e E.B. 1/JI de R. Moinhos. Saliente-se que as BEs das E.B. 1/JI de Borba e Rio de Moinhos foram instaladas no ano de 2007, tendo ainda um curto período de vida, facto que nos levou a não considerá-las neste estudo.

4.2- Metodologias de investigação

Qualquer que seja o projecto de investigação que se pretenda efectuar, é pressuposto a aplicação de uma metodologia que faculte a recolha, tratamento e análise dos dados que se exigem fiáveis para a formação do conhecimento e das teorias do estudo. Entende-se como metodologia, o estudo dos métodos e das fases a prosseguir num processo característico, e que expõe de forma pormenorizada e rigorosa o progresso de uma investigação.

Dependendo dos objectivos do projecto de investigação, das abordagens e das informações pretendidas, assim será a opção de seguir um ou os diferentes métodos disponíveis e adequados à investigação.

Como refere, J. Bell (2004:95),

“Há que decidir quais os métodos que melhor servem determinados fins e, depois, conceber os instrumentos de recolha de informação mais apropriados para o fazer.”

Contudo, as fases do método podem ser entendidas como o indício de um caminho, conferindo todavia a cada investigador a oportunidade de exteriorizar a sua iniciativa, bem como a sua forma própria de se expressar.

4.2.1- Introdução

O projecto de investigação que se apresenta, constitui um estudo onde efectuamos uma análise específica de uma situação particular. Procura-se obter um melhor conhecimento da realidade que propomos investigar, através de uma metodologia de investigação adequada.

Neste âmbito, analisamos as características dos vários métodos de investigação, as suas capacidades e potencialidades, como também as suas vantagens e desvantagens, tendo como objectivo identificar e seleccionar o método ou os métodos que melhor se aplicam ao nosso estudo.

A selecção da metodologia torna-se por vezes uma decisão difícil, mas ao mesmo tempo muito importante por parte do investigador, que terá de atender às características específicas da investigação e dos seus objectivos. Uma pesquisa do método mais ajustado a adoptar para o caminho que se propõe, que seja um programa equilibrado das operações a realizar, para o atingir do desígnio específico.

Todavia e ainda que, enfatizando o valor da criatividade, é conveniente não esquecer que a pesquisa científica não pode ser resultado apenas da impulsividade e intuição da pessoa, mas que impõe sujeição tanto aos procedimentos dos métodos, como aos recursos da técnica. Importa salientar que o método é o trilho a ser percorrido, definido desde o princípio ao fim, por fase ou etapas.

Entende-se também que a selecção da metodologia adequada à investigação a realizar é certamente importante para o atingir dos objectivos propostos. Uma importância realçada por L. Pardal & E. Correia (1995:18) quando afirmam que,

“ A selecção de um método – ou de métodos – para uma investigação é sem dúvida uma tarefa que requer acuidade, com base no conhecimento, da qual decorrerá, entretanto, a maior ou menor validade dos resultados conseguidos, bem como o nível de fiabilidade dos mesmos “.

Refira-se que, uma investigação científica pode ser efectuada de acordo com uma das várias metodologias de investigação, porém, toda a investigação científica no campo das pesquisas sociais, geralmente desenvolve-se segundo um destes modelos: Investigação quantitativa, qualitativa ou mista/múltipla/triangulação. A

investigação mista não é mais do que uma combinação da investigação quantitativa e da qualitativa.

Apresentam-se em síntese os dois métodos de investigação, o quantitativo e o qualitativo, descrevendo-se as suas vantagens e desvantagens da sua utilização para chegarem ao conhecimento. Indica-se também a metodologia mista, a predominante na presente investigação.

4.2.2 - Método quantitativo

O método ou paradigma quantitativo tem carácter objectivo, em que se procura o acontecimento evidente ou as causas do fenómeno, existindo pouca preocupação com o seu significado para o sujeito.

O método quantitativo constitui-se como um processo dedutivo. Com base na teoria formulam-se as hipóteses que serão comprovadas ou refutadas, tendo como suporte todos os dados quantificáveis obtidos pelo investigador.

Segundo Carmo e Ferreira (1998:178),

“ (...) a investigação quantitativa está particularmente aliada a uma investigação de carácter experimental, na medida em que a observação dos fenómenos, a formulação de hipóteses elucidativas desses mesmos fenómenos, o controlo das variáveis, bem como a selecção aleatória dos sujeitos e a posterior verificação ou rejeição das hipóteses estão sujeitos a uma análise estatística.”

É através do tratamento estatístico dos dados que se encontram as relações entre as variáveis dos dados recolhidos, utilizando dados numéricos e estatísticos, possibilitando assim uma comparação e agregação de dados segundo a opinião dos autores Gorman & Clayton (1997:35) e Patton (1990:55).

A investigação quantitativa baseia-se na utilização de instrumentos de recolha de dados quantitativos, nomeadamente os questionários de resposta fechada, sendo os resultados finais apresentados num relatório do tipo estatístico (quadros, gráficos).

A característica do método quantitativo baseia-se na dedução. É uma forma de raciocínio científico segundo o qual se deve partir do geral para o particular. Partindo de uma lei geral e após a observação de casos particulares, prossegue-se para o apurar se a lei não é desvirtuada. A investigação inicia-se com a expressão de um determinado problema sobre o qual se formulam diversas hipóteses, que posteriormente serão confirmadas ou negadas mediante a análise dos dados quantificáveis recolhidos pelo investigador que lhe fornecem informações sobre as questões abordadas.

Para Fortin (2003:322) esta metodologia ao utilizar dados numéricos e uma análise estatística possibilita,

“ (...) assegurar uma representação da realidade, de modo a que estes dados sejam generalizáveis a outras populações”.

As técnicas utilizadas pelo método quantitativo são sobretudo a observação sistemática e o questionário.

No nosso trabalho de investigação, utilizou-se a metodologia quantitativa, através da aplicação de um questionário, dirigido à amostra representativa dos alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba, de forma a poder recolher informação factual, sobre a leitura, a frequência e a utilização da sua BE por parte dos alunos.

4.2.3 - Método qualitativo

A pesquisa qualitativa não é recente, surge pela primeira vez à mais de cem anos. Porém os primeiros textos que tentaram definir a sua metodologia, só apareceram 80 anos depois, no final dos anos sessenta. Razões teóricas, técnicas e políticas estão por detrás deste atraso.

Nos últimos vinte anos assiste-se em grande escala ao crescimento da investigação qualitativa. Iniciando-se com base na antropologia e sociologia depressa de aplicou a muitas áreas das sociais.

A investigação qualitativa baseia-se na utilização de instrumentos de recolha de dados do tipo qualitativo. As técnicas utilizadas são especialmente a observação participante, a entrevista e a análise documental. Os seus resultados apresentam-se sob a forma de um relatório do tipo narrativo com descrições contextuais e citações dos participantes. É descritiva e rigorosa, resultando dos dados recolhidos, onde se incluem transcrições de entrevistas, registos de observação, documentos escritos, gravações, entre outros.

O método qualitativo, preocupa-se com o sentido do comportamento humano a partir da estrutura referencial do próprio indivíduo, tendo portanto um carácter subjectivo.

Para Bogdan & Biklen (1999:56),

“ (...) esta metodologia permite perceber as preocupações e atitudes dos indivíduos.”

Os investigadores qualitativos parecem sustentar as suas análises utilizando poucos números, isto é, retirando amostras de informação das investigações realizadas que servem como casos exemplares para explicação de alguns fenómenos.

O método qualitativo tem como objectivo descrever ou interpretar como ainda avaliar os dados obtidos. Uma metodologia que permite a análise dos dados através do processo indutivo. Um princípio segundo o qual se deve partir das partes para o todo. Os seus investigadores analisam e compreendem os fenómenos a partir da recolha dos dados, identificando as questões mais valiosas, após a análise dos dados. O próprio investigador introduz-se no contexto de estudo, não interferindo no mesmo, mas ao mesmo tempo não se afastando do objecto em estudo. Trata-se pois de um estudo participado, de interacção com o objecto de estudo, sem contudo alterar a informação recolhida. É privilegiada a descrição narrativa dos participantes quanto às suas expectativas e interpretações.

Numa pesquisa qualitativa pode-se generalizar, dizendo que, sempre que a situação se repetir teremos continuamente o mesmo resultado. A opção de decidir por uma investigação qualitativa relaciona-se com a natureza e os objectivos do estudo.

Todavia, quando se pretende comparar a investigação qualitativa com a quantitativa, verifica-se que a investigação qualitativa é considerada como menos rigorosa, particularmente por não envolver estatística e a sua análise extensiva.

Segundo a perspectiva de Riggs (1998:65),

“ (...) os métodos de investigação qualitativos e quantitativos não são simplesmente maneiras diferentes de efectuar o mesmo estudo.”

Neste nosso estudo, aplicámos também uma abordagem metodológica qualitativa, quando se optou por realizar uma observação directa, um trabalho de campo que teve lugar na BE da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba. Uma recolha de dados no local do acontecimento dos factos que se pretendem estudar, tendo-se retirado as respectivas informações e tomadas as respectivas notas.

Nesta recolha de dados, teve-se em atenção o referenciado por Bogdan & Biklen (1999:86), quando dizem que,

“ (...) o local de estudo e de obtenção de dados é o ambiente natural, aquele onde as pessoas vivem; o investigador frequenta os locais e observa os acontecimentos.”

Nesta abordagem, o investigador tem como objectivo tentar perceber e entender as percepções do ser humano em relação ao meio em que está inserido e o mundo que o rodeia.

Também a recolha de informação através da análise documental, foi aplicada no presente estudo, enquadrando-se numa metodologia qualitativa, resultando da recolha efectuada através dos registos em documentos escritos.

4.2.4 - Método misto/múltiplo/triangulação

É certo que um investigador não é obrigado a optar por apenas um método de investigação, tem a opção de escolher vários métodos, podendo combiná-los entre si, independentemente da sua natureza teórica.

É um facto afirmado por Reichardt e Cook (apud Carmo & Ferreira, 1998:176), quando salientam que,

“ O investigador (...) não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos quantitativos ou qualitativos e no caso da investigação assim o exigir, poderá mesmo combinar o emprego dos dois tipos de métodos.”

Embora os dois métodos referenciados possam apresentar algumas diferenças entre si, na verdade, toda a pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa, de tal forma que os dois métodos sejam complementares e não incompatíveis.

Um ideia partilhada por Bogdan e Biklen (1999:188) quando afirmam que,

“ (...) as abordagens qualitativas e quantitativas podem ser complementares e em alguns estudos é desejável quando por exemplo se utiliza estatística descritiva e de apresentam conjuntamente a interpretação de dados qualitativos.”

Ainda neste contexto, Bogdan e Biklen (1999:194) referem que,

“ (...) os dados estatísticos podem também servir como verificação para as ideias que [o investigador qualitativo] desenvolveu durante a investigação (...) este tipo de dados pode abrir novos caminhos a explorar e questões a responder.”

Verifica-se então, que a combinação de técnicas qualitativas e quantitativas, permite uma maior fiabilidade e validação da investigação, já que os dados recolhidos são todos importantes e complementares. No seu conjunto permitem ao investigador uma perspectiva mais elucidativa e fiável do estudo, apresentando os resultados anunciados com maior veracidade.

Esta combinação de várias perspectivas metodológicas tem várias designações segundo diversos autores. Para Patton (1990) é apelidada de “*triangulation or the combination of methodologies*”, enquanto (Bogdan e Biklen, 1999) a denominam de “*triangulação metodológica*.” Outros autores utilizam ainda diferente terminologia como “*estratégias múltiplas*” (Burgess, 2001), “*métodos múltiplos*” por (Cohen e Manion, 1994) ou simplesmente “*método de aproximação múltipla*” (Bell, 2004).

Nesta linha de ideias, será possível dizer que, quando a investigação é efectuada com a utilização destes dois tipos de métodos, o investigador está a empregar uma metodologia designada de triangulação, mista ou múltipla. Esta metodologia tem como vantagem integrar os dois métodos, permitindo efectuar uma quantificação numérica e estatística dos dados (quantitativa), e um registo de ocorrências, através da observação e da entrevista (qualitativa), conforme as concepções dos autores (Patton, 1990; Gorman & Clayton, 1997).

A triangulação permite uma consolidação do plano de investigação, isto é, uma combinação de diferentes métodos de recolha de dados, envolvendo a aplicação de abordagens quantitativas e qualitativas. Existem vários tipos de triangulação à disposição do investigador que optará pelo que seja mais adequado ao seu estudo.

Segundo Denzin (apud Patton, 1990:187) é possível identificar quatro tipos de triangulação, sendo:

- *A triangulação de dados – que compreende o uso de uma variedade de fontes de dados num único estudo;*
- *A triangulação de investigadores – que compreende o uso de vários investigadores;*
- *A triangulação de teorias – que compreende o uso de distintas teorias para interpretar o mesmo conjunto de dados;*
- *A triangulação metodológica – que compreende o uso de múltiplos métodos para estudar um determinado problema.*

Segundo o princípio da triangulação é permitido olhar para uma mesma situação, empregando métodos distintos, o que garante uma visão mais precisa do objecto em estudo, originando que a validade dos dados esteja menos sujeita a possíveis críticas. Também os investigadores procuram ultrapassar os pontos fracos e alguns

problemas que eventualmente possam surgir quando se sujeitam apenas à utilização de um método, de um tipo de dados, de uma teoria ou de um observador.

Uma convicção partilhada por Mitchell (1986:58) quando refere que,

“ (...) a triangulação oferece flexibilidade e uma análise mais profunda que nunca se consegue obter nos estudos que adoptam somente um método.”

Também para Denzin e Lincoln, (1994:95) quanto à triangulação, sugerem que,

“ (...) a triangulação é um modo importante para demonstrar a credibilidade de uma investigação qualitativa, (...) tanto para o paradigma qualitativo como para o quantitativo, a triangulação é bem aceite e desejável.”

Neste estudo que efectuamos foi predominante a utilização de métodos múltiplos, a combinação dos dois métodos (metodologia quantitativa e qualitativa), tendo por base os objectivos da investigação, permitindo comparar, distinguir e avaliar os dados recolhidos pelas diferentes fontes de informação, através do recurso à triangulação metodológica. Considerámos que o recurso às duas metodologias permitiria realizar uma complementaridade entre elas, contribuindo para uma melhor operacionalização da investigação.

Uma abordagem onde se utilizam a análise documental e a observação directa não participante, com características qualitativas, e o questionário, com características quantitativas, sendo estas as técnicas mais utilizadas no presente estudo. Permitem recolher informações junto dos participantes, relativas aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, às expectativas e às atitudes, apoiando-se sobretudo nos testemunhos das pessoas.

Nesta investigação efectuou-se uma triangulação de dados obtidos nos questionários, com a observação directa (notas de campo) e análise documental, que em conjunto e complementando-se, tornaram possível a construção deste estudo. Uma metodologia de investigação que consideramos ser a mais adequada ao estudo que desenvolvemos.

O estudo empírico foi iniciado no mês de Março de 2009. Os questionários foram distribuídos no mês de Junho do mesmo ano, correspondendo ao final do ano lectivo. Foram posteriormente analisados do ponto de vista quantitativo, sendo

objecto de tratamento estatístico através do programa Excel, mas também de modo qualitativo recorrendo à metodologia de análise de conteúdo, de acordo com a natureza da pergunta.

4.3- A recolha de dados

Neste estudo recolhem-se dados sobre o funcionamento das bibliotecas escolares, a sua actuação, desempenho e contribuição para o sucesso educativo. A sua recolha desenvolve-se mediante os instrumentos de pesquisa seleccionados e de acordo com a metodologia e abordagem definidas para o estudo.

Depois da revisão da literatura passou-se à recolha de dados, ao trabalho dito de campo. Para a selecção dos métodos de recolha de dados teve-se em atenção os objectivos e o nível da investigação, tendo-se estudado as diferentes metodologias, as suas vantagens e desvantagens, de acordo com (Fortin, 2003).

No que se refere à obtenção dos dados para esta investigação, empregámos uma combinação de métodos qualitativos e quantitativos, (metodologia mista/múltipla), como referimos anteriormente. Uma análise documental, recorrendo a fontes documentais escritas em papel e em linha, uma observação directa efectuada no local de estudo e o inquérito por questionário apresentado aos alunos.

Para a recolha de dados e informação documental, utilizamos, mediante um processo de investigação ou pesquisa sobre a temática, documentos escritos em suporte de papel (livros, artigos, revistas etc.) ou informático, disponíveis em bibliotecas, arquivos e Internet. São uma análise documental assente nas chamadas fontes secundárias de informação, que corresponde à nossa revisão da literatura.

Terminada a revisão da literatura procedeu-se à recolha de dados, o designado trabalho de campo. Tendo em conta os objectivos da investigação utilizámos a metodologia da observação directa e o inquérito por questionário.

Com base num plano previamente concebido para a recolha e tratamento da informação, tornou-se indispensável estabelecer algumas etapas prévias,

nomeadamente na solicitação de pedidos de autorização para o progresso da investigação e aplicação do questionário aos alunos. Pedidos que recaíram concretamente no órgão directivo da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba.

4.3.1- Análise documental

A análise documental deste trabalho de investigação teve como base a pesquisa e a recolha de documentação em órgãos e fontes credíveis, possuidores de informação diferenciada e fiável que sustentassem o nosso processo de investigação. A aplicação das técnicas de análise documental tornou-se relevante no sentido de possibilitar o cruzamento da informação recolhida com os restantes métodos utilizados, de acordo com os objectivos e imposições do nosso estudo, no sentido da constituição da sua fundamentação.

No que se refere à análise documental, partilhamos da perspectiva de J. Bell, (1997:90), ao afirmar que,

“ A maioria dos projectos (...) exige a análise documental, nalguns casos servirá para complementar a informação obtida por outros métodos (...).”

Várias fontes foram utilizadas na pesquisa e recolha da documentação, nomeadamente documentos publicados e não publicados, relatórios, artigos de revistas e jornais, actas de reuniões e congressos, teses de mestrado, como em diversos websites portadores de informação sobre a temática, entre outros. Esta recolha recaiu especialmente na Biblioteca da Universidade de Évora, Biblioteca Pública de Évora, teses de mestrado apresentadas na Universidade do Minho, Universidade Aberta, b-on – Biblioteca do Conhecimento Online, Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares – online e documentação específica de regulamentação do Agrupamento de Escolas de Borba.

Neste sentido solicitámos ao órgão de gestão do Agrupamento de Escolas de Borba diversa documentação, especialmente a legislação que rege a organização da escola. Desta solicitação constam o Projecto Educativo da Escola, Projecto Curricular da Escola, Regulamento Interno, Plano Anual de Actividades, no qual

consta o plano de actividades da Biblioteca Escolar, Regulamento da Biblioteca Escolar e Regimento Interno das Bibliotecas Escolares do Agrupamento.

De realçar que esta solicitação foi numa primeira fase efectuada presencialmente, seguindo-se a sua solicitação por escrito, mediante uma carta de apresentação (cf. Anexo 1), onde esclarecemos os objectivos e o âmbito da nossa investigação, bem como a importância da colaboração do órgão de gestão no seu desenvolvimento.

Os fundamentos que nos suscitaram a escolha de toda esta documentação, relacionam-se com o facto, como já referimos anteriormente, de que a escola e também a BE não devem apenas ter um papel activo na transmissão de conhecimentos ligados à área curricular, como devem igualmente fornecer uma função formativa ao nível do desenvolvimento integral do aluno. Uma aprendizagem que desenvolva competências e capacidades nos alunos, que sejam capazes de usufruir da informação disponível, tratá-la de forma rigorosa e empregá-la nos diferentes contextos da sua vida quotidiana, uma preparação para a aprendizagem ao longo da vida e formação como cidadão livres e autónomos.

Se a BE se encontrar perfeitamente integrada na vida da escola e desempenhar plenamente as suas funções, poderá considerar-se um importante recurso educativo com condições para desenvolver e promover estas actividades e competências direccionadas para o aluno, colaborando desta forma para a promoção do seu sucesso educativo.

4.3.2- A observação directa

No decurso desta nossa investigação recorreremos também à técnica da observação directa não participante (o investigador não intervém na situação em estudo), porque pensamos não ser possível elaborar um estudo científico sem antes sermos conhecedores do campo em que pretendemos intervir, isto é, temos que conhecer a realidade onde ele se desenvolve.

Como salienta A. Estrela (1986),

“ (...) não é possível elaborar nenhum estudo científico sem o conhecimento da realidade a que ele se refere, isto é, sem se conhecer o campo em que se quer intervir.”

Neste estudo optou-se pela observação directa como um dos métodos de recolha de informação. Uma metodologia em que é o próprio investigador que recolhe directamente essa informação. Uma observação efectuada na BE da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba, que pretende recolher informação sobre as actividades desenvolvidas na BE, o seu funcionamento e a sua actividade normal, bem como da sua utilização e frequência por parte dos alunos e professores.

A observação primária do local e das condições disponibilizadas, nomeadamente a nível de espaço, equipamento, mobiliário, acervo, recursos humanos, acesso e conforto, onde se vai centralizar toda a investigação, foi de facto um dos primeiros passos a efectuar no nosso estudo. Uma observação do espaço físico da BE que nos permitisse ter uma percepção realista do meio, que nos facilitasse informação para a formulação das questões a colocar na recolha dos dados essenciais ao nosso objecto de investigação.

Neste sentido, Castano e Moyano (1994:45), afirmam que,

“ (...) observar é seleccionar informação pertinente, através de órgãos sensoriais e do recurso à teoria e métodos científicos a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.”

Durante o decorrer da nossa investigação, efectuámos visitas regulares ao local de estudo, dedicando algum tempo à observação do seu funcionamento, frequência e utilização pela comunidade educativa, actividades realizadas, trabalho colaborativo e respeito pelas normas. Foi nosso propósito estar em contacto com a sua realidade e recolher informação pertinente para complemento dos dados obtidos pelas outras metodologias empregues e segundo as várias fontes e suportes utilizados.

Uma observação que vai na orientação dos autores Bogdan & Biklen (1999:48) quando afirmam que,

“Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”.

Para o registo da informação recolhida pela observação directa e posterior tratamento dos dados recolhidos, construímos uma grelha de observação das actividades na Biblioteca Escolar, que se apresenta estruturada em sete entradas – (cf. Anexo 3), procurando obter informação sobre:

- *Designação da actividade observada;*
- *Destinatários das actividades;*
- *Intervenientes na actividade;*
- *Descrição da actividade observada;*
- *Recursos utilizados;*
- *Duração da actividade;*
- *Outros aspectos relevantes.*

A observação das actividades realizou-se de forma contínua, com a durabilidade de uma semana, tempo julgado fundamental em termos de estrutura escolar e desenvolvimento das actividades da BE. Consideramos que uma recolha contínua de dados permite captar o essencial do processo e não a selecção específica e descontínua das actividades.

Contudo, não deixámos de estar atentos e concentrados ao que se desenvolvia no seu meio, efectuando a observação e registando os factos decorridos, pois a investigação assim o exigia. Fez-se um registo escrito sob a forma de notas de campo, registando-se informações sobre o local em estudo, o seu espaço físico, as actividades desenvolvidas e a forma de utilização pelos alunos. Apenas se deixou o local de estudo quando o investigador concluiu que tinha reunido todas as notas indispensáveis ao estudo. O facto de sermos uma componente dos recursos da Biblioteca Escolar, contribuiu para que o ambiente no seu seio fosse o mais normal, pois tanto os alunos, como os docentes e equipa da BE, não se sentissem incomodados com a nossa presença ou nos apelidassem de estranhos, o que em certa parte poderia alterar os seus comportamentos habituais.

4.3.3- O questionário: elaboração e justificação

O questionário não é mais que um conjunto de questões pré-elaboradas, ordenadas e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema de pesquisa. Para o questionário preferem-se geralmente perguntas fechadas. O inquirido responde, assinalando uma ou mais alternativas previamente fixadas no formulário, podendo no entanto conter uma questão aberta, na qual poderá expressar uma opinião pessoal.

Através do questionário recolhe-se informação a ser tratada estatisticamente, possibilitando comparações e generalização de conclusões, mantendo o inquirido em anonimato. Os resultados obtidos poderão ser generalizados a um universo.

Em sintonia com esta afirmação, refere, J. Bell (2004:25) que o,

“ (...) objectivo de um inquérito é obter informação que possa ser analisada, extrair modelos de análise e tecer comparações”.

Nesta linha complementam os autores C. Vieira & M. Santos (apud. L. Carvalho. 2005:103) que,

“ (...) este instrumento permite que o próprio inquirido registe as suas respostas garantindo o anonimato e é o mais adequado em função da dimensão da população e do tempo disponível (...).

Partilham ainda destas opiniões os autores L. Lourenço & R. Mendes, apud. L. Carvalho, 2005:103) afirmando que,

“ O questionário constitui-se como uma técnica de recolha de informação intensiva, que permite não só observar as informações ao nível individual, como também sistematizar informações a nível global (...) este instrumento permite que o próprio inquirido registe as suas respostas garantindo o anonimato e é mais adequado em função da dimensão da população e do tempo disponível (...).”

Para a elaboração do questionário, importa ter em atenção alguns factores relacionados com o objecto de estudo e o perfil dos inquiridos. Segundo L. Pardal e

E. Correia (1995:58) inclui um conjunto de procedimentos metodológicos e técnicos, não necessariamente faseados, mas de preferência interactiva que abrangem a:

- *Formulação do problema;*
- *Definição dos objectivos;*
- *Revisão bibliográfica;*
- *Formulação das hipóteses;*
- *Identificação das variáveis e indicadores;*
- *Validação interna;*
- *Definição da amostra;*
- *Pré-teste.*

São condições importantes para a construção das perguntas. É também conveniente e sempre que seja possível, aplicar os tipos de perguntas mais apropriadas ao objecto de estudo. Existem diversos tipos de perguntas, cabendo ao investigador optar pelos que julgar serem os mais vantajosos para a obtenção do seu objectivo. Interessa igualmente ter conhecimento do público-alvo, já que a linguagem a empregar deverá ser adequada, simples e entendível para aqueles a quem se destina.

Com suporte nestes conceitos e metodologias, iniciámos a elaboração do nosso questionário, uma das formas de recolha de informação seleccionadas para o estudo, com o objectivo de demonstrar o pressuposto evidenciado no nosso problema de estudo.

Decidiu-se aplicar um questionário semi-estruturado, sobretudo com perguntas fechadas, mas também incluindo algumas abertas, apresentando um conjunto de opções, com respostas simples e ligeiras, tendo em vista obter uma maximização dos resultados.

Na sua elaboração e definição da tipologia de perguntas a efectuar, prestou-se especial atenção ao recomendado por W. Foddy (1996:169) quando diz que,

“ (...) não é tanto qual o formato que reproduz respostas mais válidas, mas se os inquiridos sabem ou não qual o tipo de respostas que devem fornecer e este problema coloca-se, quer nas perguntas fechadas, quer nas abertas.”

A preparação deste instrumento de recolha de informação, foi orientado pela consulta efectuada em literatura sobre a temática, de diversos autores referenciados na bibliografia, assim como pela consulta de algumas Dissertações de Mestrado.

Optou-se pelo inquérito por questionário como mais uma técnica de recolha de dados para o presente trabalho de investigação, pelo facto de considerar este instrumento como o adequado aos objectivos pretendidos, ao público alvo da aplicação e à disponibilidade de tempo para efectuar a recolha da informação.

Como referimos no capítulo I, pretende o nosso estudo, compreender a eventual relação entre a frequência e ou utilização da Biblioteca Escolar e o sucesso educativo dos alunos. Um estudo aplicado aos alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba compreendidos entre o 5º e o 9º ano de escolaridade.

Procedemos então à elaboração do questionário a aplicar à amostra pretendida, tendo em conta os objectivos e a informação que precisamos, adequando um estilo de questões com linguagem clara e directa. Saliente-se que o nosso público-alvo se situa entre as faixas etárias que se situa entre os 10 e os 16 anos de idade.

Elaborou-se um questionário com carácter exploratório que permitisse recolher dados estatísticos sobre a Leitura e a frequência ou utilização da Biblioteca Escolar. O objectivo não será obter um conhecimento aprofundado mas, recolher elementos e informação que seja possível combinar com os dados da análise documental e da observação directa, e que, permitam simultaneamente responder à nossa questão de partida/hipótese de trabalho.

Para a definição do tamanho da amostra, considerou-se que seria mais importante a qualidade dos alunos e não a sua quantidade, já que se pretendia o fornecimento de elementos e conhecimentos importantes para o objectivo da investigação.

Na selecção dos alunos que compõem a amostra, foram definidos critérios de forma a obter uma máxima variação, de acordo com a opinião de M. Patton (1990). Para além disso, teve-se em conta a convicção de J. Bell (2002) em que,

“ (...) o número de pessoas a entrevistar varia segundo o tipo de análise que se pretende efectuar e do tempo disponível para a investigação.”

Neste sentido, estabelecemos vários critérios para constituição da amostra, visto que nos propomos conhecer a eventual relação entre a frequência e ou utilização dos recursos da Biblioteca Escolar por parte dos alunos e o seu contributo para a promoção de um maior ou menor sucesso educativo.

Como primeiro critério, decidimos que a amostra dos inquiridos se situaria no universo dos alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade, pertencentes à Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba, sede do Agrupamento de Escolas de Borba, que dispõe de uma Biblioteca Escolar integrada na RBE e que faz parte do nosso estudo.

Não estendemos o nosso universo de estudo aos alunos do 1º ao 4º ano do referido Agrupamento pelo facto destes alunos frequentarem outros estabelecimentos de ensino externos à escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira, e que raramente utilizam a BE desta escola. Saliente-se todavia que estes alunos dispõem já de uma BE, também integrada na RBE, na sua escola desde o ano de 2007, sendo a sua existência à data do início do nosso estudo relativamente curta, facto que nos levou a reflectir sobre a integração destes alunos no presente estudo. Decidimos então, excluir a sua participação no nosso estudo, devido à pouca utilização da BE da E.B. 2.3 por parte destes alunos, como também pelo pouco tempo de vida das BEs instaladas nas E.B. 1 e JI.

Definimos como segundo critério, a selecção da amostra, entre alunos com menor e maior sucesso escolar/aproveitamento escolar. Para a aplicação deste critério, escolhemos o professor Director de turma, visto ser o docente que reúne as melhores condições para o aplicar. Dispõe de dados relativos ao aproveitamento escolar dos alunos, factor que vai estar na base da definição do critério seguinte.

Como terceiro critério, definimos que a triagem destes alunos fosse efectuada segundo o critério de escolha de 4 alunos por cada turma, sendo dois alunos que apresentem menor sucesso escolar/aproveitamento e dois com maior sucesso escolar/aproveitamento, de modo a podermos comprovar eventualmente as nossas hipóteses. Hipóteses que se situam no avaliar da importância, ligação ou

correspondência entre uma maior frequência e ou utilização da BE e um maior aproveitamento escolar e vice-versa.

De referir que os alunos seleccionados não tiveram conhecimento do critério mencionado. Pretendemos para não causar qualquer incómodo quer aos escolhidos, quer aos restantes e evitar qualquer influência nas respostas às questões. É nosso propósito, que os inquiridos respondam com a maior clareza e sinceridade às questões formuladas, para assim obtermos resultados o mais aproximado possível da realidade.

O quarto critério que tivemos em linha de conta, foi o de abranger alunos de todas as turmas e de todos os anos leccionados na escola alvo, o que poderá identificar alguns factores que possibilitem sugerir uma homogeneidade ou discrepância nos resultados obtidos.

Como quinto critério, foi a opção de escolher o período mais favorável para a apresentação dos questionários e selecção da amostra do estudo. Decidimos então pelo final do ano lectivo, isto porque, nesta fase avançada, já decorreram dois períodos de avaliação, o que permite aos directores de turma possuírem dados mais concretos sobre o rendimento dos alunos, nomeadamente os que detêm um maior ou menor aproveitamento. Teve-se ainda em atenção que a apresentação dos questionários não coincidissem com o período de avaliação para não perturbar o normal funcionamento das actividades curriculares.

Aplicados os cinco critérios para a selecção da amostragem, obtivemos uma amostra constituída no seu global por 64 alunos repartidos por dois estratos de 32 alunos cada, que denominámos de alunos de “menor sucesso” e de “maior sucesso” sendo esta a designação a utilizar durante a apresentação dos resultados e das respectivas conclusões. O número de alunos a inquirir resulta da selecção de 4 alunos de cada turma de entre as 16 turmas existentes dos 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos de escolaridade da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba.

Após a elaboração do questionário e a definição da amostra, estando em conformidade com a metodologia referida anteriormente por L. Pardal e E. Correia (1995:58), prosseguimos para a fase da validação interna e pré-teste do questionário.

Assim, antes da sua aplicação aos inquiridos, o questionário foi submetido a um processo de validação, sendo sujeito a uma apreciação e posterior parecer de um conjunto de especialistas do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

Seguidamente foi efectuado um pré-teste em sujeitos (alunos), que reuniam condições semelhantes às dos indivíduos a inquirir, para testar o seu tempo de preenchimento e a compreensão das perguntas pelos inquiridos e indagar da necessidade de aperfeiçoar ou corrigir alguma questão.

Após estes testes, foram sugeridas algumas propostas pontuais alteração ao referido questionário, as quais foram prontamente tidas em conta e que produziram um importante contributo no aperfeiçoamento deste instrumento de recolha de dados.

Nesta linha e segundo J. Bell (2002:110) a testagem do questionário tem em vista o seu aperfeiçoamento e,

“(...) eliminar questões que não conduzam a dados relevantes.”

Considerou-se que o questionário seria o método mais adequado para a primeira fase de recolha de dados, devido ao universo de alunos a que se aplicava e à selecção da amostra que se pretendia.

Efectuados todos os procedimentos relativos à elaboração e testagem do questionário, ficamos com um importante documento de trabalho capaz de nos fornecer informação relevante para o nosso objecto de estudo. Através da sua aplicação, os alunos são estudados quanto aos seus hábitos de leitura, frequência e utilização da biblioteca escolar.

Apresenta-se em síntese o questionário final aplicado aos alunos (cf. Anexo 4), quanto aos seus objectivos, sendo composto por três partes que comportam vinte e sete questões.

Temos então:

Parte I – Dados/Informações pessoais:

Estratificação dos inquiridos quanto ao ano de escolaridade, idade e sexo.

Parte II – A Leitura:

Obtenção de informações relativas aos hábitos de leitura dos alunos inquiridos.

Parte III – A Biblioteca Escolar:

Recolha de informação sobre a frequência e utilização da Biblioteca Escolar por parte dos inquiridos.

Após a conclusão das fases de elaboração, avaliação e testagem do questionário e consequente definição da constituição da amostra, passou-se à fase da sua aplicação no terreno ao público-alvo. Alguns procedimentos foram realizados para se tornar possível a sua concretização.

O primeiro passo começou pelo estabelecimento de um contacto prévio, por escrito, com o órgão de gestão do agrupamento, solicitando autorização para que o nosso questionário fosse apresentado à amostra definida (cf. Anexo 2).

Neste contacto foram explicados os objectivos do estudo, bem como a constituição e dimensão da amostra, sendo o questionário um método escolhido para a recolha de dados. Informou-se igualmente que se tratava de um estudo de natureza académica, sendo os dados tratados de forma global e que a participação dos alunos seria sempre anónima, pedindo-se o especial favor para o aluno não se identificar em nenhum momento.

Quanto aos critérios por nós adoptados para a selecção da amostragem, bem como todas as instruções necessárias para a aplicação do questionário e posterior recolha foram explicados presencialmente ao órgão de gestão, que no momento tomou as devidas notas a serem transmitidas aos intervenientes deste processo, respectivamente professores com a função de Directores de Turma e alunos a inquirir.

Recebeu-se então resposta do Sr. Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas de Borba, contendo a autorização solicitada para a aplicação dos questionários nos termos requeridos. Saliente-se que esta autorização só foi concedida após uma prévia submissão do questionário ao Conselho Pedagógico do Agrupamento para emissão de parecer e respectiva validação.

Seguiu-se então a entrega do questionário de forma pessoal e em mão ao Sr. Presidente do Conselho Executivo que o encaminhou para os respectivos professores, acompanhado das respectivas normas de apresentação, preenchimento e recolha. Foram estes docentes os responsáveis pela condução e apresentação do questionário junto dos inquiridos.

O questionário foi respondido em contexto de sala de aula, durante a primeira e a segunda semana de Junho de 2009, sob a responsabilidade dos directores de turma, que efectuaram também a sua recolha e posterior entrega ao órgão de gestão. Terminadas estas fases, procedemos nós próprios à recolha dos questionários junto do Agrupamento.

Importa aqui louvar a excelente colaboração prestada pelo órgão de gestão, fazendo chegar a mensagem dos objectivos e importância fundamental do estudo aos agentes colaboradores (professores e alunos). Também o facto deste órgão ter transmitido a importância da investigação, bem como a recomendação da aplicação a todos os destinatários, determinaria uma taxa elevada de retorno dos questionários preenchidos e válidos, que se traduziu na ordem dos 100%, significando um notável resultado deste processo.

De referir ainda que, desde o momento que estabelecemos o primeiro contacto com o órgão de gestão do Agrupamento, fomos acolhidos com grande receptividade e a demonstração de uma enorme vontade de colaboração, o que se manteve inalterável até ao seu termo.

Queremos também salientar, a admirável receptividade demonstrada por todos os alunos inquiridos que colaboraram no presente estudo, como dos seus professores. Recebemos destes, solicitação para divulgação dos resultados obtidos e respectivas conclusões, o que se torna para nós um factor positivo do estudo e que revela uma excelente dedicação e interesse dos intervenientes pela temática apresentada.

4.4- Análise e interpretação dos dados

A análise dos dados é um processo de compreensão e sistematização dos dados recolhidos pelos vários meios utilizados, permitindo não só uma melhor compreensão por parte do investigador do material recolhido, mas também uma forma de o organizar com o objectivo de responder às questões propostas.

Durante a fase de análise de dados assinalámos três momentos fundamentais: *descrição, análise e interpretação.*

- A descrição correspondeu à escrita dos textos resultantes dos dados originais registados pelos investigadores.
- A análise reportou-se ao processo de organização de dados, onde se salientam os aspectos essenciais e se identificam os factores chave.
- Finalmente a interpretação diz respeito ao processo de obtenção de significados e ilações a partir dos dados obtidos.

Nesta perspectiva, diremos que num projecto de investigação, a análise e a interpretação dos dados são etapas que nos levam a uma posterior apresentação dos resultados. Estabelece-se uma ligação com as afirmações, teorias e convicções essenciais referenciadas na parte teórica da dissertação, tendo como base as citações dos diversos autores e nas reflexões efectuadas sobre a temática.

4.4.1- Dados relativos à análise documental

A solicitação ao órgão de gestão do Agrupamento de Escolas de Borba de um conjunto de documentos que administram a organização da escola, designadamente o Projecto Educativo da Escola, Projecto Curricular da Escola, Regulamento Interno e Plano Anual de Actividades, teve como objectivo principal conhecer a eventual importância que a Biblioteca Escolar representa na instituição onde se integra.

Uma análise documental que nos permita perceber de que modo a BE está integrada na vida da escola e que papel desempenha na promoção do sucesso

escolar e educativo dos alunos, nomeadamente através do desenvolvimento das suas actividades e trabalho colaborativo.

Iniciámos a nossa análise pelo Projecto Educativo da Escola (PEE). Um instrumento essencial na definição de prioridades e linhas de acção da escola, onde se pretende em traços gerais, explicitar os *“princípios, os valores, as metas e estratégias, segundo as quais, a escola se propõe cumprir a sua função educativa”*, de acordo com o Decreto-Lei 115-A/98.²⁷

Um documento que tem de ser encarado como abrangente, dinâmico e flexível, susceptível de ajustamentos e melhorias, isto é, um documento congregador e espelho da acção e do esforço de toda a comunidade educativa (PPE p.43).

Neste documento surgem quanto aos princípios (PEE p.33-35):

- *Promoção e desenvolvimento de políticas de gestão aberta partilhada e participada.*
- *Desenvolvimento dos princípios da equidade, colegialidade e democracia.*
- *O primado de critérios de natureza pedagógica e científica sobre os critérios de natureza administrativa.*
- *Eficiência e qualidade dos serviços*
- *Criação de parcerias e desenvolvimento de protocolos.*

Convencionam estes princípios uma gestão aberta e participada, uma partilha de ideias, uma comunicação e envolvimento de todos os sectores para a melhoria da prática pedagógica e da eficácia e eficiência dos serviços prestados. Alargar a sua acção educativa a outras comunidades exteriores, estabelecendo com elas protocolos, realçando-se a importância do papel da sociedade civil no desenvolvimento da escola.

Em relação aos valores, este documento exhibe como divisa que “A ESCOLA FORMA OS HOMENS DE AMANHÃ”, fazer hoje para construir a sociedade de amanhã, tendo o dever de estimular e promover valores adequados a esse objectivo (PEE p.36).

²⁷ Decreto-lei 115-A/98 – Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respectivos agrupamentos.

Assume assim, a responsabilidade de estimular a formação de cidadãos livres, tolerantes, responsáveis, autónomos, solidários, civicamente conscientes e participativos, capazes de integrarem e defenderem princípios de uma sociedade democrática. Propiciar uma aprendizagem e ensino com tolerância e igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.

Definem-se igualmente metas e estratégias a alcançar com o PEE, comprometendo-se a analisar e tratar os níveis de absentismo e sucesso/insucesso escolar dos seus alunos. Assegurar o seu sucesso educativo, promovendo uma cultura de qualidade e apelando ao envolvimento dos encarregados de educação no acompanhamento da vida escolar dos seus educandos.

Também a promoção de actividades culturais que possam ir de encontro aos interesses dos alunos, estimulando o gosto pela escola e uma maior apetência pelo saber. O desenvolver de uma cultura profissional, apontada para a partilha, entreajuda e troca de saberes.

Quanto às metas e estratégias (PEE p.37-42) são referidas a importância de promover a articulação entre os diferentes níveis e ciclos de ensino, nomeadamente no sentido de:

- *Transformar a escola sede num pólo aglutinador de inovações (nomeadamente na utilização das novas tecnologias, escola digital...), novas mentalidades e posturas, promovendo fenómenos socializadores que contribuam para o sucesso educativo de todo o Agrupamento:*
- *Estimular desde o Pré-Escolar, a utilização das Novas Tecnologias, promovendo a visita ao Centro de Recursos (BE), Sala TIC, da escola sede.*

A BE é referida neste documento, aludindo para que esta seja um elo de ligação entre os diversos níveis de ensino, pela via da frequência e utilização dos seus recursos, nomeadamente das novas tecnologias (T.I.C.), por parte da comunidade educativa.

O segundo documento analisado foi o Projecto Curricular de Escola (PCE). Um projecto que é concebido, aprovado e avaliado pelos órgãos de administração e gestão de cada agrupamento. Constitui um documento definidor das estratégias de

desenvolvimento do currículo nacional, visando adequá-lo ao contexto de cada escola. Contudo, a responsabilidade directa de organização e condução do processo ensino/aprendizagem compete aos agentes educativos que trabalham com cada grupo de alunos/turmas.

Objectivos e competências pedagógicas gerais da educação são expostos no PCE (p.14), entre os quais temos:

- *Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;*
- *Promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades dirigidas à observação e ao questionamento da realidade e à integração de saberes;*
- *Rentabilizar as potencialidades das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) no uso adequado de diferentes linguagens;*
- *Pesquisar, seleccionar, organizar e interpretar informação de forma crítica em função de questões, necessidades ou problemas a resolver e respectivos contextos;*
- *Desenvolver actividades que permitam a selecção crítica de informação;*
- *Desenvolver competências de consulta e utilização de diversas fontes de informação;*
- *Proporcionar a familiarização com o código escrito e desenvolver a literacia;*
- *Alargar as capacidades de compreensão e produção linguística;*
- *Estimular o gosto e o respeito pelo livro enquanto veículo de transmissão de saber;*
- *Explorar livros, revistas e álbuns de imagens, computador.*

Constata-se pelos objectivos e competências pedagógicas referidas, o propósito de atingir um ensino/aprendizagem de sucesso que assenta na exploração e utilização das diversas fontes de informação. Um estímulo ao desenvolvimento dos saberes com a utilização e selecção crítica da informação, do desenvolver da literacia e do fomentar do livro como fonte de propagação do saber.

Sendo a BE um local privilegiado de pesquisa, selecção e tratamento da informação, não se faz referência explícita à sua utilização neste documento, mas somos

levados a supor que estes objectivos e competências pedagógicas pressupõem a possível utilização e frequência da BE.

O terceiro documento analisado foi o Regulamento Interno do Agrupamento (RIA) e, como refere a alínea b) do ponto 2 do art.º 3º do Decreto-Lei n.º115-A/98, de 4 de Maio, é,

“ (...) o documento que define o regime de funcionamento da escola, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços de apoio educativo, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar.”

No seu preâmbulo é referido que o Projecto Educativo, o Plano de Actividades e o Regulamento Interno,

“Constituem estes instrumentos não só, mecanismos que permitem determinar o sucesso educativo dos alunos, quer em termos cognitivos, quer na aquisição de atitudes, comportamentos e valores, mas também se assumem como orientadores das relações estabelecidas no contexto escolar e educativo”.

Enuncia um conjunto de normas a aplicar a toda a comunidade escolar, com vista ao bom funcionamento da escola e consecução dos objectivos estabelecidos no seu projecto educativo.

O art.º5.º define os objectivos gerais do agrupamento e no nº1, h) (p.5-6), propõe-se assegurar a formação geral dos alunos,

“Fomentando a aquisição e a utilização dos saberes e competências, na perspectiva de uma aprendizagem permanente.”

No art.º6.º - Estratégias Globais, explicitam-se as actividades de enriquecimento curricular, referindo o ponto 2 (p.7), que a escola desenvolve essas estratégias mediante a,

“Realização de actividades de enriquecimento curricular, directamente orientadas para o engrandecimento cultural e cívico, para a educação física e desportiva, para a educação artística e para a inserção dos alunos na

comunidade (clubes, oficinas, visitas de estudo...) e na área da Educação para os valores.”

Analisando estes dois artigos, verificamos que não está mencionado de forma evidente se a aquisição e a utilização dos saberes, os recursos culturais e as actividades de enriquecimento curricular, envolvem a participação e as actividades realizadas na BE, contudo admitimos o seu envolvimento. Talvez seja oportuno colocar a questão:

Qual o papel da BE em todas estas actividades/projectos?

Encontramos a este respeito, referência à Biblioteca Escolar no ponto 1 do art.º 64º (p.31), onde se pode ler que,

“O acesso à Biblioteca Escolar - Centro de Recursos é livre para toda a comunidade escolar, mas condicionado a marcação prévia, para a realização de actividades lectivas formais” e no ponto 5, alínea c) os seus coordenadores devem *“Desenvolver actividades que promovam e dignifiquem a BE.”*

Verificamos desta forma, que o acesso à BE é livre para toda a comunidade escolar, podendo usufruir dos seus recursos, mas também que a BE é utilizada para actividades lectivas de acordo com o currículo, sendo a sua utilização compartilhada e planeada. As actividades a desenvolver pelos seus coordenadores terão como objectivo promover e dignificar a BE, não estando explícito que tipo de actividades. Talvez de promoção da leitura, difusão da informação, de pesquisa e tratamento da informação, de dinamização de projectos interdisciplinares, de investigação, reflexão e de estudo visando a qualidade das práticas educativas ou de apoio ao currículo entre outras.

A Biblioteca Escolar deverá constituir um centro de formação, informação e de dinamização da própria escola considerando os princípios consagrados no manifesto da UNESCO para a leitura, nomeadamente:

- Promover o gosto pela leitura, organizando actividades que permitem ocupar e encorajar a participação, de forma proveitosa, os tempos livres dos potenciais utilizadores e principalmente dos alunos;*
- Ser um centro de informação e formação válido e com capacidade de respostas aprofundadas e adequadas ao público-alvo;*

- *Dinamizar o uso das novas tecnologias na pesquisa e organização da informação;*
- *Alargar e enriquecer o seu fundo documental de livros, periódicos, revistas, audiovisuais e documentos em suporte informático;*
- *Promover a investigação.*

O quarto documento analisado foi o Plano Anual de Actividades do Agrupamento para 2009/2010. Define-se como um instrumento de planificação e gestão pedagógica que permite concretizar os objectivos definidos no Projecto Educativo. Fixam-se como metas a atingir especificamente o “Melhorar a qualidade das aprendizagens” e o “Promover a formação pessoal e social”.

Sendo um documento vasto e atendendo aos objectivos do presente trabalho, iremos analisar somente a parte relacionada com a BE, nomeadamente o Plano de Actividades da BE (PABE), descrito no Plano Anual de Actividades do Agrupamento (PAA).

O PABE, procura responder às prioridades educativas do agrupamento contempladas no Projecto Educativo. São elas a promoção do hábito e gosto pela leitura e o desenvolvimento da Literacia da Informação. Neste sentido, as acções nestes domínios, são alvo de especial relevância na elaboração do plano de actividades da BE nos últimos anos e inscritas no Plano Anual de Actividades do Agrupamento.

Mencionamos alguns dos objectivos principais que a BE pretende atingir com a realização das suas actividades e do impacto que desejam alcançar junto dos alunos, sendo eles:

- *Colocar o aluno em contacto directo com o livro, utilizando-o como meio de se recrear ou para complementar matérias de estudo;*
- *Facultar ao aluno fontes diversificadas de obtenção de informação;*
- *Proporcionar aos alunos, de uma forma pedagógica e original, o gosto e motivação pela aprendizagem;*

- Estimular a criatividade e o espírito crítico, beneficiando o desenvolvimento de sentimentos de auto-confiança;
- Fomentar hábitos de trabalho individual e em grupo, estimulando a aquisição de saberes baseados na observação e na experimentação;
- Desenvolver actividades que apliquem a interdisciplinaridade, particularmente nos seguintes domínios: Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Expressão Plástica, Expressão Dramática e Expressão Musical.

Relativamente aos objectivos da BE, parece-nos claro que, a promoção da leitura e da escrita e a melhoria de aprendizagens diversificadas, assumem uma importância fulcral ao nível do currículo e da ocupação de tempos livres dos alunos.

Do mencionado plano, retirámos ainda algumas actividades mais relevantes e respectivos objectivos que apresentamos em síntese:

Quadro 2: Síntese das Actividades e Objectivos da BE

Actividades	Objectivos
Visita de estudo à Biblioteca Municipal de Beja:	- Criar o gosto pela leitura. - Contactar com uma biblioteca diferente daquelas a que estão habituados
Parceria com o PNL e Estudo Acompanhado	- Estimular o gosto pela leitura - Promover o gosto por novas leituras
A BE e o Currículo	- Articular a BE com o currículo - Propor recursos educativos aos docentes para exploração em sala de aula; trazer alunos à BE
Criar um blogue	- Difundir as actividades da BE
Autor do Mês	- Promover a criação de hábitos de leitura
Fundo Local	- Organizar documentação com obras de autores locais
Encontro com escritores	- Promover as literacias da leitura - Sessões de promoção da leitura
Clube da Leitura	- Promover a literacia da leitura - Actividades de leitura, escrita e análise de obras
II Semana da Leitura	- Actividades de promoção da leitura e de criação de hábitos de leitura

Jornal da Escola “ O Catavento”	- Desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita - Contribuir para a formação pessoal e social dos alunos - Promover a ligação escola-meio - Promover a interdisciplinaridade - Desenvolver o sentido crítico e criativo - Envolver um maior número de disciplinas, criando uma página da responsabilidade de cada uma delas
Participação dos Encarregados de Educação	- Sensibilizar os Enc. de Ed. para a urgência e importância da sua participação, na promoção da qualidade do trabalho da escola, isto é, no sucesso educativo dos alunos. - Explicitar as grandes linhas da acção educativa da Escola. - Avaliar o trabalho realizado em cada período. - Identificar as áreas de sucesso e de dificuldade. - Análise e reflexão conjunta, para identificação das medidas complementares consideradas necessárias. - Disseminar da informação junto dos restantes Enc. de Ed. dos alunos da turma.
Comemorações alusivas ao Livro	- Promover a literacia da leitura
Semana da Criança	- Actividades de animação e de criação de hábitos de leitura;

Fonte: Adaptação do Plano de Actividades da BE – 2009/2010

Estabelecem-se ainda parcerias com outras instituições para o desenvolvimento das actividades da BE, das quais se destacam a Biblioteca Municipal e a RBE – Rede de Bibliotecas Escolares em consonância com o PNL – Plano Nacional de Leitura.

Decorrem ainda acções de divulgação e de promoção das suas actividades junto de toda a comunidade escolar, onde se realça o estímulo ao envolvimento do corpo docente para a frequência e utilização dos recursos da BE, quer de forma isolada, quer no acompanhamento dos alunos.

Para além das actividades referidas, a BE desenvolve ainda um conjunto de outras acções de sensibilização e colaboração junto da comunidade escolar com carácter regular, entre as quais se destacam:

- *O convite às turmas para visitarem a BE;*
- *Comemorações alusivas a datas ou a épocas festivas;*
- *A participação no Jornal Escolar do Agrupamento “O Catavento”;*
- *Realização de actividades específicas solicitadas pelos professores das turmas;*

- *Elaboração de trabalhos de pesquisa sobre diversos assuntos relacionados com a área de projecto da escola;*
- *Oficina das T.I.C. – desenvolvimento das competências básicas nas T.I.C.*
- *Realização de Ateliers/Acções de Formação de promoção do livro e da leitura em colaboração com a Biblioteca Municipal;*
- *Desenvolvimento de projectos em parceria com o PNL.*

Chegados a este ponto do nosso estudo e com base na análise documental recolhida, provavelmente possamos dizer que a BE oferece as condições suficientes para que os alunos possam desenvolver as suas necessidades curriculares e de lazer, como o de cultivar o gosto pela leitura. Poderá assim, representar um significativo apoio na obtenção do sucesso educativo.

4.4.2- Dados relativos à observação directa

No decorrer da nossa investigação, efectuamos uma observação directa não participante ao local da BE, que dividimos em duas fases. Corresponde a primeira a uma observação do espaço físico, equipamento (mobiliário e tecnológico) e fundo documental. A segunda fase corresponde a uma observação directa do seu funcionamento normal, actividades desenvolvidas e utilização pelos alunos, para a qual construímos e utilizámos especificamente uma Grelha de Observação das Actividades da BE.

Considerámos que a observação nestas duas vertentes, talvez nos permitisse efectuar uma análise descritiva mais próxima da realidade e dos objectivos propostos, através dos dados recolhidos.

Para os objectivos da observação do espaço físico da BE definimos:

- *Verificar se o espaço ocupado pela BE está adequado e funcional à prestação de serviços à comunidade escolar;*

- *Averiguar se o fundo documental da BE está adequado ao currículo e ao desenvolvimento das actividades da BE.*

Com base nesta observação e nas informações prestadas pelo Coordenador da BE, obtivemos os seguintes dados:

- *A Biblioteca Escolar da E.B 2.3 Padre Bento Pereira de Borba, sobre a qual recai o nosso estudo, funciona num espaço constituído por duas salas, ocupando cerca de 130 m², estando limitada a uma lotação máxima de 50 lugares sentados e apresentando uma geografia de espaço adequada às suas funções.*
- *A BE tem subdividida as duas salas que ocupa em várias áreas funcionais, disponibilizando zona de acolhimento, de leitura informal, de pesquisa, de sugestões de leitura, de consulta e produção de documentação, de exposições e ainda uma sala multimédia com 13 computadores a serem utilizados por alunos e professores e dois computadores para trabalho técnico (catalogação e controlo de empréstimo).*
- *O seu fundo documental é constituído por 4986 documentos impressos e 242 não impressos, estando destes cerca de 4950 disponíveis para empréstimo domiciliário. Conta ainda com cerca de 190 vídeos e DVD's, 52 Cd-rom, 14 dossiers temáticos, 10 puzzles e jogos. O seu registo está alojado em catálogo informatizado no software de gestão de bibliotecas, o Porbase 5, estando acessível para pesquisa e consulta dos utilizadores.*
- *As monografias estão arrumadas em estantes de livre acesso, sinalizadas e organizadas de acordo com a C.D.U – Classificação Decimal Universal. O empréstimo domiciliário é facultado a toda a comunidade escolar, estando a maior parte das monografias disponíveis para empréstimo domiciliário, exceptuando as obras de referência, (dicionários, enciclopédias, obras raras e/ou caras, as publicações periódicas, os documentos não impressos e os jogos) que são de consulta/leitura/audição/visionamento e recreação presenciais.*

Segundo informação recolhida junto do professor bibliotecário/coordenador, a BE dispõe de fundo documental adequado ao currículo e à ocupação de tempos livres

(leitura de lazer) dos seus utilizadores. Conta com uma renovação anual média de cerca de 300 documentos, mediante aquisições directas efectuadas pelo respectivo Agrupamento em parceria com o PNL – Plano Nacional de Leitura.

Ainda segundo os dados estatísticos facultados, relativos à frequência e utilização da BE durante o ano lectivo de 2009/2010, temos o registo de cerca de 237 empréstimos domiciliários, enquanto as actividades de consulta presencial e os trabalhos escolares em grupo por parte dos alunos, se elevam para os cerca de 700 registos.

Quanto à observação directa do funcionamento da BE definimos os seguintes objectivos:

- *Observar as formas de utilização da BE por parte da comunidade educativa – alunos, professores, auxiliares de acção educativa e encarregados de educação;*
- *Descrever o tipo de utilização efectuada pela comunidade educativa da BE.*

Do trabalho de campo realizado e com metodologia assente na Grelha de Observação das Actividades na BE elaborada para o efeito, foi possível recolher os seguintes dados:

- *Utilização da BE, apenas por alunos e docentes, não se registando o seu uso por parte de outros elementos da comunidade educativa;*
- *As actividades observadas, desenvolvidas por alunos e docentes, centram-se fundamentalmente:*
 - *Na visualização de filmes vídeo, especialmente de apoio ao currículo e sua exploração e na execução de trabalhos escolares/curriculares e de pesquisa documental, em forma individual e em grupo;*
 - *Na realização da “Hora do Conto”, que integra diversas actividades de promoção da leitura e da escrita (leitura de histórias, preenchimento de fichas de leitura, jogos, fichas de pesquisa), conjuntamente com actividades de expressão plástica (criação de personagens e ilustrações das histórias);*
 - *Na requisição de livros para leitura domiciliária e de consulta local;*

- *Na realização de visitas guiadas de grupo de alunos (turma), acompanhados pelos docentes para a realização de trabalhos de pesquisa e o leccionar de aulas, principalmente de TIC.*
- *Durante o período de observação, os alunos que se deslocaram à BE para além do horário lectivo, fizeram-no em pequenos grupos e sobretudo para realizarem trabalhos escolares. Quando se deslocam individualmente, fazem-no principalmente durante os intervalos para efectuarem a entrega e ou requisição de livros para leitura domiciliária. A execução de trabalhos escolares decorre normalmente no período para além das aulas.*
- *Assinalámos a frequência da BE por parte de alguns docentes, sobretudo os de Língua Portuguesa e TIC, que procuram complementar as suas actividades curriculares com os recursos disponíveis na BE. Nas suas deslocações, fazem-se acompanhar pelos respectivos alunos, mas apenas em período escolar.*
- *A utilização dos recursos disponíveis nas várias zonas da BE por parte dos alunos foi bastante diversificada, nomeadamente livros, revistas vídeos, jogos, puzzles, computadores e material de expressão plástica.*
- *Os alunos que frequentaram a BE, quer em grupo ou individualmente, revelaram na sua grande maioria, ter conhecimento das regras de utilização do espaço e dos recursos disponíveis em livre acesso. Excepção para uma pequena minoria de alunos, sobretudo os mais novos, que demonstraram algum desconhecimento sobre essa utilização.*
- *Verificámos que a generalidade dos alunos manifestou uma atitude bastante positiva em relação às actividades realizadas na BE, onde se realça uma participação espontânea e activa, o interesse, o entusiasmo, a atenção e a autonomia pelas mesmas;*
- *Das actividades realizadas na BE, registe-se que quanto à gestão da aprendizagem, estiveram a cargo coordenador da BE e as restantes realizaram-se em interacção com os docentes, designadamente nos apoios educativos. Um trabalho colaborativo de elaboração e planeamento entre professor titular de turma e pelo professor-bibliotecário, coordenador da BE.*

A par dos dados recolhidos pela observação directa, temos informação que alguns alunos que se deslocaram à BE e requisitam livros, revelaram ao coordenador que os pais também costumam ler com eles esses mesmos livros. Será provavelmente um indicador da participação dos encarregados de educação na promoção da leitura.

4.4.3- Dados relativos à análise e interpretação dos questionários

Como referimos anteriormente, o tratamento e a análise dos dados estatísticos do questionário, foi efectuada com recurso à aplicação informática da Microsoft Excel.

Nesta fase, apresentamos simultaneamente, a descrição, a análise e a interpretação dos dados recolhidos, com maior incidência na informação dos questionários, tratando cada questão colocada de acordo com os objectivos traçados para a mesma, confrontando-as sempre que possível com as diferentes perspectivas relatadas pelos autores na revisão da literatura realizada (análise documental) e com os dados das notas de campo (observação directa), estabelecendo-se assim a nossa triangulação de dados.

O questionário foi construído de forma a poder recolher uma informação mais real e actualizada sobre os hábitos de leitura e a frequência e ou utilização da Biblioteca Escolar por parte dos alunos, identificando-se como o objectivo principal do questionário.

O questionário elaborado para a recolha de dados essenciais ao nosso objecto de estudo, o qual denominamos de “A Biblioteca Escolar e a Leitura”, apresenta-se dividido em três partes onde se colocam as diversas questões relativas à informação pretendida.

Assim, na Parte I -Dados/informações pessoais, recolhe-se informação que permita caracterizar os inquiridos quanto ao ano de escolaridade, idade e sexo.

Na Parte II – A Leitura, pretende-se obter informação quanto aos hábitos de leitura dos alunos inquiridos, sendo tratados e posteriormente relacionados com os obtidos na terceira parte respeitante à frequência de bibliotecas.

A Parte III – A Biblioteca Escolar, corresponde à terceira e última parte do questionário e tem como finalidade recolher informação sobre a frequência e utilização da Biblioteca Escolar por parte dos inquiridos.

4.4.3.1- Caracterização dos inquiridos

O estudo por nós desenvolvido, tendo em conta a amostra seleccionada, constituída por alunos dos diversos níveis de escolaridade, pretende caracterizar os seus hábitos de leitura e uma eventual comparação ou intersecção com a frequência ou utilização da BE. Os dados preliminares que apresentamos neste texto foram obtidos através de um inquérito por questionário respondido por 64 alunos.

O objecto de estudo que se apresenta, recai sobre 64 alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade da Escola E.B 2.3 Padre Bento Pereira de Borba, de um universo de 330 alunos que se distribuem por 16 turmas. A cada ano de escolaridade correspondem 3 turmas, com excepção para o 6º ano que é composto por quatro turmas. Neste universo, a amostra representa cerca de 20% do universo total, contribuindo cada turma com 4 alunos.

Da amostra selectiva identificada resultaram aleatoriamente 28 alunos do sexo masculino e 36 do sexo feminino, para uma frequência relativa de 44% e 56% respectivamente. Esta distribuição constitui uma base que julgamos sólida para a obtenção de informações capazes de possibilitar uma caracterização mais ajustada das práticas de leitura dos alunos e que se apresenta nos gráficos seguintes:

Gráfico 1 - Frequência Absoluta - Sexo

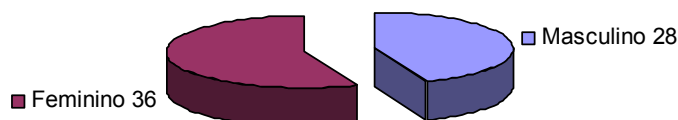
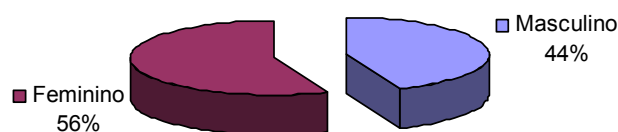
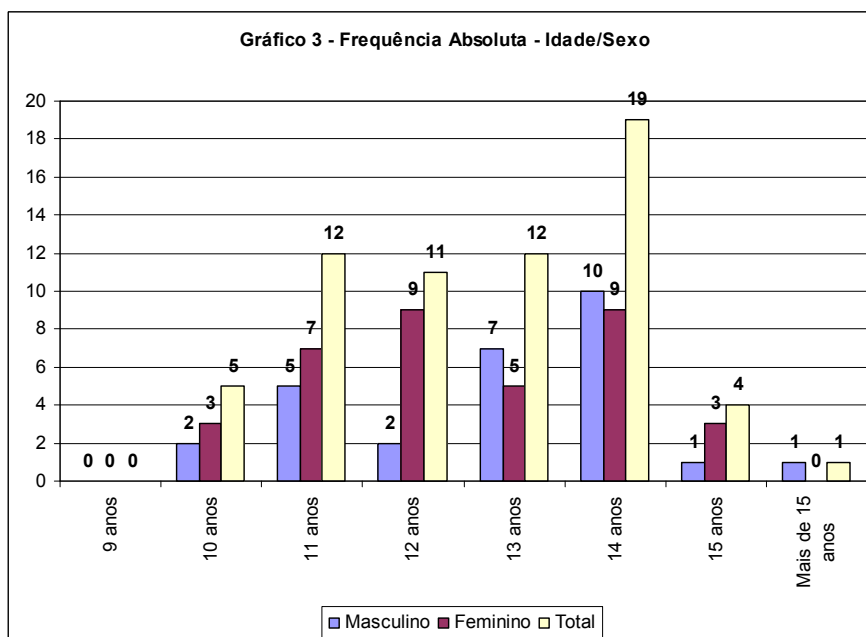


Gráfico 2 - Frequência Relativa - Sexo



Relativamente à idade dos inquiridos/alunos e conjugando ambos os sexos, verificamos que a maioria se situa na faixa etária dos 14 anos, representando 30% do total, logo seguida da faixa dos 11 e 13 anos com 19% cada. Sucede-se a faixa dos 12 anos representando 17%, sendo a menos expressiva a faixa de alunos com mais de 15 anos, com apenas 2%. Temos assim a predominância de um intervalo de idades que se situa maioritariamente num grupo de alunos entre os 11 e os 14 anos de idade.

Apresenta-se o gráfico 3, relativo à frequência absoluta da idade/sexo dos inquiridos:



4.4.3.2- A Leitura

Nesta segunda fase de interpretação dos dados, são apresentados os resultados da investigação de âmbito local que temos estado a desenvolver acerca do estado da leitura dos inquiridos. Pretende-se saber as atitudes perante a leitura e hábitos de leitura dos alunos da Escola E.B 2.3 Padre Bento Pereira de Borba. Foram definidos como objectivos principais:

- *Identificar alguns dos aspectos essenciais das práticas de leitura desenvolvidas pelos alunos, sobretudo quanto aos seus objectivos, frequência e importância relativa à ocupação de tempos livres;*
- *Caracterizar os alunos quanto aos seus hábitos de leitura.*

Apresentam-se dados relativos aos objectivos previamente mencionados, designadamente:

- *Às atitudes para com a leitura expressas pelos alunos inquiridos;*
- *Ao hábito da leitura entre as actividades de lazer;*
- *Às práticas de leitura de livros, nomeadamente, tipos preferidos, onde os encontram, frequência e influência na compreensão dos textos.*

A partir desta fase do inquérito, analisamos as respostas dos inquiridos através de dois estratos, os alunos com “maior sucesso escolar” e os alunos com “menor sucesso escolar”, tendo como objectivo averiguar a eventual relação existente dos hábitos de leitura dos alunos com a frequência e utilização das bibliotecas escolares e seus reflexos na obtenção de um maior ou menor sucesso educativo, por cada um dos grupos.

Foi nossa opção, nos gráficos apresentados, separar os dados relativos aos alunos de “maior sucesso escolar” dos alunos de “menor sucesso escolar” o que nos pareceu oportuno, do ponto de vista da análise de dados. No entanto, entendemos também ser importante efectuar uma análise face à globalidade das respostas dos dois estratos, das quais se procurará retirar algumas ilações que possam contribuir para a compreensão do nosso objecto de estudo.

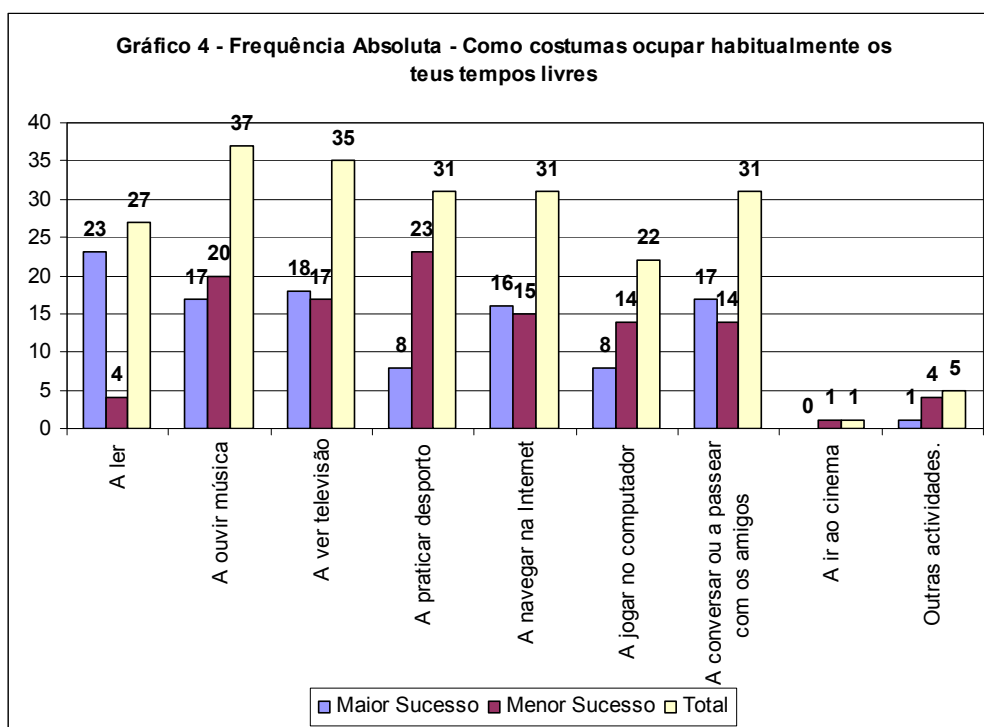
Talvez seja pertinente colocar a hipótese:

- Os alunos que apresentam mais hábitos de leitura obtêm melhores resultados e mais sucesso escolar.

Para o tratamento dos dados recolhidos, foram elaborados dois quadros para cada questão do questionário, sendo um quadro de frequências absolutas e um quadro de frequências relativas que deram origem aos respectivos gráficos de barras.

Como metodologia de análise e apresentação dos dados recolhidos, optámos por apresentar apenas o gráfico da frequência absoluta e apresentar a frequência relativa através das percentagens obtidas por cada resposta. Uma metodologia que pretende obter uma melhor leitura dos dados e correspondente interpretação. Iniciamos assim a análise individual de cada questão colocada na segunda parte do nosso questionário.

Questão – P4 – Como costumamos ocupar habitualmente os teus tempos livres?
(Assinala apenas *três respostas*)



A análise do hábito da leitura entre os alunos inquiridos passou, neste estudo, pela consideração do lugar desta prática no quadro das actividades de ocupação dos tempos livres que aqueles normalmente desenvolvem. Estará a leitura como uma das mais importantes ocupações dos alunos e que importância tem o acto de ler para eles.

Assim, passando à análise propriamente dita do questionário, começamos pela questão (P4), que tem como objectivo, saber como ocupam os jovens/alunos os seus tempos livres. A partir da verificação do gráfico n.º 4, constata-se que os alunos com “maior sucesso”, 72% responderam que ocupam o seu tempo livre a ler, enquanto os de “menor sucesso”, com percentagem igual de 72% afirmam ocupar o tempo a praticar desporto.

De uma forma geral, 58% dos alunos revelam ocupar o seu tempo livre a ouvir música, e destes, 53% são os de “maior sucesso” e 63% os de “menor sucesso”. Já 55% prefere ver televisão, seguindo-se a prática desportiva, a navegar na internet e a conversar com os amigos, com uma percentagem de 48%.

Podemos depreender que a leitura é algo de muito importante para os alunos de “maior sucesso”, e menos importante para os de “menor sucesso” que optam sobretudo por praticar desporto nos seus tempos livres. As práticas de leitura reflectem esse mesmo desinteresse. Os jovens preferem fazer desporto, ver televisão, estar com os amigos ou navegar na Internet, do que ler.

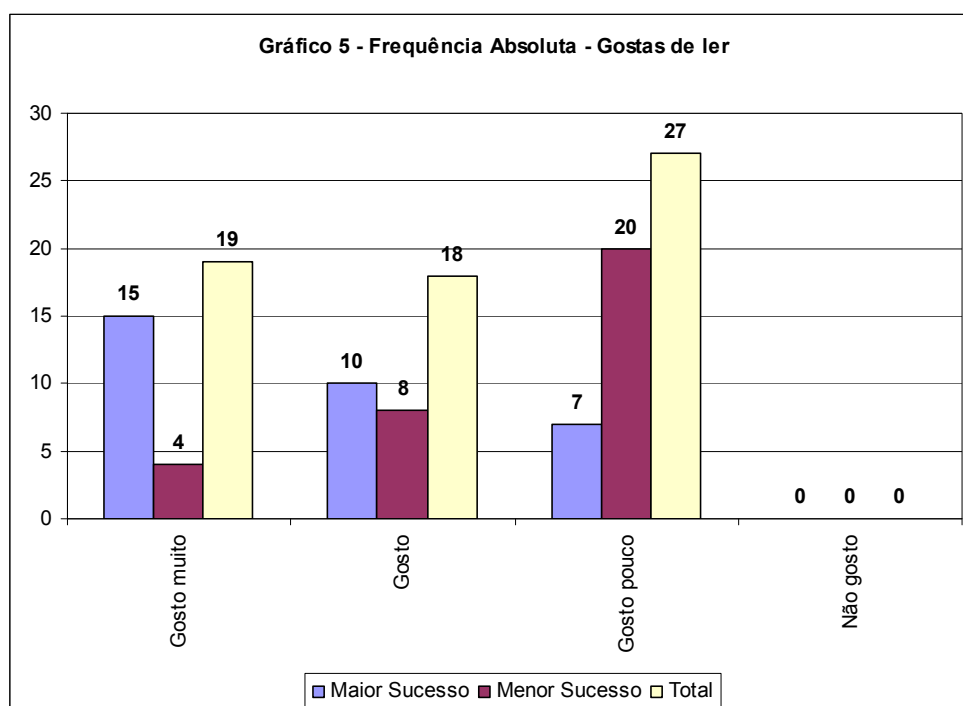
Neste contexto refere A. Balça (2000:29) que,

“ (...) as preocupações relacionadas com a leitura, partilhadas pelos mais diversos autores e, no fundo, pela sociedade em geral, ocorrem na sequência de uma constatação vulgarizada de que as crianças e os jovens não lêem, não gostam de ler, a leitura não é uma actividade que lhes dê prazer, a leitura não é uma actividade preferencial entre as desenvolvidas nos seus tempos livres.”

Saliente-se contudo, que o acto de ler está mais enraizado e denota maior interesse para os alunos do fragmento de “maior sucesso”, estando como uma das principais opções para a sua ocupação de tempos livres.

Questão – P5 – Gostas de ler?

(Assinala apenas **uma resposta**)



Quando se questiona sobre o conceito de gostar de ler (P5), é referido pelos alunos de “maior sucesso” que gostam muito de ler, registando 47% das opiniões, enquanto que 63% de “menor sucesso” afirmam gostar pouco de ler.

É evidente, como é possível observar no gráfico, uma atitude claramente favorável para com a leitura por parte dos alunos de “maior sucesso”, sendo talvez o gosto pessoal a razão principal para lerem. Contribui certamente este facto para uma atitude positiva para com a leitura e um consequente sucesso escolar.

Para os alunos de “menor sucesso” a atitude perante a leitura é menos positiva, podendo corresponder a um menor contacto com a leitura, tornando-se um factor influenciador do desenvolvimento do aluno e do seu sucesso escolar.

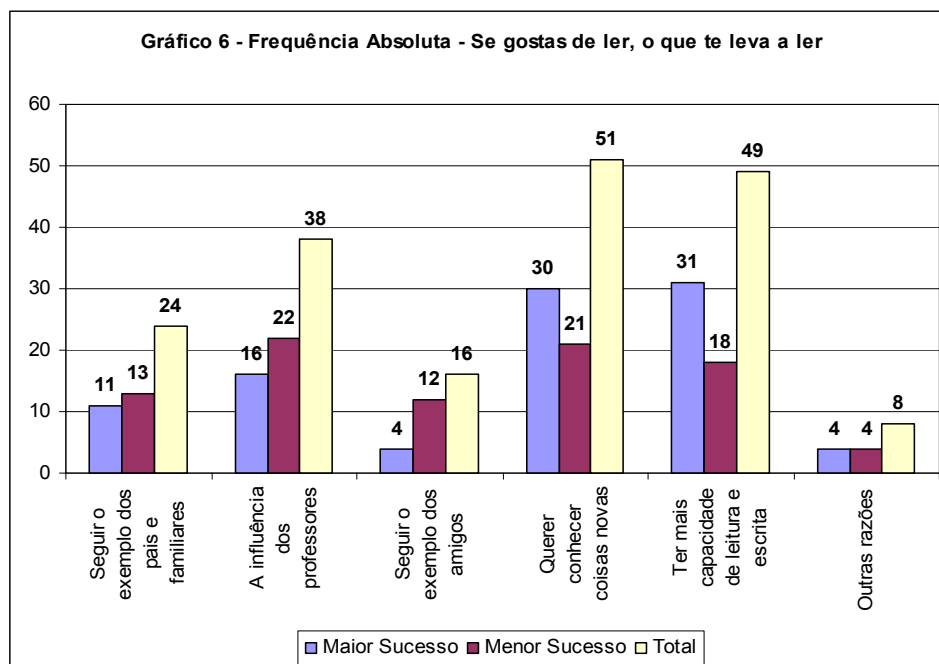
No entanto, nas respostas em comum, constata-se que 39% dos inquiridos “gostam pouco de ler”, 30% “gostam muito” e 28% simplesmente “gostam de ler”.

Assim, e de uma forma global, os alunos inquiridos demonstram uma tendência para o “gostar de ler”, já que as suas opiniões se situam entre o “gostar muito” e o “gostar pouco de ler”. Por outro lado, se somarmos as opiniões de “gostar muito” e “gostar”

de ler, obtemos no seu global 58% das opiniões. Em termos gerais, pode dizer-se que, para os estudantes inquiridos, a leitura é uma prática valorizada positivamente.

Questão – P6 – Se gostas de ler, o que te leva a ler?

(Assinala apenas três respostas)



Colocada a questão (P6), procura-se saber quais as razões ou motivos mais importantes que levam os alunos a ler e porque o fazem. Uma questão destinada apenas aos alunos que afirmaram na questão anterior “gostar de ler”.

Obtivemos então e de forma relevante uma percentagem significativa de alunos com “maior sucesso” que declaram o facto de “gostar de ler”, referindo que o principal motivo que os leva a ler, é o da obtenção de mais capacidades de leitura e escrita, traduzindo-se em 97% de respostas.

Já os alunos de “menor sucesso”, afirmam que o “gostar de ler” se deve à influência e incentivo exercidos pelos professores, manifestando-se numa percentagem de 69%. É notória a importância do papel do professor no incentivo à leitura para este grupo de alunos que assume aqui grande relevo.

Pela análise do gráfico e em termos gerais dos alunos inquiridos, são igualmente relevantes os dados obtidos, tendo a maioria indicado como motivo principal para o gostar de ler e o que os leva a ler, o facto de “querer conhecer coisas novas”, que se traduz numa percentagem de 80%. Também importante a opção de 77% ter afirmado o propósito que os leva a ler se relacionar com a “aquisição de mais capacidade de leitura e escrita”.

Igualmente com grande significado, é o número dos que admitem a influência dos professores, situando-se na casa dos 59% de respostas. Depois vem a preferência pelo “seguir o exemplo dos pais e familiares”, que recolhe 38% das opiniões, enquanto o “seguir o exemplo dos amigos” se fica pelos 25%. Temos ainda com 13% de respostas, alunos que apontam outras razões, expressando o interesse pelo livro, isto devido ao sentimento que ele transmite e as suas necessidades escolares.

Também se torna evidente a influência dos professores na sensibilização e motivação para a leitura junto dos seus alunos, acolhendo estes os seus conselhos.

Parece evidente pelas respostas, onde se destacam, o ter mais capacidade de leitura e escrita e o querer conhecer coisa novas, que os alunos nos revelam um forte interesse pelo crescimento do saber que se poderá reflectir na aquisição de um maior sucesso educativo.

Por outro lado, é também importante que a escola, enquanto instituição de formação de futuros cidadãos, esteja consciente do papel fundamental que deve exercer na sensibilização para a leitura e criação do hábito de ler.

(A questão seguinte é apenas para os alunos que dizem “não gostar” de ler)

Questão – P7 – Se não lês, quais as razões porque não o fazes?

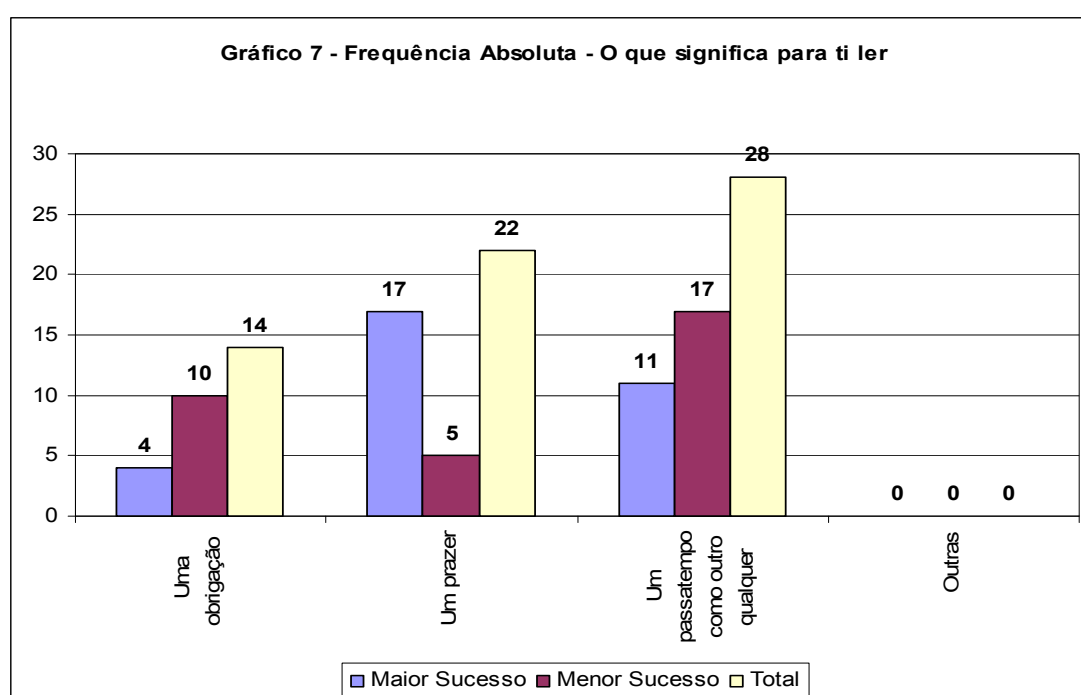
(Assinala apenas três respostas)

Com a questão (P7), procura-se perceber algumas razões que os alunos invocam para o facto de não lerem e quais as razões porque não o fazem. Uma questão destinada apenas aos alunos que afirmaram na (P5) “não gostar de ler”. Verificamos

que nenhum aluno afirmou não gostar de ler, significando que todos de forma geral gostam de ler, mas com níveis diferentes para a sua aptidão, conforme aludido na questão nº 5. Desta forma, não dispomos de dados para análise desta questão (P7).

Questão – P8 – O que significa para ti ler?

(Assinala apenas uma **resposta**)



O objectivo da questão (P8) foi o de tentar entender o possível significado que tem o acto de ler para os alunos. Será uma actividade desenvolvida com prazer ou mais uma obrigação, ou até mesmo um passatempo como outro qualquer. Colocou-se então a questão: O que significa para ti ler?

Relativamente a esta questão, os alunos com “maior sucesso” comprovam que para eles o acto de ler se traduz “num prazer”, registando uma percentagem de 53% das respostas.

Refira-se que, embora a leitura possa suscitar algumas dificuldades quanto à compreensão dos textos, também pode ser fonte de fascínio e, conseqüentemente, de prazer, o que poderá justificar esta opção dos alunos.

Neste sentido, J. Sobrino (2000:65) afirma que,

“ (...) o principal valor da leitura é o prazer que proporciona a quem o pratica. Apenas com este objectivo ficaria plenamente justificada a criação de hábitos de leitura. Mas todos estamos conscientes do conjunto de repercussões positivas que deles decorrem”.

O acto de ler é tido como uma actividade de reflexão e de construção de saber crítico, constituindo um veículo de promoção de autonomia e de cidadania do indivíduo. Quando é praticado por gosto, motiva o desenvolvimento da imaginação e melhora a cultura geral, sendo a leitura neste aspecto perspectivada como fonte de prazer e de conhecimento.

Relativamente aos alunos com “menor sucesso”, temos com igual percentagem de 53%, que ler é “um passatempo como outro qualquer”. Serão convicções diferentes, mas que poderão orientar o acto de ler para uma acção livre, voluntária, agradável e sem sentido de obrigação.

Nesta linha de ideias, afirma ainda J. Sobrino (2000:76) que,

“ (...) no fomento de um hábito como o da leitura não há lugar para a obrigação nem para a imposição; a ninguém se pode impor o gosto pelos livros. A escola tem por missão incentivar os alunos a ler, proporcionando o encontro agradável com os livros, desde a primeira vez que põem o pé numa aula até ao momento em que a abandonam, já adolescentes.”

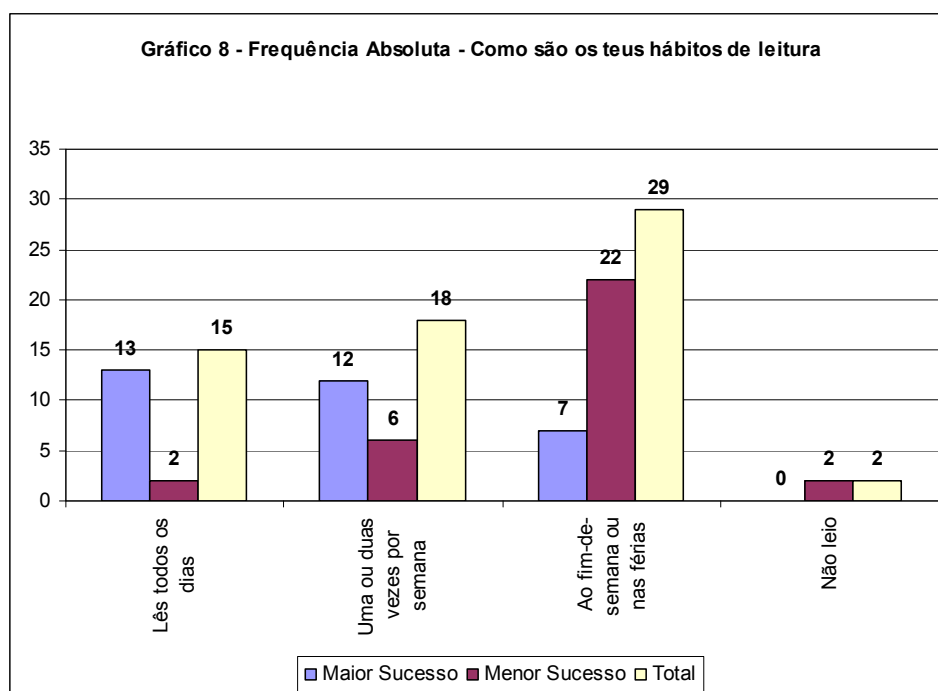
Englobando a totalidade das respostas dos inquiridos, obtemos 44% de opiniões que definem o acto de ler como sendo “um passatempo como outro qualquer”, e 34% sentem-no realmente como “um prazer”. Já como sendo uma obrigação, reúne 22% das declarações, provavelmente em nosso entendimento, sentido como uma necessidade escolar. A imposição aos alunos do acto ler obras de leitura obrigatória dos programas disciplinares, condicionada por um tempo imposto e por princípios de

avaliação, não se coaduna com a privacidade que o acto da leitura pode implicar e a intimidade que pode proporcionar o prazer na leitura.

Entendemos que a leitura deverá ser uma actividade benéfica e libertadora, que permita novas formas de um indivíduo se entender melhor a si mesmo e ao mundo que o rodeia. Neste contexto, o hábito de ler deverá surgir, não com o sentido de uma imposição de uma autoridade exterior, mas como resultado de uma dinâmica de sedução, na fruição do que é belo e gerador de prazer. O gosto pelos livros e pela leitura deve ser um acto voluntário e de prazer, o que proporcionará aos alunos as mais diversificadas sensações.

Questão – P9 – Como são os teus hábitos de leitura?

(Assinala apenas **uma resposta**)



A questão (P9) procura conhecer um pouco dos hábitos de leitura dos alunos e previsivelmente definir o tipo de leitor através dos mesmos. Assim, considera-se um leitor excelente o que revela ler todos os dias, será um leitor regular aquele que lê

uma ou duas vezes por semana. Teremos um leitor ocasional o que declara ler ao fim-de-semana ou nas férias e um não leitor o que simplesmente não lê. Uma questão que procura quantificar qual o hábito de leitura dos inquiridos.

Analisando o gráfico, registamos que os alunos com “maior sucesso” revelam que lêem todos os dias, representando 41% das opiniões, sendo desta forma considerados leitores excelentes. Para os alunos com “menor sucesso” as suas opiniões dirigem-se sobretudo para a leitura ao fim-de-semana ou nas férias, com uma percentagem de 69%. Uma percentagem bastante significativa para esta opção, sendo assim considerados como leitores ocasionais.

Em termos gerais, é a leitura ao fim-de-semana que aparece mais referenciada com 45% das opiniões recolhidas, influenciada directamente pelas opiniões dos alunos de “menor sucesso”. Segue-se a opção pela leitura efectuada uma ou duas vezes por semana, representando 28%, enquanto 23% declara ler todos os dias.

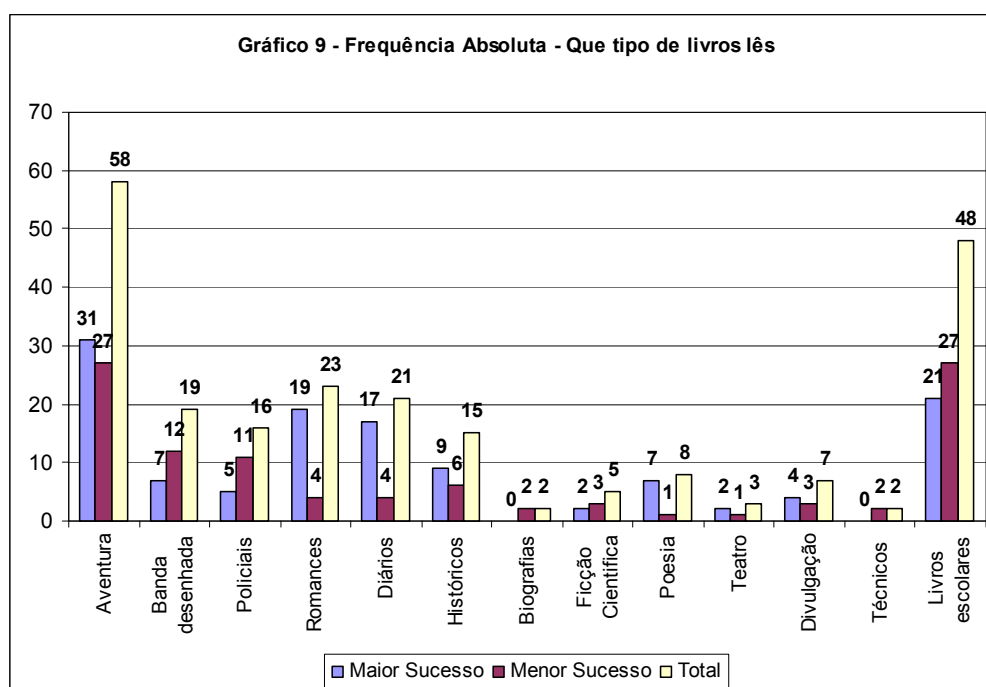
Verifica-se assim, que a maioria dos inquiridos lêem pouco. É evidente o reduzido tempo dedicado à leitura pelos jovens inquiridos. Contudo são os alunos com “maior sucesso” classificados como mais empenhados a nível escolar, que dedicam mais tempo à leitura, talvez pelo maior tempo dedicado ao estudo e consequente leitura de livros.

Analisando os resultados obtidos, não podemos estabelecer uma relação total nem linear entre maiores hábitos de leitura e maior sucesso escolar. No entanto, sabe-se que, de facto, o fenómeno de sucesso (e insucesso) escolar é muito complexo, com muitas mais variáveis que o condicionam, não sendo correcto tentar compreendê-lo apenas através dos hábitos de leitura dos alunos.

Verificamos no entanto, que neste caso particular da nossa amostra de estudo, que são os alunos com “maior sucesso” que apresentam um maior desempenho para o hábito de leitura (lêem mais), e os de “menor sucesso” apresentam um menor desempenho para os hábitos de leitura (lêem menos).

Os dados obtidos demonstram que os alunos com “maior sucesso” têm mais suporte de leitura, lêem mais livros e fazem-no com mais frequência do que os alunos com “menor sucesso”, apresentando melhores resultados na avaliação. Poderá existir aqui uma eventual relação entre hábitos de leitura e sucesso educativo.

Questão – P10 – Que tipo de livros lê?
(Assinala as respostas que mais se aplicam)



No que diz respeito à questão em redor do tipo de livros que são lidos pelos alunos (P10), tem-se como objectivo identificar os géneros de livros preferidos pelos alunos, o que poderá permitir comparar as preferências expressas com os hábitos de leitura e ou o gosto pela leitura. Poderá o próprio gosto pela actividade leitora condicionar ou influenciar o tipo de leitura.

Temos então para o estrato com “maior sucesso” uma preferência pelo género aventura, sendo referido por 97% dos alunos, logo seguido dos livros escolares com 66%. Curiosamente com percentagens também relevantes surgem os romances com 59% e os diários com 53%.

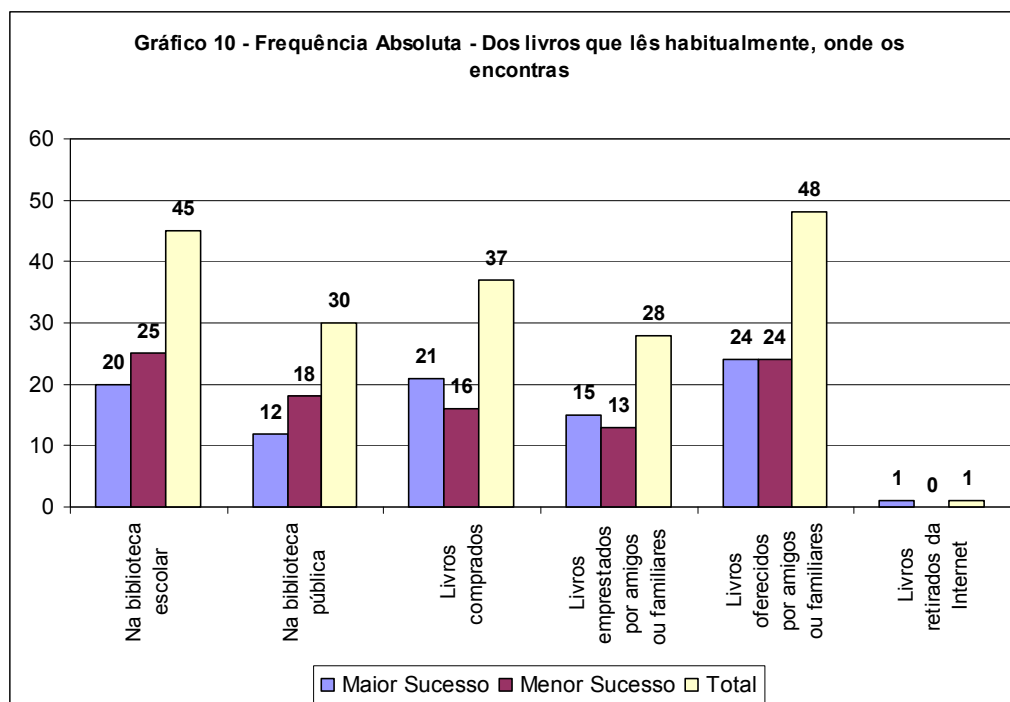
No que se refere ao estrato com “menor sucesso” as preferências recaem igualmente no género de aventura e nos livros escolares, ambas com 84%. São ainda escolhidos os livros de banda desenhada com 38% e os policiais com 34%.

Analisando a leitura por géneros não são observadas diferenças significativas ao nível do género nas suas escolhas de leitura, ambos preferem ler livros de aventura.

Talvez devido à sua idade, os alunos preferem a leitura de livros juvenis, predominando os livros de aventura.

Tendo em conta os dados obtidos nesta questão, em que não há diferenças muito significativas entre os géneros de leitura preferidos pelos dois estratos de alunos, não poderemos concluir que a diferentes hábitos e gostos de leitura, possam corresponder diferentes géneros de leitura.

Questão – P11 – Dos livros que lê habitualmente, onde os encontra?
(Assinala apenas *três respostas*)



No que concerne à questão em que o aluno é solicitado a revelar o local ou a forma de acesso aos livros que habitualmente lê (P11), procura-se conhecer a forma de contacto e acessibilidade ao livro e possíveis condicionantes.

O objectivo desta questão, centra-se em saber ou perceber como é praticado o acesso ao livro, onde é que os alunos os procuram ou adquirem. Serão as bibliotecas a forma mais utilizada ou se será a modalidade de empréstimo, oferta de amigos ou familiares, ou até mesmo os livros retirados da Internet.

Verificámos opiniões um pouco diferentes, nos estratos analisados, em que os alunos com “maior sucesso” e numa percentagem de 75%, dizem ser através da oferta de livros por amigos e familiares, a forma mais comum de encontrar os livros que lêem habitualmente. Para 66% fazem a sua aquisição em livrarias ou supermercados e 63% recorrem à Biblioteca Escolar para encontrar os livros das suas leituras.

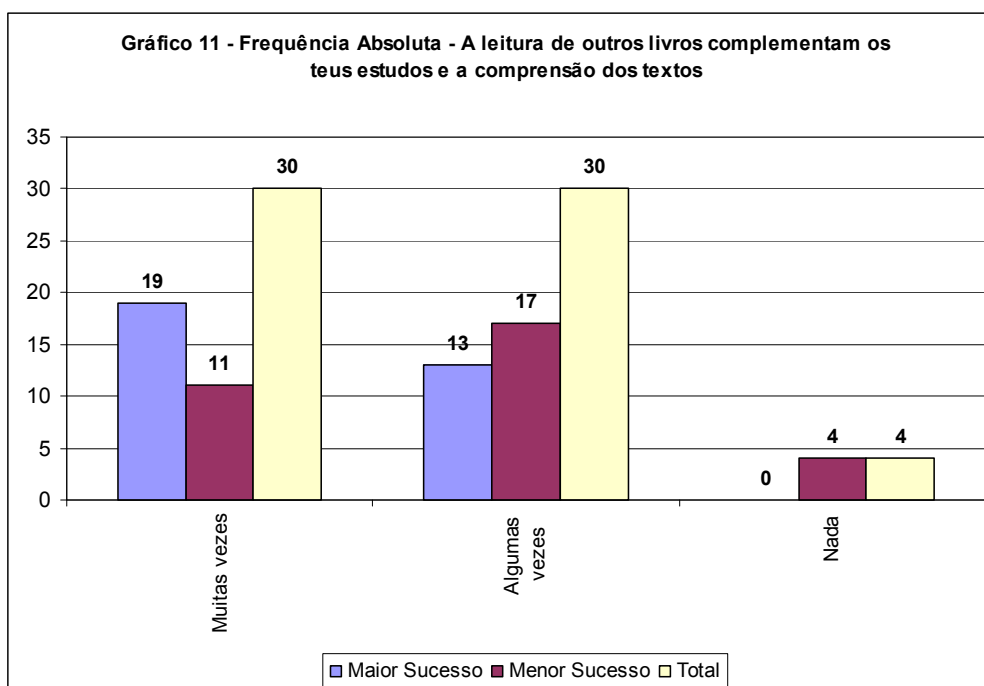
Atendendo às opiniões manifestadas pelos alunos de “menor sucesso”, elas são um pouco diferentes quanto á primeira opção, pois 78% admitem encontrar os livros na Biblioteca Escolar. Com alguma expressividade é igualmente referido por 75% desses alunos que os livros que costumam ler, são oferecidos por amigos ou familiares, enquanto 56% afirmam encontrá-los na Biblioteca Pública.

Podemos talvez deduzir que a biblioteca escolar constitui o principal meio de acesso aos livros, no caso dos alunos com “menor sucesso”. No caso dos alunos com “maior sucesso”, o meio de acesso mais relevante é a oferta de livros pelos amigos e familiares. Talvez se possa indiciar que a existência de um acesso mais facilitado aos livros pode promover maiores hábitos de leitura e consequente sucesso educativo.

Se observarmos o gráfico no seu global, constatamos que predomina a opinião de que as leituras habituais se fazem principalmente nos livros oferecidos pelos amigos ou familiares, representada por 75% das respostas, seguindo-se o recurso á utilização de livros da Biblioteca Escolar que regista 70% das opiniões. Registe-se também o facto de apenas 1 aluno ter referido encontrar os livros na Internet.

Questão – P12 – Consideras que, para além da leitura dos manuais escolares, a leitura de outros livros complementam os teus estudos e facilitam a compreensão dos textos?

(Assinala apenas uma resposta)



Em relação à última questão (P12) da Parte II – A Leitura, do questionário, uma questão muito específica e directa, com a qual se pretende perceber a possível relação entre a leitura de outros livros, para além dos manuais escolares (sentida como uma “obrigação” por alguns alunos) e a compreensão dos textos. Isto é, se a uma maior prática de leitura poderá corresponder uma maior facilidade de compreensão dos textos e ou informação leccionada.

Segundo a opinião de E. Santos (2000:33), a leitura tem como objectivo facilitar a compreensão dos textos, afirmando que,

“A identificação entre leitura e compreensão parece ser uma ideia partilhada por todos quantos, mais recentemente, se têm debruçado sobre esta problemática. Entende-se, hoje, que o objectivo de toda a leitura é, precisamente, compreender o que está escrito e que, por conseguinte, não é possível encarar a actividade do leitor fora desta perspectiva.”

Observando as respostas registadas, os alunos com “maior sucesso” admitem na sua maioria que existe um contributo dessas leituras no facilitar e compreensão dos textos, aceitando 59% dos respondentes que esse facto ocorre “muitas vezes”.

Segundo estas opiniões, podemos talvez afirmar que para estes alunos os hábitos de leitura levam a uma facilidade de compreensão e interpretação da informação. O acto de ler e interpretar é uma grande dificuldade com que alguns alunos se deparam. O hábito de ler facilita também a escrita, sendo importante não esquecer que a avaliação dos alunos está centrada nestes mesmos dois pilares: interpretação do que se lê e escrita. A maiores hábitos de leitura corresponde o desenvolvimento do vocabulário e da escrita do aluno, o que torna mais clara a sua comunicação.

Já os alunos de “menor sucesso” dizem que a influência na facilitação da compreensão dos textos através dessas leituras, acontece “algumas vezes”, atingindo uma percentagem de 53% das suas opiniões. Dentro deste mesmo grupo, 13% manifestam a opinião de nunca ter obtido qualquer resultado com as referidas leituras.

Neste sentido, também os alunos com “menor sucesso” manifestam opinião que a leitura para além dos manuais escolares tem alguma interferência na compreensão dos textos, mas a um nível inferior em relação aos alunos de “maior sucesso”. Possivelmente devido à predominância de menores hábitos de leitura deste estrato, como temos vindo a constatar ao longo da interpretação deste questionário.

Analisando as opiniões no seu cômputo geral, as opiniões dividem-se entre a ocorrência de “muitas vezes” ou “algumas vezes”, reunindo 47% de respostas para cada opção.

Constatamos que os dados obtidos e de uma forma global, são reveladores de uma influência positiva da leitura para além dos manuais escolares na formação leitora, da compreensão da leitura e desenvolvimento de competências ao nível do currículo por parte dos alunos.

De referir que actualmente assistimos a uma época marcada pela circulação da informação escrita e pelo enorme acesso às novas tecnologias da comunicação. Neste âmbito a compreensão na leitura tem uma importância cada vez mais elevada na programação curricular, uma vez que a falta de competências neste domínio dificulta a integração dos indivíduos na sociedade.

Segundo J. Sobrino (2000:88,89) são competências que se adquirem pelo acto de ler e sobretudo pelos livros, afirmando que,

“ (...) através da leitura, a criança pode facilmente interiorizar os valores da igualdade, da liberdade e da solidariedade. (...). A sensibilização para os valores da democracia, a tolerância e o respeito mútuo, enquanto base da convivência, constituem também princípios que, sem esforço, o leitor vai descobrindo e assimilando através dos livros.”

Nesta linha de ideias, também M. Martins (2008:6) refere que;

“ (...) desenvolver competências de compreensão na leitura é um dos objectivos essenciais da escolarização dos cidadãos e um contributo fundamental para a sua integração social.”

Neste sentido, a leitura pode constituir de igual forma uma actividade crítica, com as interrogações suscitadas a partir do texto lido. Ler é por isso uma actividade de reflexão e de construção de saber crítico, constituindo um veículo de promoção de autonomia e de cidadania do indivíduo.

É importante não esquecer que saber ler, relacionar e interpretar tem de ser praticado ao longo de toda a escolaridade e em todas as disciplinas. O hábito da leitura deve assim, estar presente durante toda a escolaridade do aluno e prolongar-se durante toda a sua vida como cidadão.

No sentido de conhecer os hábitos de leitura dos portugueses, realizou-se em 2007 um inquérito à população portuguesa denominado a “Leitura em Portugal” (Santos 2007), efectuado pelo Observatório das Actividades Culturais, com o objectivo de proporcionar informação para a avaliação do estado da leitura em Portugal e orientar as decisões políticas, numa área onde se fundamenta o desenvolvimento educativo e cultural, no âmbito da implementação do Plano Nacional de Leitura. Neste estudo são apresentados dados sobre a forma como evoluiu a leitura (de lazer, escolar ou profissional) na população portuguesa relativamente ao precedente inquérito sociológico em Portugal.

Uma das conclusões apresentadas neste estudo é que o principal factor explicativo dos hábitos e das práticas de leitura é a escolaridade: quanto mais elevada, maiores as percentagens daqueles que lêem nas categorias que sinalizam níveis de maior exigência (leitura de livros, grandes leitores, leitura cumulativa). Esta relação verifica-se também no próprio processo de aprendizagem, uma vez que as

percentagens de leitores entre os alunos são por norma relativamente elevadas nos vários indicadores trabalhados no estudo.

Apesar da ligeira evolução no que se refere a hábitos de leitura, Portugal continua a evidenciar níveis de leitura incipientes. Segundo I. Sim-Sim, (2002) é reconhecido que somos um país que lê pouco.

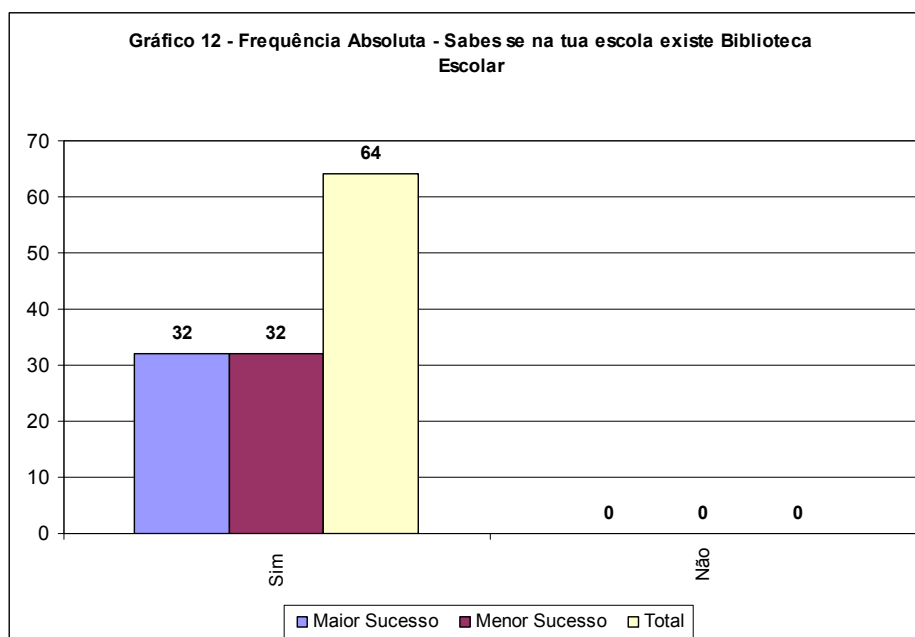
4.4.3.3- A Biblioteca Escolar

Terminada a análise da Parte II do questionário, inicia-se seguidamente o estudo da Parte III – A Biblioteca Escolar, com o qual finaliza a análise e interpretação dos dados recolhidos no questionário. Como foi referido anteriormente, tem como finalidade recolher informação sobre a frequência e utilização da Biblioteca Escolar por parte dos alunos.

Adoptou-se igual procedimento metodológico relativamente à opção pelo tratamento dos dados, pelos estratos de alunos de “maior sucesso” e “menor sucesso”, contemplando ainda uma abordagem sumária em termos gerais das respostas obtidas.

Questão – P13 – Sabes se na tua escola existe Biblioteca Escolar?

(Assinala apenas uma resposta)



Uma questão fundamental do questionário foi a questão (P13), em que se pergunta ao inquirido, “Sabes se na tua escola existe Biblioteca Escolar?”

O objectivo desta questão foi o de saber a que nível a Biblioteca Escolar é conhecida pelos alunos. O conhecimento da sua existência poderá ser um factor importante para a sua frequência e utilização.

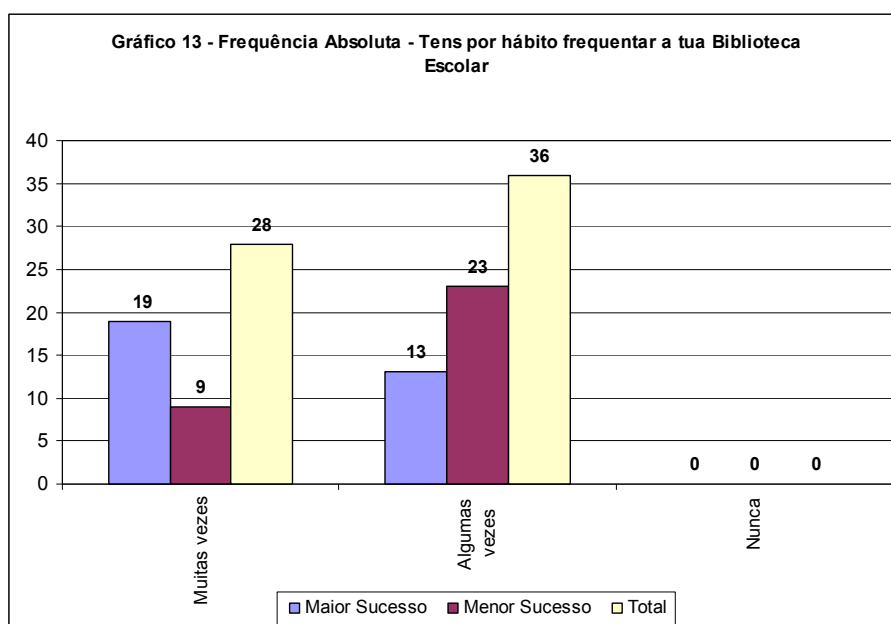
Quanto às respostas obtidas, existe uma unanimidade das mesmas em ambos os estratos, respondendo todos os inquiridos que têm perfeito conhecimento da existência da Biblioteca Escolar, o que se traduz numa percentagem de 100%.

De facto comprova-se que a Biblioteca Escolar não é um espaço desconhecido do aluno, todos têm conhecimento deste recurso disponível na escola. Fica assim, a sua utilização ou frequência dependente da vontade ou necessidade sentida pelos alunos. No entanto a BE também deverá marcar presença na vida da escola e da comunidade escolar, apelando e sensibilizando à sua utilização e frequência. Sem conhecimento da sua existência e das suas potencialidades ela tornar-se-á inútil.

Por isso, a biblioteca escolar deve estar integrada na dinâmica educativa da escola, pelo que é necessário torná-la conhecida, mostrar o seu potencial e fazer sentir à comunidade escolar que é um recurso essencial à aprendizagem, garantindo uma melhor utilização dos seus fundos e serviços.

Questão – P14 – Tens por hábito frequentar a tua Biblioteca Escolar?

*(Assinala apenas **uma** resposta)*



A questão (P14) estabeleceu como objectivo, medir o nível de frequência ou assiduidade da Biblioteca Escolar por parte dos alunos inquiridos. Saber quais os alunos que mais as frequentam, os de “maior sucesso” ou os de “menor sucesso” e a sua possível relação com os hábitos de leitura manifestados na questão (P9). Estabeleceram-se ainda, três parâmetros de classificação para o nível de frequência da BE, sendo alunos de frequência regular os que respondem “muitas vezes”, frequência ocasional os que respondem “algumas vezes” e sem frequência os que afirmam “nunca” frequentar.

No que se refere ao hábito de frequência da Biblioteca Escolar pelos alunos inquiridos, verifica-se que os alunos com “maior sucesso” evidenciaram maioritariamente que frequentam “muitas vezes” na razão de 59% de opiniões, confirmando os restantes 41% que a frequentam “algumas vezes”.

Para os alunos com “menor sucesso” uma percentagem significativa de 72%, expressam frequentar “algumas vezes”, enquanto 28% mostram frequentar “muitas vezes”.

Pelos dados expressos poderemos deduzir que são os alunos com “maior sucesso” os frequentadores regulares da Biblioteca Escolar, enquanto os alunos com “menor sucesso”, se enquadram nos frequentadores ocasionais.

Comparando estes dados com os obtidos na questão (P9) relativa aos hábitos de leitura dos alunos, confirmamos que são os alunos que possuem melhores hábitos de leitura, aqueles que frequentam com mais assiduidade a BE. Serão talvez estes os alunos que se deslocam à BE para a realização de trabalhos escolares, pesquisar e recolher informação para o seu enriquecimento escolar e efectuar a requisição de livros para leitura domiciliária, conforme o registo efectuado através da observação directa.

Contudo, os alunos de “menor sucesso” também frequentam a BE, mas com uma assiduidade mais reduzida.

Em termos totais, verifica-se que o nível de frequência da BE, se situa na afirmação de “algumas vezes”, (frequência ocasional) atingindo os 56%, enquanto 44% se situa na opção de “muitas vezes” (frequência regular).

(A questão seguinte é apenas para os alunos que dizem “Nunca” frequentar Bibliotecas Escolares. Depois de responderes a esta pergunta o teu questionário termina por aqui. Obrigado pela colaboração).

Questão – P15 – Porque motivo não frequentas Bibliotecas Escolares?

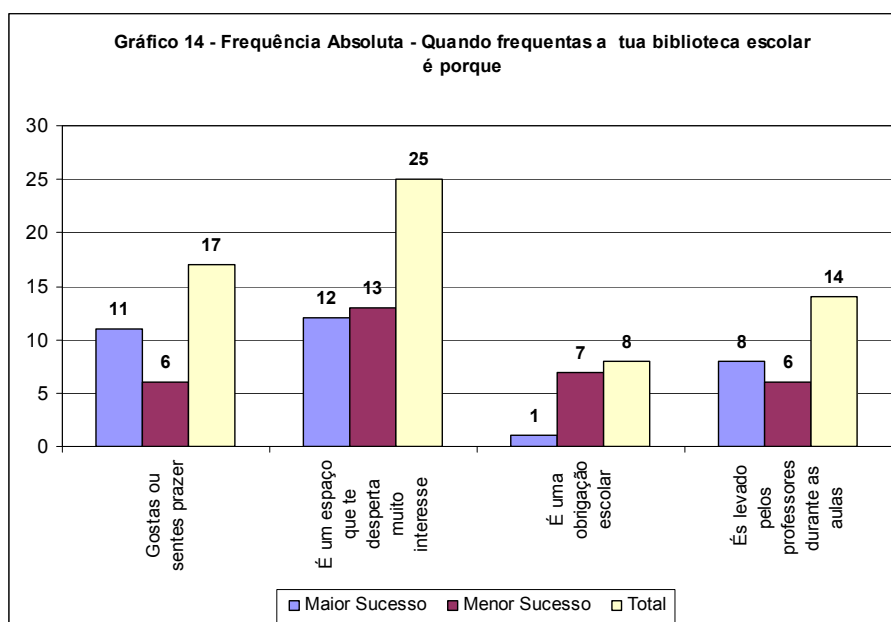
*(Assinala apenas **três respostas**)*

A questão (P15) do inquérito, pretende saber quais os motivos ou razões que os alunos poderiam invocar para não frequentarem as Bibliotecas Escolares. Obter informações que pudessem servir de base ao corrigir de situações existentes, quer por parte dos alunos, quer das bibliotecas. Estarão os alunos motivados para a sua frequência e não o fazem devido a alguma razão especial.

Colocam-se algumas hipóteses de resposta directa fechada e uma opção a resposta aberta. Uma questão que se destina exclusivamente aos alunos que na questão anterior tivessem respondido “Nunca” frequentar Bibliotecas Escolares. Entretanto, constatamos que nenhum aluno o afirmou, logo não dispomos de dados para análise desta questão. Poderemos talvez concluir que de forma geral, todos os alunos inquiridos são frequentadores da Biblioteca Escolar, um espaço de saber e de oferta de informação múltipla.

Questão – P16 – Quando frequentas a tua biblioteca escolar é porque:

*(Assinala apenas **uma resposta**)*



Passando então à questão (P16), os nossos inquiridos são levados a responder sobre os motivos que os levam a frequentar a BE. O objectivo é o de perceber se a frequência da biblioteca escolar será um acto voluntário e por vontade própria ou se pelo contrário será um acto involuntário e por obrigação. Saber também se existe alguma relação entre hábitos de leitura e frequência da BE.

Perante as hipóteses apresentadas, obtiveram-se respostas divididas, não existindo uma escolha maioritária sobre qualquer uma. Assim, para os alunos de “maior sucesso” a frequência da Biblioteca Escolar é justificada pelo facto dela ser um espaço que “desperta muito interesse”, reunindo 38% das opiniões manifestadas. Os que “gostam ou sentem prazer” ao frequentá-la é declarado por 34%, já 25% dizem “ser levados pelos professores durante as aulas”, e apenas 3% refere que a sua frequência constitui uma “obrigação escolar”.

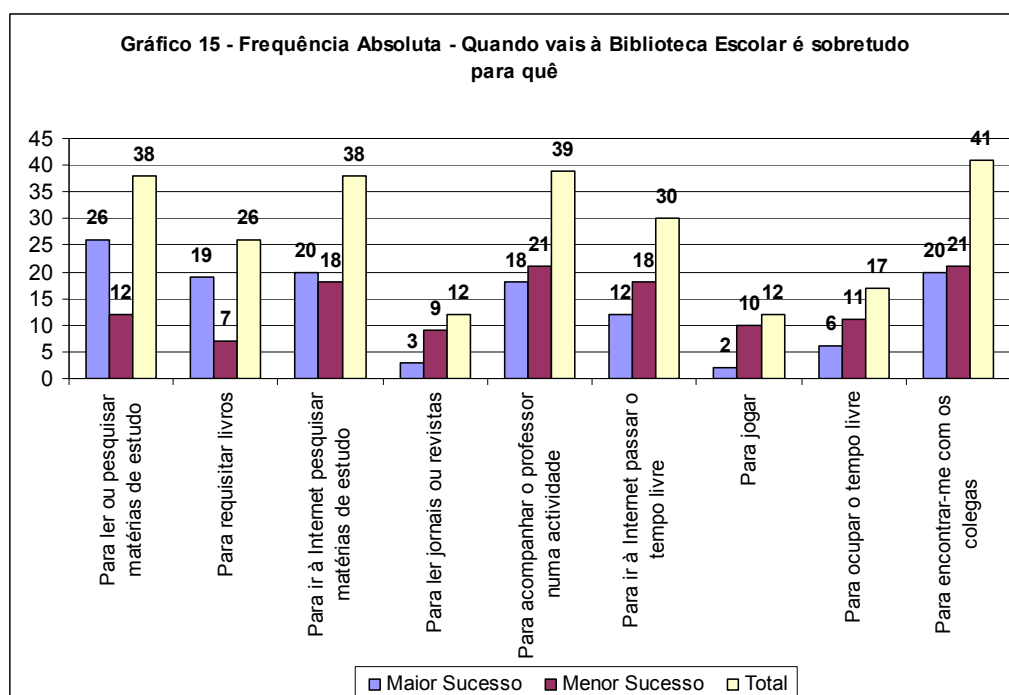
Para o estrato de alunos com “menor sucesso” existe semelhante opinião ao grupo anterior, sendo afirmado por 41% dos alunos que a frequência da BE se deve ao facto da mesma ser um espaço que “desperta muito interesse”. Por outro lado, existem alunos que consideram a frequência da BE como “uma obrigação escolar”, atingindo uma percentagem de 22%. Igual percentagem de respostas é declarada por alunos que a frequentam por “gostar ou sentir prazer”. Ainda assim, 19% expressa que a sua frequência se deve ao facto de “serem levados pelos professores durante as aulas”.

A análise global das repostas a esta questão, indica como principal motivo para a frequência da BE, com uma percentagem 39% das respostas, o facto de ser um espaço que “desperta muito interesse”. “Gostam ou sentem prazer” na sua frequência, 27% dos respondentes, enquanto 22% afirmam serem “levados pelos professores durante as aulas” e finalmente 13% diz ser uma “obrigação escolar”.

Segundo os dados obtidos nesta questão e com base na nossa observação directa, somo levados a acreditar que, quer os alunos de “maior sucesso” quer os de “menor sucesso” frequentam e utilizam a BE de forma voluntária porque é um espaço que lhes desperta interesse. Facto que se deverá à sua boa organização de espaço, que se apresenta adequado e funcional à prestação dos seus serviços, ao nível de instalações, equipamentos e fundo documental, tornando-se um espaço acolhedor e agradável.

Questão – P17 – Quando vais à Biblioteca Escolar é sobretudo para quê?

(Assinala as respostas que mais se apliquem)



A questão (P17) refere-se à modalidade de utilização da BE por parte dos alunos. Quais as razões que os levam ao espaço do saber. As finalidades da sua utilização estarão de alguma forma relacionadas com o propósito de enriquecimento escolar, ou se apenas a utilizam como um espaço de lazer. Uma questão em que o aluno poderá assinalar as respostas que mais se apliquem ao seu caso pessoal.

Tendo em conta que a BE disponibiliza espaços para utilização de recursos multimédia, de computadores ligados à Internet e material livro, registamos opiniões diferenciadas dos dois estratos inquiridos quanto ao objectivo do uso desses recursos.

Verifica-se que a utilização da BE por parte dos alunos de “maior sucesso”, serve fundamentalmente para o seu enriquecimento escolar, afirmando 81% que a usa sobretudo “Para ler ou pesquisar matérias de estudo”. Nesta continuidade temos ainda 63% que a utilizam “Para ir à Internet pesquisar matérias de estudo”. Contudo existem também 63% de opiniões afirmativas de que BE serve como local de encontro entre colegas. Com percentagem significativa regista-se o facto de 59% optar pela requisição domiciliária de livros. Refere ainda este grupo a sua utilização

no acompanhamento do professor na realização de actividades curriculares, representando 56% de declarações registadas.

De facto registamos que os alunos de “maior sucesso” utilizam a BE prioritariamente tendo em vista o seu enriquecimento escolar, procurando sobretudo informação sobre matérias de estudo. Talvez uma vontade de aumentar os seus conhecimentos e saber, acompanhados de uma sede de leitura por força dos seus hábitos de leitura. Também a considerar que os dados fornecidos pelo bibliotecário revelam que os alunos utilizam sobretudo a BE para as actividades de consulta presencial e trabalhos escolares, onde se englobarão possivelmente estes alunos.

Observando os alunos de “menor sucesso”, constatamos que a sua maioria representada por 66% das respostas utiliza a BE fundamentalmente “Para acompanhar o professor numa actividade”. Igual número refere que a BE serve como ponto de encontro entre colegas. Para 56% destes alunos a sua utilização focaliza-se no acesso à Internet, quer para a pesquisa de matérias de estudo, ou então “para passar o tempo livre”. Somente 38% deles a utiliza “para ler ou pesquisar matérias de estudo”.

Relativamente aos alunos de “menor sucesso” a utilização da BE centra-se fundamentalmente no acompanhamento do professor numa actividade escolar, sendo um facto revelador também do propósito de enriquecimento escolar, mas efectuado de uma forma não voluntária, fazendo parte de actividades curriculares planeadas. Também para este grupo a BE é utilizada como um espaço de convívio ou de encontro com os colegas, sendo simultaneamente utilizada como lazer. Possivelmente aqui exista a influência de um menor hábito de leitura que condiciona uma utilização menos voluntária da BE com o propósito de enriquecimento escolar.

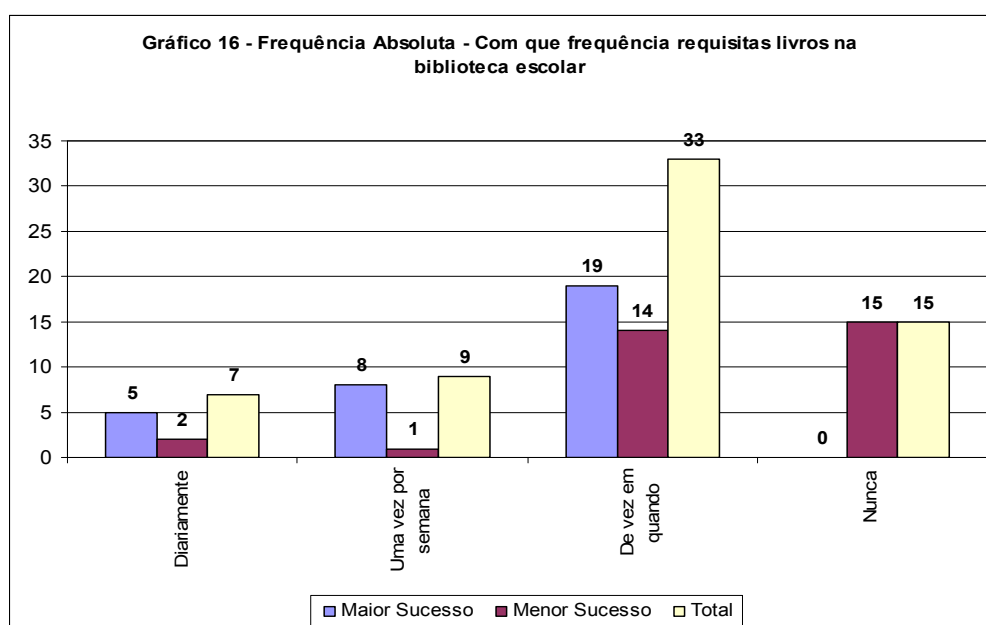
Uma análise global, revela que 64% dos respondentes declaram utilizar a BE como um local ideal “para se encontrarem com os colegas”. Para 61% destes alunos a sua utilização está centrada no acompanhar do professor na realização de actividades. Já 59% refere a sua utilização “para ler ou pesquisar matérias de estudo” como também “para ir à Internet pesquisar matérias de estudo”.

Uma análise aos dados globais obtidos justifica a utilização da BE como um espaço de convívio/lazer e só posteriormente como de enriquecimento escolar por parte dos

alunos. Contudo, saliente-se que o número destas opiniões se situa muito próximo, reflectindo quase uma divisão unânime de opiniões.

Questão – P18 – Com que frequência requisitas livros na biblioteca escolar?

(Assinala apenas **uma resposta**)



Ao colocarmos a questão (P18) definimos como objectivo, conhecer o perfil do leitor que utiliza a BE. Para o efeito designámos critérios para a sua classificação. Assim, consideramos como leitor usual, aquele que diz requisitar livros “Diariamente”, leitor regular o que requisita “Uma vez por semana”. Um leitor ocasional, corresponde ao que requisita livros “De vez em quando”, sendo o que declara “Nunca” requisitar livros, um não leitor.

De acordo com os dados obtidos para a questão “Com que frequência requisitas livros na biblioteca escolar”, registamos que os alunos com “maior sucesso”, são aqueles que efectuem requisições de livros na BE de forma ocasional. De facto um número significativo de alunos, cerca de 59% refere requisitar livros “De vez em quando”, 25% expressa fazê-lo “Uma vez por semana”, 16% pratica-o “Diariamente” e um valor nulo quanto ao “Nunca” requisitar.

Assim, de acordo com os critérios adoptados e a informação recolhida, os alunos do estrato com “maior sucesso”, são designados de leitores ocasionais, já que a sua maioria diz requisitar livros “De vez em quando”.

Opiniões diferentes encontramos nas respostas dadas pelos alunos com “menor sucesso”, pois é bastante expressivo o número de alunos que revelam “Nunca” requisitar livros na BE, representado por 47% de respostas. No entanto, importa salientar que uma percentagem significativa, que se reflecte em 44% de opiniões, admite requisitar livros “De vez em quando”. Apenas 6% admite fazê-lo “Diariamente” e 3% “Uma vez por semana”.

Desta forma, os alunos de “menor sucesso”, e segundo os critérios estabelecidos, são considerados não leitores, pois admitem “Nunca” requisitar livros na BE.

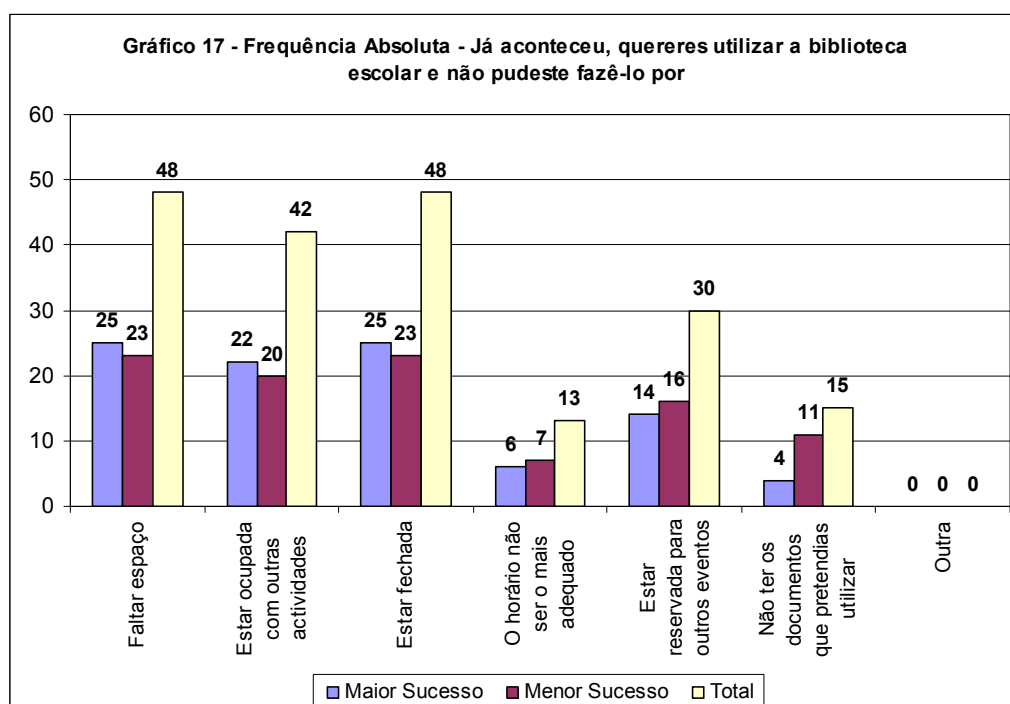
Para uma análise ao total de inquiridos, verificamos que cerca de 52% diz requisitar livros na BE “De vez em quando”, enquanto 23% declaram “Nunca” requisitar. Já 14% admite requisitar “Uma vez por semana”, ficando o acto de requisitar livros “Diariamente” pelos 11%.

Verifica-se que a requisição de livros na BE não é um acto muito habitual ou frequente entre os alunos de ambos os estratos. Segundo os dados estatísticos recolhidos e relativos à frequência e utilização da BE durante o ano lectivo de 2009/2010, registaram-se cerca de 237 empréstimos domiciliários, enquanto a consulta presencial e trabalhos escolares atingiu cerca de 700 registos. Confirmam estes dados que a requisição de livros na BE não é um acto muito frequente entre os alunos, utilizando-a com maior frequência para a consulta presencial e trabalhos escolares.

As questões que se seguem têm como objectivo, recolher informação que permita possivelmente perceber se a frequência da BE pelos alunos, poderá estar de alguma forma condicionada ou influenciada pela oferta de serviços que esta disponibiliza, como ainda pelo papel desempenhado pelos professores e responsáveis da biblioteca, fundamentalmente no estímulo à sua frequência.

Questão – P19 – Já aconteceu, queres utilizar a biblioteca escolar e não pudeste fazê-lo por:

(Assinala as respostas que mais se apliquem)



Iniciamos esta fase do inquérito pela questão (P19), onde se pergunta aos alunos se alguma vez quiseram utilizar a BE e não o puderam fazer. Pretende-se saber se realmente a situação ocorreu, e em caso afirmativo, quais as suas razões ou constrangimentos mais referidos. Estabelecer uma eventual relação desses factores com o possível afastamento/frequência ou utilização menos regular da BE.

Relativamente aos alunos de “maior sucesso”, é referido que as razões impeditivas da utilização da BE, se prendem maioritariamente com a “Falta de espaço” da mesma e o facto de “Estar fechada” em alguns períodos, traduzindo-se em 78% das opiniões manifestadas, sendo um valor bastante expressivo. É também referido como motivo de impedimento o facto de “Estar ocupada com outras actividades”, representado aqui por 69% das opiniões, também de significado relevante. Para 44% das opiniões o factor “Estar ocupada para outros eventos” impede que a possam utilizar regularmente. Pouco significativo é o facto de a BE “Não ter o material que se pretende utilizar”, referido apenas por 13% das opiniões dos inquiridos.

Analisando os alunos de “menor sucesso”, é referido por estes que a “Falta de espaço” e o “Estar fechada”, são as causas principais e impeditivas de uma utilização regular da BE, reunindo 72% dos consensos. Já para 63%, o motivo relaciona-se com o facto de “Estar ocupada com outras actividades”, enquanto “Estar ocupada para outros eventos” é declarado por 50% dos alunos. “Não ter o material que pretendia utilizar”, atinge neste estrato uma percentagem mais significativa que o anterior, já que as suas opiniões alcançam os 34%.

Relativamente ao conjunto de opiniões manifestadas, elas são coincidentes, pois ambos os grupos estudados apresentam opiniões unânimes, apenas diferenciadas pelas percentagens obtidas. Definem a “Falta de espaço” da biblioteca e o facto de “Estar fechada”, como os principais impedimentos para a frequência e utilização da BE de forma regular, representando 75% das opiniões expressas.

As razões invocadas são unânimes para os dois estratos em estudo, quanto aos constrangimentos de utilização da BE (“Falta de espaço” e “Estar fechada”), apenas diferenciadas pelas percentagens de opiniões obtidas. Saliente-se que o espaço ocupado pela BE a nível da sua dimensão, obedece às normas específicas de instalação exigidas pela RBE para as suas bibliotecas. Dispõe igualmente das várias áreas funcionais, devidamente equipadas com mobiliário adequado e equipamento tecnológico disponível para utilização, conforme constatado pela nossa observação directa. Deduzimos que o motivo da falta de espaço invocado pelos alunos se relaciona com o facto da BE estar permanentemente ocupada com actividades de promoção da leitura e apoio ao currículo e a ser usada de forma frequente pelos seus utilizadores.

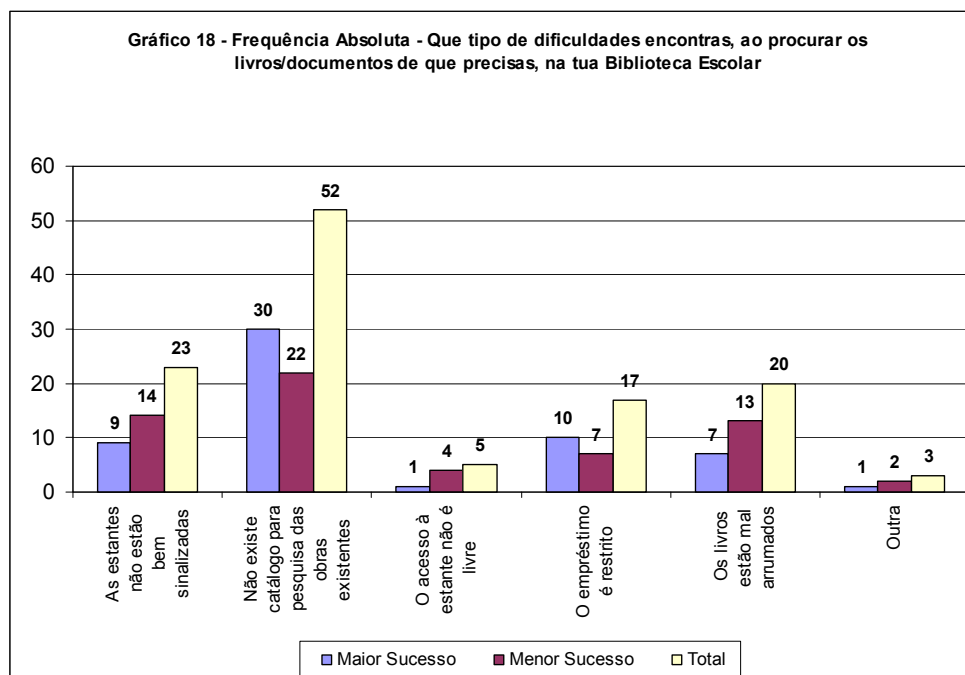
Quanto ao facto de os alunos referirem que a BE se encontra fechada, não podendo utilizá-la sempre que necessitam, talvez se deva ao período de abertura da BE que coincide com o horário dos serviços administrativos, estando encerrada no período de almoço. Os seus recursos humanos não são os desejados, sendo compostos apenas pelo professor bibliotecário e uma auxiliar de acção educativa, o que não permite prolongar o seu período de abertura. Possivelmente este factor causará alguma limitação aos alunos, mas será mais provável que o motivo de “estar fechada” esteja relacionado com o facto de “estar ocupada com outras actividades” (utilização pelos professores no apoio ao currículo, aulas de TIC ou promoção da

leitura pela equipa da BE), uma razão bastante invocada pelas respostas dos inquiridos.

Todavia, e segundo a observação directa realizada, constatamos que os alunos que se deslocam à BE durante o horário lectivo, fazem-no nos intervalos das aulas ou quando sucede a falta de um professor (falta lectiva), principalmente para a entrega ou requisição de livros. A execução de trabalhos escolares ou pesquisas de informação ocorre normalmente no período para além das aulas, desde que coincida com a abertura da BE. Existe de facto alguma limitação quanto à utilização da BE pelos alunos tendo em linha de conta os constrangimentos apontados, porém registamos uma excelente coordenação e gestão por parte destes, no sentido de contornar e minimizar essas limitações, utilizando a BE sempre que seja possível ou necessário.

Questão – P20 – Que tipo de dificuldades encontras, ao procurar os livros/documentos de que precisas, na tua Biblioteca Escolar?

(Assinala as respostas que mais se apliquem)



Colocada a questão (P20), define-se como objectivo, saber se os alunos encontram alguma dificuldade de utilização dos serviços da BE, sobretudo na localização dos materiais pretendidos e à sua própria autonomia de movimentação. Possivelmente se o aluno não se sentir orientado ou encontrar barreiras na utilização da BE, quando pretende obter os materiais necessários, talvez esteja a receber impulsos negativos que poderão afectar a sua utilização ou nível de frequência. Por outro lado se o aluno não encontrar dificuldades aquando da sua utilização e o acesso aos materiais for um gesto simples, certamente sentirá motivação para a sua utilização.

Apresentou-se então a questão: “Que tipo de dificuldades encontras, ao procurar os livros/documentos de que precisas, na tua Biblioteca Escolar”. As respostas obtidas nos dois estratos de inquiridos revelam concordância quanto à principal dificuldade, “não existe catálogo para pesquisa das obras existentes”.

Indicam-nos então os alunos de “maior sucesso” que a maior dificuldade reside em “não existir um catálogo para pesquisa das obras existentes”, demonstrado por uma percentagem de 94% de respostas, um valor muito significativo. Perante este facto, implicará que a procura dos documentos na BE, seja efectuada directamente na estante ou recorrendo ao funcionário. Para 31% destes inquiridos, outra dificuldade está no “empréstimo que é restrito”, em que a maioria dos livros não podem ser emprestados para o domicílio. Já 28% refere que “as estantes não estão bem sinalizadas”, o que dificulta a orientação dos alunos na procura dos documentos na BE.

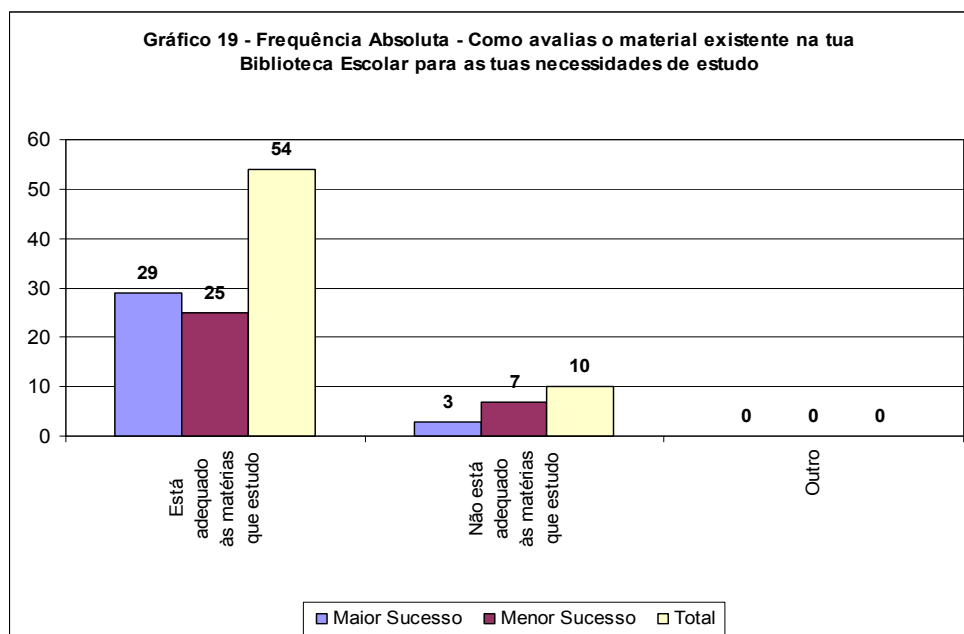
Analisando o grupo de alunos de “menor sucesso”, estes afirmam igualmente que “não existe catálogo para pesquisa das obras existentes”, representando 69% das opiniões. Para 44% outra dificuldade assenta no facto de “as estantes não estarem bem sinalizadas”, É ainda afirmado por 41% que “os livros estão mal arrumados”, não conseguindo encontrá-los por vezes no seu local correcto.

Da observação geral do gráfico resulta que a maioria dos alunos aponta no sentido da maior dificuldade se encontrar na “inexistência de catálogo para pesquisa das obras existentes” representando 81% das opiniões. Como segunda dificuldade referem 36% que “as estantes não estão bem sinalizadas” e ainda 31% declara que “os livros estão mal arrumados” na estante de acesso livre.

De acordo com os dados obtidos, ambos os estratos revelam que a maior dificuldade que encontram ao procurar livros ou documentos na BE reside no facto de “não existir catálogo para pesquisa das obras existentes”. Porém, não podemos confirmar esta ocorrência na íntegra, já que pela observação directa verificamos o registo do fundo documental em catálogo informatizado através do software de gestão de bibliotecas, o *Porbase 5*, estando disponível para pesquisa e consulta pelos utilizadores. Apuramos entretanto que a disponibilização do catálogo está apenas acessível aos utilizadores no terminal de um dos computadores de trabalho técnico, o que origina algumas limitações à sua acessibilidade. Será provavelmente esta a razão que os alunos expressam nas suas respostas. Seria talvez mais vantajoso tornar acessível o catálogo em alguns dos 13 computadores disponibilizados aos utilizadores.

Questão – P21 – Como avalias o material existente na tua Biblioteca Escolar para as tuas necessidades de estudo? (Livros, revistas, vídeos, cd’s, etc.).

(Assinala apenas uma resposta)



Relativamente à questão (P21) “Como avalias o material existente na tua Biblioteca Escolar para as tuas necessidades de estudo” define-se como objectivo, saber se os alunos consideram que o acervo da BE está adequado ou não às suas necessidades curriculares, o que traduzirá provavelmente o nível de conhecimento do mesmo. Existindo informação sobre os materiais disponíveis e sua adequação ao currículo, poderemos talvez pressupor que os alunos procurarão utilizar esses meios com maior frequência. Caso estes factores não se verifiquem, provavelmente os alunos não sentirão necessidade de utilizar a BE e o seu afastamento será certamente notado.

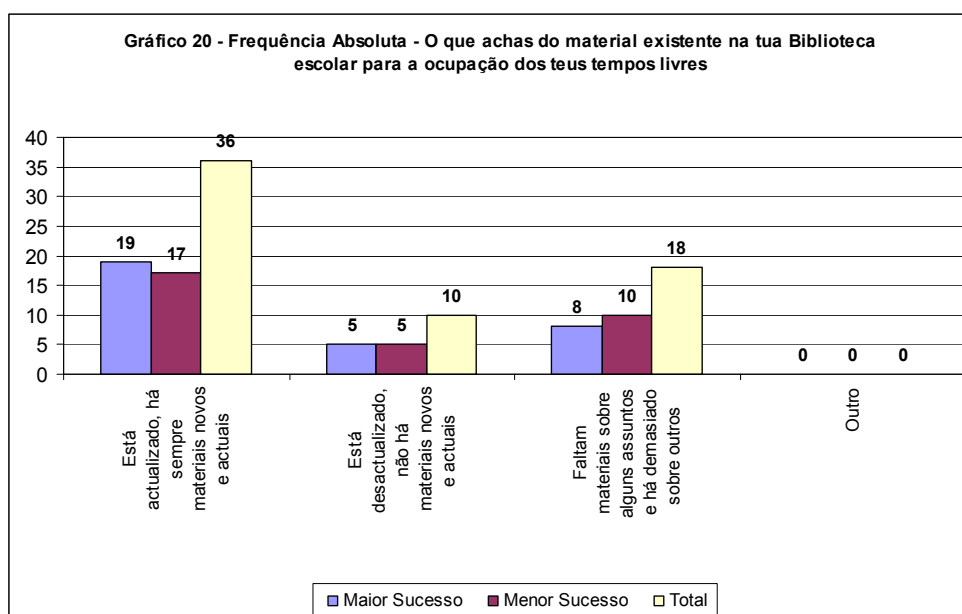
Perante esta questão os alunos de “maior sucesso”, declararam afirmativamente que o material “Está adequado às matérias de estudo” somando 91% das opiniões, enquanto apenas 9% é da opinião de que o material “Não está adequado às matérias de estudo”.

Quanto aos alunos de “menor sucesso” as convicções são semelhantes ao estrato anterior, mas com percentagens diferentes, afirmando positivamente que o material “Está adequado às matérias de estudo” representando 78% das opiniões, enquanto 22% dizem que esse material “Não está adequado às matérias de estudo”.

No contexto universal de inquiridos, regista-se que 84% dos alunos indicam que o material existente na BE para as suas necessidades escolares “Está adequado às matérias de estudo”, tendo os restantes 16% respondido que o mesmo “Não está adequado às matérias de estudo”.

Pelos resultados obtidos, verifica-se que as respostas convergem no sentido dos alunos terem um conhecimento geral do acervo da biblioteca e que este está adequado às suas necessidades curriculares. Segundo informação do professor bibliotecário, a BE dispõe de fundo documental adequado ao currículo e conta com uma renovação anual média de cerca de 300 documentos, através das aquisições efectuadas pelo Agrupamento em parceria com o PNL, um facto comprovado pelos alunos inquiridos. Possivelmente a actualização das colecções da BE representará uma maior frequência e utilização da mesma pela comunidade educativa.

Questão – P22 – O que achas do material existente na tua Biblioteca Escolar para a ocupação dos teus tempos livres? (Livros, revistas, vídeos, cd's, etc.).
(Assinala apenas uma resposta)



A questão (P22) vem em parte complementar a anterior, estando ambas interligadas pelos objectivos que se propõem, o conhecimento do fundo documental e sua adequação às necessidades dos alunos. Centraliza-se propriamente em classificar o material existente na BE para a ocupação dos seus tempos livres. O seu objectivo será o de saber se o acervo da BE está ou não adequado às actividades de lazer dos alunos. Como missão a BE terá que satisfazer não só as necessidades curriculares dos alunos mas também as de lazer.

Perante esta questão referem os alunos de “maior sucesso” que o material existente na BE para a ocupação dos seus tempos livres “Está actualizado, há sempre materiais novos e actuais”, reunindo o consenso de 59% das opiniões. Entretanto para 25% ainda existe a “Falta de materiais sobre alguns assuntos e há demasiado sobre outros” e apenas 16% afirma que o material “Está desactualizado, não há materiais novos e actuais”.

Quanto aos alunos de “menor sucesso” as opiniões manifestadas são semelhantes, tendo 53% manifestado que o material “Está actualizado, há sempre materiais novos

e actuais”. Já 31% exprime que “Faltam materiais sobre alguns assuntos e há demasiado sobre outros” e apenas 16% indica que o material “Está desactualizado, não há materiais novos e actuais”.

Observando de uma forma global as opiniões expressas, verifica-se que 58% dos inquiridos revela que a BE dispõe de material actualizado às necessidades de lazer. Contudo, para 28% destes alunos ainda “Faltam materiais sobre alguns assuntos e há demasiado sobre outros” e os restantes 14% afirmam que está desactualizado.

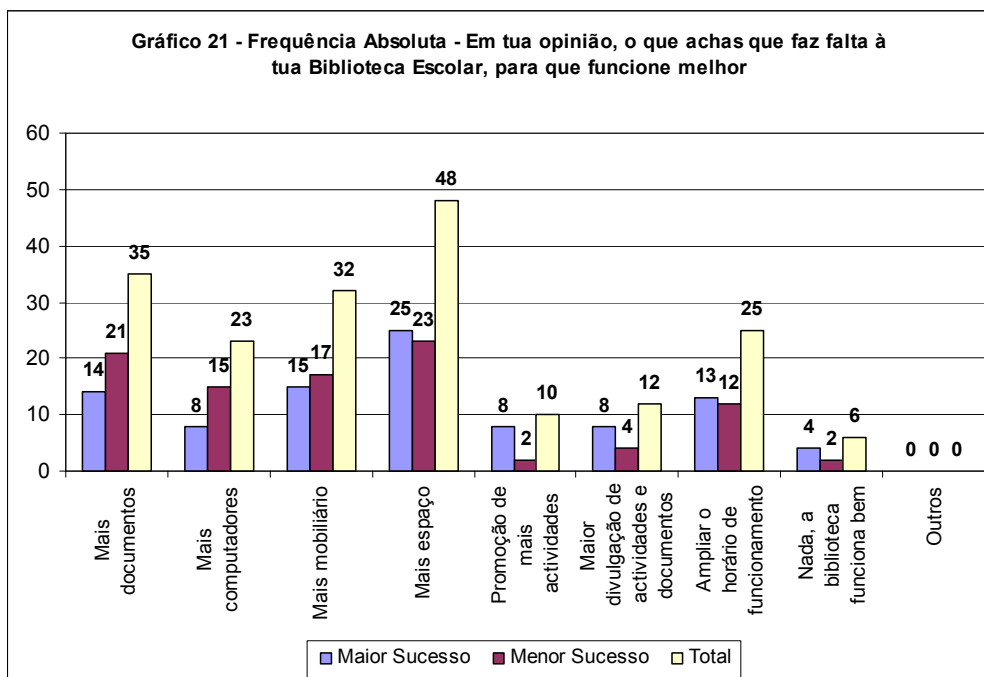
De acordo com as opiniões expressas pelos alunos inquiridos, diríamos que a BE, possui e disponibiliza material necessário aos seus utilizadores para as actividades de lazer, uma informação também fornecida pelo professor bibliotecário. Agregando esta informação com a obtida na resposta anterior relativa à satisfação das necessidades de estudo, verifica-se que a BE disponibiliza nas duas vertentes, o material adequado às actividades curricular e de lazer dos alunos. Este facto talvez seja um incentivo fundamental para a utilização e frequência da BE por parte dos alunos, pois poderão encontrar uma diversidade de material essencial e actualizado para a sua formação educativa.

Ainda segundo informação do professor bibliotecário, a BE dispõe de um fundo documental constituído por 4986 documentos impressos e 242 não impressos, estando cerca de 4950 documentos disponíveis para empréstimo.

A BE pode ser definida como um espaço aberto, de livre acesso, que visa o enriquecimento cultural dos alunos, existindo para apoio às actividades curriculares e de lazer.

Questão – P23 – Em tua opinião, o que achas que faz falta à tua Biblioteca Escolar, para que funcione melhor?

(Assinala as respostas que mais se apliquem)



Colocada a questão (P23), os alunos são questionados acerca do que acham que faz falta à BE para que funcione melhor. O objectivo é o de pretender saber se os alunos detectam algumas lacunas na BE, que afectem o seu funcionamento e o que gostariam que a mesma disponibilizasse para se tornar um espaço mais apelativo à sua frequência e utilização.

Neste sentido e para os alunos de “maior sucesso”, a maioria das opiniões indica que a BE deveria ter “Mais espaço”, alcançando 78% das opiniões. Para 47% a BE necessita de “Mais mobiliário”, seguindo-se 44% que referem a necessidade da existência “Mais documentos”. Temos ainda 41% que desejariam a “Ampliação do horário de funcionamento” enquanto que para 25% existe a necessidade de “Mais computadores”.

Opiniões muito semelhantes são expressas pelos alunos de “menor sucesso”, em que numa maioria clara de 72% afirmam necessitar de “Mais espaço”, enquanto 66% é da opinião que devem existir “Mais documentos”. A necessidade de “Mais mobiliário” é referida por 53%, sendo a carência de “Mais computadores” manifestada por 47% dos alunos. Já para 38% prevalece o desejo de “Ampliar o horário de funcionamento”.

De uma forma global as opiniões convergem no sentido das respostas mencionadas anteriormente, em que 75% dos inquiridos refere a necessidade de “Maior espaço”, 55% a existência de “Mais documentos” e 50% “Mais mobiliário”. Já 39% desejariam ver a “Ampliação do horário de funcionamento” e a instalação de “Mais computadores” é manifestada por 36% dos alunos.

É assim evidente nas opiniões dos alunos que a BE carece de mais espaço, sendo esta a principal deficiência registada para que funcione de forma mais eficaz. Possivelmente esta carência limita os seus utilizadores no desenvolvimento das suas actividades relacionadas com o currículo e o lazer, nomeadamente na consulta de documentos, trabalhos em grupo, ouvir música, ver vídeos entre outros. De salientar que a questão de falta de espaço da BE foi já anteriormente manifestada pelos alunos na pergunta (P19) do presente questionário, tendo-se apresentado algumas justificações para tal facto. Sabendo que a BE cumpre com as normas estabelecidas pela RBE, quanto às instalações, equipamentos e fundo documental relativamente à população escolar que serve, deduzimos que a falta de espaço da BE referida pelos alunos se deverá eventualmente ao nível elevado da sua ocupação com actividades e utilização pelos alunos sobretudo em pesquisas de informação e trabalhos escolares.

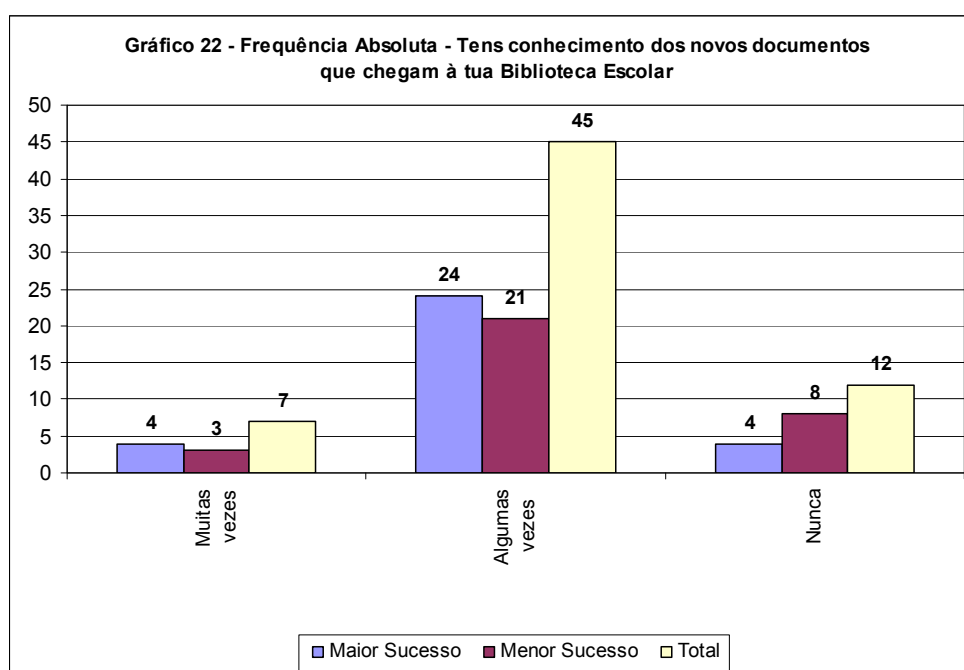
Também é sugerido pelos alunos a necessidade de algum mobiliário, computadores e documentos que poderiam tornar a BE mais funcional. O desejo de ampliação do horário de funcionamento da BE é igualmente manifestado, sugerindo-se o prolongamento da sua abertura para além do horário escolar, período durante o qual seria possível uma maior frequência e utilização pela comunidade educativa. Apesar das sugestões apresentadas pelos alunos para um melhor funcionamento da BE, poderemos deduzir que de uma forma geral a BE em estudo, apresenta níveis qualidade e de quantidade, quer de documentos e equipamentos, quer de instalações, que consideramos serem de um nível muito bom, tendo em conta o contexto da própria escola onde está inserida e a população estudantil ou comunidade educativa que serve.

Interessa também referir que a BE terá um funcionamento eficaz, se a sua organização, aquisição e disponibilização de recursos materiais, livro ou não livro, for também eficaz. A organização destes recursos será uma condição para sua eficaz localização e acesso, caso contrário, essas fontes de informação que sendo

válidas, poderão tornar-se inúteis. Os serviços de informação da BE deverão disponibilizar informação fácil e essencial aos alunos, mantendo-a para isso organizada. Diversificar as fontes e formatos de pesquisa tendo em atenção a maneira como os alunos acedem e recolhem essa informação e a sua fiabilidade.

Questão – P24 – Tens conhecimento dos novos documentos que chegam à tua Biblioteca Escolar?

(Assinala apenas uma resposta)



A questão (P24) tem como objectivo saber se a Biblioteca Escolar faz chegar à sua comunidade escolar, e neste caso em especial aos alunos, informação sobre o seu fundo documental existente e das suas mais recentes aquisições. Pergunta-se então se os alunos têm conhecimento dos novos documentos que chegam à BE. Estará a BE empenhada em divulgar os seus documentos e incentivar a sua utilização.

Analisando as respostas obtidas e para os alunos de “maior sucesso”, de facto existe algum conhecimento dos novos documentos chegados à BE, sendo declarado por 59% dos inquiridos afirmam ter essa informação “Algumas vezes”. Temos ainda para 34% das opiniões que essa informação chega até si “Muitas vezes”, enquanto apenas 7% revelam “Nunca” obter essa informação.

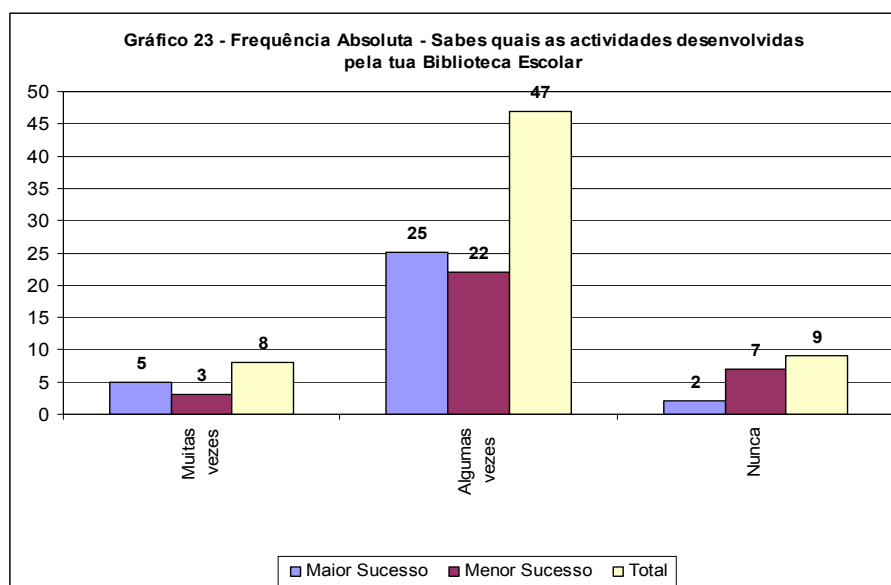
Quanto aos alunos de “menor sucesso”, registam-se semelhantes opiniões, sendo manifestado por 66% que têm conhecimento das novas aquisições “Algumas vezes”. Contudo 29% ainda expressam “Nunca” ter conhecimento dos novos documentos e 9% adquirem esse conhecimento “Muitas vezes”.

No conjunto de ambos os estratos estudados, as opiniões registadas revelam que os alunos têm conhecimento dos novos documentos chegados à BE, pois uma maioria expressiva de 66% afirmam possuir essa informação, tendo explícita a opção do seu conhecimento “Algumas vezes”. Para 22% dizem obtê-lo “Muitas vezes” e 17% referem “Nunca” obter essa informação.

Pela análise dos dados recolhidos, constata-se que existe por parte da BE, uma divulgação dos seus documentos, fazendo chegar essa informação aos alunos, apesar de não se situar a um nível desejado, já que maioritariamente os alunos referem que a mesma lhes chega “Algumas vezes”.

Neste sentido, verificamos que a BE procura executar a sua missão e o seu Plano de Actividades (PABE) ao cumprir os objectivos aí declarados, uma difusão das suas actividades, do seu fundo documental e das fontes de acesso à informação. Explicita assim, como alguns dos seus objectivos o de “colocar o aluno em contacto directo com o livro, utilizando-o como meio de se recrear ou para complementar matérias de estudo” e o “facultar ao aluno fontes diversificadas de obtenção de informação”.

Questão – P25 – Sabes quais as actividades desenvolvidas pela tua Biblioteca Escolar? (Assinala apenas uma resposta)



Para confirmarmos as questões anteriores que vão no sentido de saber se os alunos têm conhecimento da existência da Biblioteca Escolar e de todos os serviços por ela disponibilizados, pergunta-se aos alunos se “Sabem quais as actividades desenvolvidas pela Biblioteca Escolar” (P25).

Para os alunos com “maior sucesso” uma percentagem significativa 78%, expressam saber “Algumas vezes”, as actividades desenvolvidas pela BE, enquanto 16% afirmam ter esse conhecimento “Muitas vezes”, e apenas 6% diz “Nunca” obter tal conhecimento.

Analisando os de “menor sucesso”, constatamos que 72% alcança o conhecimento das actividades “Algumas vezes”, 16% revela “Nunca” o atingir, e somente 13% exprime tê-lo “Muitas vezes”.

Para uma observação do total de inquiridos, verificamos que cerca de 75% diz ter informação das actividades da BE “Algumas vezes”, já 14% admite adquiri-la “Muitas vezes” e unicamente 11% declara “Nunca” receber essa informação.

Partindo dos pressupostos mencionados e que o objectivo desta questão é o de saber se a BE faz a divulgação das actividades desenvolvidas junto dos alunos, podemos constatar que realmente a informação chega aos alunos a um nível muito regular a qualquer um dos estratos estudados, pois uma esmagadora maioria tem acesso a esse conhecimento “Algumas vezes”. Seria contudo desejável que essa informação pudesse atingir o nível de chegar “Muitas vezes” junto dos alunos, porque realmente a dinamização e a divulgação, são factores que promovem e incentivam a frequência da BE. Uma biblioteca activa e divulgada, terá decerto utilizadores e cumprirá eficazmente a sua missão.

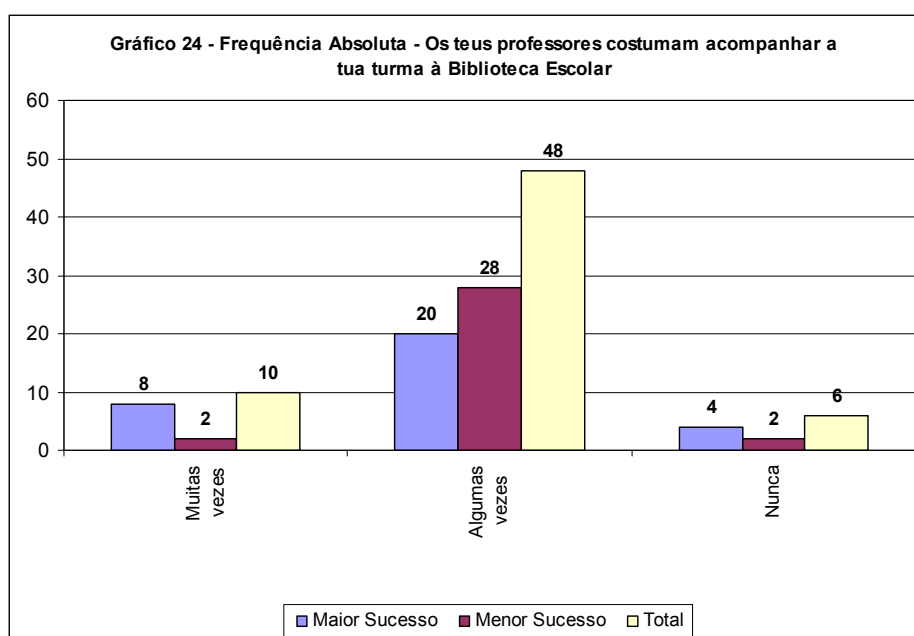
Segundo o PABE, verificamos que a BE realiza de forma regular, acções de divulgação e de promoção das suas actividades junto de toda a comunidade escolar, onde se realça o estímulo ao envolvimento do corpo docente para a frequência e utilização dos recursos da BE, quer de forma isolada, quer no acompanhamento dos alunos. Revela ainda um conjunto de actividades diversificadas em que o objectivo principal é o de proporcionar momentos de encontro entre o livro e o leitor.

Para o desenvolvimento das suas actividades a BE estabelece parcerias com outras instituições a nível de apoio e colaboração, das quais se destacam a Biblioteca

Municipal e a RBE – Rede de Bibliotecas Escolares em consonância com o PNL – Plano Nacional de Leitura.

Questão – P26 – Os teus professores costumam acompanhar a tua turma à Biblioteca Escolar, para aconselharem a frequência, a leitura, a consulta de livros, desenvolver ou participar em alguma actividade?

(Assinala apenas uma resposta)



No que diz respeito à questão (P26), em que se solicita aos inquiridos opinião sobre se “Os professores costumam acompanhar a turma à BE, para aconselharem a frequência, a leitura, a consulta de livros, desenvolver ou participar em alguma actividade”, procura-se saber se os professores incentivam ou não, a frequência e utilização da BE, como ainda a exploração dos seus serviços, nomeadamente na pesquisa, consulta documental e produção de documentos.

Presume-se que, se o incentivo prestado pelos professores não for entendido pelos alunos como mais um trabalho escolar ou uma possível obrigação, decerto estarão a

proporcionar-lhes um interesse pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento do seu sentido crítico.

Examinando as opiniões manifestadas pelos alunos de “maior sucesso” constata-se que 63% dizem ser acompanhados pelos professores à BE “Algumas vezes” para os fins mencionados, enquanto 25% expressam ser acompanhados “Muitas vezes” e 13% revelam “Nunca” ser acompanhados pelos professores à BE.

Passando aos alunos de “menor sucesso” as respostas são concordantes com as anteriores, diferindo apenas em termos percentuais. Assim, temos que 88% declaram ser acompanhados pelos professores à BE “Algumas vezes”, 6% indicam que “Muitas vezes” acontece serem acompanhados e igual percentagem, 6% atestam “Nunca” serem acompanhados para os fins referidos.

Observando as respostas em termos globais, o resultado encontrado enquadra-se nos parâmetros descritos para os estratos referidos. Cerca de 75% dos alunos certificam que são acompanhados pelos respectivos professores à BE “Algumas vezes”, já 16% considera ser acompanhados “Muitas vezes” e somente 9% reconhece que “Nunca” são acompanhados à BE para os fins descritos.

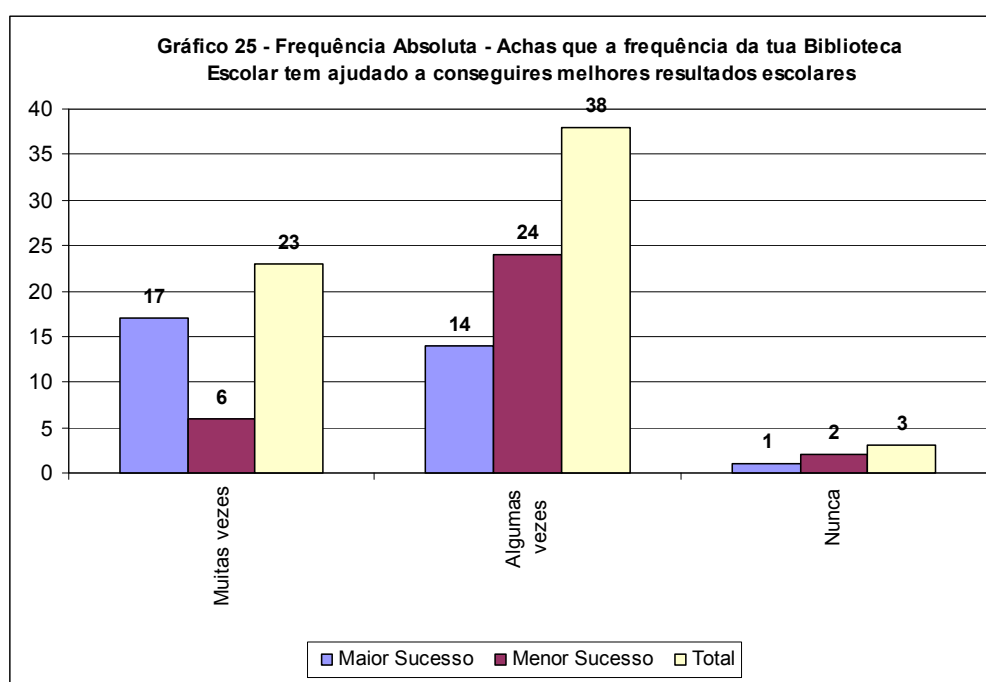
Segundo os dados obtidos, verifica-se que existe um empenhamento por parte do corpo docente em levar os alunos à BE, uma forma de complementar as actividades curriculares, um claro incentivo à frequência da BE e um estímulo à leitura e consulta de livros, conforme atestam de forma unânime os alunos inquiridos de ambos os grupos. Podemos igualmente verificar este facto através da observação directa efectuada, sendo sobretudo os docentes de Língua Portuguesa e TIC que procuram principalmente complementar as suas actividades curriculares com os recursos disponíveis na BE e só posteriormente e de forma mais esporádica efectuem alguns aconselhamentos quanto à leitura, consulta de livros e frequência da BE. De realçar que são os docentes de Língua Portuguesa que mais incentivam os alunos neste campo, ficando para os docentes de TIC o estímulo à exploração da informação em suporte informático. É fundamental incentivar a pesquisa numa primeira fase para o livro e somente depois para a Internet, orientando-os na selecção da informação, promovendo assim uma aprendizagem na literacia da informação e talvez um passo para o sucesso educativo.

É cada vez mais frequente o número de professores que procuram aproximar os alunos da leitura através da motivação para o prazer de ler. Contudo, os efeitos desejados – o fomento e a criação de hábitos de leitura nos alunos e a frequência da BE – apenas se concretiza numa pequena percentagem dos jovens, como confirmam os diversos estudos realizados no nosso país. Se a implementação de medidas políticas, como é o caso do PNL e a criação da RBE, é fundamental para a concretização de projectos que visem alterar esta situação, o papel desempenhado pelo professor continua também a revestir-se de uma importância fulcral, na medida em que ele vai ser o mediador entre o aluno e os diferentes suportes de leitura.

Como foi já referido a BE desenvolve acções de divulgação e promoção das suas actividades junto da comunidade escolar e em especial do corpo docente, tendo como objectivo estimular a sua frequência e utilização, aconselhando a levar consigo os seus alunos. Cativar alunos, pessoal docente e não docente, é um dos seus objectivos, mediante a organização de actividades lúdicas e educativas.

Questão – P27 – Achas que a frequência da tua Biblioteca Escolar tem ajudado a conseguires melhores resultados escolares?

(Assinala apenas uma resposta)



Chegados à última questão deste nosso questionário, pretendemos averiguar e confrontar os alunos inquiridos com o objectivo geral do nosso estudo. Estimular o aluno a reflectir sobre a contribuição que a frequência ou utilização da BE pode ter no seu percurso escolar e a que nível se situa essa mesma interligação, caso reconheçam a sua existência.

Coloca-se então a questão (P27) “Achas que a frequência da tua Biblioteca Escolar tem ajudado a conseguires melhores resultados escolares”, fazendo posteriormente uma análise de ambos os estratos.

Recolhemos as opiniões dos inquiridos e segundo os alunos de “maior sucesso”, a frequência da BE tem influenciado o seu sucesso escolar “Muitas vezes”, uma expressão afirmada por uma maioria significativa de 59%. Responderam ainda 44% que a frequência da BE tem “Algumas vezes” ajudado o seu sucesso escolar. Somente 3% dos alunos refere “Nunca” essa frequência ter auxiliado o seu sucesso.

A biblioteca escolar poderá influenciar de forma positiva o desempenho dos alunos particularmente na angariação de um melhor sucesso escolar/educativo, devendo para isso ser encarada como local de aprendizagem, um agente dinâmico e cooperativo, e não simplesmente como espaço de informação. Deve assim, ser frequentada e utilizada essencialmente no decurso de toda a formação escolar, cívica e educativa dos alunos.

Passando aos alunos de “menor sucesso” verificam-se algumas divergências na reflexão proposta, afirmando 75% que a frequência influencia o seu sucesso escolar “Algumas vezes”. É referindo por 19% que essa mesma frequência os terá ajudado “Muitas vezes” na obtenção do referido sucesso, enquanto apenas 6% considera que “Nunca” existiu qualquer influência nos seus resultados escolares.

Uma análise geral de inquiridos revela que 59% é da opinião que a frequência da BE “Algumas vezes” tem ajudado positivamente os seus resultados escolares. Já para 36% essa frequência tem auxiliado “Muitas vezes” a aquisição desse sucesso e finalmente e só 5% admite “Nunca” ter sentido qualquer auxilio na melhoria dos seus resultados escolares.

Não basta a BE disponibilizar todos os seus recursos e apoiar todo o processo educativo, é de extrema importância que tanto alunos como professores, façam uso

desses recursos, quer para apoio às necessidades pedagógicas e curriculares, quer para as suas necessidades de lazer e enriquecimento cultural. Isto só será possível se a utilização e a frequência da BE se tornar um hábito para a comunidade educativa e em especial para os alunos.

Na opinião de Magalhães, A. M. & Alçada, I. (1994:120) o hábito da utilização e frequência da BE parece estar a querer mudar, afirmando que,

“ (...) a frequência das bibliotecas escolares parece não se ter tornado ainda um hábito para a maioria dos alunos, como seria desejável. No entanto, o panorama tem melhorado. As bibliotecas são frequentadas por um número significativo de alunos. “

Conclusão

Enquadramento do estudo

Partilhamos da perspectiva que, uma dissertação não se pode considerar um produto terminado, antes porém um agrupado de indícios que se integram no estudo de um tema, podendo suscitar noutros investigadores a continuação ou aprofundamento da temática. Ao longo da nossa investigação fomos constatando que as Bibliotecas Escolares começam a fomentar algum interesse nos investigadores em várias vertentes, ocasionando a produção de estudos científicos, nomeadamente de teses de mestrado ou de doutoramento.

Chegados à fase final do nosso estudo, é a altura de apresentar uma avaliação da investigação realizada, as conclusões finais com base nas linhas orientadoras do estudo, com especial atenção para as ilações retiradas e as aprendizagens proporcionadas com o mesmo.

Contudo, estamos conscientes que o estudo efectuado, constituído por uma componente descritiva e interpretativa, concentrada numa análise concreta da realidade de uma Biblioteca Escolar e sua comunidade educativa, não nos outorga legitimidade que permita universalizar as conclusões alcançadas para um contexto diversificado ou mais abrangente.

Estruturalmente o estudo apresenta-se em duas partes. No capítulo da introdução da dissertação, equaciona-se a problemática do nosso estudo, definindo os objectivos do trabalho a desenvolver. Nos dois capítulos seguintes desenvolve-se um quadro teórico-conceptual, através da revisão da literatura sobre a temática, constituindo assim, a primeira parte do estudo que se designou de enquadramento teórico. Numa segunda parte que compreende o estudo empírico, procedeu-se à elaboração e à aplicação dos instrumentos de pesquisa, à recolha de informação e à análise e interpretação dos dados obtidos.

O projecto de investigação que se apresenta procura de forma genérica abranger os diversos factores que poderão influenciar o sucesso educativo dos alunos, centrando-se mais especificamente na utilização e frequência das bibliotecas

escolares. Desenvolve igualmente uma abordagem às potencialidades dos recursos das BEs, do desenvolvimento das suas competências no sistema educativo, da figura e papel do professor bibliotecário e da promoção e articulação de actividades conjuntas de cooperação entre bibliotecário e professores que contribuem também para o sucesso educativo dos alunos.

Tendo por suporte a revisão da literatura realizada sobre bibliotecas escolares, determinou-se efectuar o estudo de uma biblioteca escolar e os hábitos de leitura dos alunos de uma comunidade escolar específica. Sugerir uma reflexão sobre a eventual importância da biblioteca escolar na promoção do sucesso educativo desses alunos. Um estudo que tem como objectivo geral compreender a eventual relação entre a frequência e ou utilização da Biblioteca Escolar e o sucesso educativo dos alunos. Pretende-se encontrar uma resposta à pergunta de partida ou hipótese de trabalho:

A utilização e ou frequência da biblioteca escolar reflecte-se num maior sucesso educativo dos alunos?

Perspectiva-se assim com alguma importância sintetizar e evidenciar os aspectos julgados mais pertinentes relativos ao objecto de estudo que ressaltaram ao longo da investigação. Atribui-se uma especial relevância aos resultados alcançados no estudo empírico, pois são eles os reveladores que permitirão conceder a resposta ao problema identificado, como ainda aos objectivos do presente projecto de investigação.

Contudo, e apesar de assumirmos com modéstia as limitações do nosso estudo, estamos no entanto convictos que certamente estamos a concorrer para um aprofundar do saber do objecto de estudo por nós considerado, no sentido de compreender o contributo das bibliotecas escolares na promoção do sucesso educativo.

Métodos de investigação

O relatório que se apresenta é o resultado de uma investigação no âmbito de um programa de mestrado em Ciências da Informação e Documentação, na qual foi predominante a utilização de métodos múltiplos/triangulação. Uma combinação de duas metodologias – metodologia quantitativa e qualitativa.

Uma abordagem onde se utilizam a análise documental e a observação directa não participante, com características qualitativas, e o questionário, com características quantitativas. Segundo o princípio da triangulação é permitido olhar para uma mesma situação, empregando métodos distintos, o que garante uma visão mais precisa do objecto em estudo.

A investigação recaiu sobre 64 alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba e da sua Biblioteca Escolar integrada na RBE.

Uma investigação realizada segundo o estabelecimento de quatro etapas.

A primeira diz respeito a variadas pesquisas e a uma revisão da literatura sobre a temática das bibliotecas escolares. Em simultâneo foram também efectuadas diversas pesquisas, análise e revisão bibliográfica sobre metodologia de investigação e construção de questionários. Seguiu-se a construção do questionário (Anexo 4), sua validação, pedido de aplicação, selecção da amostra e entrega directa ao órgão de gestão da escola. Solicita-se no questionário informação sobre hábitos de leitura e frequência ou utilização da BE pelos alunos. A amostra é constituída por 64 alunos, segundo o critério de escolha de 4 alunos de cada turma do 5º ao 9º ano de escolaridade, divididos em dois estratos proporcionais – alunos de “maior sucesso escolar” e alunos de “menor sucesso escolar”.

Na segunda etapa, desenvolve-se o trabalho de campo com a observação directa não participativa do funcionamento e das actividades na biblioteca que se realizou durante uma semana. Procede-se também ao pedido da documentação que rege o Agrupamento (Anexo 1), Projecto Educativo da Escola, Projecto Curricular da Escola, Regulamento Interno e Plano Anual de Actividades.

Na terceira etapa, recolhem-se os questionários, tendo sido devolvida a sua totalidade a que corresponde uma taxa de 100% de respostas. Nesta etapa

analisam-se e interpretam-se os dados relativos aos documentos solicitados, os dados da observação directa não participante (notas de campo) e os dados dos questionários (análise estatística através do software Excel).

Chegados à quarta e última etapa, elaborou-se o relatório do estudo com a apresentação das conclusões que pretendem evidenciar o contributo das bibliotecas escolares na promoção do sucesso educativo dos alunos. Sugere o estudo que a utilização e ou frequência da biblioteca escolar tem eventuais reflexos positivos num maior sucesso educativo dos alunos.

A Biblioteca Escolar: panorama e impactos no sucesso educativo

Em Portugal não encontramos muitos estudos sobre a temática da presente investigação, estando limitados a alguns livros, a dissertações de mestrado e doutoramento apresentadas neste século em Universidades Portuguesas e a informação publicada em Encontros, Seminários e Colóquios.

Com base na documentação consultada elaborou-se um estudo sobre a temática das bibliotecas escolares. Na realidade as bibliotecas escolares começam a surgir na década de 40, sendo consideradas como um lugar soberbo, muito pouco frequentado pelos estudantes. O acesso ao fundo documental estava condicionado e o silêncio absoluto imperava, não convidando à sua frequência.

Um panorama que se altera quando se implementa uma Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), no ano de 1996, no seguimento da realização de um conjunto de estudos originados pela preocupação constante com os níveis de literacia existentes na população portuguesa. Destaca-se o estudo “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (Veiga et al. 1996). Os seus objectivos são o apoio à reestruturação das bibliotecas escolares existentes e a instalação faseada por todo o país de novas bibliotecas em todas as escolas de todos os ciclos de ensino. Criar progressivamente em todas as escolas portuguesas, bibliotecas actualizadas que constituam centros de recursos de informação multimédia, estimulantes do trabalho

pedagógico, de investigação e muito particularmente do desenvolvimento de hábitos de leitura e do prazer de ler entre a população mais jovem.

Regista-se uma enorme mudança das BEs a diferentes níveis, muito em parte devido ao Programa RBE, que desde a sua implementação vem equipando um número significativo de bibliotecas escolares, dotando-as de infra-estruturas tecnológicas, recursos materiais e humanos, com o objectivo de satisfazer as necessidades de informação da comunidade educativa. Tem sido também seu objectivo converter as BEs num espaço agradável e acolhedor onde os alunos possam aprender a aprender, como ainda desenvolver e apreender capacidades de informação ao longo da sua vida.

A RBE tem certamente contribuído para uma valorização das bibliotecas escolares, constituindo verdadeiros centros de recursos fundamentais para a aprendizagem e sucesso dos alunos. Igualmente vem prestando apoio na área da sua organização e dinamização, na formação dos recursos humanos da BE, em especial do professor bibliotecário. Uma figura que desenvolve todo um trabalho colaborativo com os elementos da comunidade educativa, facilita o acesso diferenciado à informação, permitindo alcançar resultados positivos na aprendizagem e formação dos alunos, isto é, um promotor e facilitador do sucesso dos alunos.

O impacto gerado pela RBE no desenvolvimento das bibliotecas escolares e na promoção do sucesso escolar dos alunos sai reforçado com a criação do PNL – Plano Nacional de Leitura no ano de 2007. Uma iniciativa do Governo como resposta à preocupação dos níveis de literacia da população geral e em particular a escolar. Define como objectivos, o desenvolvimento de competências de leitura e da escrita, a promoção e aprofundamento dos hábitos de leitura e da literacia da informação dos alunos.

Reconhece-se também que a existência de parcerias é de extrema importância para o desempenho da BE que passam assim a dispor de uma verba anual para apoio à aquisição e renovação do fundo documental da BE. Permite não só aumentar como actualizar e adequar o seu fundo documental ao desenvolvimento das suas actividades de apoio ao currículo e ao lazer. São também fundamentais ao nível de desenvolvimento dos projectos e em particular do PNL, que disponibiliza um

conjunto de actividades de promoção e incentivo da leitura como e de apoio à sua execução.

Por outro lado, não só as BEs mas também a escola portuguesa tem sofrido inúmeras alterações na última década que têm desencadeado um conjunto de novas questões e necessidades. É o caso do surgimento dos agrupamentos horizontais e verticais de escolas e das actividades de enriquecimento curricular, estas designadas de escolas a tempo inteiro. Um novo conceito de escola, como organização, em tempo de mudança que procura elos com a comunidade envolvente. Igualmente uma nova concepção de educação, que afasta a relação professor-aluno e assenta numa triangulação de interacção entre professor-aluno-comunidade, que influencia significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

Para além do recurso professor, a escola dispõe também da biblioteca escolar para operacionalizar a mudança que se impõe. A criação nas escolas de bibliotecas, entendidas como centros de recursos multimédia, enquadra-se num processo global de mudança, no qual elas desempenham um papel catalisador, essencial à inovação pedagógica e organizacional das escolas e à sua transformação. A BE é considerada um centro de recursos educativos, uma mais valia para a escola, para alunos, para docentes e sua envolvente, pela função que cada vez mais desempenha como agente activo, disponibilizando renovados recursos na promoção de novas situações do ensino-aprendizagem. A BE procura dar ao aluno a oportunidade de ampliar os seus estudos, proporcionando-lhe material adequado para tal e oferecer ao professor recursos necessários para integrar o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Também no sentido da melhoria do funcionamento, da organização e do ambiente educativo, do reforço dos laços com a comunidade e da educação para a cidadania, a escola dispõe do seu Projecto Educativo da Escola – P. E. E. Um documento orientador da qualidade do ensino-aprendizagem, organizador do presente e do futuro escolar, implicando uma articulação de todos os protagonistas do processo. Assume-se como uma organização autónoma e com funcionamento próprio, definindo objectivos e estratégias para o desenvolvimento da escola, de forma a poder cumprir cada vez melhor a sua finalidade básica: o sucesso escolar dos alunos. Tem associado o currículo escolar onde se explicita o que deve ser aprendido/ensinado na escola, o que se pode aprender ou ensinar na escola. Que

aprendizagens se deseja que os alunos adquiram e os conteúdos culturais que importa ensinar. Uma integração no projecto educativo e no currículo da escola, capaz de promover métodos activos de ensino e aprendizagem. É neste contexto que reside uma das razões para a existência da biblioteca escolar, apoiar todo o currículo e promover o sucesso educativo dos alunos.

De salientar que a análise do sucesso educativo proposto nesta investigação foi apoiada pelo estudo de quatro documentos solicitados ao Agrupamento de Escolas de Borba: o “Projecto Educativo da Escola”, o “Projecto Curricular da Escola”, o “Regulamento Interno” e o “Plano Anual de Actividades”. Pretende-se averiguar as referências à BE, de que forma a BE está integrada na escola, se as actividades projectadas envolvem a cooperação da BE e se estão relacionadas com a melhoria do sucesso escolar e educativo dos alunos. Sendo documentos normativos e muito gerais, não se fazem em alguns deles referências específicas à BE.

No entanto e segundo a análise documental realizada, verifica-se que é quase inexistente a referência explícita às BEs do Agrupamento nos diversos documentos examinados. Registam-se contudo no PEE, algumas referências subentendidas nas suas descrições, aconselhando-se a utilização dos seus recursos, nomeadamente das novas tecnologias (T.I.C) com a realização de visitas periódicas à BE.

Também no Projecto Curricular de Escola – PCE, não se registam referências explícitas às BEs, contudo alguns objectivos expressos no documento parecem remeter para a BE a sua concretização. Definem-se objectivos como os de pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável; promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades dirigidas à observação e ao questionamento da realidade e à integração de saberes; rentabilizar as potencialidades das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) no uso adequado de diferentes linguagens; desenvolver actividades que permitam a selecção crítica de informação e estimular o gosto e o respeito pelo livro enquanto veículo de transmissão de saber. São de facto objectivos e competências pedagógicas que fazem todo o sentido serem desenvolvidas conjuntamente com a BE, estimulando a sua frequência e utilização, bem como a sua integração na vida da escola e concorrendo para a melhoria do sucesso escolar e educativo dos seus alunos.

É no Regulamento Interno do Agrupamento – RIA, que se encontram algumas referências explícitas às BEs. Refere-se que as BEs devem funcionar em regime de livre acesso, desenvolver actividades de apoio ao currículo e de lazer que as promovam e dignifiquem. Deduz-se que as BEs estão na escola para cumprirem a sua verdadeira missão, de acordo com o Manifesto da Biblioteca Escolar. Disponibilizam serviços de aprendizagem, livros e os diversos recursos a toda a comunidade educativa, contribuindo para a sua formação de pensadores e utilizadores críticos da informação.

Contudo é no Plano Anual de Actividades – PAA, que a BE merece mais destaque, porque é nele que se encontra inserido o Plano de Actividades da BE – PABE. Um plano que tem como objectivos, incentivar e promover o gosto pela leitura e o desenvolvimento da literacia da informação, em cooperação com professores e bibliotecário e com aplicação a toda a comunidade educativa. Fazem parte deste plano, actividades que pretendem colocar o aluno em contacto directo com o livro, utilizando-o como meio de se recrear ou para complementar matérias de estudo; facultar ao aluno fontes diversificadas de obtenção de informação; proporcionar aos alunos, de uma forma pedagógica e original, o gosto e motivação pela aprendizagem; estimular o gosto pela leitura; promover a literacia da leitura; articular a BE com o currículo e difundir as actividades da BE.

Neste sentido a BE, promove e divulga as suas actividades junto da comunidade escolar, estimula e coopera com o corpo docente para utilização e frequência da BE no apoio às actividades curriculares, de forma isolada e/ou no acompanhamento dos alunos, como ainda fomenta a ocupação de tempos livres dos alunos. É fundamental que os professores leiam, que frequentem a biblioteca, que apelem à fundamentação dos saberes através dela, que acompanhem lá os seus alunos, que lhes falem dos livros e os preparem para a leitura.

Conclui-se que a BE se assume como um recurso de ensino-aprendizagem, permitindo aos professores utilizar uma diversificação de estratégias para o leccionar das matérias, contribuindo para o elevar do nível de conhecimentos dos alunos.

Igualmente as BEs desenvolvem programas de qualidade que assentam no conjugar do livre acesso ao fundo documental nos diversos formatos, quer para consulta ou empréstimo domiciliário, no acesso à Internet, nas parcerias com outras instituições

para realização de actividades de promoção do livro e da leitura, no apoio à pesquisa, selecção e tratamento da informação, na formação leitora e trabalho colaborativo entre professores e professor bibliotecário no desenvolvimento de actividades de apoio ao currículo e ao lazer. Dispõem neste sentido de um bibliotecário com formação especializada, com perfil pessoal bem definido e competências profissionais, um docente qualificado e responsável pelo planeamento e gestão da BE. Assume-se como o coordenador da biblioteca escolar, um profissional da informação, um líder e parceiro do trabalho colaborativo. Desenvolve estratégias de articulação com a comunidade escolar na planificação de actividades ligadas para a sala de aula e enriquecimento curricular, integrando os recursos da biblioteca.

Vários estudos têm comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação. Comprovam ainda que os alunos que utilizam e frequentam bibliotecas escolares que detêm estas características, têm mais capacidade de leitura, lêem mais (hábitos de leitura), têm mais capacidade de compreensão da escrita e obtêm mais sucesso escolar e educativo.

Refira-se que para além do sucesso escolar existe também o sucesso educativo, dois termos com alguma interligação e que por vezes é difícil de dissociar. Para alguns autores existe uma convergência para a interligação ou associação dos conceitos, afirmando que um melhor sucesso escolar poderá implicar um melhor sucesso educativo. De acordo com a revisão da literatura o sucesso escolar relaciona-se com as classificações obtidas pelos alunos (notas escolares), medidas através das avaliações quantitativas e qualitativas que definem o aproveitamento escolar do aluno. O sucesso educativo relaciona-se com a aquisição de competências pelos alunos, que lhes permitam uma formação para uma boa integração na vida activa como cidadãos, e futuros participantes e intervenientes na vida activa da comunidade.

Neste sentido, constata-se que são as BEs que se assumem como um espaço privilegiado para a construção do sucesso educativo dos alunos, disponibilizando formação, educação, informação, ocupação de tempos livres e cultura, sendo ainda encaradas como verdadeiros centros de saber. Referem alguns autores que a

importância das BEs no sucesso educativo tem vindo a ser comprovada por diversas investigações conduzidas em diferentes países onde se estabeleceram relações inequívocas entre a existência de bibliotecas escolares devidamente equipadas e geridas com o sucesso educativo dos alunos. Estudos que realçam também a importância dos recursos humanos qualificados para a sua gestão, implementação de serviços e programas adequados, para a gestão das colecções de acordo com as necessidades da comunidade educativa e para a liderança e promoção da literacia da informação, considerada actualmente um requisito essencial para o sucesso educativo.

Um conjunto de factores que associados ao papel do professor bibliotecário, geram um impacto positivo no sucesso escolar e educativo. Um profissional que desempenha um papel importante como intermediário do ensino-aprendizagem. Apesar de não ter como função o ensino, o bibliotecário escolar participa no desenvolvimento dos programas curriculares da escola, interage com os professores fornecendo-lhes apoio no ensino dos conteúdos curriculares. Integra a biblioteca escolar na metodologia de ensino e auxilia os alunos no estudo, apoiando-os na pesquisa e utilização da informação que necessitam.

Com efeito, é possível verificar que para a BE disponibiliza todo um conjunto variado de informação. É também importante referir que quando utilizada pelos alunos desde os primeiros anos da escola, coopera certamente para a formação de leitores, utilizadores e frequentadores de bibliotecas. Contribui igualmente para elevar os seus níveis de literacia, tornando-os gradualmente mais autónomos e críticos da informação nos diversos suportes e formatos, condição indispensável para a aprendizagem ao longo da vida. Uma aposta na formação de cidadãos capazes de aceder e tratar a informação de forma autónoma e crítica.

Em suma, as evidências recolhidas ao longo do estudo sugerem, tal como apontámos em relação à nossa questão inicial de reflexão, por tudo quanto expressámos durante este nosso estudo, sustentado na pesquisa bibliográfica e no estudo empírico efectuado, que as Bibliotecas Escolares exercem um forte contributo na promoção do sucesso educativo, através do livro e da leitura, disponibilizando recursos e apoiando as actividades curriculares e de lazer, apelando à sua frequência e utilização por parte de toda a comunidade educativa.

A Leitura

A motivação para a procura de informação de forma autónoma e a sua utilização nos diversos tipos de trabalho, sobretudo na leitura lúdica, na leitura presencial, na leitura de apoio às actividades curriculares e na animação da leitura, tem sido considerado um ponto importante para despertar e consolidar nos alunos o prazer de ler.

Neste sentido a UNESCO e a IFLA identificam objectivos para a BE, que por sua vez a RBE vai desenvolvendo no quadro do PNL, designadamente no apoio e promoção dos objectivos da escola, na criação nos alunos do hábito e o prazer da leitura, da utilização das bibliotecas ao longo da vida e no apoio à aprendizagem dos alunos.

Em Portugal temos assistido a uma evolução positiva das competências de leitura e escrita dos alunos, mas que não atinge ainda a média europeia. Para uma grande número de professores bibliotecários, a leitura é um dos elementos fundamentais para o atingir do sucesso escolar / educativo dos alunos. Também diversos autores têm afirmado que os alunos que detêm menos competências na área da leitura e da escrita, obtêm um menor sucesso escolar. Interessa assim, reforçar o incentivo à leitura e criar condições favoráveis à promoção da leitura por prazer.

É através das Bibliotecas Escolares, pela dinamização dos livros e da leitura que essas competências se consolidarão, sendo essenciais para uma construção do sucesso educativo dos alunos. É aqui que o professor bibliotecário desenvolve todo um trabalho colaborativo com outros professores, no sentido de promover a leitura como um acto de prazer na BE, a criação de hábitos de leitura nos alunos e um desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Para além da promoção dos hábitos de leitura, a BE propõe-se também elevar os níveis de literacia dos alunos, factor importante para a sua formação educativa, apoiando-se nas iniciativas e programas no quadro do PNL. Quanto ao termo literacia, sugere-se que, literacia passa pela capacidade dos alunos serem capazes através da leitura, de compreender, comunicar e de interpretar significados, mediante a utilização das diversas linguagens em diversos suportes. Para atingir esse desenvolvimento de literacia é necessária a aquisição e uso de competências no domínio dos saberes e do conhecimento.

Numerosos estudos desenvolvidos sobre hábitos de leitura e literacia, têm vindo a mostrar algumas lacunas por parte dos jovens, ao nível da compreensão textual e da forma de lidar com a informação escrita. Neste contexto, o PNL procura suprimir essas lacunas, desenvolvendo actividades de promoção da leitura junto das BEs. O PNL é já considerado pelas BEs, como um promotor fundamental na percepção da importância da leitura e da literacia da informação, para a formação educativa dos alunos. Visto como um agente proactivo no que concerne à dinamização da biblioteca escolar.

Da informação recolhida através do questionário retiram-se algumas conclusões relativas ao hábitos de leitura dos alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba e que se descrevem segundo os estratos definidos da amostra, designados de alunos com “maior sucesso” e com “menor sucesso”.

Segundo a sua opinião dos alunos com “maior sucesso a leitura é referenciada como a principal ocupação dos seus tempos livres, sendo o acto de ler é muito importante e do qual gostam muito. Sentem grande motivação para a sua prática que atribuem ao facto do acto de ler lhes conceder maior autonomia no tratamento da informação e uma maior capacidade ao nível da leitura e da escrita. Consideram a leitura como algo fascinante e gerador de um puro prazer, uma actividade benéfica e libertadora que praticam todos os dias, o que os leva a atingir o estatuto de leitores excelentes. Saliente-se neste sentido que, no fomento de um hábito como o da leitura não há lugar para a obrigação nem para a imposição, a ninguém se pode impor o gosto pelos livros.

Revelam-se estes alunos como os mais empenhados a nível escolar, que dedicam mais tempo à leitura, talvez pelo maior tempo dedicado ao estudo e consequente leitura de livros. Provavelmente devido à sua faixa etária, estes alunos têm nos livros de aventura (livros juvenis) a sua principal opção quanto ao género de livros mais lidos, seguindo-se a preferência pelos livros escolares. Os livros que fazem parte das suas leituras, na sua maioria, têm origem na oferta dos amigos e de familiares. Poderá ser este um indicador de que a sua envolvente social é possuidora igualmente de hábitos de leitura e que procuram incentivar para a leitura através da oferta de livros. Admitem ainda estes alunos que a leitura de outros livros para além dos escolares se revela como um auxílio importante para os seus estudos e que facilita a compreensão dos textos. Segundo estas opiniões, podemos talvez afirmar

que para estes alunos os hábitos de leitura levam a uma facilidade de compreensão e interpretação da informação. Presentemente o acto de ler e interpretar é uma grande dificuldade com que alguns alunos se deparam.

Quanto aos alunos com “menor sucesso”, a leitura não está entre as opções de ocupação dos seus tempos livres, preferem ocupar esse tempo a praticar desporto. As suas práticas de leitura possivelmente reflectem esse mesmo desinteresse. Os jovens preferem fazer desporto, ver televisão, estar com os amigos ou navegar na Internet, do praticar a leitura. Demonstram pouco gosto pelo acto de ler e quando o praticam é porque existe a influência dos professores. Um facto positivo que pode confirmar o empenho dos professores no estímulo dos alunos para a prática da leitura e da aquisição de conhecimentos. É evidente a importância do papel do professor no incentivo à leitura para este grupo de alunos, facto que assume aqui grande relevo. Encaram a leitura como sendo um passatempo como outro qualquer, que apesar de não ser a principal opção para os seus tempos livres, indicam que a praticam de forma mais espontânea. Deduz-se que a leitura para estes alunos não sendo um acto de prazer, também não a consideram como uma obrigação. Quando lêem, fazem-no sobretudo ao fim-de-semana ou nas férias, o que os define como leitores ocasionais. O tempo dedicado à leitura é muito reduzido, são alunos que lêem pouco. Talvez também aqui a faixa etária em que se situam estes alunos tenha influência na escolha do género de livros que mais lêem, optando pelos livros de aventura, seguidos pelos livros escolares. Uma afirmação semelhante à manifestada pelos alunos de “maior sucesso” certificando que o gostar mais ou gostar menos de ler não condiciona ou influencia o género de leitura.

Para estes alunos é na biblioteca escolar que encontram fundamentalmente os livros que lêem, seguindo-se a oferta de amigos e familiares. Indicam ainda, que a leitura para além dos manuais escolares tem alguma interferência na compreensão dos textos, mas a um nível inferior em relação aos alunos de “maior sucesso”. Um facto que poderá dever-se à predominância de menores hábitos de leitura deste estrato, como se constata pelas suas opiniões. O hábito de ler é também tido como facilitador da escrita, sendo importante não esquecer que a avaliação dos alunos está centrada nestes mesmos dois pilares: interpretação do que se lê e na escrita.

De acordo com os dados obtidos verifica-se que são os alunos de “maior sucesso” os que apresentam um maior nível de hábitos de leitura. A leitura é algo que está

presente no seu quotidiano pessoal e escolar, sendo uma prática valorizada positivamente

Quanto aos alunos de “menor sucesso”, verifica-se pelas opiniões recolhidas que apresentam um menor nível de hábitos de leitura. A leitura não está muito enraizada e presente no seu quotidiano pessoal e escolar, revela-se como uma prática pouco valorizada.

Com efeito, os dois grupos de alunos referenciados, evidenciam diferentes níveis de hábitos de leitura. É no estrato de “maior sucesso” que a leitura está mais enraizada, têm mais suporte de leitura, lêem mais livros, fazem-no com mais frequência e com mais prazer e a leitura complementa os seus estudos e a compreensão dos textos facilitando a aquisição do saber. Talvez o conjunto destas características possa ser a razão de um maior sucesso escolar e educativo destes alunos. Sendo o acto de ler uma actividade de reflexão e de construção do saber crítico, pode-se constituir como um veículo de promoção de autonomia e de cidadania do indivíduo. Quando é praticado por gosto, motiva o desenvolvimento da imaginação e melhora a cultura geral, sendo a leitura neste aspecto perspectivada como fonte de prazer e de conhecimento.

Estamos no entanto convictos que a leitura poderá corresponder às diversas necessidades de cada um quanto à ocupação de tempos livres, de informação e desenvolvimento de saberes e de formação.

Contudo, e após a análise dos resultados obtidos, não podemos estabelecer uma relação total entre maiores hábitos de leitura e maior sucesso escolar. No entanto os dados revelam que são os alunos com “maior sucesso” os que apresentam índices de hábitos de leitura mais elevados. De facto, o fenómeno de sucesso (e insucesso) escolar é muito complexo, com muitas mais variáveis que o condicionam, não sendo correcto tentar compreendê-lo apenas através dos hábitos de leitura dos alunos.

Frequência e utilização da Biblioteca Escolar

Diversos autores citados neste estudo, têm referido o papel importante desempenhado pelas bibliotecas escolares ao nível da aprendizagem dos alunos, do currículo, do desenvolvimento do seu sentido crítico, do interagir autonomamente e ainda ao nível da preparação sólida para a sua vida futura. Uma procura do sucesso escolar e um consequente sucesso educativo. Porém estudos já realizados não foram totalmente conclusivos sobre a relação entre a frequência e ou a utilização da BE quanto ao atingir do sucesso educativo.

Neste sentido, pretende-se com a informação recolhida na Parte III do questionário, obter dados estatísticos que revelem a realidade da frequência e utilização da BE pelos alunos da Escola E.B. 2.3 Padre Bento Pereira de Borba. Apresentam-se as conclusões mais pertinentes, segundo os dois estratos da amostra. Apesar de se encontrarem algumas diferenças de opinião manifestadas pelos dois grupos quanto às questões apresentadas, foi possível registar consensos em algumas respostas.

Verifica-se pelos dados obtidos que os alunos com “maior sucesso” têm perfeito conhecimento da existência da Biblioteca Escolar. Não é um espaço desconhecido pelo que poderá ser utilizado e frequentado por todos, dependendo da vontade ou necessidade de cada um. Ao ser conhecida a BE revela que está integrada na dinâmica educativa da escola. Se não existir conhecimento da sua existência e das suas potencialidades, a BE tornar-se-á inútil. São os alunos com “maior sucesso” os frequentadores regulares da BE, que o fazem por ser um espaço que desperta muito interesse e um local de que gostam. O propósito da sua frequência serve fundamentalmente para o seu enriquecimento escolar, usando-a sobretudo para ler ou pesquisar matérias de estudo e de uma forma voluntária. Definem-se como leitores ocasionais pelo facto de efectuarem requisições de vez em quando e não de uma forma mais regular. Segundo a sua opinião, não utilizam com mais frequência a BE porque consideram que a BE tem falta de espaço e por se encontrar fechada algumas vezes. Referem que a inexistência de um catálogo para pesquisa do fundo documental é um factor impeditivo para encontrar os livros ou documentos desejados. Têm contudo um conhecimento do fundo documental da BE e segundo a sua opinião os materiais disponíveis estão adequados, tanto às matérias de estudo como para a sua ocupação de tempos livres, existindo ainda uma renovação das colecções com materiais novos e actuais.

Referem estes alunos que a BE poderia funcionar melhor se a falta de espaço existente não limita-se a sua utilização, o que apontam como sendo um factor negativo. Confirmam estes alunos que têm um conhecimento razoável dos novos documentos chegados à BE, das actividades desenvolvidas e dos serviços disponibilizados através da dinamização e divulgação por si realizadas. Referem também que os professores acompanham de forma regular os seus alunos à BE para desenvolver ou participar em actividades, aconselhar a consulta de livros e incentivar à leitura e frequência da BE. Reconhecem ainda que é devido à frequência da BE o facto de terem alcançado de forma elevada, melhores resultados escolares, conjuntamente com a disponibilização de um conjunto de materiais e serviços fundamentais para o seu enriquecimento escolar e sucesso educativo.

Relativamente aos alunos de “menor sucesso”, verifica-se pelas opiniões recolhidas que têm também perfeito conhecimento da existência da Biblioteca Escolar. Ambos os estratos são unânimes em reconhecer a presença da BE na escola. Para os alunos com “menor sucesso” a frequência da BE faz-se apenas algumas vezes e com menos regularidade que os alunos de “maior sucesso”, sendo designados de frequentadores ocasionais. A justificação da sua frequência deve-se em primeiro lugar ao facto de ser considerada como uma obrigação escolar, explicada pela necessidade de acompanhar o professor numa actividade e para pesquisar matérias de estudo na Internet. São definidos como não leitores, já que afirmam não requisitar livros ou quando o fazem é apenas de vez em quando. Partilham da mesma opinião do estrato de “maior sucesso”, considerando como factores que impedem uma maior frequência da BE, a falta de espaço e de estar por vezes fechada. Subsiste igualmente para estes alunos uma dificuldade em procurar os livros ou documentos pretendidos na BE, devido à falta de um catálogo para pesquisa do fundo documental.

Igualmente estes alunos revelam ter um conhecimento do fundo documental da BE e afirmam que os materiais disponíveis são adequados às matérias de estudo e à ocupação dos tempos livres dos alunos e que se mantêm actualizados com materiais novos e actuais. Também referem como factor negativo que dificulta um melhor funcionamento da BE a falta de espaço, o que limita a sua utilização. Admitem igualmente um conhecimento razoável dos novos documentos chegados à BE, das actividades desenvolvidas e dos serviços disponibilizados através da dinamização e divulgação realizadas por esta. Também para estes alunos os

professores acompanham de forma regular os alunos à BE para desenvolver ou participar em actividades, aconselhar a consulta de livros e incentivar à leitura e frequência da BE. Quanto ao facto da frequência da BE poder ajudar os alunos a conseguir um maior rendimento escolar, afirmam que isso acontece algumas vezes o que se traduz numa forma razoável de alcançar melhores resultados escolares e consequentemente um maior sucesso educativo.

Constata-se pelos resultados obtidos que a paixão demonstrada pelos alunos quanto à utilização e frequência da BE, não é transversal a todos, pois são os alunos com melhor rendimento escolar (“maior sucesso”) que se sentem mais motivados ou determinados a frequentá-la e a utilizar os seus recursos em proveito do seu sucesso educativo. Verifica-se que são os alunos com “maior sucesso” que frequentam e utilizam com mais assiduidade a BE e que apresentam também melhores hábitos de leitura, os que obtêm melhores resultados, mais sucesso escolar e consequente sucesso educativo.

Estes dados sugerem a confirmação da nossa hipótese de trabalho ou pergunta de partida, relativamente ao grupo de alunos em estudo: “A utilização e frequência da Biblioteca Escolar reflecte-se num maior sucesso educativo dos alunos?”.

Provavelmente serão os alunos com “maior sucesso”, que mais se deslocam à BE para a realização de trabalhos escolares, pesquisar e recolher informação e requisitar livros para leitura domiciliária, tendo em vista o seu enriquecimento escolar, conforme o registo efectuado através da observação directa. Todavia os dados estatísticos da BE revelam que a requisição de livros na BE não é um acto muito frequente entre os alunos, sendo a consulta presencial e os trabalhos escolares o motivo da sua maior frequência.

Pela observação directa, confirma-se que a BE é utilizada pelos alunos em contexto curricular, desenvolvendo as actividades antecipadamente programadas pelos professores em articulação com o professor bibliotecário. Na maioria das actividades realizadas na BE, existe a conjugação da componente de apoio ao currículo com o carácter lúdico. Múltiplas actividades se efectuaram ao nível da pesquisa, actividades de leitura e de escrita, visionamento de filmes e de realização de projectos.

Constata-se que ao nível da programação das actividades da BE, está patente a preocupação de as promover e adequá-las aos projectos curriculares, como no estabelecimento de uma articulação com os docentes que nela pretendem desenvolver actividades conjuntas. Uma inquietação constante quanto à necessidade de sensibilizar os professores para o papel que a BE pode desempenhar ao nível de encadeamento no processo de ensino-aprendizagem. Pode deduzir-se também, que as actividades praticadas pela BE, levam a uma crescente autonomia por parte dos alunos na pesquisa e tratamento da informação, a par da existência de uma rentabilização progressiva dos recursos da BE por parte dos alunos.

Evidencia ainda a observação directa que os frequentadores e utilizadores da BE são basicamente os alunos que a ela se deslocam, principalmente integrados na turma e acompanhados pelo professor ou em pequenos grupos para realização de trabalhos escolares. Utilizam os recursos da BE, sobretudo para pesquisa de informação para os trabalhos escolares ou para procederem à entrega e ou à requisição de livros para leitura domiciliária. Uma BE que dispõe de um fundo documental diversificado e adequado ao currículo e ao lazer, constitui-se como um factor de motivação para os alunos, podendo interferir favoravelmente no processo de ensino-aprendizagem e consequente sucesso educativo. Foi possível observar que o espaço físico da BE é agradável e acolhedor, com fundo documental e equipamento em quantidades adequadas, recursos físicos e humanos também adequados e um catálogo do acervo existente informatizado. Um espaço onde apetece estar e que convida à leitura e ao estudo. Também uma equipa a trabalhar de forma organizada na dinamização das actividades centradas na leitura, de apoio ao currículo e ao lazer, tendo como coordenador um professor bibliotecário activo e preponderante no processo educativo da escola.

Contudo, são invocados pelos alunos de ambos os estratos alguns confrangimentos quanto à utilização da BE, particularmente a falta de espaço e o facto de se encontrar por vezes fechada. São factos talvez originados pela permanente ocupação da BE com actividades de promoção da leitura e de apoio ao currículo em colaboração com os professores que se fazem acompanhar dos seus alunos. Refira-se igualmente que a BE obedece às normas específicas de instalação exigidas para as bibliotecas da RBE e está apetrechada com mobiliário e equipamento tecnológico adequado, facto confirmado pela observação directa realizada.

Foi ainda possível registar pela observação directa que a frequência da BE ocorre durante os intervalos das aulas, principalmente para a entrega ou requisição de livros. A execução de trabalhos escolares ou pesquisas de informação ocorre normalmente no período para além das aulas, quando coincidente com a abertura da BE. Verifica-se no entanto, uma excelente coordenação e gestão destes períodos pelos alunos, no sentido de contornar e minimizar essas limitações, utilizando a BE sempre que se torne possível ou necessário, facto que também se comprovou através da observação directa.

Pela negativa, registre-se alguma dificuldade em encontrar livros ou documentos na BE através do catálogo de pesquisa do acervo existente. Um pormenor referenciado por ambos os estratos de alunos e que se deve ao facto do catálogo estar apenas acessível aos utilizadores no terminal de um dos computadores destinados ao trabalho técnico, o que origina algumas limitações à sua acessibilidade. No entanto, foi possível registar pela observação directa que o fundo documental está alojado em catálogo informatizado – o *Porbase 5*, um dos softwares de gestão de bibliotecas.

De salientar que os alunos têm um conhecimento geral do acervo da biblioteca e que este está adequado às suas necessidades curriculares e de lazer. Segundo informação do professor bibliotecário, a BE conta com uma renovação anual média de cerca de 300 documentos, através das aquisições efectuadas pelo Agrupamento em parceria com o PNL. Provavelmente a actualização das colecções representará uma maior frequência e utilização da mesma pela comunidade educativa. Um incentivo fundamental para os alunos, pois poderão encontrar uma diversidade de material essencial e actualizado para a sua formação educativa. Sugere-se também a ampliação do horário de funcionamento da BE para além do horário escolar, período durante o qual seria possível uma maior frequência e utilização pela comunidade educativa.

Apesar das opiniões apresentadas pelos alunos relativas ao funcionamento da BE, pode-se deduzir de uma forma geral que a BE em estudo, apresenta níveis qualidade e de quantidade, quer de documentos e equipamentos, quer de instalações, quer ainda de recursos humanos, tendo em conta o contexto da própria escola onde está inserida e a comunidade educativa que serve.

Refira-se que um funcionamento eficaz da BE implica que a sua organização, aquisição e disponibilização de recursos materiais, livro ou não livro, seja também eficaz. A organização dos recursos será uma condição essencial para a sua localização e acesso, caso contrário, essas fontes de informação que sendo válidas, poderão tornar-se inúteis. O acesso à informação deve estar facilitado e disponível em fontes e formatos de pesquisa diversos, conferindo a sua fiabilidade aos que a ela acedem. Condições fundamentais para que a BE possa ser definida como um espaço aberto, de livre acesso, que visa o enriquecimento cultural dos alunos, existindo para apoio às actividades curriculares e de lazer.

Constata-se também que existe um forte empenhamento por parte do corpo docente em levar os alunos à BE, uma forma de complementar as actividades curriculares, um claro incentivo à frequência da BE e um estímulo à leitura e consulta de livros, fomentando o sucesso educativo. Facto confirmado de forma unânime pelos alunos inquiridos de ambos os grupos.

Pode-se concluir que a biblioteca escolar exerce uma influência de uma forma positiva no desempenho dos alunos particularmente na angariação de um melhor sucesso escolar/educativo, sobretudo quando é encarada como local de aprendizagem, um agente dinâmico e cooperativo, um centro de recursos quer para apoio às necessidades pedagógicas e curriculares, quer para as necessidades de lazer e enriquecimento cultural. Isto só será possível se for frequentada e utilizada pelos alunos, essencialmente no decurso de toda a formação escolar, cívica e educativa. Uma relação demonstrada pelos alunos com “maior sucesso” pois, são eles os que mais utilizam e frequentam a BE. Somos assim, levados a admitir que esse hábito tem contribuído muito positivamente para o alcançar de melhores resultados escolares e conseqüente sucesso educativo dos alunos.

Em suma, refira-se que as conclusões deste estudo, realizado apenas numa escola específica, compreende uma envolvente e características muito próprias, com condicionantes de vária ordem no que se refere ao corpo docente, professor bibliotecário, alunos, funcionamento e organização da BE. Factores que levam à obtenção de um resultado específico, não podendo ser comparados ou equiparados a outros estudos mais abrangentes sobre a mesma temática e desenvolvidos a nível nacional ou internacional.

Bibliografia

Afonso, N. (1995). Mesa Redonda: A Administração Escolar – Reflexões em Confronto. In *Inovação*, vol.8. Lisboa: LI.E.

ALA - American Library Association (2007). “School Libraries Count!. A National Survey of School Library Media Programs 2007.” [em linha].[Acedido em 21 de Junho de 2009]. Disponível em URL: [http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/school libraries count07 report.pdf](http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/school%20libraries%20count07%20report.pdf).

Alarcão, M. de L. (2001). *Motivar para a leitura: estratégia de abordagem do texto narrativo*. Lisboa: Texto Editora

Alçada, I. (1996). "As Novas Bibliotecas Escolares". In *Noesis*, 38, Março/Junho 1996.Lisboa: Ministério da Educação, pp.18-19.

Alçada, I. (2006). Leitura, Literacia e Bibliotecas Escolares. *Revista Proformar*, 9. [em linha]. [Acedido em 10 de Junho de 2008]. Disponível em URL: [http://www.proformar.org/revista/edicao 9/As%20Bibliotecas%20Escolares%20e%20o%20desenvolvimento%20da%20Literacia.pdf](http://www.proformar.org/revista/edicao_9/As%20Bibliotecas%20Escolares%20e%20o%20desenvolvimento%20da%20Literacia.pdf).

Alves, J. (2005). “*Literacia e Modernização Económica*”. In Diálogos com a Literacia. Lisboa: Lisboa Editora.

Alves, M. (2000). Intervenção da Biblioteca Escolar no processo de Ensino-Aprendizagem: estudo de Caso. Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Araújo, E. (1993). A Biblioteca Escolar no Seio do Projecto Pedagógico. In *Adalberto Dias de Carvalho (Org.). A Construção do Projecto de Escola*. Porto: Porto Editora.

Azevedo, F. (2006). *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos Nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.

Azedo, M. (2006). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Balça, Â. C. (2000). *Leitura e leituras: um estudo com alunos do ensino secundário. Actas del II Congresso de Literatura Infantil e Juvenil*. pp. 297-203. Mérida: Editora Reginal de Extremadura.

Baleiras, A. et al. (1995). *Gostar de ler: os livros e a escola, um caminho para o sucesso escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Barroco, J. A. (2005). *As Bibliotecas Escolares e a formação de leitores*. Dissertação apresentada à Universidade do Minho para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Braga: Departamento de Metodologias da Educação. (policopiada).

Bell, J. (2004). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

Benavente, A. et al. (1996). *A Literacia em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1999). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Borges, M. H. (2005). *Condão e Sedução: A Arte de (Fazer) Ler*. In *Vários. No Branco do Sul as Cores dos Livros - 5º Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens (Actas)*. Lisboa: Editorial Caminho.

Brás, M. H. B. (1998). *Instalações e organização do espaço*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento.

Brás, M. H. B. (2000). *Bibliotecas Escolares. Instalação e Organização do Espaço*. Lisboa: Ministério da Educação.

Brites, C. & Silva, V. (2007). *Bibliotecas escolares: um projecto a (a)creditar*. In *Actas do 9.º Congresso Nacional, Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. Ponta Delgada. [em linha]. [Acedido em 10 de Junho de 2008]. Disponível em URL: <http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM65.pdf>.

Burgess, R. (2001). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora

Cabral, M. L. (1996). *Bibliotecas Acesso, Sempre*. Lisboa: Edições Colibri.

Cadório, L. (2001). *O gosto pela Leitura*. Lisboa: Livros Horizonte

Calçada, T. (1996, Março-Junho). “ Bibliotecas: Perspectivas e Realidades”. In *Noesis*, 38. Lisboa: Ministério da Educação, pp.30-32.

Calixto, J. A. (1992). Mediatecas Escolares: sinal menos na caderneta. In *Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Actas.4* Lisboa: BAD, 1º vol. pp. 489-516.

Calixto, J. A. (1994). Biblioteca pública versus biblioteca escolar: uma proposta de mudança. *Cadernos BAD*. Lisboa: nº3, pp. 57-67.

Calixto, J. A. (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Calixto, J. A. (1996a, Março-Junho). Saber mais com a Informação. In *Noesis*, 38. Lisboa: Ministério da Educação, pp.24-26.

Calixto, J. A. (1996b). O perfil profissional e a educação do bibliotecário escolar. *Cadernos BAD*. Porto, nº2, pp. 91-99.

Calixto, J. A. (2004). *Literacia da Informação: um desafio para as bibliotecas*. [Évora]: [Ed. Autor].

Calixto, J. A. (2004). O papel das bibliotecas públicas no apoio à aprendizagem ao longo da vida. *Páginas A&B*. Lisboa, nº13, pp. 77-103.

Calixto, José António ed. (2007). *Ter ou não ter Bibliotecário Escolar. Valor e Impacto dos Recursos Humanos nas Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Câmara Municipal de Borba (2006). *Carta Educativa*. Borba: CMB

Canário, R. et al. (1994). *Mediatecas Escolares. Génese e Desenvolvimento de uma Inovação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Canário, R. (1998). *Desenvolvimento de Biblioteca Escolares e Formação Contínua de Professores*. Lisboa: ME/DAPP.

- Canário, R. (2005). *O que é a Escola? – Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, C. (Org.) et al. (2005). *A educação para a cidadania: como dimensão transversal do currículo escolar*. Porto: Porto Editora
- Carvalho, L. (2005). *Des (Encontros) com a Realidade - A trajetória profissional dos licenciados em Ensino Básico - 1º Ciclo formados pelas instituições de ensino superior público do Alentejo entre os anos de 2001 e 2003*. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora. (policopiada)
- Castañó, F. J. G. & Moyano, R. A. P. (1994). *Antropologia de la educacion: el estudio de la transmisión-aquisición de cultura*. EUDEMA Universidad.
- Ceia, C. (2003). *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. 4ª edição, Lisboa: Editorial Presença.
- Cervo, A.L. & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia Científica*. São Paulo: McGraw-Hill
- Cohen, L. & Manion, L. (1994). *Research methods in education*. 4ª ed.. London: Routledge.
- Conde, E. (2006). *A Integração das TIC na Biblioteca Escolar*. Lisboa: Direcção-geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Correia, Z (2003). Referencial das competências dos profissionais europeus de informação e documentação: da génese às perspectivas de futuro. *Cadernos BAD*, nº1, pp.8-21.
- Dagge, A. F. M. (2004). *As bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário*. Tese apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Documentais. Évora: Departamento de História da Universidade de Évora. (Policopiada).

Dagge, A. F. M. (2006). Bibliotecários escolares: a precária identidade no desencanto da realidade. *IASL*, 3-7 de Julho.

Delors, J. et al. (1996). *Educação – um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc XXI*. Porto: Edições Asa.

Descombe, M. (2005). *The Good Research Guide: for small scale research projects*. England: Open University Press.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1994) *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks CA: Sage Publications.

Díaz, J. Q. (1997). *La Lectura e Sistematización Didáctica de un Plan Lector*. Madrid: Bruño.

Eco, U. (1988). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

Eco, U. (1998). *A Biblioteca*. Lisboa: Difel Difusão Editorial.

Elley, B. W. (1992). *How in the world do student read? IEA Study of reading Literacy*. The International Association for the Evaluation of Educational Achievement

Estrela, A. (1986). *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: INIC

Fernandes, E. V. (2004). *Sucessos dos insucessos escolares e educativos*. Vagos: Edipanta.

Ferreira, A. M. (coord.) & Pereira, M. E. (2007). *Ofícios do Livro*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.

Fortin, Marie-Fabienne (2003). *O processo de investigação: da concepção à realização*. 3ª Edição. Loures: Lusociência.

Frada, J.J.C. (2001). *Guia prático para a elaboração e apresentação de trabalhos científicos*. 11ª ed. Edições Cosmos. Lisboa.

Furtado, J. A. (2000). *Os livros e as leituras: novas tecnologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras

Garraio, I. (1994). *Bibliotecas Escolares: Situação Actual e Perspectivas*. Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. (Policopiada).

Gascuel, J. (1997). *Um Espaço para o Livro. Como Criar, Animar ou Renovar uma Biblioteca*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

GEPE – Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (2009). *A dimensão económica da Literacia em Portugal: Uma Análise*. Lisboa: Ministério da Educação. [em linha].[Acedido em 20 de Dezembro de 2009]. Disponível em URL:

http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=680&fileName=literacia_economica.pdf.

Gomes, J. A. (1996 ou 2000). *Da Nascente à Voz. Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Editorial Caminho.

Gómez Hernández, J. A. (1997). La profesión bibliotecaria. En : *Orera Orera, Luisa (ed.) . Manual de biblioteconomía*. Madrid: Síntesis, pp. 77 –90

Gorman, G. E. & Clayton, P. (1997). *Qualitative research for the information professional: a practical handbook*. London: Library Association Publishing.

Graça, E. M. (2005). *Bibliotecas Escolares e área de Projecto*. Dissertação apresentada à Universidade do Minho para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Braga: Departamento de Metodologias da Educação. (Policopiada).

Hannesdóttir, S.K. (1995). *Bibliotecários escolares: linhas de orientação para os requisitos de competência*. The Hague: IFLA.

Hill, M. M. & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário*. Edições Sílabo.

IFLA (International Federation of Library Associations)/UNESCO (2000). *Manifesto da Biblioteca Escolar: a biblioteca no contexto do ensino-aprendizagem para todos*. Lisboa: Ministério da Educação, Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares.

IFLA/UNESCO (1999). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. [em linha]. [Acedido em 14 de Junho de 2010]. Disponível em URL: <http://archive.ifla.org/VII/s/pubs/portug.pdf>

INE - Instituto Nacional de Estatística. *Censos 2001*. [em linha]. [Acedido em 10 de Junho de 2008]. Disponível em URL: <http://www.ine.pt/censos2001>

Jenkins, H. F. (1996). The library media centers in American schools. *Cadernos BAD*. Lisboa, nº 2

Jornadas de trabalho sobre bibliotecas escolares (2005). *Formação da Comunidade Educativa: Actas*. Trofa: Câmara Municipal da Trofa

Lages, M. F. et al. (2007). *Os Estudantes e a Leitura*. Lisboa: Ministério da Educação, GEP – Gabinete de Estudos e Planeamento.

Lemaire, K. (2006). School libraires in the United Kingdom. *Seminário Theka*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fátima, C. L. (2000). *Projecto Educativo de Escola, Projecto Curricular de Escola, Projecto Curricular de Turma. O que têm de comum? O que os distingue?* [em linha]. [Acedido em 10 de Junho de 2010]. Disponível em URL: <http://www.netprof.pt/PDF/projectocurricular.pdf>

Furtado, J. A. (1995). *O livro*. Lisboa: Difusão Cultural

Lencastre, L. (2003). *Leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Letria, J. J. (2001). *Fazer leitores... e escritores*. Alpiarça: Garrido Editores

Lima, G. (2001). *A Mediateca Escolar: Individualização e Diferenciação do Ensino*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Magalhães, A. M. & Alçada, I. (1994). *Os Jovens e a Leitura nas vésperas do Século XXI*. Lisboa: Editorial Caminho.

Magalhães, A. M. & Alçada, I. (1998). *A Biblioteca da Escola e o Prazer de Ler*. Lisboa: MEIDAPP

Marconi, M. de A. e Lakatos, E. M. (2004). *Metodologia científica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.

Marques, R. (1990). *Ensinar a Ler, Aprender a Ler: Um Guia para Pais e Educadores*. Lisboa: Texto Editora.

Martins, M. A. (1996). *Pré-história da Aprendizagem da leitura*. Lisboa: ISPA

Martins, M. E. O. (2008). Ser leitor no século XXI - Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e activa. *Saber (e) educar*, nº 13.

Marujo, H. Á. et al. (1999). *A família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

Mayrink, P. T. (1991). Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. Anais... Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, pp. 304-314.

Mitchell, E. (1986). Multiple triangulation: a methodology for nursing science. *Advances in Nursing Science*, 8, 18-26.

Moreira, J. M. (2004). *Questionários: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

MSI (1997). Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal. Missão para a Sociedade da Informação. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia. [em linha].[Acedido em 05 de Janeiro de 2010]. Disponível em URL:<http://www.umic.pt/images/stories/publicacoes/LivroVerde1997.pdf>.

Neves, J. S. et al. (2009). *Práticas de Promoção da leitura nos Países da OCDE*. Lisboa: Ministério da Educação, GEP – Gabinete de Estudos e Planeamento.

Novo, A. I. V. (2010). *Biblioteca Escolar com ou se Bibliotecário? Estudo de Impacto no Sucesso Escolar em Escolas Básicas Integradas. As bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário*. Tese apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Doutoramento em Ciências da Informação e Documentação. Évora:

Departamento de História da Universidade de Évora. (Policopiada).

Nunes, H. B. (1994). Livro, crianças, escolas, bibliotecas e o mais que adiante se verá. *Cadernos BAD*. Lisboa, nº 3, pp.49-56.

Nunes, H. B. (1998). *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal*. 2ª Edição. Braga: Instituto Português do Livro e da Leitura.

Nunes, H. & Nunes, M. (2005). Que faremos com estas Bibliotecas? In Fernanda Leopoldina Viana & Eduarda Coquet (Orgs). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Coimbra: Edições Almedina, pp. 151-158.

Nunes, T. P. B. S. (2004). *Colaboração Escola-Família: para uma escola culturalmente heterogénea*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração.

Ochôa, P. (2004). *Aprender a inovar: Guia para o desenvolvimento de competências de gestão para os profissionais de informação e documentação*. Lisboa: BAD.

Pacheco, J. & Morgado, J. (2002). *Construção e Avaliação do Projecto Curricular de Escola*. Porto: Porto Editora.

Pardal, L & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. 2ª ed. Newbury Park, London: Sage Publications.

Pedró, F. (1998). "Reordenar o Currículo Escolar tendo em vista a Sociedade da Informação". In Joaquim Azevedo (Org.). *Na Sociedade da Informação. O que aprender na escola?* Porto: Edições Asa, pp.97-111.

Pennac, D. (2001). *Como um Romance*. Porto: Edições Asa.

Perrenoud, P. (2003). *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: Asa Editores.

Pessoa, A. M. (1994). *A Biblioteca Escolar*. Porto: Campo das Letras.

Pessoa, A. M. (1996). A biblioteca na (s) Escolas (s): de um desenvolvimento passado a um futuro cheio de esperança? Cadernos BAD. Lisboa, nº 2, pp.15-30.

PNL – Plano Nacional de Leitura (2007). Relatório Síntese. Coord. de Isabel Alçada et al.. [em linha].[Acedido em 16 de Junho de 2010]. Disponível em URL: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnl/v/uploads/relatoriosintese.pdf>

Portugal. Ministério da Ciência e Tecnologia (2000). *O livro Verde para a Sociedade da Informação*. Lisboa: MCT.

Portugal. Ministério da Educação – GBE (2003). O programa Rede de Bibliotecas Escolares. *Páginas A & B*. Lisboa, nº2, p. 7-35

Postic, M. (1995). *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Editora.

Potts, J. (1979). *Leitura e Leituras nos ensinos primário e secundário*. Lisboa: Livros Horizonte

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

RBE (2008). “ Importância das Bibliotecas Escolares na passagem do “como” para o “porquê”, transformando a informação em conhecimento.” Depoimento de Margarida Custódio Fróis – Directora da Biblioteca Municipal de Arganil. [Acedido em 25 de Setembro de 2008]. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/180.html>.

RBE (2009). “Candidaturas”. [em linha].[Acedido em 14 de Dezembro de 2009]. Disponível em URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/17.html>.

RBE (2009). "Organização e Gestão das Bibliotecas do 1º Ciclo". [em linha].[Acedido em 20 de Novembro de 2009]. Disponível em URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/266.html>.

RBE (2009). “Programa da Rede de Bibliotecas Escolares”. [em linha].[Acedido em 14 de Dezembro de 2009]. Disponível em URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/479.html>.

RBE (2009). "RBE – 10 anos: balanço e análise prospectiva".[em linha]. [Acedido em 20 de Novembro de 2009. Disponível em URL: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/174.html>

RBE (2010). Belex: Bibliotecas Escolares em Normas. [em linha]. [Acedido em 14 de Junho de 2010]. Disponível em URL: <http://belex.wetpaint.com/page/RBE>

Rodrigues, E. (1998). Os novos tempos de uma velha profissão: perfis e competências dos bibliotecários na revolução digital. [em linha]. [Acedido em 25 de Janeiro 2010]. Disponível em URL <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/.415>

Rodrigues, E. (2005). Os bibliotecários na sociedade de informação (r) evolução de perfis e competências. Comunicação apresentada na Conferências, *Os profissionais da informação em contexto europeu*, Lisboa, 29-30 de Setembro 2005

Roldão, M. do C. (1999). *Gestão Curricular. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: MEIDEB.

Roldão, M. do C. (1999a). *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspectivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.

Ryan, M. (1996). School libraries in the United Kingdom. *Cadernos BAD*. Lisboa. Nº 2, pp. 37-43.

Salaberria, R. (1996). La Biblioteca escolar en España (1985-1995). *Cadernos BAD*. Lisboa. Nº 2, pp.55-61.

Santana, I. (1998). *Como organizar um canto de leitura na sala de aula – interacção com a biblioteca da escola*. Lisboa: ME/DAPP.

Santiago, R. A. (1996). *A escola representada pelos alunos, pais e professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Santos, E. (2000). *Hábitos de Leitura em Crianças e Adolescentes: um estudo em escolas secundárias*. Coimbra: Quarteto

Santos, M. de L. L. dos (coord.) et al (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação, GEP – Gabinete de Estudos e Planeamento.

Saquilán, V. M. (2005). *Estúdio acerca de las representaciones sociales del rol del bibliotecário, en usuários de la Biblioteca Central de la Universidad Nacional de mar del Plata*,. Buenos Aires: Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina). [Thesis]

Sarmiento, M. J. (Org.) (2001). *Autonomia da escola: políticas e práticas*. Porto: Edições Asa

Sequeira, M. de F. (2000). *Formar Leitores: O contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Sequeira, M. de F. (2000a). *A literacia em leitura*. Revista Portuguesa de Educação, 15 (2). pp. 51-60. ISSN 0871-9187. [em linha].[Acedido em 12 de Novembro de 2009]. Disponível em URL: <http://bath.eprints.org/538/1/FatimaSequeira.pdf>.

Silva, L. M. (2000). *Bibliotecas Escolares. Um Contributo para a sua Justificação, Organização e Dinamização*. Braga: Livraria Minha.

Silva, L. M. (2002). *Bibliotecas Escolares e Construção do Sucesso Educativo*. Braga: Universidade do Minho.

Silva, L. M. (2005). Biblioteca Escolar e Desenvolvimento da Competência Literária no 2º Ciclo do Ensino Básico. In Fernanda Leopoldina Viana & Eduarda Coquet (Orgs). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Coimbra: Edições Almedina, pp. 159-172.

Silva, M. G. de S. (2008). *Ler e amar na adolescência*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sim-Sim, I. & Ramalho, G. (1993). *Como lêem as nossas crianças? Caracterização de nível de literacia da população portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, GEP – Gabinete de Estudos e Planeamento.

Sim-Sim, I. & Viana, F. L. (2007). *Para a Avaliação do Desempenho de leitura*. Lisboa: Ministério da Educação, GEP – Gabinete de Estudos e Planeamento.

Sobrinho, J. G. et al. (2000). *A Criança e o Livro. A Aventura de Ler*. Porto: Porto Editora.

Tood, R. J. (2003). *Student learning through Ohio School Libraires*. [em linha]. [Acedido em 12 de Novembro de 2009]. Disponível em URL: <http://www.oelma.por/studentlearning.htm>

Usherwood, B. (1999). *A Biblioteca pública como conhecimento público*. Lisboa: Caminho.

Válio, E. B. M. (1990). Biblioteca escolar: uma visão histórica. *Transinformação*, Campinas, v. 2, n. 1, pp. 15 – 24, jan./ abr. .

Veiga, I. et al. (1997). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Veiga, I. et al. (1997a). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares: Relatório Síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.

Viana, F.L. Teixeira, M. (2002). *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Asa.

Vieira, S. (1999). *Como escrever uma tese*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning

Vitorino, M. J. (2006). Bibliotecas escolares: mais do que uma questão de sorte para o crescimento da literacia. *IASL*, 2-7 de Julho.

Vitorino, M. J. (2007). Agora toda a gente vai à Escola Bibliotecas Escolares, Desenvolvimento e Cidadania Portugal 2007. [em linha]. [Acedido em 14 de Junho de 2010]. Disponível em URL: <http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM86.pdf>

Vitorino, M. J. (1998). *Bibliotecas, Mediatecas, Centros de Recursos nas Escolas-com quem?: Orientações de apoio à concepção e gestão de formação contínua de professores*. [em linha]. [Acedido em 14 de Junho de 2010]. Disponível em URL: <http://www.oei.es/pdfs/rbe1.pdf>

Walter, M.T.M.T. (2004). Identidades, valores e mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação? Em questão, V. 10,(2), pp. 287-229.

Wormell, I. (1996). El nuevo Professional de la informacion. *Ciencias de la Informacion*. Vol. 27 (4) pp. 213-218.

Legislação consultada:

- Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.
- Lei n.º 19-A/87 de 3 de Junho – Medidas de emergência sobre o ensino aprendizagem da língua portuguesa.
- Decreto-Lei 115-A/98, de 4 de Maio – Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respectivos agrupamentos.
- Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro – Define os princípios orientadores e os procedimentos a considerar na avaliação das aprendizagens dos alunos do ensino básico.
- Despacho n.º 13599/2006 de 28 de Junho – Estabelece regras e princípios orientadores a observar na elaboração do horário semanal de trabalho do pessoal docente dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário e orientações para a organização e programação das actividades educativas que proporcionem aos alunos do ensino básico o aproveitamento pleno dos tempos decorrentes de ausência imprevista do respectivo docente.
- Portaria n.º 756/2009, de 14 de Julho – Estabelece as regras de designação de docentes para a função de professor bibliotecário e para a função de coordenador interconcelhio para as bibliotecas escolares.

Anexos

Anexo 1 – Carta de apresentação/solicitação de documentação



Universidade de Évora

Mestrado em Ciências da Informação e Documentação

Exmo Senhor
Presidente do Conselho Executivo do
Agrupamento Vertical de Escolas de Borba
Av^a Bombeiros Voluntários de Borba
7150-101 BORBA

Assunto: Tese de Mestrado/Solicitação de documentação

Borba, 20 de Janeiro de 2009

Sou António Vicente Trindade Panasco, Técnico de Biblioteca e Documentação, a exercer funções na Biblioteca Municipal de Borba, e actualmente estou a elaborar um projecto de Dissertação do Mestrado em Ciências da Informação e Documentação, ramo de Bibliotecas da Universidade de Évora.

Proponho-me assim, efectuar uma investigação, cujo tema é “*O contributo das Bibliotecas Escolares na promoção do sucesso educativo: o caso do Agrupamento de Borba*”, composto por uma componente prática de pesquisa que pretendo realizar no vosso agrupamento.

Pelo exposto, solicitaria pelo presente, a disponibilização da legislação que rege o vosso agrupamento, nomeadamente:

- Projecto Educativo da Escola;
- Projecto Curricular da Escola;
- Regulamento Interno;
- Plano Anual de Actividades.

Agradeço ainda a autorização e disponibilidade para efectuar uma observação directa às actividades realizadas na Biblioteca Escolar, sediada no agrupamento em data a agendar posteriormente.

Informo também que a colaboração dos Órgãos de Gestão do Agrupamento, torna-se imprescindível para a concretização deste meu projecto, pelo que solicito e agradeço todo o vosso apoio.

Certo da boa compreensão que esta minha solicitação vai receber da vossa parte, apresento antecipadamente a V. Exa. os meus agradecimentos pela atenção e colaboração dispensada, ficando a aguardar uma resposta quanto breve.

Com os melhores cumprimentos

O Mestrando

António Vicente Panasco

António Vicente Trindade Panasco
Rua Eça de Queirós, nº 9
7150-250 BORBA

Anexo 2 – Carta de pedido de aplicação de questionário



Universidade de Évora

Mestrado em Ciências da Informação e Documentação

Exmo Senhor
Presidente do Conselho Executivo do
Agrupamento Vertical de Escolas de Borba
Av^a Bombeiros Voluntários de Borba
7150-101 BORBA

Assunto: Tese de Mestrado/Questionário

Borba, 03 de Junho 2009

No âmbito do Mestrado em Ciências da Informação e Documentação, ramo de Bibliotecas da Universidade de Évora, pretendo desenvolver um estudo que assenta num projecto de investigação, tendo como objectivo demonstrar o contributo das Bibliotecas Escolares na promoção do sucesso educativo. Um estudo com aplicação prática aos alunos do Agrupamento Vertical de Escolas de Borba.

Como suporte à investigação, foi elaborado um questionário, através do qual se pretende obter informações relativas aos hábitos de leitura dos alunos e da sua frequência e utilização da Biblioteca Escolar.

A amostragem definida para este inquérito foi estabelecida do universo de alunos de ambos os sexos, que frequentam o 2º e o 3º ciclo do Agrupamento Vertical de Escolas de Borba, seleccionando-se quatro alunos por turma. Este grupo é composto respectivamente por alunos que apresentem maior e menor aproveitamento escolar, dois de cada extracto, o que perfaz um total de 64 alunos.

Tratando-se de um estudo de natureza académica, a participação dos alunos é totalmente voluntária e anónima, sendo os dados analisados de uma forma global, pedindo-se o especial favor de não se identificar em nenhum momento.

Informa-se que o questionário apresentado, foi previamente analisado e validado pelo Departamento de Educação da Universidade de Évora.

Solicitaria assim, a V^a Ex.^a, se digne autorizar a apresentação dos referidos questionários e respectiva recolha de dados, junto dos alunos referenciados.

Certo da boa compreensão que esta minha solicitação vai receber da vossa parte, apresento desde já os meus agradecimentos pela atenção dispensada, ficando a aguardar uma resposta quanto breve.

Com os melhores cumprimentos

O Mestrando

António Vicente Panasco

Nota: Anexo cópia do questionário
António Vicente Trindade Panasco
Rua Eça de Queirós, nº 9
7150-250 BORBA

Anexo 3 – Grelha de observação das actividades efectuadas na BE



Universidade de Évora – Mestrado em Ciências da Informação e Documentação

OBSERVAÇÃO DAS ACTIVIDADES NA BIBLIOTECA ESCOLAR - ESCOLA E.B.2.3. PADRE BENTO PEREIRA DE BORBA

Data: / / - Hora de início da actividade: h: m – Hora de finalização da actividade: : h: m

Designação da actividade observada	Destinatários da actividade (alunos)			Intervenientes na actividade			Descrição da actividade observada	Recursos utilizados	Duração da actividade	Outros aspectos relevantes
	Individual	Pequeno grupo	Turma	Alunos	Coordenador da BE	Professores				
Observações:										

Anexo 4 – Questionário aplicado aos alunos



Questionário

“A Biblioteca Escolar e a Leitura”

Caro (a) aluno(a)

Agradecemos o teu interesse em participar no nosso trabalho de pesquisa.

Este trabalho faz parte de um projecto de investigação do Mestrado em Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Évora, em que se pretende efectuar um estudo sobre a relação entre as Bibliotecas Escolares e os alunos que as frequentam.

Assim, a tua contribuição é muito importante, porque pretendemos com este questionário obter informações relativas aos teus hábitos de leitura, à frequência e utilização da tua Biblioteca Escolar.

Pedimos que respondas com sinceridade às questões que te são colocadas. A tua participação é totalmente **anónima e voluntária**, por isso não escrevas o teu nome em parte alguma do questionário, para assim garantir o **anonimato** total.

Assinala com (X) as tuas respostas

Se tiveres algumas dúvidas durante o preenchimento, pede ajuda ao teu professor.

Para responderes a todas as perguntas levarás cerca de 10 a 15 minutos.

GRATOS PELA TUA COLABORAÇÃO!

Parte I

Dados/informações pessoais

P1 – Que ano frequentas?

☐ 5º Ano ☐ 6º Ano ☐ 7º Ano ☐ 8º Ano ☐ 9º Ano

Turma: _____

P2 – Que idade tens?

☐ 9 anos ☐ 10 anos ☐ 11 anos ☐ 12 anos ☐ 13 anos ☐ 14 anos ☐ 15 anos

☐ Mais de 15 anos. Quantos? _____

P3 – Sexo

☐ Masculino ☐ Feminino

Parte II

A Leitura

Gostaríamos que respondesses a algumas questões sobre os teus hábitos de leitura

P4 – Como costumavas ocupar habitualmente os teus tempos livres?

(Assinala apenas três respostas)

- ☐ A ler
- ☐ A ouvir música
- ☐ A ver televisão
- ☐ A praticar desporto
- ☐ A navegar na Internet
- ☐ A jogar no computador
- ☐ A conversar ou a passear com os amigos
- ☐ A ir ao cinema
- ☐ Outras actividades. Quais? _____

P5 – Gostas de ler?

(Assinala apenas uma resposta)

- ☐ Gosto muito
- ☐ Gosto
- ☐ Gosto pouco
- ☐ Não gosto

(Passa à pergunta P7, se respondeste que não gostas de ler)

P6 – Se gostas de ler, o que te leva a ler?

(Assinala apenas três respostas)

- ☐ Seguir o exemplo dos pais e familiares
- ☐ A influência dos professores
- ☐ Seguir o exemplo dos amigos
- ☐ Querer conhecer coisas novas
- ☐ Ter mais capacidade de leitura e escrita
- ☐ Outras razões. Quais? _____

(A questão seguinte é apenas para os alunos que dizem “não gostar” de ler)

P7 – Se não lês, quais as razões porque não o fazes?

(Assinala apenas três respostas)

- ☐ É cansativo
- ☐ Dificuldades de compreensão
- ☐ Dificuldade em encontrar os livros junto das bibliotecas
- ☐ Pouco interesse nos livros que encontro
- ☐ Os amigos não lêem
- ☐ Ninguém me incentiva a ler
- ☐ Falta de tempo
- ☐ Outras. Quais? _____

P8 – O que significa para ti ler?

(Assinala apenas uma resposta)

- ☐ Uma obrigação
- ☐ Um prazer
- ☐ Um passatempo como outro qualquer
- ☐ Outras. Quais? _____

P9 – Como são os teus hábitos de leitura?

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

- ☐ Lê todos os dias
- ☐ Uma ou duas vezes por semana
- ☐ Ao fim-de-semana ou nas férias
- ☐ Não leio

P10 – Que tipo de livros lêes?

(Assinala as respostas que mais se apliquem)

- ☐ Aventura
- ☐ Banda desenhada
- ☐ Policiais
- ☐ Romances
- ☐ Diários
- ☐ Históricos
- ☐ Biografias
- ☐ Ficção Científica
- ☐ Poesia
- ☐ Teatro
- ☐ Divulgação (livros sobre ciências, artes, etc.)
- ☐ Técnicos (informática, fotografia, etc.)
- ☐ Livros escolares

P11 – Dos livros que lêes habitualmente, onde os encontras?

*(Assinala apenas **três respostas**)*

- ☐ Na biblioteca escolar
- ☐ Na biblioteca pública (Municipal, outras...)
- ☐ Livros comprados (livraria, supermercado)
- ☐ Livros emprestados por amigos ou familiares
- ☐ Livros oferecidos por amigos ou familiares
- ☐ Livros retirados da Internet

P12 – Consideras que, para além da leitura dos manuais escolares, a leitura de outros livros complementam os teus estudos e facilitam a compreensão dos textos?

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

- ☐ Muitas vezes
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Nada

Parte III

A Biblioteca Escolar

Gostaríamos que respondesses a algumas questões sobre a tua frequência e utilização de bibliotecas escolares

P13 – Sabes se na tua escola existe Biblioteca Escolar?

*(Assinala apenas **uma** resposta)*

- ☐ Sim
☐ Não

P14 – Tens por hábito frequentar a tua Biblioteca Escolar?

*(Assinala apenas **uma** resposta)*

- ☐ Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca

(A questão seguinte é apenas para os alunos que dizem “Nunca” frequentar Bibliotecas Escolares. Depois de responderes a esta pergunta o teu questionário termina por aqui. Obrigado pela colaboração).

P15 – Porque motivo não frequentas Bibliotecas Escolares?

*(Assinala apenas **três** respostas)*

- ☐ Não gosto
☐ Não me despertam qualquer interesse
☐ Não têm os livros de que eu gosto
☐ O espaço não é acolhedor
☐ Temos que estar em silêncio (não podemos falar com os colegas)
☐ Outra. Qual? _____

P16 – Quando frequentas a tua biblioteca escolar é porque:

*(Assinala apenas **uma** resposta)*

- ☐ Gostas ou sentes prazer
☐ É um espaço que te desperta muito interesse
☐ É uma obrigação escolar
☐ És levado pelos professores durante as aulas

P17 – Quando vais à Biblioteca Escolar é sobretudo para quê?
(Assinala as respostas que mais se apliquem)

- ☐ Para ler ou pesquisar matérias de estudo
- ☐ Para requisitar livros
- ☐ Para ir à Internet pesquisar matérias de estudo
- ☐ Para ler jornais ou revistas
- ☐ Para acompanhar o professor numa actividade
- ☐ Para ir à Internet passar o tempo livre
- ☐ Para jogar
- ☐ Para ocupar o tempo livre
- ☐ Para encontrar-me com os colegas

P18 – Com que frequência requisitas livros na biblioteca escolar?
(Assinala apenas **uma** resposta)

- ☐ Diariamente
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ De vez em quando
- ☐ Nunca

P19 – Já aconteceu, queres utilizar a biblioteca escolar e não pudeste fazê-lo por:
(Assinala as respostas que mais se apliquem)

- ☐ Faltar espaço (lotação esgotada)
- ☐ Estar ocupada com outras actividades
- ☐ Estar fechada
- ☐ O horário não ser o mais adequado
- ☐ Estar reservada para outros eventos
- ☐ Não ter os documentos que pretendias utilizar
- ☐ Outra. Qual? _____

P20 – Que tipo de dificuldades encontras, ao procurar os livros/documentos de que precisas, na tua Biblioteca Escolar?
(Assinala as respostas que mais se apliquem)

- ☐ As estantes não estão bem sinalizadas
- ☐ Não existe catálogo para pesquisa das obras existentes
- ☐ O acesso à estante não é livre (é o funcionário que nos dá o livro)
- ☐ O empréstimo é restrito (a maioria dos livros não podem ser emprestados)
- ☐ Os livros estão mal arrumados (não consigo encontrá-los no sítio certo)
- ☐ Outra. Qual? _____

P21 – Como avalias o material existente na tua Biblioteca Escolar para as tuas necessidades de estudo? (Livros, revistas, vídeos, cd's, etc.).

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

☐ Está adequado às matérias que estudo

☐ Não está adequado às matérias que estudo

☐ Outro. Qual? _____

P22 – O que achas do material existente na tua Biblioteca Escolar para a ocupação dos teus tempos livres? (Livros, revistas, vídeos, cd's, etc.).

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

☐ Está actualizado, há sempre materiais novos e actuais

☐ Está desactualizado, não há materiais novos e actuais

☐ Faltam materiais sobre alguns assuntos e há demasiado sobre outros

☐ Outro. Qual? _____

P23 – Em tua opinião, o que achas que faz falta à tua Biblioteca Escolar, para que funcione melhor?

*(Assinala as **respostas que mais se apliquem**)*

☐ Mais documentos (Livros, jornais, revistas, cd's, vídeos, etc.)

☐ Mais computadores

☐ Mais mobiliário (cadeiras, mesas, estantes, pufss, etc.)

☐ Mais espaço (para ouvir música, ver vídeos, para trabalhos em grupo, etc.)

☐ Promoção de mais actividades (concursos, encontros com escritores, feira do livro etc.)

☐ Maior divulgação de actividades e documentos (livros, cd's, etc.)

☐ Ampliar o horário de funcionamento

☐ Nada, a biblioteca funciona bem.

☐ Outros, quais? _____

P24 – Tens conhecimento dos novos documentos que chegam à tua Biblioteca Escolar?

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

☐ Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca

P25 – Sabes quais as actividades desenvolvidas pela tua Biblioteca Escolar?

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

☐ Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca

P26 – Os teus professores costumam acompanhar a tua turma à Biblioteca Escolar, para aconselharem a frequência, a leitura, a consulta de livros, desenvolver ou participar em alguma actividade?

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

☐ Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca

P27 – Achas que a frequência da tua Biblioteca Escolar tem ajudado a conseguires melhores resultados escolares?

*(Assinala apenas **uma resposta**)*

☐ Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca

Chegaste ao fim do teu questionário

Muito obrigado pela tua colaboração.